

ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA
DOUTORADO EM TEOLOGIA

ELISÂNGELA PEREIRA MACHADO

DE YHWH A YESHUA:
a experiência da via mística steiniana

Porto Alegre
2021

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA
DOUTORADO EM TEOLOGIA

ELISÂNGELA PEREIRA MACHADO

DE YHWH A YESHUA:
a experiência da via mística steiniana

Orientador: Prof. Dr. Leomar Antônio Brustolin

Porto Alegre
2021

Ficha Catalográfica

M149d Machado, Elisangela Pereira

De YHWH a YESHUA : A experiência da via mística steiniana /
Elisangela Pereira Machado. – 2021.

265.

Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Teologia,
PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Leomar Antônio Brustolin.

1. Edith Stein. 2. Fenomenologia. 3. Experiência. 4. YESHUA. 5. Cruz.
I. Brustolin, Leomar Antônio. II. Título.

ELISANGELA PEREIRA MACHADO

DE YHWH a YESHUA

a experiência da via mística steiniana

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia, da Escola de Humanidades, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em Teologia, Área de Concentração em Teologia Sistemática.

Orientador: Prof. Dr. Leomar Antônio Brustolin

Porto Alegre
2021

ELISANGELA PEREIRA MACHADO

DE YHWH a YESHUA

A experiência da via mística steiniana

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia, da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em Teologia, Área de Concentração em Teologia Sistemática.

Aprovada em _____ de _____ de 2021.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Leomar Antônio Brustolin (Orientador)

Profa. Dr^a. Edla Eggert

Prof. Dr. Isidoro Mazzarolo

Prof. Dr^a. Clélia Peretti

Prof. Dr. Francisco Javier Sancho Fermín

AGRADECIMENTOS

A presente pesquisa, apresentada ao Programa de Pós-Graduação (PPG) em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), realizada com apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), foi elaborada sob orientação do Prof. Dr. Leomar Antônio Brustolin, também coordenador do PPG em Teologia, a quem sou profundamente grata pelo apoio, estímulo, acompanhamento, atenção e partilha de vida espiritual. Agradeço aos professores Clélia Peretti, Edla Eggert, Isidoro Mazarolo e Francisco Javier Sancho Fermín por comporem as bancas de qualificação e de defesa de tese, e aos professores, colegas e funcionários do PPG em Teologia da PUCRS por fazerem parte de meu itinerário acadêmico de pesquisa.

Agradeço à minha família religiosa, as Irmãs Franciscanas Bernardinas, queridas irmãs da jornada de minha vida de espírito e missão. Aos meus pais, Ernane Machado e Dercy Pereira Machado, minha mãe, que, no fatídico ano pandêmico de 2020, foi para junto de Deus. À minha irmã, Roselaine Machado, mulher forte, que me ensina, cada dia, a encontrar sentido na vida, mesmo estando esta, para ela, em risco constante de cessar. Aos sobrinhos e amigos dentro e fora da academia, por todo apoio. Um agradecimento em especial ao Padre Gérson Cândido e ao Frei Patrício Sciadini pela atenção incansável, oração e inspiração; e a todos que rezaram e intercederam a Deus pela presente pesquisa. Gratidão, Paz e Bem!

“Quero começar contando uma das significativas histórias da Tradição judaica; Dois rabinos idosos se encontram e partilham suas ansiedades a respeito do julgamento de Deus na morte. Um deles, ansioso, pergunta: ‘Você não tem medo de na hora de seu julgamento Deus lhe perguntar por que você não foi um novo Moisés ou Davi na terra? O outro pondera por uns instantes e responde: ‘Não, eu não tenho medo de Deus me indagar por este critério, meu medo é de Deus perguntar por que eu não me tornei a pessoa que Ele criou para Ser”.

(Dr. John F. Crosby, uma filosófica reflexão da individualidade própria da pessoa em Edith Stein)

À minha mãe, *Dercy Machado*,
quem me ensinou a encontrar
Deus no cheiro do pão caseiro,
na acolhida das pessoas
e na oração.

In memoriam

RESUMO

O propósito da presente pesquisa é examinar a via da experiência mística do progresso fenomenológico espiritual cristão em Edith Stein, Santa Teresa Benedita da Cruz (1891-1942). Trata-se de compreender, no percurso da sua obra e pensamento, o dilatar da espiritualidade da filósofa que passa da Tradição judaica, numa crise de fé quando questiona YHWH, para um movimento de relação com o Cristianismo, vivenciado na Tradição católica no seguimento radical de *YESHUA*, o Cristo, Messias, Verbo Encarnado. Mediante o estudo de sua obra, numa perspectiva hermenêutica, pretende-se apontar pistas para a ressignificação da busca da vida interior no sujeito contemporâneo. A interioridade é constitutiva da vida humana e base da religião e, por isso, componente vital para a vida plena da singularidade da pessoa. É uma vida plena, do ser espiritual, um ser capaz de Deus e da experiência mística em sua cotidianidade de buscas, uma experiência que não lança o humano para fora do mundo, mas, para o sentido mais profundo de sua finitude.

Palavras-chave: Edith Stein. Fenomenologia. Experiência. *YESHUA*. Cruz.

ABSTRACT

The purpose of this research is to examine the path of the mystical experience of Christian spiritual phenomenological progress in Edith Stein, Saint Teresa Benedicta of the Cross (1891-1942). It is about understanding, in the course of his work and thinking, the expansion of the spirituality of the philosopher who passes from the Jewish Tradition, in a crisis of faith when he questions YHWH, to a movement of relationship with Christianity, experienced in the Catholic Tradition in the radical following of YESHUA, the Christ, Messiah, Word Incarnate. Through the study of his work, in a hermeneutic perspective, it is intended to point out clues for the redefinition of the search for interior life in the contemporary subject. Interiority is constitutive of human life and the basis of religion and, therefore, a vital component for the full life of the person's uniqueness. It is a full life, of the spiritual being, a being able of God and of the mystical experience in his daily search, an experience that does not launch the human out of the world, but, in the deepest sense of his finitude.

Keywords: *Edith Stein. Phenomenology. Experience. YESHUA. Cross.*

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

I - SAGRADA ESCRITURA

AT: Antigo Testamento

Gn: Gênesis

Ex: Êxodo

Lv: Levítico

Pr. Provérbios

Est: Ester

Jr: Jeremias

NT: Novo Testamento

Mt: Evangelho segundo Mateus

Mc: Evangelho segundo Marcos

Lc: Evangelho segundo Lucas

Jo: Evangelho segundo João

At: Ato dos Apóstolos

Rm: Carta aos Romanos

1Cor: Primeira Carta aos Coríntios

2Cor: Segunda Carta aos Coríntios

Gl: Carta aos Gálatas

Ef: Carta aos Efésios

Fl: Carta aos Filipenses

Cl: Carta aos Colossenses

Hb: Carta aos Hebreus

II - MAGISTÉRIO DA IGREJA

LG: Constituição Dogmática *Lumen Gentium*.

FR: Carta Encíclica *Fides et Ratio*.

GS: Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*.

LS: Carta Encíclica *Laudato Si'*.

NA: Declaração *Nostra Aetate*.

GE: Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate*.

FT: Carta Encíclica *Fratelli Tutti*.

III — ESCRITOS TERESIANOS

Ct: Cartas de Santa Teresa

V: Livro da Vida

M: Livro das Moradas ou Castelo Interior

IV — ESCRITOS STEINIANOS

OCES: Obras Completas de Edith Stein.

OC I: Obras Completas I, *Escritos autobiográficos y Cartas*.

OC II: Obras Completas II, *Escritos filosóficos. Etapa fenomenológica*.

OC III: Obras Completas III, *Escritos filosóficos. Etapa de pensamiento cristiano*.

OC IV: Obras Completas IV. *Escritos antropológicos y pedagógicos*.

OC V: Obras Completas V. *Escritos espirituales*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 UMA EDITH, MUITAS LEITURAS	23
1.1 Cidadã prussiana e judia	31
1.2 Na pátria da Fenomenologia	38
1.3 Na dor da espécie (<i>Einfühlung</i>)	46
1.4 Testemunhos incontestáveis	56
1.5 A epifania do Eterno no finito	63
2 NO FULCRO DA EXPERIÊNCIA	69
2.1 Entre <i>Erfahrung</i> (experiência) e <i>Erlebniss</i> (vivência)	78
2.2 A experiência do encontro de duas fenomenólogas: Teresa e Edith	83
2.3 A experiência da <i>epoché</i> fenomenológica na vida de Stein	91
2.4 A experiência da fé autêntica em Edith Stein	98
2.5 A experiência de êxodo e da decisão esponsal em Edith Stein	105
3 DE YHWH A YESHUA	117
3.1 YESHUA: a Verdade se fez carne	137
3.2 A experiência do Amor trino em Stein	148
3.3 A vocação do humano pleno	155
3.4 O dinamismo empático e dialógico da mística encarnada	166
4 A TEORIA DAS TRÊS MATURIDADES DA VIA MÍSTICA DE STEIN	175
4.1 O movimento da primeira maturidade: a busca intelectual da verdade (<i>Ratio</i>)	180
4.2 A segunda maturidade: prenúncios da Verdade última no ser (<i>Fides</i>)	188
4.3 A terceira maturidade: da edificação à Verdade Eterna (<i>Misticus</i>)	196
4.4 Silêncio e Presença (<i>Secretum meum mihi</i>)	201
5 A RELEVÂNCIA ATUAL DA MÍSTICA STEINIANA	210
5.1 YESHUA: único caminho para a mística encarnada	218
5.2 De pé, diante das cruzes do nosso existir	225
5.3 Do amparo ao abandono	234
5.4 O sentido da vida na finitude	239
CONCLUSÃO	249
REFERÊNCIAS	258

INTRODUÇÃO

Quando o Papa Francisco, em seu discurso na ONU, em 2020, apresentou as suas preocupações em relação à crítica conjuntura em que estamos todos, da realidade circunstancial de uma globalização selvagem, gerada por uma tecnologia cada vez mais refinada e letal, ele apontou para a dramática situação do ser humano hodierno, fascinado pelos avanços do mundo, que não se deu conta de que vem perdendo o rumo de si mesmo, da sua própria humanidade. Com uma frase extremamente desafiadora, ele encerrou o discurso afirmando que somente há uma certeza em meio à crise que estamos experienciando: dela, ou saímos melhores ou piores.¹

Em sua Encíclica², mais uma vez, o Pontífice expõe os riscos de nossa sociedade global que experiencia um tempo de sombras e, dotado de categorias antropológicas, parece querer despertar no ser humano a necessidade de refletir, profundamente, sobre como vivemos a experiência da pandemia gerada pela COVID19. Não há dúvidas de que o desejo é de fazer renascer o amor de Deus no coração da criação para que o sentimento de irmandade mundial prevaleça. De fato, o contexto viral da pandemia do ano de 2020 trouxe a inquietude de retomar o caminho para a interioridade e o sagrado. Desde então, vive-se um tempo iniciático, tanto pessoal quanto coletivo, em que o transcendente, aparentemente, esconde-se para que voltemos a encontrá-lo.

O distanciamento social lançou as pessoas para dentro de casa; como que desnudadas, elas se depararam com seus projetos, relações e interesses pessoais, muitas vezes, meramente físicos e materiais. Despertadas, diante do risco da morte iminente, da finitude, muitas se perceberam incapazes de ir além de si mesmas, de cavar a fundo as razões de ser no cotidiano de uma vida trivial que obscurece a consciência e aprisiona em efêmeras cadeias. Isso fez com que a humanidade pudesse voltar a prestar atenção e a ter interesse na dimensão quase esquecida do ser, a vida interior. Hoje, parece haver um novo paradoxo. Ao procurar repensar o humano em sua totalidade, cabe-nos indagar: como será possível romper a crosta do ser humano hodierno, cada vez mais lançado a hiperatividade, isolamento egóico e consumo, na superfície de si e do mundo, incapaz de

¹ FRANCISCO, Papa. *75º Assembleia Geral das Nações Unidas*. 15 de setembro de 2020.

² FRANCISCO, Papa. Encíclica, *Fratelli Tutti*. São Paulo: Paulus, 2020. n.º8.

profundidade, solidão e alteridade? Será possível experienciar Deus em um mundo onde o próprio humano não tem mais certeza de si mesmo?

As questões que o Papa Francisco apresenta, somadas à realidade que nos circunda, permitem trazer à tona a figura de uma mulher que também experiencia tempos sombrios e encontra Deus na nebulosidade de sua época: Edith Stein (1891-1942). Em seu pensamento e obra, e, mais especificamente, em sua antropologia teológica, provoca e acena para a superação do dualismo clássico que definiu o ser humano como animal racional, a partir do aspecto predominante de espécie em sua natureza. Como ser autorreferente, a pessoa humana é o único animal capaz de dizer *eu*, de modo a se libertar de si mesmo e das coisas que o aprisionam e preocupam.

Todavia, a autora, para além de uma abordagem de autorreconhecimento, depara-se com a realidade de um Outro que dinamiza e sustenta tudo o que é. O Único capaz de suscitar a esperança no mais profundo do humano e fazer desse uma centelha de luz em meio à obscuridade dos tempos. Assim, Ele Se revela e envolve a todos numa relação de comprometimento e de Amor; caminhos de superação e de relativização de toda egocentricidade no caminho da fé e da mística. Stein pode ajudar a compreendermos o dinamismo de nossa existência e a nos redescobrirmos como seres espirituais. Ou seja, a sua contribuição oferece relevância para os nossos dias em seu intento de esclarecer e acolher os sinais do Eterno na finitude do ser em progresso, integrando-os sem disfarce e pretensão de romper velhos diques. Nossa autora é uma mulher à frente de seu tempo, com fundamentos cristãos pertinentes em um mundo desorientado que tateia por sentido e referenciais.

De modo muito próximo ao contexto de Edith Stein, vivemos uma crise mundial que transborda em desafios humanitários. Uma sociedade submetida ao medo, à desesperança, à desinformação e ao distanciamento, resultantes de um estado de guerra em que o inimigo não é o Terceiro *Reich*, mas as ameaças invisíveis causadoras de enfermidades mortais. Assim, a presente tese tem como propósito abordar o tema: de YHWH a *YESHUA*, a experiência da via mística steiniana. Tem-se como objetivo principal, à luz da obra completa da fenomenóloga, em seu estatuto intelectual e espiritual: sublinhar reflexivamente elementos steinianos que podem contribuir na busca perene do humano por sentido, profundidade e plenitude.

Com base nessas reflexões, buscamos respostas para duas questões norteadoras:

a) É possível, em nossos dias, na realidade instável globalizante do pós-humano, uma experiência de interioridade, de encontro com Deus?

b) Em que a experiência da via mística steiniana se destaca e permite trazer respostas para o cenário contemporâneo?

De forma antecipada ao mergulho teórico e reflexivo que pretendemos fazer no pensamento de Edith Stein, utilizando, para tanto, uma pesquisa exploratória, a partir do método bibliográfico, temos como principal hipótese a de que, no cenário desolador de nossa contemporaneidade, o progresso místico steiniano pode aclarar a obscuridade do vazio do sentido do humano e contribuir na recondução deste para a realidade profunda, fulcral, que faz parte de todo o seu ser pessoal: o mistério de si e o Mistério de Deus. A autora nos conduz, a partir de si mesma, para uma tomada de consciência e distância da egocentricidade, a fim de que se possa ponderar acerca do Deus que habita no coração de todo humano. Ela demonstra, mediante a sua precisa investigação e experiência pessoal, que não há como experienciar a plenitude a menos que corramos o risco de uma grande aventura: tornarmo-nos partícipes da vida divina.

Em seu itinerário, existencial, fenomenológico, espiritual e místico, desde YHWH a *YESHUA*, ela nos faz perceber que a crise que nos assola é oportunidade para que possamos pôr à prova a nossa fé, revisitarmos a nossa vida interior, ou seja, o melhor de nós mesmos, como seres habitados de sentido, de totalidade, de eternidade. O que nos ameaça também pode nos despertar, abençoar, aperfeiçoar, desde que estejamos cientes de que toda travessia humana, do ser que busca plenitude, há de passar pelo Cristo e a Sua cruz. Sem a cruz, não há progresso, evolução, maturidade, sabedoria.

Porém, mesmo após apresentar nossas intenções com o presente trabalho e de localizá-lo no tempo e no contexto histórico, o que, por si, pode vir a atestar sua urgência e importância, cremos que cabem comentários que justifiquem nossa escolha pela temática e pelos referenciais que utilizaremos; em especial, a obra de Stein. Talvez a melhor forma de o fazer seja tecendo uma linha temporal que dê testemunho do caminho trilhado até esse ponto, o qual permite conhecer os porquês de nossa atual produção.

Desde o ano de 2017, temos nos dedicado a leituras da obra steiniana. As reflexões profundas dessa mulher, à frente de seu tempo, como mencionado, e que viveu a peculiaridade de uma época com coragem, significância e mistério, possibilitam uma nova nuance em relação ao saber e ao crer. Edith Stein experienciou o traumático contexto do século XIX. Atenta ao que acontecia em seu entorno, mantinha um intercâmbio

constante com aquilo que recebia e partilhava. Tudo o que recebia, devolvia permeado de honestidade intelectual, qualidade e gratidão. Assim, conhecer sua obra nos direcionou a uma relevante análise da formação da pessoa humana, da sua relação com o mundo e do outro no serviço e na partilha dos dons recebidos.

A autora em questão impulsionou a motivação de dar continuidade à pesquisa do Mestrado em Filosofia³, de investigações da Filosofia da Linguagem naturalizada, em que estudamos sobre a tensão entre a egocentricidade e a mística, a partir de escritos de Ernst Tugendath (1930-), filósofo analítico a quem tivemos o privilégio de conhecer pessoalmente. Ele considera a tendência antropológica do humano em transcender; todavia, descreve uma mística intramundana sem nenhum entrelace com referenciais religiosos, mas que, desde uma egocentricidade amadurecida, ou seja, do recolhimento de si e da autorrelativização do ser, contribui na tomada de decisões e nos desejos do próprio ser.

A dissertação provocou-nos muitos questionamentos em relação ao humano contemporâneo, que descarta, cada vez mais, sua constituição, o fator interioridade, a possibilidade do sobrenatural e Deus. Por muito tempo, após sua conclusão, suspendemos nosso juízo e seguimos no mundo filosófico naturalizado e na jornada de educação básica, na qual escutávamos colegas em escolas confessionais questionarem sobre o sentido do sagrado e da ausência de Deus em suas vidas, sem respostas convincentes. Na realidade, estávamos (estamos) em busca, com afincamento e autenticidade, de respostas para o supranatural que consideramos ser parte do caminho do existir e que não poderia estar apenas na verticalidade, no mundo das intenções da natureza humana.

Foi então que a Dra. Edith Stein, ou Santa Teresa Benedita da Cruz, como passou a se chamar ao adentrar ao convento das irmãs carmelitas, cruzou nosso caminho. Ela o fez nos corredores da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul — PUCRS quando encontramos Dom Leomar Antônio Brustolin. Ele nos apresentou a obra steiniana, por meio da qual começamos a receber provocações e a reaver as estruturas e a valência cognitiva que caracterizam as ciências da natureza, com um olhar mais apurado, crítico e mediante uma atitude geradora de um desejo de retornar às investigações do mestrado, contudo, voltados à questão da essência da nossa dimensão espiritual cristã.

³ MACHADO, Elisângela P. *Transcendência imanente*. Tugendath e a Mística. Dissertação de Mestrado em Filosofia defendida na UNISINOS em 2011.

Desse modo, o projeto da pesquisa que originou essa tese se transformava, na medida em que líamos a obra de Edith e éramos, por ela, introduzidos em seu pensamento. O primeiro intento foi de desenvolver algo em relação à educação e à transcendência, áreas que fazem parte de nosso carisma pessoal e nossa formação; depois, a fenomenologia nos fez questionar se era possível realizar uma escavação racional em relação ao espiritual, à mística. Logo, o plano foi se desdobrando para além de nossas áreas de conhecimento: a Pedagogia e a Filosofia. Edith Stein nos conduziu para um retorno à Teologia, e, assim, junto a ela, pudemos constatar que saber sobre Deus não era suficiente: era preciso instigar a questão da experiência. Pulsava em nós a curiosidade profunda de compreender o que despertou na sufragista filósofa agnóstica o desejo de ser batizada, assumir a religião católica e adentrar à vida monacal.

Por quê? Porque, talvez, essa reflexão pudesse fazer sentido ao ser contemporizada e utilizada como lente para uma possível leitura da realidade atual.

Em seu itinerário biográfico, Stein passa por muitas experiências, momentos marcantes que a conduzem a desenvolver o sentido da vivência da empatia. A empatia para a fenomenóloga é fonte primordial para a ressignificação do ser e da possibilidade de um encontro com Deus. Ela constata que somente quando realizado o salto para o teológico se pode compreender, de modo modesto, mas transformador, do que Deus é capaz em Sua relação com o humano. Acompanhar a progressiva mudança de Edith Stein em sua experiência de fé mudou o rumo da presente pesquisa. Ela apontou para uma realidade que excede o humano, que se dilata no conhecimento de si e no desafio da vida interior, do possível percurso do ser humano capaz de Deus e, conseqüentemente, da experiência mística, hoje tão divulgada e profundamente necessária.

A mística steiniana é encarnada, e a sua espiritualidade é trinitária. Ela descreve, a partir de sua vida, a certeza do Deus que se encarna e que caminha conosco, especialmente, em nossa vulnerabilidade. É uma Presença que habita, está no santuário interior de cada pessoa, e, assim, desde ali, ilumina a nossa totalidade, especialmente, em tempos obscuros. Edith Stein, mulher, judia, filósofa, fenomenóloga, cristã, monja carmelita e mártir, conduziu o meu ser pessoal, de também mulher, educadora, amante da Filosofia e franciscana, a uma reorientação interior, um retorno à vida espiritual e à mística — essa palavra vital, desafiadora que, em nossos dias, sofre de confusões múltiplas.

Logo, a partir de uma aproximação à vida de Edith Stein, ao seu pensamento e à sua obra, muitos foram os questionamentos acerca da autenticidade das decisões que tomamos e das atitudes que resultam destas, principalmente, em relação à fé que professamos. Trata-se da vida em totalidade do ser que afirma crer no Ser Absoluto/Eterno/Infinito em relação ao testemunho pessoal finito, cotidiano da fidelidade no seguimento d'Ele em Seu Filho, o Cristo; a Verdade encontrada em Edith Stein.

Nesse prisma, esta tese inicia analisando o progresso espiritual da filósofa, a partir do âmbito familiar da tradição monoteísta judaica, da sua compreensão de Deus — YHWH, que Se faz presente na Lei e na voz dos profetas em Sua Aliança com Israel. Em seguida, busca-se expor o dinamismo que acontece na vida da fenomenóloga, que vive uma jornada interior de mudanças radicais em sua exterioridade, desde YHWH a *YESHUA*. Trata-se do desdobramento da experiência de uma evolução teológico-cristã que culmina na experiência mística de abandono, silêncio e martírio da autora pesquisada.

É o encontro de Stein com o Deus que nos humaniza, a partir d'Ele mesmo, feito homem em Jesus — *YESHUA*; o nome de Jesus de Nazaré, que nos remeterá sempre, respeitosa e humildemente, à tradição primeira de Edith Stein: o judaísmo. Stein experimenta em *YESHUA* a pessoa humana que alcança o sentido último de seu propósito de vida e plenitude em Cristo. Assim, ela a nada mais se submeterá a não ser ao modo de Cristo se expor e de se entregar, confundindo toda forma de arbitrariedades e interesses individuais. Na vida da filósofa espiritual, em sua experiência de relação pessoal com Deus, tudo se decide em Jesus Cristo.

Ela convida a peregrinar por um caminho de primado da pessoa humana, de ascensão do sujeito real singular, capaz de transcender a sua natureza e de mergulhar no sobrenatural, resultando numa relação profunda de mais humanidade e comprometimento. Toda a obra de Edith Stein, Irmã Teresa Benedita da Cruz, revela a beleza da trajetória biográfica de uma mulher atingida em sua dimensão pática (*pathos*) afetiva e razão (*ratio*). Quando afetada por acontecimentos que alteram o seu estado interior, ela investiga e interioriza esses eventos, cuja inspiração chega até ela misteriosamente por Deus (*theós*).

Um destino compreendido e acolhido como sentido último da vida. Na experiência de finitude da pessoa humana, há um caminho, uma via de possibilidade para um adentramento em si, encontro consigo e com o Outro que nela reside e anseia por relação, uma relação que deverá se traduzir em amor, comunhão e serviço para com os

demais. Desse modo, a pesquisa parte de um sobrevoo histórico e social da primeira metade do século XX, na Europa — em particular, a Alemanha do contexto de Edith Stein. Uma investigação com traços hermenêuticos, a partir da fonte de suas obras completas, especialmente, em seus escritos autobiográficos, no epistolário e textos de Filosofia, Antropologia e Espiritualidade.

O primeiro capítulo, que apresentamos a seguir, permite uma aproximação à vida de Edith Stein, como cidadã prussiana e judia, sedenta de respostas em relação ao seu entorno familiar, religioso e cultural. Diz respeito à busca pela verdade que ela realiza desde a sua infância e juventude até os estudos em Breslau e o encontro com a Fenomenologia de Edmund Husserl em Göttingen. A vida de Edith é repleta de profundas vivências que ela denomina como epifanias de Deus. São encontros peculiares nos quais ela toma ciência do fenômeno religioso em circunstâncias que a atingem no mais profundo do seu *eu*: a alma. Isso se dá mediante o testemunho de amigos fenomenólogos, no encontro com Cristo nas pegadas de Santa Teresa D'Ávila e quando voluntária em tempos de guerra.

Em face à finitude da vida, a filósofa sofre um despertar da fé que a impulsiona a novos rumos. Tudo resulta no desenvolvimento de uma maturidade interior, presente em sua tese doutoral sobre o problema da Empatia, que caracteriza o que a filósofa experiencia e que a conduzirá para uma mudança radical de seu projeto de vida e de sua relação com Deus. Insatisfeita com o assentimento intelectual de sua aceitação da fé, ela quer viver a fé, do modo mais comprometido possível. A filósofa então decide tornar-se cristã e vai nutrir o desejo pela vocação à vida religiosa consagrada num processo de conversão radical até o ingresso na vida contemplativa carmelita.

No segundo capítulo, analisamos o conceito de experiência, este juízo da existência sancionado por uma presença do experimentado. No fulcro da terminologia e significância, a experiência, na variedade e tons de seu conteúdo, revela-se um termo ainda indefinido, mas que indica a situação humana capaz de aproximação à fonte última da realidade. E isso se constata em situações pelas quais a própria Edith Stein, Santa Teresa Benedita da Cruz, passa, as quais retém e aprofunda. Experiências que a transformam e plenificam. A experiência, no caso steiniano, em sua intensidade e assombro, desdobra o sentido de ser pessoa, permite ao humano a configuração, ruptura e reconstituição de si mesmo.

Isso comporta um movimento de interação contínua entre o externo e o interno, que se realiza na consciência como numa modificação criadora e numa ação restauradora de si mesma. Edith Stein, em sua aplicação do método fenomenológico da relação com o mundo, analisa os conteúdos da consciência no dinamismo da experiência de fé e da experiência da natureza com a criação de Deus nesse mesmo mundo. Para Stein, na experiência do outro, a Empatia (*Einfühlung*) possibilita que tenhamos conhecimento das vivências (*Erlebniss*) alheias do outro, o que permitirá, mais adiante, que vivenciemos a presença de Deus entre nós. Uma presença que se realiza em nossa interioridade vinculada à capacidade de transcender e que se manifesta mediante a fé que professamos com coesa autenticidade. Essa experiência acontece, desde a natureza ingênua do ser, e o desperta para o sobrenatural que o envolve, humaniza e plenifica. É quando o oculto se revela e transforma toda a tonalidade afetiva humana, numa espécie de desarticulação da temporalidade ordinária da vida.

Em sua interioridade, Stein experiencia um encontro autêntico com o Ser Infinito que atravessa o seu ser por inteiro. À vista disso, o terceiro capítulo irá expor a experiência de Edith Stein, no dilatar de sua compreensão de Deus, YHWH, legado cultural, religioso e familiar e de seu reencontro com Ele em *YESHUA*, Verbo encarnado, Deus Homem no meio de nós. Os nomes sagrados de YHWH e *YESHUA* são expostos numa transliteração do termo hebraico que identifica Deus (*Yahweh*) e Jesus (*Yeshua*). Isso porque a pesquisa intui uma aproximação da realidade religiosa e cultural de Edith Stein no judaísmo, do Nome não pronunciado expresso pelo tetragrama, para o Verbo Encarnado, o Messias que Edith Stein encontra, experiencia e segue em *YESHUA*.

Desse modo, quer-se trazer elementos relevantes para uma melhor compreensão da pessoa humana, como ser espiritual, dotado de interioridade capaz de Deus e do necessário retorno ao mistério e à mística como uma possível resposta à desorientação e à perda de sentido do humano pós-moderno. Dada a influência do método fenomenológico, a pedra de toque desta investigação está nas entrelinhas, no aprofundamento da trajetória existencial de Edith Stein em suas vivências, dilemas e transformações. A encarnação implica relação, envolvimento e compromisso. *YESHUA* é o Cristo que carrega em Si o amor pela humanidade sem limites, cuja consequência O leva a assumir a cruz. Esse processo relacional com o Deus das Escrituras desce até a contingência humana. Não bastasse o arrebatamento da alma e o abandono do ser, ela

carrega para junto de si uma experiência inefável do Absoluto, numa fusão e irrompimento de toda energia pulsional da alma; a mística.

Assim, no quarto capítulo, acompanhamos o movimento que descreve o processo horizontal salvífico que acontece em Edith Stein no progresso das três maturidades. Maturidades da vida em si da filósofa, que revelam a jornada do ser, naturalmente finito, mas de abertura sobrenatural ao Eterno que o encontra, acolhe e que se entrega, mesmo diante da morte. Destarte, para que se estabeleça um sentido na unidade de sua trajetória humana, é preciso acompanhar Edith Stein nos matizes de sua pretensão autobiográfica e na escala gradual de sua maturidade intelectual, espiritual e mística. Ela se revela como numa diversidade de traços em uma mesma face, um só rosto, que não compreenderemos apenas biologicamente, mas mediante informações processadas pelos órgãos de nossos olhares e ouvidos, como uma presença verdadeira no mundo humano caracterizado pela imanência, transcendência e singularidade.

É a beleza humana refletida na vida dessa mulher que, diante da baixeza humana, não se deixou levar pelo desânimo ou vingança, nem por resignação ao inevitável. Ela seguiu seu propósito confiando no humano e apostando num mundo melhor, no qual cada um dos seres — por mais diferentes que sejam — têm o seu lugar e a dignidade que encerra o sentido de que são dotados. Nela, a fé é um dom aceito que possibilita o encontro da liberdade humana e divina. Em Edith Stein, a palavra se une ao Verbo, acontece uma entrega e o que culmina é o silêncio. O silêncio fecundo do martírio, um silêncio eloquente e eficaz traduzido em cada linha de suas contundentes obras. O silêncio para a filósofa espiritual se tornou manifestação da Verdadeira Palavra, a sua obra mais densa de espiritualidade foi aquela descrita nas entrelinhas de sua vida de fé. Discreta, profunda e coerente.

O quinto e último capítulo, acrescido com o apoio teórico de outras leituras, quer enfatizar a dimensão relevante da mística steiniana no contexto da dramaticidade da vida contemporânea. Acontecimentos que lançam o ser ao conhecimento de si e rumo ao alto desconhecido que a filósofa agnóstica, surpreendentemente, constata ser Deus, o Cristo crucificado amparo que supera toda contingência. À vista disso, a experiência em *YESHUA* acresce o seu pensamento antropológico e formativo. A fé que soma em seu empenho filosófico transborda na teologia antropológica que culmina no sentido da finitude da vida aos pés da cruz. Para Edith Stein, a cruz é um centro polarizador da vida.

Por isso, a vida, em um processo de progressão interior, tem de culminar no abandono na cruz, e isso resulta em seu martírio e Redenção.

Com isso, busca-se oferecer à Teologia a contribuição feminina steiniana, que é de grande relevância na compreensão da realidade hipermoderna caótica do ser humano. Trata de uma experiência humana e pessoal, transcendente e imanente, que brota do chão de acontecimentos da vida (vivências) numa experiência marcante, na qual, consciente de finitude, irrompe o sentido vital humano e se descobre habitado pelo Infinito. Para tanto, resta-nos cultivar a experiência do mistério em nós e do Mistério de Cristo em nossas vidas. Aproximarmo-nos d'Ele e aprendermos com Ele a como assumir a nossa realidade, a nossa paixão existencial e o sentido de nosso ser.

Nossa intenção, portanto, culmina com as reflexões expostas no capítulo de conclusão, expressando uma possível colaboração no resgate do transfundo humano no dinamismo de nosso existir e relações. Um resgate antropológico teológico em que Edith Stein, Santa Teresa Benedita da Cruz, une-se ao Papa Francisco e pode ser de grande ajuda. Estamos todos e todas em um processo iniciático de ressignificação da vida interior, processo que exige compreender mais a si, ao outro, a Deus, e acolher a cruz de cada dia que nos ensina a nossa profissão de fé. Sem a capacidade vital de centrar a vida em si, posicionar-se e relacionar-se, não há plenitude, bem como, sem a cruz, não há maturidade espiritual, autenticidade e compromisso. Somente assim, na totalidade de nosso ser em aberto e em relação, desde a Criação, o Deus, Eterno, Ser de Plenitude, vai nos plenificar — desde YHWH a *YESHUA*.

1 UMA EDITH, MUITAS LEITURAS

Não é comum para quem se depara com a figura de Edith Theresa Hedwig Stein (1891-1942) não sentir eclodir em si questões acerca da vida, do ser humano, das relações diante do outro, diante do mundo e das escolhas que fazemos. O trabalho dessa mulher polissêmica nos abre possibilidades para novas perspectivas, para uma melhor compreensão da relação do indivíduo no mundo e diante de Deus. Um dos grandes méritos e conquistas de sua vida foi a sua capacidade de integrar tudo, ou seja, desde as ciências até o ser em si em sua totalidade na reaproximação com a plenitude do Eterno. Com isso, ela oferece o testemunho de alguém que, por si mesmo, desvelou a trajetória do amor para além da experiência do efêmero e do racional.

À luz das diversas faces de Edith Stein, em sua vida e obra, compreende-se a reflexão do filósofo Levinás⁴ em sua afirmação de que nenhuma biografia é suficiente para dar conta da complexidade e magnitude do que é o ser e de sua exposição. O rosto do outro, de um indivíduo em sua singularidade e mistérios, indaga a respeito de uma transcendência absoluta em um Outro, ainda desconhecido, na medida em que jamais é possível apreender, compreender ou nomear a totalidade que ele/ela representa. Disso resulta a grandeza desse outro e o desafio de resgatar a sua importância na composição do cenário atual. O outro, em sua individuação, singularidade e relação, sempre escapa ao meu entendimento, e qualquer tentativa de nomeá-lo, datá-lo ou de fazer dele uma narrativa é oportuna, mas é preciso muita cautela para que não seja reduzido, de modo a permitir a perda de seu mistério.

À vista desse mistério, emergem os elementos da mística do ser, da jornada espiritual do humano — este microcosmo capaz de Deus pelo qual Edith Stein se interessa e ao qual devota seu pensamento e vida. Disso resulta que a personalidade de Stein seja superposta hermeneuticamente a seu trabalho. São múltiplas as perspectivas das leituras de sua obra. Parece haver tantas “Steins” quanto seus pesquisadores e leitores. São mais de 5.000 mil páginas da diversidade de sua produção que podem contribuir para os prismas psicológico, pedagógico, filosófico, feminista e teológico.

⁴ Emmanuel Levinás (1905 - 1995). Influenciado pela fenomenologia de Edmund Husserl, de quem foi tradutor, assim como pelas obras de Martin Heidegger, Franz Rosenzweig e Monsieur Chouchani. *É no face-a-face humano que se irrompe todo sentido. Diante do rosto do Outro, o sujeito se descobre responsável e lhe vem à ideia o Infinito.* Cf. LEVINAS, E. *Totalidade e Infinito: Ensaio sobre a exterioridade.* Coimbra, Portugal: Edições 70 Lda., 1980, p. 179.

Investigações das obras steinianas parecem não cessar, e isso é constatado no progressivo surgimento de novos e importantes estudos, bem como de filmes, de documentários e de peças teatrais sobre sua vida e seu pensamento mediante inúmeras pesquisas em seu epistolário, autobiografias e recensões. Mesmo assim, Edith Stein ainda é muito recente no universo acadêmico do Brasil, especialmente no que se refere ao espaço científico no Rio Grande do Sul.

O presente estudo, entretanto, não terá a pretensão de realizar um levantamento exaustivo de toda obra steiniana. O intento consiste em identificar algumas de suas investigações desenvolvidas a partir da ótica teológica cristã naquilo que diz respeito à mística do ser, como ápice de um encontro consigo mesmo, com o outro e, ainda, com o Outro na pessoa de Jesus Cristo, ou seja, do humano espiritual. Ao realizarmos um brevíssimo relato histórico da obra steiniana, fazemos frente a uma produção ampla e variada em gênero e estilo. Assim, o desejo é de partilhar uma ideia sobre a intencionalidade das investigações sobre essa mulher de quem pretendemos nos aproximar e que é parte de uma genealogia do feminino que muito pode contribuir na emergente missão de humanizar.

Cientes do arriscado propósito de apresentar uma biografia filosófica e espiritual tão densa e profunda, arriscamos. Daremos atenção, sobretudo, às problematizações que afetam o dilatar da perspectiva existencial, especialmente, a partir da ótica teológica espiritual. Edith Stein foi uma mulher que escreveu sobre a vida, seguindo coordenadas de uma existencial sabedora dos problemas decorrentes. Desse modo, a sua obra apresenta cada faceta das etapas de sua vida pessoal que corresponderam à orientação particular do âmago de seus estudos.

Os gêneros e perspectivas diferentes nela encontrados evidenciam uma unidade em seu conjunto: a pergunta do humano — de como dar uma resposta à razão da sua dignidade, de sua existência. O humano sempre foi um profundo interrogante a que Edith Stein intenta responder ao longo do progresso de seu pensamento. Uma indagação resultante desde a sua trajetória familiar, acadêmica, profissional e religiosa. Portanto, adentrando em sua obra e analisando as subdivisões de seus escritos, deparamo-nos com muitas etapas de seu pensar e agir. São escritos posteriores aos dilemas de sua vida em família, no âmbito da tradição judaica e escolar, como estudante em Breslau. A primeira

etapa é denominada puramente fenomenológica (1916-1922)⁵, período em que Edith Stein defende a sua tese sobre o problema da Empatia (1916) e que se torna base e fundamento de relações intersubjetivas que estão presentes no transfundo de tudo o que virá depois, no progresso evolutivo de sua vida, maturidade e escolhas.

Em um salto no tempo, após a sua conversão⁶ e Batismo, desponta a etapa filosófica cristã (1925-1931)⁷, quando Stein encontra, no campo acadêmico em que está inserida, o Cristianismo pulsante presente na vida e testemunho de alguns de seus colegas e professores. A problematização existencial a conduz para um caminho de encontro com *YESHUA*, o Cristo. Disso resulta, na autora, primeiramente, um distanciamento da Filosofia (por três anos), seguido de uma retomada e de um retorno devido à percepção de que quem compreende a vida divinal tem a exigência de levar essa vida divina a todos os seres humanos. Ela sofre a retomada de sua consciência filosófica e de sua vocação reveladas, mais adiante, em uma espécie de autobiografia intelectual e espiritual presente na obra interdisciplinar *Ser Finito e Ser Eterno* (1936).

A etapa pedagógica de conferencista (1928-1931)⁸ refere-se ao período em que Edith Stein é movida, convidada a escrever e falar em público por toda a Alemanha e

⁵ Encontra-se, nesta etapa, uma série de estudos com relação à preocupação de Edith Stein com a pessoa humana, para além das definições biológicas, psicológicas e reducionistas, abarcando toda uma série de problemas da época, no final da I Guerra Mundial, de um mundo científico que avança, da liberdade e relativismos que se gladiam; problemáticas ideológicas como o comunismo, nazismo. Daí o intento de Edith Stein desenvolver na perspectiva filosófica fenomenológica reflexões para elucidar a missão do ser humano para um autêntico Estado. Títulos de estudos desta Etapa: *Sobre o Problema da Empatia; Contribuições a fundamentação filosófica da Psicologia e das Ciências do Espírito; Causalidade psíquica; Individuo e comunidade; Introdução a Filosofia; Uma investigação sobre o Estado. Que é Fenomenologia?* Cf. STEIN, E. Obras Completas: *Escritos filosóficos*. Etapa Fenomenológica. Vol. II. Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2005.

⁶ No que condiz à “conversão” ou “não conversão” de Edith Stein (1922), temos que ter presente Paulo. Em sua vasta biografia é preciso analisar os pontos de vista. Se vemos o Cristianismo como uma continuação de uma religião revelada onde Jesus não veio abolir a lei e os profetas, mas levá-los ao pleno cumprimento, não existe conversão. Caso contrário, se vemos o Cristianismo como uma nova religião, existe uma conversão. Por isso, todo o judeu que começa a viver a mensagem de Cristo, necessariamente trará elementos de sua experiência anterior... Cf. HEYER, C. J. *Paulo: um homem de dois mundos*. São Paulo: Paulus, 2008.

⁷ Na etapa cristã, Edith Stein se propõe a estabelecer bases de diálogos com Husserl, Heidegger e Tomás de Aquino. É o tempo dos dilemas entre fé e cultura, fé e razão em diálogo, da Igreja e insistência de um retorno ao Tomismo. Edith é uma doutora em filosofia que serve de ponte entre estas perspectivas. Daí seus escritos: *Natureza, liberdade e Graça; Verdade — Espírito e Palavra; A fenomenologia de Husserl e a filosofia de Santo Tomás de Aquino; Ato e Potência; Significado cosmológico da fenomenologia; Ser Finito e Ser Eterno, ensaio de uma ascensão ao sentido do ser, A filosofia existencial de Martin Heidegger, Ser e Tempo*. Cf. STEIN, E. Obras Completas: *Escritos filosóficos*. Etapa de pensamento cristiano. Vol. III. Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2007.

⁸ Na presente etapa, encontra-se, em sua vasta produção, escritos sobre educação elaborados pela filósofa em Münster que unificam a teoria pedagógica científica em consonância com crenças católicas e com as teorias psicológicas de seu tempo. Alguns de seus escritos são: *Verdade e clareza no ensino e na educação; Os tipos de psicologia e seu significado para a pedagogia, Da luta do mestre católico,*

países limítrofes. Suas conferências têm cunho pedagógico, feminista e espiritual. Para Edith Stein, a Antropologia é a base para uma correta Pedagogia. Em vista disso, ela realiza conferências e desenvolve o seu pensamento sobre a educação da mulher e de seu papel na sociedade. Vale a ressalva de que ela não escreve apenas sobre a mulher. Ela é uma mulher ciente, inserida e militante em relação aos dilemas de seu tempo — um componente explícito de sua teorização. Ela descreve as mulheres em sua especificidade, essencialmente, diferentes dos homens, sendo fator decisivo de complementaridade para uma sociedade desenvolvida.

Ainda na esteira das conferências, emerge a etapa dos escritos antropológicos teológicos (1932-1933).⁹ Em um tempo em que mulheres não tinham espaço e voz, escuta-se o pronunciamento na voz de uma mulher laica e judia. Edith Stein propõe uma antropologia diferenciada, feminina e cristã, de fundamentos específicos do ser mulher que se expressa e se totaliza na vivência espiritual. Um percurso cognitivo onto-antropológico feminista que envolve de tal modo a filósofa que ela modifica por completo a sua vida. Edith Stein decide entrar para a vida religiosa em um Mosteiro Carmelita. Disso resulta a última etapa a ser perscrutada neste capítulo, a etapa teológica mística (1933-1942).¹⁰

Quando a fenomenóloga Edith Theresa Hedwig Stein se torna a monja carmelita Irmã Teresa Benedita da Cruz (1933), unindo-se a uma comunidade monacal feminina, permanece, mesmo monja e na clausura, em diálogo e proximidade com a realidade do mundo, por meio de correspondências com amigos. Para a filósofa convertida, permitir-se viver no abandono nas mãos de Deus sintetiza não somente a sua atitude vital e

Fundamentos teóricos do trabalho de formação social; Educação Eucarística; O Ethos das profissões femininas; Conceito de formação; O Mistério da Natividade; A Missão da Mulher; Vida Cristã da Mulher; Tempos difíceis e formação. Cf. STEIN, E. Obras Completas: *Escritos antropológicos y pedagógicos*. Vol. IV Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2003.

⁹ Em vista de uma antropologia feminista de reivindicação da valorização do ser mulher na criação e sociedade, Edith Stein ainda apresenta nesse fascículo: *Problemas da formação da mulher; Estrutura da Pessoa Humana; Antropologia teológica*; Cf. STEIN, E. Obras Completas: *Escritos antropológicos y pedagógicos*. Vol. IV Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2003.

¹⁰ Na última etapa aqui apresentada, Edith Stein já fez a opção pelo viver no Carmelo e é reconhecida como Irmã Teresa Benedita da Cruz. Neste período, ela não somente escreve de espiritualidade e mística, ela destaca, descreve o novo ambiente, as exigências do ambiente e sobre as figuras que a influenciam e inspiram. Aqui encontramos: *Meditações; Escritos histórico-doutriniais; Escritos de espiritualidade e mística — Uma mestra na educação e formação, Santa Teresa de Jesus; A oração da Igreja; O castelo da alma; Os caminhos de conhecimento de Deus; A Ciência da Cruz.* Cf. STEIN, E. Obras Completas: *Escritos espirituales*. Vol. V Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/ Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2004.

pedagógica, como também a sua convicção de que a vocação sobrenatural sustenta a pessoa humana.¹¹

A conversão de Edith Stein ao Cristianismo e, logo após, ao Catolicismo, leva toda a sua produção intelectual para dentro da Igreja Católica, onde inicialmente, é reconhecida no âmbito carmelita. É relevante recordar que os anos de 1950 a 1960 foram anos de transição para a Igreja Católica. A Escolástica¹² não conseguia mais oferecer um engajamento construtivo para as questões religiosas e sociais da Europa do pós-guerra, assim como foi tardia e, aparentemente, impotente a sua reação perante a ascensão de Hitler.¹³ Contudo, uma renovação do pensamento católico começava a dar sinais em igrejas na África e na América Latina, em seu movimento litúrgico, nas investigações históricas e nas críticas a textos originais do Cristianismo e do Judaísmo. Essas correntes teológicas, de cunho conservador e progressista, moveram-se em direção ao Concílio Ecumênico do pós-guerra — o Concílio Vaticano II —, ignorando o trabalho de Edith Stein.

Todavia, ainda nos anos 60 a 70, vários ensaios sobre temas espirituais da vida e obra de Stein foram publicados. Muitos desses fora dos meios acadêmicos, como, por exemplo, os encontrados no Carmelo de Colônia por Waltraud Herbstrith.¹⁴ Foi na década

¹¹ O itinerário espiritual de Edith avança para a profundidade do ser, todavia, é um itinerário constantemente partilhado com o outro, em seus escritos, como um tecer relacional que não se contenta em experienciar sozinho da graça, mas que quer que isso seja saboreado por todos, e assim, escreve. Isso é visto em seus escritos autobiográficos, intitulados: *Da vida de uma família judia; como cheguei ao Carmelo de Colônia; Testamento; Voto de fazer o mais perfeito*. Cf. STEIN, Edith. *Obras Completas. Escritos autobiográficos y cartas*. Vol. I Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2002.

¹² A filosofia medieval ficou conhecida como Escolástica em torno dos séculos XI-XII. O termo designa, de modo genérico, todos aqueles que pertencem a uma escola ou que se vinculam a uma determinada escola de pensamento e de ensino. É um pensamento filosófico que compartilha a aceitação de princípios doutrinários comuns, os dogmas do Cristianismo. Na esteira dessa escola de pensamento, encontraremos dois grandes nomes, Anselmo de Canterbury em sua preocupação de articular a fé e entendimento, a razão e a revelação, e Tomás de Aquino (alta escolástica) em seu interesse e elaboração teológica a partir das obras de Aristóteles e pensadores árabes no conhecimento da ciência natural. O pensamento tomista teve imensa influência em sua época e estendeu-se até o período contemporâneo quando é representado pelo neotomismo. Cf. MARCONDES, D. *Iniciação à história da Filosofia*. Dos pré-socráticos a Wittgenstein. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2007.

¹³ Adolf Hitler (1889-1945), líder do Partido Nazista (*Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei - NSDAP*), *Chanceler do Reich* (de 1933 a 1945) e *Führer* ("líder") da Alemanha Nazista de 1934 até 1945. Como ditador do Reich Alemão, ele foi o principal instigador da Segunda Guerra Mundial na Europa e foi a figura central do Holocausto. Cf. JÚNIOR, Ribeiro, J. *O que é o Nazismo?* São Paulo: Brasiliense, 2005.

¹⁴ Waltraud Herbstrith (1929-) membro da Congregação dos Carmelitas Descalços que se dedicou a divulgação do pensamento steiniano. Encontraremos material produzido por Herbstrith em precisas citações de STEIN, E. *Obras Completas: Escritos autobiográficos y Cartas*. Vol. I Madrid/Burgos: Vitoria Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2002. p. 1733. A maior parte da obra está escrita em alemão. Em inglês: HERBSTRITH, W. *Edith Stein a Biography*. San Francisco, Ignatius Press. HERBSTRITH, W. *Never Forget, Christian and Jewish perspectives on Edith Stein*.

de 1980, até a reforma pós-Concílio, que o interesse pela Teologia, pela prática espiritual e pela formação litúrgica encontraram Edith Stein. E é Herbstrith quem divulga o pensamento steiniano mediante a publicação de livros sobre o diálogo judaico-cristão e a espiritualidade; ela também enfatiza a contribuição de Stein para um programa teológico para a mulher e edita um livro de estudos filosóficos sobre Stein com várias contribuições de seu pensamento para revistas acadêmicas.

Na Europa, o pensamento steiniano é visto sob duas perspectivas: a primeira, em textos de Kalinowski, que aproximam Edith Stein de Karol Wojtyła¹⁵ quando este a reintroduz no universo religioso como a filósofa da pessoa humana, aliando o Tomismo e a Fenomenologia como tentativas já realizadas no ano de 1930. A segunda, novamente por Herbstrith¹⁶, que apresenta Edith Stein como uma ponte de diálogo entre judeus e cristãos. Uma ponte que, em determinados termos, não foi acolhida positivamente pelos judeus¹⁷ e, inclusive, foi considerada, por uma parte destes, um escudo humano contra os assaltos do antijudaísmo dos cristãos. Havia dissenso na afirmação de que Edith se denominava cristã porque era judia; igualmente, havia dissenso em torno da afirmação de que ela era judia, haja vista ser cristã. Uma celeuma que não se dava conta de que a fé cristã tem sua raiz fundante no Judaísmo.

Sabe-se que, até os anos 70, as investigações filosóficas steinianas estiveram sob estímulo e guia de interesses confessionais. Filósofos escolásticos encontraram na obra steiniana e em seu movimento realista fenomenológico elementos contra o idealismo

Washington, DC. ICS Publications, Institute of Carmelite Studies, translate by Susanne Btazdorff, 1988. Em italiano: *Edith Stein, vita e testimonianze*. Roma Città Nuova, traduzione dal tedesco a cura della Redazione di Città Nuova Editrice. IV Edizione. Dicembre, 1998, traz em anexos alguns documentos.

¹⁵ KALINOWSKI, G. *Edith Stein et Karol Wojtyła sur la personne*. Revue Philosophique de Louvain, 1982, p. 545-561. Reimpresso em *Autour de Personne et Acte de Karol Cardinal Wojtyła: Articles et Conférences sur une Rencontre du Thomisme avec la Phenomenology*. Ais-em-provence: Presses Universitaires d'Aix-Marseille, 1987. Karol Józef Wojtyła, Papa e Santo: São João Paulo II. Quando padre, obteve o seu segundo doutorado em Filosofia com uma tese avaliando a viabilidade de uma ética católica baseada no sistema ético do fenomenologista Max Scheler; nesta tese, conhece a obra de Edith Stein — Santa Teresa Benedita da Cruz. Ele a recebe e faz da aplicação do método fenomenológico, quanto dos tópicos de interesse presentes na obra, uma via comum em seus pensamentos e escritos, especialmente no que se refere à pessoa humana. Cf. *Cursos Antropológicos e a Estrutura da Pessoa Humana* in STEIN, E. *Obras Completas: Escritos antropológicos y pedagógicos*. Vol. IV Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2003. p. 451, 555.

¹⁶ Cf. nota 16.

¹⁷ Há muita divergência em interpretações judaicas acerca de Edith Stein e de sua beatificação (1987). A comunidade judaica afirma que a vida e obra de Stein é um desafio para todos; o Judaísmo não reconhece o martírio, e para os familiares sobreviventes ela permanece judia. Cf. BATZDORFF, S. *A Martyr of Auschwitz* in BATZDORFF, S. (ed) *Edith Stein: Selected Works*, Springfield, IL, Temple Publishers, 1991. p. 103-113.

relativista kantiano. Foi Przywara¹⁸ quem considerou encontrar em Edith Stein os instrumentos necessários para um diálogo entre Platão, Aristóteles e Tomás de Aquino, sobretudo, em sua obra póstuma principal, *Ser Finito e Ser Eterno* (1936); uma obra cujo tema ontológico seria de grande contribuição para instrumentalizar o século XX em suas ferramentas conceituais eficazes para confrontar a epistemologia contemporânea de seus dilemas e desafios sociais.

Desse modo, os escritos de Edith Stein emergiram e foram considerados como um reacender diante do arrefecimento da escolástica depois da Segunda Guerra e da *Shoah*.¹⁹ Ao chegar aos anos 90, a obra steiniana foi então reconhecida como oriunda, não apenas de uma filósofa católica, mas de uma teóloga, mulher católica, profissional, ciente da problematização do humano e de um contexto social emergente de reflexão. A autora em questão não era formada em Teologia, e isso nos instiga a realizar novos itinerários e releituras. Sua jornada pessoal é de fundamental importância na construção de novas formas de pensar a Antropologia e a Teologia como caminhos para compreensão e experiência de uma mística do ser hodierno, a retomada da possibilidade do humano como ser espiritual.

No panorama da Teologia atual, a contribuição de Edith Stein, Santa Teresa Benedita da Cruz, ainda é pouco significativa. É reduzido o número de teólogos e teólogas que a conhecem e ou propagam o seu legado. No corolário da relação entre Fenomenologia, Ontologia e Metafísica, consideradas chaves interpretativas de seu trabalho, encontramos uma abordagem original e dialógica da tradição filosófica e teológica que exige mudanças, rupturas e acolhida de novas chaves de leitura e interpretação. Teresa Benedita da Cruz nos abre caminho para o movimento de uma vida

¹⁸ Erich Przywara (1889-1972) mentor filosófico escolástico de Edith Stein, sacerdote Jesuíta, filósofo, e teólogo de origem alemã-polonesa, um dos primeiros católicos a dialogar com os filósofos modernos. Ele é mais conhecido por sintetizar o pensamento de pensadores proeminentes em torno da noção de analogia do ser, a tensão entre a imanência e a transcendência divinas, uma unidade na tensão.

¹⁹ O termo *Shoah* é originário de um dialeto alemão falado pelos judeus ocidentais e é a palavra que representa, ou substitui, o termo holocausto. Palavra que deriva da palavra grega "ὁλόκαυστον" [*holokauston*] grego, significando "oferta de sacrifício completamente (ὅλος) queimada (καυστον)" ou "algo queimado oferecido a um deus". Em ritos pagãos gregos e romanos, deuses da terra e do submundo recebiam animais queimados que eram oferecidos durante a noite. A palavra "holocausto" foi adotada mais tarde na tradução grega da Torá para se referir ao *Olah*, que são ofertas de sacrifícios queimados individuais e comunais que os judeus eram obrigados a fazer nos tempos do *Beit Hamicdash* (Templo de Jerusalém). Na sua forma latina, *holocaustum*, o termo foi usado pela primeira vez com referência específica a um massacre de judeus. Os judeus preferem usar essa expressão porque é originária do idioma de seu povo e significa calamidade. Holocausto, por sua vez, possui um significado relacionado com a prática da expiação de pecados por incineração, o que alivia o peso da catástrofe e permite a perpetuação do antissemitismo. É precisamente nesses pontos que se baseia o argumento para o uso do termo *Shoah*, já que a prática nazista foi um genocídio, e não qualquer manifestação de sacrifício a Deus.

entre buscas e o dinamismo que convida ao exercício do distanciamento para uma melhor compreensão contemporânea que possa detectar a escala gradual da evolução de ordem teológica espiritual na pessoa.

Estudos acadêmicos buscam em Stein, cada vez mais, fundamentações e aprofundamentos para questões específicas. Em nossos dias, da Espanha, Itália para o Brasil, encontraremos a contribuição do trabalho steiniano e da sua aplicação do método fenomenológico filosófico e religioso em estudiosos como Angela Ales Bello²⁰, em pesquisas desenvolvidas por ela própria ou sob a sua orientação. Junto dela, seguem nomes como Ana Maria Pezzella, Francisco Alfieri, Serse Cardellini, Urbano Ferrer, Francisco Javier Sancho Fermín²¹, Aparecida Jacinta Turollo Garcia, Miguel Mahfoud e Juvenal Savian Filho, Clélia Peretti, esses últimos, organizadores de grupos de pesquisa e trabalhos em Edith Stein em diversas regiões do Brasil.

A questão referente à mística a que iremos adentrar não poderá ser compreendida a partir de uma única etapa da vida da autora em exposição, mas é preciso acompanhar o dilatar do sentido de sua vida pessoal, a sua busca contínua movida pelo desejo da verdade, da sua preocupação com o humano, bem como da inserção deste na sociedade como resposta à sua destinação. Afinal, é na senda do experiencial que Stein desenvolve todas as suas investigações, escreve suas obras e deixa um testemunho de plena humanidade, resultante da aceitação de sua destinação. Para Stein, o humano está submetido, por mais cético que seja, à ação salvífica. E, quando esse se decide, autenticamente, por um caminho de busca, inicia-se um diálogo vital com Deus.²²

Ela representa e sintetiza o drama e a busca do humano e instiga à interrogação sempre pulsante do coração sobre a sua real significância como espécie anímica caminhante, mesmo diante da aparente obscuridade do mundo. É a isso que se propõem as páginas que seguem, a saber, uma aproximação do seu pensamento, da inquieta busca do coração pela verdade e o amor. A busca da vida e do pensamento de Edith Stein, desde o seu universo plural exterior, a começar pelas suas raízes para, quiçá, compreendermos

²⁰ Angela Ales Bello, Roma 1940, filósofa italiana, fundadora do Centro Italiano de Investigações Fenomenológicas com sede em Roma. Professora na Pontifícia Universidade Lateranense, atualmente, é docente de Fenomenologia da Experiência religiosa na Faculdade de Filosofia da mesma Universidade.

²¹ Sacerdote da Ordem do Carmelitas Descalços. Estudou Filosofia e Teologia em Burgos, Roma e Alemanha. Doutor em Teologia no *Teresianum* em Roma. Professor de Teologia e Espiritualidade em Ávila, Burgos e *Teresianum* em Roma. Co-diretor da Cátedra Santa Teresa da Pontifícia Universidade de Ávila, Espanha.

²² SANCHO FERMÍN, Francisco Javier. *Edith Stein, modelo y maestra de espiritualidade*. Burgos: Monte Carmelo, 2005. p. 127.

melhor a beleza de sua profunda interioridade e encontro com Deus. Trata-se do percurso pessoal espiritual e místico de sua vocação, da Teologia que ela acolhe, abraça, desenvolve e nos deixa em seu testamento espiritual de corajosa entrega amorosa a *YESHUA*.

Edith Stein instiga a busca pela sabedoria que se faz carne cotidianamente. Ela avança na experiência de YHWH, resultante de um contínuo autoconhecimento e de uma responsabilidade diante do outro, mediante dois polos: “partir do alto, de Deus em seus mistérios, e a partir de baixo, do ser finito, do humano.”²³ Ela segue, radicalmente, a orientação do próprio Deus que Se fez humano e chama todos à santidade, ao esvaziamento, à loucura pouco compreendida por aqueles que se consideram sábios, pois, *que ninguém se engane, se alguém se considera sábio nas coisas deste mundo, torne-se louco para chegar a ser sábio* (1Cor 3,18).

1.1 Cidadã prussiana e judia

Quando Edith Stein, em 1917, no final de sua tese doutoral, em seu *Curriculum vitae*, escreveu “sou cidadã prussiana e judia”²⁴, não imaginava as grandes mudanças que iria ter de experienciar alguns anos mais tarde, em relação à sua cidadania e tradição. Em um empenho constante pela verdade, marca registrada de sua personalidade, a jovem recém-formada nada encontrou de errado em expor a sua ascendência judaica e salientar a cidadania alemã de direito de estado prussiano.

Edith Stein carregava em si toda uma experiência de consciência religiosa judaica herdada no âmbito familiar. Um significativo escrito que nos ajuda a compreender as raízes de Stein e a influência dessas em sua jornada existencial, espiritual e mística se encontra em sua autobiografia, intitulada *Vida de uma família judia*.²⁵ Trata-se de um relato retrospectivo de sua infância, adolescência e juventude. É o testemunho sobre quanto uma família judia é composta por pessoas com suas particularidades, histórias,

²³ STEIN, E. Obras Completas: *Escritos espirituales*. Vol. V Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2003. p. 33.

²⁴ Trata-se da tese - *Sobre o Problema da Empatia* (1917) que rendeu para Edith Stein o título de menção honrosa e um trabalho junto de seu Mestre Edmund Husserl. Cf. STEIN, E. Obras Completas: *Escritos filosóficos*. Etapa fenomenológica. Vol. II Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2005. p. 203.

²⁵ STEIN, Edith. Obras Completas. *Escritos autobiográficos y cartas*. Vol. I Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2002. p. 159-491.

sonhos e buscas completamente normais. A princípio, o intento da autora não era de uma autobiografia, mas de confrontar a ignorância da propaganda negativa nazista que desprestigiava os judeus desqualificando a sua humanidade. Ela assim escreve no prólogo do texto mencionado:

Os últimos meses têm arrancado os judeus alemães de sua tranquila e natural existência. Isto lhes tem obrigado a refletir sobre si mesmos, sobre seu ser e seu destino. Porém, também os acontecimentos de nosso tempo têm incitado a muitos outros, que estão além de partidos, a considerar o tema da questão judaica (...) nos projetam uma imagem desgarrada como num espelho côncavo. Pode ser que se tenha feito tal deformação com um convencimento sincero. Pode ser que responda a algumas características individuais de casos concretos. (...) O que pretendo nas páginas que escrevo não é uma apologia ao Judaísmo. Busco esclarecer ao que está sendo chamado de ‘ideia’ de Judaísmo e defender contra as falsificações.²⁶

Edith Stein partilha em seu pensamento e obra toda a problematização judaizante em que não é simples esclarecer os limites da vida civil, profana que diferem da tradição cultural religiosa. Fato é que Stein se depara com o retorno de dilemas profundos em relação às perseguições de seu povo sem pátria. O contexto do mundo intelectual, político e social em que ela se situa na primeira metade do século XX, na Europa, é de uma Alemanha unificada. De uma nação judaica sufocada pelas restrições de Frederico II (1740-1786) ao direito de cidadania adquirido em 1812 para o avanço de 1871, quando o império germânico emerge após a derrota dos franceses na guerra Franco-Prussiana.

Entretanto, em 1914, com o assassinato do príncipe da Áustria, teve início a Primeira Guerra Mundial. Resultante disso, como parte do eixo, a Alemanha sai da conflagração derrotada por poderes aliados. Assim, a revolução alemã irrompe em 1918 e a Alemanha é forçada a assinar um pedido de rendição: o Tratado de Versailles de junho de 1919. Instaura-se a República de Weimar em agosto de 1919. Junto dessa, emergem o Partido Comunista Alemão, sob o comando de Rosa de Luxemburgo e Karl Liebknecht²⁷,

²⁶ STEIN, Edith. Obras Completas. *Escritos autobiográficos y cartas*. Vol. I Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2002. p.159.

²⁷ Rosa de Luxemburgo (1871-1919) foi uma filósofa e economista polaco-alemã. Tornou-se mundialmente conhecida pela militância ligada à Social-Democracia da Polônia (SDKP), ao Partido Social-Democrata da Alemanha (SPD) e ao Partido Social-Democrata Independente da Alemanha (USPD). Apoiadora da insurreição que Karl Liebknecht — uma revolta que foi esmagada pelas Freikorps, milícias patriotas compostas por veteranos da Primeira Guerra que estavam desiludidos com a República de Weimar, mas que rejeitavam igualmente o marxismo e o avanço comunista. Luxemburgo, Liebknecht e alguns de seus seguidores foram capturados e assassinados. Luxemburgo foi fuzilada e seu corpo jogado num curso d'água — o *Landwehrkanal* em Berlim. Cf. ARENDT, Hannah. *Homens em tempos sombrios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p.41.

e o Partido dos Trabalhadores Alemães, mais tarde conhecido como Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães ou Partido Nazista.

Por causa da Grande Depressão, as duras condições de paz do Tratado de Versailes e uma longa sucessão de governos instáveis, massas políticas se organizaram deixando de apoiar o sistema democrata trabalhista e unindo-se às ideias de direita (monarquista, populista e nazista). Tropas paramilitares foram organizadas, e milhares de assassinatos políticos ocorreram. Nesse ínterim, em 1933, Adolf Hitler²⁸ é eleito chanceler e estabelece um Estado totalitário e centralizador por meio de uma série de movimentos e decretos, impondo à Alemanha um único partido. O regime conhecido como Terceiro Reich se fortalece mediante uma política expansionista de pactos de guerra responsáveis pela Segunda Guerra Mundial (1939-1945) quando a maior parte da Europa ficou sob o seu controle.

Imersa nesse conturbado cenário histórico, encontramos Edith Theresa Hedwig Stein, em plena época de destruição da antiga Alemanha e na transição para o surgimento de uma nação nova, cidadã e laica. Edith nasceu em 12 de outubro de 1891, na cidade de Breslau, cidade fundada pelo Duque da Boêmia, na antiga Alemanha e atual Polônia. Descendente de uma família judaica, seus ancestrais viveram sob a síntese das culturas características do mundo judeu-prussiano, oriundas de províncias orientais da Alemanha, a maior parte da Silésia, que, depois da divisão da Polônia, passou a pertencer à Prússia. Filha de Siegfried Stein (1844-1893) e de Augusta Courant (1849-1936), ela cresceu no coração de uma família orgulhosa de suas origens e de uma educação calcada na fé judaica e no ambiente de uma grande cidade industrial e cultural.

Em sua autobiografia, Stein relata que a família se estabeleceu em Breslau devido à repentina prosperidade industrial da Alta Silésia, que lhe valeu um afluxo considerável de população. O pai era negociante, dono de uma firma de madeira. O casal era profundamente religioso. A vida da casa se organizava em torno da tradição judaica, vivida cotidianamente e transmitida às gerações futuras em uma escola particular. O contexto familiar de Edith Stein nos é oferecido mediante investigações e ensaios biográficos de sua sobrinha, Susanne Bartzdorff.²⁹ Há muitos pontos em que

²⁸ Cf. nota 15.

²⁹ Susanne M. Bartzdorff filha de Erna Stein, irmã de Edith Stein nos oferece uma árvore genealógica da família Stein e Courant. Cf. *Edith Stein — Meine Tante. Das jüdische Erbe einer katholischen Heiligen*. Echter Verlag, Würzburg, 2000, p. 201. (Edith Stein — minha tia. A herança judia de uma santa católica, trad. livre).

interpretações judaicas e católicas divergem sobre a biografia de Stein no que se refere à sua conversão e canonização. Percebe-se uma reação judaica diante de questões de profundo significado para a Tradição, como, por exemplo, se Edith poderia ainda ser considerada judia, e questões sobre o sentido de sua morte em Auschwitz. Em inúmeros relatos e debates acerca dessas questões, não encontramos nenhuma interpretação definitiva.³⁰

Este trabalho, entretanto, não se detém no impasse entre elas gerado, mas sim tem como foco precípuo valorar a biografia de Edith Stein em seu progresso interior que irá decorrer desde o seio familiar judeu para uma vida agnóstica de estudante, discípula do movimento fenomenológico, até a decisão pela vida católica cristã, a vocação de monja carmelita, comentadora de místicos carmelitas e santa mártir.

O nascimento de Edith Stein em 12 de outubro coincidiu com uma solene celebração judaica: o Dia do Perdão, ou, da Expição.³¹ Essa coincidência fez com que a mãe considerasse como um sinal de predileção de YHWH para a menina. A fé judaica da família de Edith foi, principalmente, plasmada pela mãe, *Frau* Augusta Courant. Ela era, para Edith Stein, o exemplo vivo da mulher virtuosa apresentada no Livro dos Provérbios (Prov. 31,1-31). A mãe exercia um poderoso matriarcado em um clã de sete filhos. Edith Stein era a caçula e descreve que, em sua casa, tudo recebia calor e vida que da mãe emanavam.

A senhora Stein, judia convicta e orgulhosa de suas origens, dava a seus filhos uma educação calcada nos exemplos do Antigo Testamento. No entanto, sabia temperar, com sua ternura maternal, aquela austeridade. Ensinou-os a observar o cerimonial rabínico. Todas as refeições eram acompanhadas da recitação de louvores em hebraico e a louça, cuidadosamente, lavada e, diversas vezes enxaguada de acordo com o ritual. Sem prejudicar a espontaneidade e os dons naturais de seus filhos, ela soube desenvolver suas qualidades mais profundas

³⁰ Ainda em Susanne Batzdorff emerge a questão sobre a decisão da tia, mas, ela acolhe a beatificação da mesma. Para Susanne, Stein é judia e morreu porque era judia. Morreu *com* o seu povo e não *para* o seu povo. Cf. BATZDORFF, S. *A martyr of Auschwitz*. In. BATZDORFF, S. *Edith Stein: Selected Works*. Springfield, IL. Temple Publisher, 1991. p. 103-113.

³¹ Levítico 23,27. O *Yom Kippur* marca o fim de um processo chamado *teshuvá* (retorno ao bem, arrependimento). Durante a celebração as orações devem ser voltadas ao pedido de perdão do homem para Deus com relação aos pecados e transgressões que cometeu. A *Kippur*, expiação do pecado, só acontece se pedimos, previamente, perdão a quem ofendemos e magoamos, se não Deus não poderá intervir. Por isso, costuma-se, nos dias anteriores ao *Yom Kippur*, pedir perdão para todos aqueles que ofendemos. Ao contrário do que muitos pensam, o jejum não faz parte do ritual do perdão, só tem a função de distanciar o homem das necessidades corporais e aproximá-lo das necessidades espirituais. No passado, o sacerdote entrava no Templo e sacrificava um carneiro, sinal de expiação do povo, hoje, há toda uma cerimônia de pedido de perdão na sinagoga, todo rito é finalizado com o toque do chifre de carneiro e com os votos 'No ano que vem em Jerusalém'. Cf. GAARDER, J. *O livro das religiões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 115.

numa atmosfera impregnada de gravidade, na crença reverente do Deus de Israel e sob o seu olhar.³²

Quando criança, Edith, junto dos seus irmãos, rezava duas vezes ao dia e observava a declaração máxima da fé judaica, como ditava a tradição de Israel. Eles reafirmavam, diariamente, a fé em Deus, o Deus do Judaísmo, YHWH, assim dizendo: “*Shema Ysrael, Adonai Elohênu, Adonai Echad. Veahavtá et Adonai Elohêcha, bechol levavechá uvechól nafshechá uvechól meodêcha*”.³³ Um chamado à escuta dos preceitos, mandatos e mensagens que Deus envia. Para o judeu, manhã e noite, tudo é benefício de Deus, o *Um*, a única existência verdadeira; tudo depende D’Ele e de seu Nome, representado nas letras YHWH, um acrônimo que em hebraico significa: *Eu Sou quem Eu Sou*, revelado a Moisés no Monte Horeb (Ex. 3,13-14), marcando o início da história de Israel como nação.

A história, esta realidade nada estática, mas progressiva, está permeada da presença e ação de YHWH, Senhor do tempo, o Primeiro e o Último, representado pelo tetragrama³⁴ que, em hebraico, יהוה, simboliza o nome da aliança de Deus no período inicial da história do povo judeu e que foi considerado sagrado demais para ser pronunciado. Desse modo, leitores piedosos evitavam pronunciá-lo, substituindo-o pela palavra “*adonay*”, que significa “meu Senhor”. Nessa religião monoteísta, o judeu é admoestado a servir, ser fiel a YHWH (*Yahvéh*) com todo o seu coração, com toda a sua alma e com toda a sua força.

Para acercar-se desse Deus que exige escuta plena, muitos são os costumes antigos, relativos ao ciclo da vida — nascimento, juventude, casamento e morte — que devem seguir as devidas orientações, conforme manda a tradição. Para as meninas, o

³² MIRIBEL, E. *Edith Stein*. Como ouro purificado pelo fogo. Aparecida, SP: Ed. Santuário, 2001. p. 35

³³ A oração do *Shemá* é um preceito que reafirma para o judeu o sentido da vida, força tanto nas manhãs do existir, quando tudo vai bem, quanto nas noites, quando as forças se esvaem e não é possível mais ver com clareza. Em síntese assim se reza: *Shema Yisrael, Adonai Elohênu, Adonai Echad. Veahavtá et Adonai Elohêcha, bechol levavechá uvechól nafshechá uvechól meodêcha. Vehaiu hadevarím haêle, asher anochí metsavechá haiom al levavêcha. Veshinantám levanêcha vedibartá bam, beshivtechá bevetêcha, uvelechtechá vadérech uveshochbechá uvecumêcha. Ukeshartam leót al iadêcha vehaiú letotafot bën enêcha. Uchetavtám al mezuzót betêcha uvish’arêcha* (...) Escuta, Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor. Amarás, pois, o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua força. Estas palavras que, hoje, te ordeno estarão no teu coração; tu as inculcarás a teus filhos, e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e ao deitar-te, e ao levantar-te. Cf. Deuteronômio 6, 2-12.

³⁴ Sobre o estudo do Nome divino de Deus em hebraico encontramos explicação de suas traduções e das mudanças realizadas na pontuação que o traduz desde YHWH, para ‘*adonay, Iohim, Yahveh e Yehovah*. Cf. KELLEY, P. *Hebraico bíblico*. Uma gramática introdutória. 4ª Edição. São Leopoldo: Sinodal, 2003. p. 55.

estudo do hebraico é considerado de importância secundária; todavia, a mãe de Edith Stein recordava diariamente para as suas filhas extratos do *Talmud*³⁵ que aprendera de cor na língua alemã. Em sua autobiografia, Edith partilha as recordações que conserva de sua mãe e de seus familiares mais próximos. O agnosticismo que Edith apresenta e é mencionado em algumas de suas biografias diz respeito a um conjunto de fatores da vida familiar somados à sociedade da época em que atingira sua juventude. Constata-se que a juventude judaica do centro da Europa deste período tinha escassa consciência de sua condição cultural religiosa.

Mesmo oriundos de um estrito contexto judaico familiar, os jovens abrigavam um sentimento de identidade nacional, mas não mais religiosa. Uma categoria descrita por Jean Améry³⁶ de judeus da catástrofe: judeus integrados que quase nada sabiam de sua tradição e que, diante da perseguição nazista, tiveram que confrontar sua identidade sem Deus, sem história e sem a esperança messiânica nacional. À vista disso, sem legalismos ou rigidez, a mãe de Stein estava convicta de sua fé em YHWH, mesmo quando diante da indiferença e distanciamento de seus filhos. Para *Frau* Augusta Courant, era certo que ela não contava com as suas próprias forças, mas com as forças do alto que a sustentavam em seus infortúnios.³⁷ E este é um aspecto relevante para compreender a evolução interior de Edith Stein que iremos perscrutar.

Retomando as palavras de seu *Curriculum vitae*, a confissão de sua ascendência judaica não significava uma profissão madura à fé do Judaísmo. Ela era um membro junto de seu povo, associava-se à sua história, revelava orgulho de sua raça, mas, em relação à fé em YHWH, a jovem prussiana não se sentia como a mãe, confortada e sustentada. Um sentimento que se fortaleceu quando, em um dos muitos funerais de seus familiares que praticaram suicídio, o rabino que celebrou as exéquias resumiu a vida do morto a seus feitos, sem consolo algum diante da dor da perda, sem menção alguma à pessoa, ao humano que os deixava. Ela conta:

³⁵ O *Talmud*, em hebraico: תלמוד. Significa estudo - é uma coletânea de livros sagrados dos judeus, um registro das discussões rabínicas que pertencem à lei, ética, costumes e história do judaísmo. É um texto central para o judaísmo rabínico.

³⁶ FERRER, U. *Para compreender Edith Stein*, 2008. p.110.

³⁷ Em sua autobiografia Edith escreve: “algum tempo depois, quando eu havia perdido a fé da infância, me disse numa ocasião, como prova da existência de Deus: ‘Não posso imaginar que tudo o que tenho conseguido se deva as minhas próprias forças’. E era certo”. Cf. STEIN, E. *Obras Completas: Escritos autobiográficos y Cartas*. Vol. I Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2002. p. 192.

Com solene e embargada voz se rezou: ‘*e se o corpo se converte em pó, o espírito retorna a Deus, que é quem o deu*’. Porém, por detrás de tudo isso, não havia uma fé em uma sobrevivência pessoal e um voltar a encontrar-se depois da morte. (...) Creio que há uma relação entre a incapacidade de fitar com olhos serenos e aceitar o feito da ruína da vida externa, com uma concepção pobre sobre a vida eterna. (...) O judeu é capaz de ser tenaz, esforçado e incansável; suportar privações ano pós ano, porém, enquanto vislumbra a meta diante de seus olhos; se lhe tiram isto, sua capacidade de tensão se rompe. A vida lhe parece carente de sentido e com grande facilidade rejeita tudo.³⁸

Tais situações alimentaram questionamentos e provocaram o distanciamento de Edith Stein da fé judaica. Em casa de amigos, o clima contribuía ainda mais para o esvaziamento. Em sua autobiografia, todavia, nada é mencionado acerca de sua fé pessoal. Longe do olhar materno, alguns de seus irmãos não praticavam mais os ritos nem dentro nem fora de casa. Em seus escritos, Stein partilha o movimento de um desassossego interior que a atingiu nessa fase da vida. Ela o caracteriza como um desmoronamento de sua fé e a incapacidade de crer na existência de um Deus pessoal; tudo isso resultante do silêncio de YHWH em circunstâncias em que a jovem mais precisava. Todavia, é o silêncio do Deus de Israel que ela experiencia a motriz da descoberta de sua personalidade interior. A suposta perda de Deus a lança para a busca de uma solução à questão humana.

A sua crise espiritual alcançará o ápice no período de seus quinze anos, tempo em que vive em Hamburgo (1906), junto de suas irmãs e cunhados, um deles, Max, esposo de Else, médico especialista em doenças venéreas. Esse ambiente de uma nova cidade e de pessoas diferentes do cotidiano familiar, influenciará Edith Stein a abandonar, por livre decisão, a fé de seus pais. Ela mesma comenta:

Quando recordo agora a temporada em Hamburgo, me parece com a mariposa em sua etapa de larva envolta em sua rede de seda. Meu círculo era muito reduzido e vivia muito mais distante de meu mundo interior do que quando em casa. Lia e escutava também coisas que não me faziam muito bem. Devido à especialidade de meu cunhado, havia livros na casa que não eram precisamente adequados para uma moça de quinze anos. Ademais, Max e Else eram incrédulos por completo. Naquela casa, sobre religião, nada, em absoluto. Ali eu tomei consciência da oração, abandonando-a por livre decisão (...) não pensava no futuro, mas, seguia vivendo com uma convicção de que, em minha vida, se daria algo importante.³⁹

³⁸STEIN, E. Obras Completas: *Escritos autobiográficos y Cartas*. Vol. I Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2002. p. 211-212.

³⁹STEIN, E. Obras Completas: *Escritos autobiográficos y Cartas*. Vol. I Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2002. p. 265.

Sancho Fermín denomina este tempo em Hamburgo como *o salto evolutivo do espírito de Edith Stein*.⁴⁰ Ela será conduzida por um impulso, racional, pela totalidade que carregava dentro de si e que irá abrir o seu caminho rumo a novos horizontes. É o tempo do cultivo da razão quando a jovem irá se lançar no universo acadêmico.⁴¹ O ateísmo que experiencia, se assim pode ser chamado, é bastante peculiar; um vazio religioso em aberto; contudo, disponível para ser preenchido. É o princípio dos ajustes, das vivências mais profundas de ordem ontológica, ou seja, de todo ente que emana de Deus como sua origem e a Ele regressa. Um dinamismo de deixar livre o caminho para Deus;⁴² do sair e retornar que se ajustará, não somente na ordem do ser, mas também na ordem do conhecer e do abandonar-se.

1.2 Na pátria da Fenomenologia

Toda a vida e obra de Edith Stein estão sob a égide da fenomenologia. A imersão nesse estilo investigativo marca fortemente a sua maneira de pensar. O pensamento steiniano é fruto de todo um contexto histórico influenciado por uma visão racionalista, humanista e moralmente idealista das relações pessoais. A sociedade em que ela viveu passava por mudanças econômicas e socioculturais que influenciaram todo o pensamento ocidental. A prussiana judia, segundo os seus biógrafos, foi uma figura de espírito fortemente especulativo que transitou pelos corredores de algumas das principais ciências preponderantes do século XIX, marcado pelo entrelaçamento de teorias científicas e ideias filosóficas.

De fato, Stein, por não aceitar reducionismos e se dedicar com afinco à busca pela essência última de suas inquietudes, muitas vezes, escutou de seus colegas professores, estudantes e, especialmente, do interior de si mesma a inquietante questão ‘*diga-me por quê?*’. Disso resultou que todas as suas formulações racionais serviram para

⁴⁰SANCHO FERMÍN, Francisco Javier. *El ambiente espiritual y humano de Edith Stein*. In. FERRER, Urbano. *Para comprender Edith Stein*. Madrid: Biblioteca Palabra, 2008. p. 15-94.

⁴¹ Estamos diante de um campo vasto de reflexão acerca da conversão massiva de judeus ao Cristianismo desde o Séc. XVIII. Da onda crescente de pensadores que escreveram e experienciaram os prós e os contras da conversão enquanto perda para o Judaísmo no tocante a cultura. Em Edith Stein veremos não uma assimilação ou desvalorização do Judaísmo, mas, uma escolha processual e amadurecida. Cf. ARENDT, H. *Rahel Varnhaen. Vida de una mujer judia*. Barcelona: Lumen, 2000.

⁴²STEIN, E. *Obras Completas: Escritos espirituales*. Vol. V Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2003. p. 129.

chegar a algo a que ela daria o nome, posteriormente, de Verdade. É a partir do ambiente familiar que a religião deixou de ser um elemento fundamental em sua vida. Na efervescência de uma infinidade de questionamentos em relação ao sentido da religião e da maneira de ver o mundo, ela passou pela insatisfação diante das respostas rasas que lhe foram dadas.

Os questionamentos se intensificaram, à medida que amadurecia, levando-a a isolar-se de amigos, mergulhando num mundo de leituras e em sua interioridade. Leitora ávida, desde seu tempo ginásial, conheceu pensadores de renome, como Spinoza, todos os clássicos gregos e romanos, obras primas de Shakespeare, Descartes, Montesquieu, Rousseau, Kant, Locke, Hume, John Stuart Mill, William James, Wilhelm Dilthey e Henry Bergson. Ela confia que, por dispor de muito tempo livre, aproveitava, sobretudo, para ler, submersa em um mundo multicolor de grandes paixões e ações, no qual se sentia mais familiarizada do que com a vida cotidiana.⁴³ Todas essas obras e esse pensamento plural alicerçaram a base de sua jornada universitária.

A Universidade em Breslau (1911-1912) foi o espaço onde Stein realizou projetos e alimentou o desejo de esclarecer, o máximo possível, mediante suas investigações, o enigma do ser humano. À vista disso, ela avançou em estudos no domínio da Psicologia e da Filosofia da Natureza. Sua intuição inicial fracassou porque ela se deparou com uma psicologia cujo método naturalista é puramente mecânico, orientado por doutrinas em que a alma é apresentada como algo irracional e mitológico: o relativismo, o empirismo, o psicologismo e o ceticismo.⁴⁴ A Psicologia estava limitada à observação de atos humanos externos, limitando assim a realidade à percepção sensorial.

A pesquisa de Stein frustrou-se porque ela achava que as abordagens quantitativa e dedutiva, baseadas na metodologia das ciências naturais, estavam determinadas a provar que a alma — que ela estava investigando — não existia. A ideia de alma ou espírito foi

⁴³ STEIN, E. *Obras Completas: Escritos autobiográficos y Cartas*. Vol. I Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2002. p. 267.

⁴⁴ JAPIASSÚ, H. e MARCONDES, D. *Dicionário básico de Filosofia*. 5. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. Nesta obra os autores apresentam conceitos acerca dos métodos mencionados, o relativismo é a atitude daquele que considera, que nas ciências não existe verdade definitiva, pois deve construir uma apropriação progressiva, uma construção inteligível do mundo sempre aproximativa. O empirismo é uma doutrina ou teoria de conhecimento segundo a qual todo conhecimento deriva, direta ou indiretamente, da experiência sensível externa ou interna. O psicologismo é uma concepção filosófica que atribui à psicologia um lugar central, colocando-a como base de todas as ciências. O psicologismo é um reducionismo na medida em que busca explicar todos os elementos da experiência humana a partir da dimensão psicológica dessa experiência. Em relação ao ceticismo, trata-se de uma concepção segundo a qual o conhecimento do real é impossível à razão humana. De tal forma, que o homem deve renunciar à certeza, suspender seu juízo sobre as coisas e submeter toda afirmação a uma dúvida constante.

eliminada das teorias positivistas e reducionistas, mediante o método de seus professores em Breslau, Honingswald e Willian Stern. Daí que, aos vinte e um anos de idade (1913), Stein se afastou da Psicologia porque lhe parecia uma ciência “sem alma”.

A maior parte dos intelectuais e parte da população alemã vinha substituindo a religião pelo deísmo, agnosticismo ou pelo ateísmo. A Alemanha não se desvencilhou de um sentimento de crença respeitosa e de mistério, mas, ainda assim, deixou-se cair no ceticismo. No campo político, Stein não pode ser considerada uma ativista direta. Ela não tinha afinidade com seus parceiros políticos e intelectuais que buscavam caminhos para um novo futuro da Alemanha, uma nova Alemanha. Com a crise agravante e a subida ao poder do Nacional Socialismo, Stein sentiu a desorientação e o desalojamento de suas raízes.

Estou tão farta da política que estou enojada. Falta-me, por completo, instrumento propício para isto: uma consciência robusta e uma pele grossa. Para todo efeito, deverei permanecer até as eleições já que há muito o que fazer. Porém, me sinto completamente desenraizada e sem pátria no meio das pessoas com quem devo relacionar-me. Assim que conseguir me libertar destas coisas, quero escrever e preparar um trabalho para Habilitação. Na “nova Alemanha” caso aconteça. A Habilitação não será um problema.⁴⁵

Mesmo que inserida em um universo de saberes e ativismo político, a sua vida mergulhou interiormente em uma luta e crise existencial que a conduziram a uma transformação radical, na qual foi obrigada a refazer todo o seu caminho. Inserida em grupos de caracteres diversos, voltados a preocupações políticas, sociais, educativas e políticas, Edith Stein, instigada pela leitura do segundo tomo das investigações lógicas de Edmund Husserl,⁴⁶ inscreveu-se para um semestre na Universidade de Göttingen — a pátria da novidade da então denominada fenomenologia. Estudos acerca da liberdade, da plena autonomia e da independência foram, em primeira instância, o foco da reflexão steiniana. Em um de seus escritos, Stein desabafa:

Não estar a serviço de ninguém (...) no fundo não consigo suportar a ideia de estar à disposição de alguém. Sou capaz de colocar-me a serviço de uma coisa e, por amor de uma pessoa, sei fazer tudo, mas estar à disposição de uma pessoa, numa palavra, obediência, não sei fazê-lo.⁴⁷

⁴⁵ Carta nº 76 para Roman Ingarden, 27 de dezembro de 1918. STEIN, E. Obras Completas: *Escritos autobiográficos y Cartas*. Vol. I Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2002. p. 670.

⁴⁶ Edmundo Gustav Albrecht Husserl (1859-1938). Fundador do movimento fenomenológico, discípulo de Franz Brentano e Carl Stumpf.

⁴⁷ STEIN, E. Obras Completas: *Escritos autobiográficos y Cartas*. Vol. I Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2002. p.310.

Uma suposta autonomia que se dilatou como compreensão, escolhas e atitudes ao encontrar, nas obras do filósofo Edmund Husserl, argumentações mais plausíveis que impulsionaram as suas questões sobre conceitos da essência da alma e do sentido da existência. A sua inserção no grupo aconteceu com o auxílio do professor Adolph Reinach⁴⁸, que havia compreendido e assimilado profundamente o método fenomenológico. Este liderava o movimento de estudantes de Göttingen e foi o primeiro a acolher a jovem prussiana, como também a celebrar com ela o seu ingresso no círculo após uma entrevista com o próprio Husserl. Veremos mais adiante que Reinach teve grande influência na mudança de atitude em relação à fé de Edith Stein.

Depois dos avisos gerais, chamou os novatos, um por um. Quando lhe disse meu nome, ele acrescentou ‘Dr. Reinach tem me falado sobre você. Você tem lido algo meu?’ ‘*As investigações lógicas.*’ ‘Todas as *investigações lógicas*, inclusive o segundo tomo completo.’ ‘Inclusive o segundo tomo? Então você é uma heroína’. Disse Husserl sorrindo. Assim fui admitida.⁴⁹

Admitida no círculo de Göttingen, que consistia em um grupo de jovens estudiosos interessados em aprofundar e desenvolver o método fenomenológico, Stein tomou conhecimento da crise das ciências da época, das questões em relação ao idealismo e realismo, dos critérios do positivismo e das medidas do cientificismo. Impressionada com a obra de Husserl, fez dele o seu *doctor father*, a saber, o pai doutoral de sua tese de doutorado intitulada *Sobre o Problema da Empatia (Zum Problem der Einfühlung — 1917)*.⁵⁰ Começava uma intensa vida acadêmica que iria não apenas redirecionar toda a vida de Edith Stein, mas de toda filosofia restrita no universo das correntes tidas como racionalismo, empirismo e transcendentalismo. Emergia uma nova possibilidade de posicionar-se diante do mundo e de falar sobre ele, o mundo da vida, um revolucionário percurso de investigação.

A Universidade de Göttingen era famosa por seus matemáticos e linguistas. Os filósofos eram uma pequena minoria e se dividiam em dois grupos: os fenomenólogos e

⁴⁸ Adolph Reinach (1883-1917), acolhe Edith Stein e a introduz no universo acadêmico da fenomenologia, um amigo confidente e incentivador de seus estudos.

⁴⁹ STEIN, E. Obras Completas: *Escritos autobiográficos y Cartas*. Vol. I Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2002. p. 354.

⁵⁰ A filósofa trata do problema da condição epistemológica onde se estabelece o mínimo de comunicação afetiva, a inclinação ao outro que supera o solipsismo, constatado mediante análise de atos de vivência — experiências universais. Cf. STEIN, E. Obras Completas: *Escritos filosóficos*. Vol. II Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2005. p. 82.

os frísios.⁵¹ E foi no campo investigativo da fenomenologia em que a jovem judia encontrou um vasto âmbito de possibilidades em seu intento pela verdade na observação fenomenológica da existência em sua realidade contingente, porque é nessa que encontramos os fenômenos⁵², e nos fenômenos é que nos é dada a própria essência do que se é.

O método fenomenológico, no exercício de escavação rumo ao essencial, deixa de lado o que é acessório e acidental para alcançar a verdade vivida que brota da análise e de reflexões rigorosas. A verdade, para Husserl, em seus estudos sobre lógica⁵³, é entendida como “a luminosa certeza”, porque a ciência se dirige ao saber e é neste saber que colocamos a verdade — uma precisa e meticulosa atenção aos detalhes apresentados pelos sentidos, além da abstenção de preceitos e hipóteses. A fenomenologia concebe a pesquisa filosófica como análise da consciência na sua intencionalidade. O sentido das coisas é descrito mediante a capacidade humana de refletir diante do que lhe é mostrado, como as coisas físicas e/ou abstratas.

Esse método, ou melhor, esse estilo de linha de pesquisa acompanhou Edith Stein em todo desenvolvimento de sua produção intelectual, obras e conferências. Isso porque, para a filósofa, fazer fenomenologia era aprender a descrever as coisas, chegar ao coração da essência da coisa, apreender a essência dela e, a partir disso, poder então mencionar que se sabe algo sobre o que intuímos, enunciamos e cremos compreender. O método lhe abriu um novo caminho, “iluminou suas certezas” e a fez vislumbrar um novo horizonte interpretativo, permitindo desvelar riquezas e potencialidades conscienciais do humano.

Esse caminho distingue o essencial entre ciência e simples opinião. É uma diferente maneira de confrontar-se com a realidade, desde uma observação direta mediante experiência, permitindo assim que a essência emerja o ser mesmo que se permite captar apenas pelo olhar espiritual, aquilo que Husserl batizou com o nome de intuição.

Portanto, nosso caminho será o sistemático, teremos de fixar nossa atenção nas coisas mesmas e ir construindo sobre esta base na medida que pudermos. Para

⁵¹ Os frísios eram discípulos de Nelson, fundador da escola da escola neofrísia, o nome frísio fazia menção a um povo misterioso de marinheiros que viviam e desapareceram na Europa Antiga.

⁵² A noção de fenômeno tem origem no termo - *Phaenomenon* que, por sua vez, deriva de um conceito grego - *φαινόμενον*. A palavra diz respeito a qualquer manifestação — *aquilo que se mostra* e que está presente na consciência de um sujeito que é objeto da sua percepção.

⁵³ HUSSERL, E. *Investigações Lógicas (Logische Untersuchungen - 1900/01)*.

isso, naturalmente, temos de proceder de acordo com um método determinado (...) O método com o qual tratarei de solucionar os problemas é o fenomenológico. Quer dizer, o método que Edmundo Husserl elaborou e empregou pela primeira vez no tomo II de suas investigações lógicas, por que estou convencida, e já havia sido empregado por grandes filósofos de todas as épocas, se bem que não de modo exclusivo e com uma clara reflexão sobre o modo de proceder (...) O princípio elementar deste método é fixar a atenção nas coisas mesmas, não interrogar a teoria sobre as coisas, deixar fora, o quanto possível, tudo que há sido ouvido ou lido e das composições que tenham sido feitas, para melhor acercar-se das coisas com um olhar livre de preconceitos e beber da intuição imediata.⁵⁴

Este estilo de pesquisa rigoroso se tornou para Edith um caminho para chegar ao mais profundo possível do mundo do ser humano, de sua essência e de seu possível devir. Dessa maneira, a fenomenologia tornou-se a teoria mais debatida e difundida na década de 1920 em toda a Europa e apresentava-se como uma nova técnica de abordar toda gnosiologia e liberar o terreno da atitude de pesquisa predominante da época, muito presente na Alemanha, o positivismo, que reivindicava o primado do que é concreto em nome da pesquisa científica de tipo experiencial e constatável.⁵⁵

Para os fenomenólogos, a realidade cotidiana não era confiável, mas não se podia refutá-la no imediatismo da compreensão humana. Por isso, o método como caminho de refutações e esclarecimentos contribuiria para o desvelar dos verdadeiros fundamentos de toda ou qualquer visão de mundo. Não há mais separação entre o mundo e a consciência do mundo; a razão pode agora falar sobre o mundo com mais solidez. O desejo pela verdade tornou-se uma novidade com sentido.

Vale destacar o fato de que Stein não assimilou passivamente as ideias husserlianas; inúmeras vezes, em sua obra e biografia, ela expõe suas discordâncias em debates com o próprio Husserl, porque jamais se permitiu ficar restrita às noções do mestre e, assim, delineava sua própria aceção do estilo de linha de pesquisa fenomenológica.

Em tudo, o mestre a acompanhou, influenciando suas investigações e apontamentos, mesmo quando Stein renunciou sua função de assistente⁵⁶ e apresentou,

⁵⁴ STEIN, E. Obras Completas: *Escritos antropológicos y pedagógicos*. Vol. IV Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2003. p. 590.

⁵⁵ Quando as investigações lógicas de Husserl apareceram pela primeira vez se teve a impressão de que com elas se dava as costas à forma de pensar criticista da filosofia moderna e se regressaria às grandes tradições da *philosophia perennis*. Cf. ALES BELLO, Angela. *Edmundo Husserl pensar Deus, crer em Deus*. São Paulo: Paulus, 2016. p.18.

⁵⁶ STEIN, E. Obras Completas: *Escritos autobiográficos y Cartas*. Vol. I Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2002. p. 603 - 607. Cartas de Stein para Roman Ingarden nº 32, 33.

de modo original, uma nova perspectiva para a fenomenologia. Ela realizou junto de Husserl, um percurso importante na fenomenologia, não apenas de operações intelectuais, mas do intento contínuo de alcançar a constituição última das realidades, das quais, consideradas como primeiras: o homem e a natureza.

O percurso do método fenomenológico tornou-se uma montanha a ser desbravada para Stein. Progressivamente, a sua psicologia da pessoa se tornou uma filosofia da pessoa, procedendo através de questões relacionadas à descrição do elo da essência da pessoa com a questão de uma ontologia do espírito, e concluindo que a unidade tripla da pessoa é composta de espírito-corpo-alma — Stein, como judia, tinha presente a dimensão do humano do Gênesis.

Indagações filosóficas emergiam fazendo-a se perguntar se seriam, o humano e a natureza, temas metafísicos. E, mais ainda, o estilo de pesquisa a conduziu, seriamente, a questionar-se em relação ao problema Deus.⁵⁷ Isso ocorreu porque, no intento da verdade da questão, a abordagem fenomenológica, em sua abertura a todos os tipos de experiências e fenômenos, estava pronta para reconsiderar até mesmo as crenças tradicionais no campo religioso de uma maneira nova e sem preconceitos.

O catolicismo, e particularmente o Agostinianismo, com sua ênfase no *insight intuitivo*, tiveram uma vantagem acentuada sobre o protestantismo — embora este movimento fosse fortemente difundido no círculo de pensadores de Göttingen do qual fazia parte. E isso, no seu momento histórico, pode ter se dado também devido às tendências neo-ortodoxas no protestantismo, com sua ênfase exclusiva na revelação sobrenatural e na fé bíblica. Consequentemente, proposições como Deus e fé, antes nunca consideradas objeto de atenção para Stein, começaram a fazer parte de seu universo investigativo e de sua vida pessoal. Esse reencontro deu início às modificações, por completo, no rumo de sua existência.

O fenômeno religioso, até então rechaçado desde a sua adolescência, reaproximou-se de Edith Stein, e ela aprendeu, a partir do trabalho de Max Scheler⁵⁸, a revalorar este mundo. Contudo, ela ainda não se transformaria em uma crente convicta,

⁵⁷ ALES BELLO, Angela. Fenomenologia, ontologia e metafísica em Edith Stein. Belo Horizonte: UFMG; Ribeirão Preto: USP. *Memorandum*, 29, out/2015. p. 194-207.

⁵⁸ Max Ferdinand Scheler 1874-1928, filósofo e sociólogo alemão, conhecido por seu trabalho sobre fenomenologia, ética e antropologia filosófica, bem como por sua contribuição à filosofia dos valores. Desenvolveu o método do criador da fenomenologia: Edmund Husserl. Edith Stein é influenciada em quase todos os seus escritos pelo método deste filósofo. Cf. STEIN, E. Obras Completas: *Escritos antropológicos y pedagógicos*. Vol. IV Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2003. p. 993.

embora diante das circunstâncias, percebia ruir o muro do ateísmo que erguera dentro de si. Stein assim escreve:

Não sei em que ano Scheler se converteu à Igreja Católica. Devia ter sido havia pouco pois estava impregnado de ideias católicas, divulgando-as com todo seu brilhante espírito e com a força de sua palavra. Este foi o primeiro contato com este mundo para mim, antes, totalmente desconhecido. Não me conduziu de imediato à fé, mas me abriu uma esfera de fenômenos que não poderia mais ignorar. Não fora em vão que nos educaram para acolher todas as coisas diante dos olhos sem preconceitos, nos despojando de toda lente de juízo. Os muros do racionalismo, dentro dos quais fui educada, caíram, e o mundo da fé, apareceu subitamente diante de mim. Um mundo em que pessoas com quem convivia diariamente e admirava, vivam nele. Estes, eram dignos de serem levados a sério.⁵⁹

O fenômeno da fé seria um dinamismo interior que retornaria a Stein, não de modo claro, mas enquanto ela ia se defrontando com situações que exigiam dela profunda reflexão existencial. Scheler foi a chave que abriu a porta de entrada da atenção e do imergir no mistério de uma potência verdadeira que Stein ainda desconhecia por completo, mas a que decidira adentrar. Sua nova postura diante da religião a levava a um profundo respeito e movimento interno que impulsionou Edith Stein a participar de algumas cerimônias junto de amigas. Era o movimento de tentativa de escutar novamente a Deus.

Eu aprendi em Göttingen a ter respeito diante das perguntas da fé e pelas pessoas crentes. Até acompanhava agora minhas amigas algumas vezes a uma igreja protestante; mas a mescla de religiões e política que caracterizavam os sermões não me levavam ao conhecimento de uma fé pura e me repeliavam frequentemente. Todavia, não havia reencontrado o caminho até Deus.⁶⁰

Göttingen significou para Edith Stein não somente uma mudança de lugar, mas o berço da sua mudança radical de mentalidade. Junto aos fenomenólogos, ela iniciou um combate pessoal interior que descreveu não ser capaz de compreender suficientemente. O emergir em si de algo maior e bem mais valioso do que ela mesma.⁶¹ Quando a Primeira Guerra Mundial (30 de julho de 1914) irrompeu, um processo de despertar e de mudanças começou a mover Edith rumo a novos horizontes. Esse acontecimento a afetou, aguçando em si propósitos solidários a ponto de a levar a interromper os estudos para colaborar na guerra.

⁵⁹ STEIN, E. Obras Completas: *Escritos autobiográficos y Cartas*. Vol. I Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2002. p. 366.

⁶⁰ Idem, p. 413.

⁶¹ Idem, p. 380-381.

A busca de Deus se intensificou no contexto da Primeira Guerra, onde ela vislumbrou testemunhos de confiança no mistério da salvação e foi impactada profundamente por eles. Para a jovem universitária, admitida como voluntária pela Cruz Vermelha, os seus olhos e ouvidos iriam testemunhar o horror dilacerante da guerra e a transformar por completo na totalidade de seu ser. Ela seria surpreendida pelo Mistério da consolação que habita o coração humano e que se manifesta, presença fiel na dor e no cessar. É o processo iniciático de Edith Stein no caminho de configuração a *YESHUA*, o Cristo; a partir do entendimento do sentido da cruz e da eternidade na vida do cristão.

1.3 Na dor da espécie (*Einfühlung*)

A fenomenologia tomou toda a atenção de Edith Stein. Foi em Göttingen que os enfoques filosófico, psicossociológico e teológico se unificaram em sua vida. Quando Scheler e Adolph Reinach, juntamente com sua esposa, a introduziram em seus estudos, no fenômeno religioso, o espírito se abriu a um dinamismo que, aos poucos e profundamente, libertou Edith Stein de esquemas racionais e de concepções apriorísticas e, assim, o espaço de sua interioridade se ampliou e a desconcertou. No fundo, a fenomenologia aprimorou-lhe toda uma atitude intelectual epistemológica que exige profunda ascese mental e um novo modo de abertura frente à realidade, ao mundo, à vida.

Ela deu início a um retorno à sensibilidade religiosa oriunda da espiritualidade, cultivada no berço que parecia vibrar novamente em sua interioridade. O que foi acolhido na infância e afastado na adolescência aflorou com novas nuances. Essa sensibilidade irrompeu face ao estremecimento da dor e da morte. Edith Stein teve a vida marcada por vivências de dor, de perdas — que jamais passaram por ela despercebidas, mas sempre confrontadas por uma busca de sentido. O que não teve sentido em sua infância e adolescência, no referente a Deus, foi desvelado pela fenomenologia, mediante abundantes razões para o conhecimento do transcendente e para a revelação do absoluto.

A sensibilidade aguçada diante da dor e da morte irradiaram Deus no percurso vital de Edith Stein. Veremos adiante que, ao tratar de conceitos como *Erfahrung* (experiência) e *Erlebniss* (vivência), ela não somente investigaria, mas se deixaria conduzir por uma vivência peculiar vital, relacional, denominada *Einfühlung* (Empatia),

uma investigação que a transformaria em sua *forma mentis*, ou seja, na autêntica matriz de seu pensamento e que a conduziria para muito mais além do que antes havia conhecido.

Desse modo, a fenomenóloga, progressivamente, iria se deparar com a problematização de Deus em sua vida; um *itinerarium mentis in Deum* na linha do *intellectus quaerens fidem* (a razão em busca da fé). É o movimento da experiência: do Deus que não lhe dá respostas para o Deus que almeja ser buscado e encontrado. Um movimento reflexivo profundo, diante de fatos marcantes, de uma leitura intersubjetiva em seu campo perceptivo da relação com os outros. Direcionando as suas emoções e sentimentos, ela dinamizou em si a redescoberta de sua individualidade, do ser que se dá conta de sua finitude, sua precariedade, de que tudo é fluxo.

Quando diante dessa experiência, Stein se reconectou ao divino: o Ser que é potência de ser e matriz do movimento de todo fenômeno religioso. E isso se intensificou quando, voluntária na Cruz Vermelha (1915), ela cuidou de enfermos contagiosos e de feridos pela guerra enfrentando ainda os seus próprios dilemas interiores.

Por parte de minha mãe, encontrei forte resistência em ser voluntária. Eu não lhe disse uma palavra de que se tratava de um hospital de contagiosos. Ela sabia muito bem que não poderia dissuadir-me com argumentos de que eu colocava minha vida em perigo. Por isso, seus argumentos, tentativas de me assustar foram de que os soldados retornavam do campo de batalha com as roupas coberta de piolhos e de que eu não teria como defender-me. Realmente, era um tormento com que me deparei e do qual tinha verdadeiro horror. Porém, se os que estavam nas trincheiras tinham de sofrer com isto, por que haveria de ser eu uma privilegiada? E, como os argumentos incisivos de minha mãe não surtiam efeito, me disse com toda energia: 'não irás com meu consentimento'. Eu respondi com a mesma determinação: 'Então terei de fazê-lo sem o seu consentimento'. Minhas irmãs estremeeceram com minha dura resposta. Nossa mãe não estava acostumada a semelhante resistência.⁶²

A primeira responsabilidade de Edith Stein foi no hospital austríaco de *Mährisch-Weiskirchen*, um local de quarentena que, durante o período da Primeira Guerra, atendeu soldados de muitas nacionalidades: alemães, tchecos, eslovenos, russos e até turcos, todos feridos e que sofriam de cólera, tifo e ou outras febres infectuosas. Uma experiência que lhe possibilitou o acesso a conhecimentos a respeito do humano plural de diversas nações.⁶³ Foi no contato com moribundos, ao ser designada para o turno da noite, que a compreensão humana da morte atingiu profundamente Stein.

⁶² STEIN, E. Obras Completas: *Escritos autobiográficos y Cartas*. Vol. I Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2002. p. 416.

⁶³ Edith relata a relação com os pacientes e as diferentes formas que estes reagiam as enfermidades e a guerra. Não havia no hospital limites, fronteiras ou idiomas difíceis, a linguagem era a universal do cuidado.

Era a primeira vez que eu via alguém morrer. A segunda morte foi em nossa ala. Ao chegar o entardecer, depois de alguns dias em meu serviço noturno, as enfermeiras me receberam dizendo que havia ingressado um moribundo e me orientaram de seus medicamentos. Era um homem alto e forte. Jazia imóvel e sem consciência; já havia chegado assim. Na última noite lhe apliquei as injeções e acompanhava sua respiração — até um momento em que cessou. Aproximei-me de sua cama, constatei que o coração dele não batia mais. Então, tive de fazer o que nos orientaram, recolher suas poucas coisas pessoais que ali estivessem para entregar no escritório militar, chamar o médico para o certificado de óbito (...) Quando organizei suas poucas coisas, caí de sua carteira um pequeno cartão com uma oração para que sua vida fosse conservada; a esposa havia lhe dado. Isto partiu minha alma. Compreendia, justo agora, o que humanamente significa a morte.⁶⁴

Cinco meses depois, após travar uma luta sobre permanecer no hospital ou regressar aos estudos, devido a uma regra de descanso obrigatório da Cruz Vermelha, Edith foi aconselhada a voltar para casa. Ela retornou para Breslau; contudo, deixou seu nome à disposição para retornar ao serviço voluntário. Como não foi recrutada, passou a dedicar o seu tempo à tese doutoral, uma pesquisa que, certamente, teria em suas linhas a influência das vivências ao longo de sua vida, especialmente, do hospital de *Weisskischen*. Foi a época em que as questões humanas mais afetaram Stein em sua interioridade, em seu coração e alma.

Decorrente do que viveu e sentiu em seu tempo de voluntária, da vida exposta à dor e à morte do outro, a filósofa fenomenóloga, a partir de *insights* do trabalho de Max Scheler (1913) — por sua vez, inspirado na justificação teórica da dimensão afetiva da ciência do espírito, ou seja, da lógica, da razão do coração, exposta por Pascal —, começa uma investigação sobre o problema da Empatia (*Einfühlung*).⁶⁵ A Empatia não é apenas um ato de conhecimento, mas uma maneira de sentir e viver a vida. Para Stein, ela potencializa autoconhecimento e autorreflexão; é uma vivência vital, que pode favorecer a aproximação do outro de uma maneira significativa.

A *Einfühlung* é analisada por Edith Stein como um contínuo processo do humano de “estar/sentir junto de”, um estado não racional. Scheler, em seus argumentos sobre a razão do coração e discussões ético-psicológicas, encorajou-a a adentrar no universo

STEIN, E. Obras Completas: *Escritos autobiográficos y Cartas*. Vol. I Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2002. p. 427.

⁶⁴ STEIN, E. Obras Completas: *Escritos autobiográficos y Cartas*. Vol. I Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2002. p. 430.

⁶⁵ *Einfühlung* - palavra alemã cuja raiz *fühl* se assemelha ao verbo em inglês: *feel* = sentir. Sentir enquanto capacidade de acolher algo, captar, perceber. *Ein* quer dizer que de verdade se consegue entrar. *Ung* é sufixo para compor um substantivo. Pode ser traduzida por *entropatia* ou *empatia*, derivando da palavra grega, *patia*, raiz *pathos*, que significa: sentir, sofrer. O termo *entro*, significa que de algum modo se consegue “entrar”. Portanto, um sentir dentro que possibilita captar o que o outro vive.

desse fenômeno e o desenvolver. Assim, no território da fenomenologia, junto de seus colegas, membros do movimento fenomenológico de Göttingen, ela buscou esclarecer o emprego e a experiência dos termos *eu* (Ego), consciência, vivências e transcendental. Os dois fenomenólogos compartilham de um posicionamento antipsicogênico, baseado na crença de que a alteridade não pode se basear apenas no raciocínio e observação de comportamento.

Desse modo, eles se concentraram em desvelar camadas do comportamento humano para alcançar a essência delas, em vez de alcançar e defender definições já existentes, elaboradas. Veremos mais à frente que a Empatia é uma vivência⁶⁶ peculiar, presente, dotada de uma estrutura geral *sui generis*. Esse estudo tornou-se um empreendimento caro para Edith Stein porque, para ela, tratava-se da condição constitutiva da pessoa humana e tinha, por objetivo primordial, afirmar o ser humano como ser capaz de vivenciar a intersubjetividade no reconhecimento do outro, como substrato da sua formação humana plena.

Em seu intento, Stein teve como orientador Husserl que, por sua vez, seguia a esteira de outros estudiosos do tema, como, por exemplo, Theodor Lipps.⁶⁷ Acurado, o tema se diluiu em escritos do mestre fenomenólogo, que, durante mais de 30 anos (1905-1938), realizou investigações sobre o conhecimento do outro, a objetividade e, principalmente, a intersubjetividade. Husserl aprimorou as suas investigações em seu método aplicado à compreensão do sujeito e do seu mundo. Destarte, em 1913, Stein, estudante, participou de um curso por ele promovido, chamado Natureza e Espírito, no qual desenvolveu ideias de Lipps.

Como já mencionado, Scheler e Stein utilizaram o método fenomenológico para explorarem acerca da essência dos valores humanos; contudo, em duas diferentes vias investigativas. Em concordância com Lipps e Scheler, Edith buscou compreender mais

⁶⁶ Substantivado que aparece no vocabulário alemão pela primeira vez a partir da primeira metade do século XIX, e ganha estatuto filosófico só em meados do mesmo século, a partir do verbo *erleben*, *Erlebnis* significa: *estar ainda presente na vida quando algo acontece*. Cf. Cramer, K. “Erleben, Erlebnis”. In: Ritter, Joachim (Hrsg.) *Historisches Wörterbuch der Philosophie*. Band 2: D-F. Basel/Stuttgart: Schwabe & Co. Verlag, 1972. p. 702. A prova mais antiga do uso da palavra parece ser uma carta de Hegel de 1827 (Briefe, Ed. Hoffmeister, III 179), na qual ele escreve a palavra *Erlebnis* — como gênero feminino ainda —, referindo-se a um acontecimento pessoal: “toda minha vivência” (*meine ganze Erlebnis*). A filosofia do século XVIII ainda não estabelecia uma diferença entre ‘vida’ e ‘experiência’, e para Kant e os kantianos, Schelling e Hegel, a palavra não indica nenhuma função conceitual.

⁶⁷ Theodor Lipps (1851-1914) psicólogo e filósofo, Edith Stein foi sua aluna e desenvolveu a partir dele e de Husserl a sua tese. Lipps descreve a *Eins — führung*: sentimento de unidade que pode ocorrer entre indivíduos. Cf. STEIN, E. Obras Completas: *Escritos filosóficos*. Vol. II Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2005. p. 81.

sobre o compartilhamento interior que se dá na relação entre as pessoas. Desse modo, enquanto Scheler realiza uma análise sobre a simpatia, Edith Stein adota do filósofo a sua abordagem transcendentalista na área do desenvolvimento espiritual e se dedica ao tema da Empatia. Com o objetivo de afirmar o ser humano, como pessoa capaz de vivenciar a intersubjetividade no reconhecimento do outro como substrato da sua formação, ela demonstra que, para transitar ao outro a partir de si mesmo, é preciso expor o conteúdo de si mesmo em que se apoia o *eu*. Disso resultam os temas que se dedica a esclarecer, sobre consciência, eu puro, corpo, vontade, sentimentos etc.

Bernard Häring (1912-1998) afirma que Scheler e Edith Stein foram mais além dos especialistas fenomenólogos éticos da época, pois captaram e compreenderam o fator coração como algo que supera uma mera ética utilitária que usa valores, além da obrigação e do entendimento intuitivo da alteridade. Häring explica:

O coração aponta para a pessoa em sua totalidade, construindo pontes para os outros, apreendendo o valor único de cada um como pessoa e o valor múltiplo encarnado por pessoas, e assim, chamando sempre para uma nova incorporação destes valores em suas próprias vidas.⁶⁸

Para Stein, é certo que a *Einfühlung* possibilita autoconhecimento e autorreflexão; pode favorecer a aproximação do outro de uma maneira significativa: entre pais e filhos, entre professor e aluno, entre empregador e empregado, entre amigos, enfim, entre indivíduos sociais que se esbarram nas avenidas da existência. Ela é condição prévia de qualquer possibilidade de constituição do homem, da sociedade e do mundo. Isso pode implicar um reconhecimento da vivência alheia culminado em um mundo humano denso de respeito e ajuda mútua nas necessidades mais pessoais.

A compreensão íntima da vida do outro proporciona uma tomada de posição que, oxalá, seja de profunda empatia, ou melhor, da participação e reconhecimento da vida alheia como via de aceitação do diferente e nunca de julgamentos, mas de visibilidade diante da vida do outro e de suas vivências individuais.⁶⁹

Edith retomou a teoria da fusão efetiva projetiva de Lipps⁷⁰ e a complementou com o pensamento husserliano, no que diz respeito à intuição fenomenológica do outro. Junto disso, desenvolveu a sua investigação com o auxílio de Scheler, fazendo uso de sua

⁶⁸ HÄRING, Bernard. *Free and Faithful in Christ*. Slough: St Paul Publications, 1978. Vol I. p. 90.

⁶⁹ STEIN, E. *Obras Completas: Escritos filosóficos*. Vol. II Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2005. p. 192.

⁷⁰ Idem, p. 89.

abordagem na obra *Natureza e formas de simpatia*.⁷¹ Stein trabalhou com o autor os fenômenos da simpatia e as diversas manifestações do amor, numa visão psicológica descritiva. Afinal, a *Einfühlung* não é apenas um ato de conhecimento, mas sim uma maneira de sentir e viver a vida.

Em sua tese, a filósofa expõe sobre a alteridade, a compreensão dos sujeitos como *nós* estranhos, abordando a essência dos atos da empatia, a constituição do indivíduo psicofísico e a empatia como compreensão de pessoas espirituais.⁷² Ela evidencia que a leitura científica da natureza não exaure a sua compreensão porque a personalidade humana está para além da visão de um produto de fatores biopsicofisiológicos. O tema da Empatia recebeu, a partir da proposta steiniana, uma nova nuance fenomenológica do ato empático, um redirecionamento. Ela avançou em sua investigação, distanciando-se de Husserl, Lipps, Scheler e Münsterberg e fazendo do objeto de sua investigação o conhecimento da consciência estranha (alteridade pessoal), bem como o conhecimento da experiência do outro no âmbito do psicofísico e do espírito.

Desse modo, a esfera da espiritualidade e dos valores conduziram para uma compreensão mais adequada da pessoa como unidade de corpo, alma e espírito. Edith Stein evidenciou em seus estudos o valor da individualidade, o caráter singular da pessoa como ser original único e irrepetível. Ela, como judia, carregava em suas investigações e escritos elementos trazidos da Escritura. O homem possui potencial natural para alcançar a plenitude; basta que recorra ao equipamento natural que lhe foi concedido. Para tanto, ela fundamentou pedagogicamente cada argumento que sua obra apresenta.

A presente investigação, contudo, não quer tratar da vasta e relevante pesquisa steiniana sobre a Empatia; o que se propõe é seguir o progresso de seu pensar que aflui na problematização do espiritual. O humano acontece no mundo e a capacidade reflexiva deste *eu* em sua vida anímica de fazer experiências e de refletir sobre elas faz deste *eu* um ser aberto à transcendência.⁷³ Ou seja, capaz de poder sair de si e ir em direção à

⁷¹ SCHELER, Max. *Nature et formes de la sympathie*. Paris: Payot, 2003. In. Cf. STEIN, E. Obras Completas: *Escritos filosóficos*. Vol. II Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2002. p. 108.

⁷² STEIN, E. Obras Completas: *Escritos filosóficos*. Vol. II Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2005. p. 117.

⁷³ O humano é uma forma de consciência encarnada, capaz de se orientar para fora e para dentro de si mesmo. No espaço transpessoal da consciência, o ser humano percebe conectado como parte de uma totalidade maior [...] Etimologicamente transcendência está ligada às expressões latinas “*trans* = por cima, além de” e, “*ascen-der/galgar, escalar*”, isto é, trata-se de transpor um limite. Mas sob o conceito de transcendência entende-se também o absoluto, o divino, a realidade primeira propriamente. Na teologia e

exterioridade e à interioridade. E é esse o movimento que funda a espiritualidade e a configura na busca de sentido. O ser humano vive verdadeiramente quando vive em primeira pessoa, numa carga experiencial subjetiva e singular. Desse modo, Stein estabelece uma profunda conexão entre a Antropologia, a Ontologia e a prática formativa do humano.

Todo o seu trabalho gira em torno do fio condutor dessa problematização: quem é o humano, este ser em unidade entre o reino natural e espiritual?⁷⁴ Essa questão ela desdobrará mediante o conceito de pessoa — núcleo de contínuas observações que sempre pulsaram dentro de si, uma ampliação de seus trabalhos científicos posteriores, como a estrutura da pessoa humana:

[...] quando falamos da concepção de pessoa em Edith Stein, compreendemos que não há em si uma conceituação no sentido mais estrito da palavra. Ela não busca compreender o significado da palavra “pessoa”, mas busca entender a pessoa como fenômeno. Isso quer dizer que a antropologia filosófica proposta por Edith Stein não é construída sobre uma formulação ideal do que seria uma pessoa, mas sobre a experiência do ser pessoa.⁷⁵

Disso resulta um desdobramento na concepção de pessoa que Stein desenvolve em que a define como espírito, liberdade, individualidade e relação. Nesse intento, ela se serviu das teorias de Husserl acerca dos elementos constitutivos da pessoa, a saber, *Körper* (corpo material), *Leib* (corpo animado), *Seele* (alma), e *Geist* (espírito). Quando comparado a seres inferiores, como a matéria, as plantas e animais, Stein constata que o ser humano é um microcosmo de relação e espiritual.

Ele difere dos demais não somente em sua capacidade de raciocínio, mas em algo muito mais amplo que inclui sua racionalidade: a capacidade de sair de si, de transcender os limites de sua fisicidade e de sua capacidade de acolher. O humano é

filosofia, se refere ao âmbito situado além da experiência sensual. Cf. JUNG, C.G. *Espiritualidade e transcendência*. Petrópolis: Vozes, 2015.

⁷⁴ Edith Stein testemunhou e faz críticas ao movimento de todo grande desenvolvimento científico nas áreas das ciências naturais e das ciências exatas, mas também, nas ciências humanas e sociais. Na época estas últimas eram denominadas de “ciências do espírito” (*Geisteswissenschaften*). No desenvolvimento destas, havia cientistas e filósofos que, por um lado, buscavam aplicar o método das ciências naturais ao seu objeto sem significativas modificações no mesmo e, por outro lado, outros que buscavam desenvolver métodos específicos para as ciências do espírito. A inclinação dos primeiros era a de tornar o ser humano um objeto como todos os outros das ciências naturais, mas o problema que se levantou é se a imagem (*Bild*) de ser humano resultante satisfaz a problematização da coisa mesma que se busca explicar com estes métodos. Cf. BAVARESCO, Gilson. *O conceito de pessoa em Edith Stein*. Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade de Caxias do Sul, 2017.

⁷⁵ ALFIERI, Francisco. *Pessoa e singularidade em Edith Stein*. São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 18

dotado de uma psique individual cuja energia vital o mantém em funcionamento mediante influências do externo.

Um “senhor microcosmo” é este homem, todo um pequeno mundo: assim como ele mesmo se sente, completamente só, fechado, um *solus ipse* perdido. Nenhuma ponte o leva aos homens gregários, satisfeitos em seus círculos estreitos, nos quais arde o fogo abrasador que sente em si mesmo. E, contudo, ele os impulsiona como faz com tudo o que está fora dele. Quisera ele romper as barreiras que o detêm em seu estreito *eu*; no entanto, também se sente como parte do grande todo, do macrocosmo, do universo vivo. (...) Ele tateia superficialmente as coisas e as destrói, pois não o fazem penetrar no laço espiritual. Não lhe podem dizer “no que o mundo se mantém unido em seu mais íntimo”, tampouco o levam ao coração da natureza ou aos tempos passados.⁷⁶

Para Edith Stein, o ser humano é um ser anímico espiritual. O animal tem um corpo e uma alma, mas não possui um espírito, ou seja, não se dá conta de si e, por isso, não podemos dizer que possui uma atitude reflexiva, já que não sabe de si, não reflete. A reflexão é uma consciência de segundo grau reservada à estrutura da pessoa humana. Assim, o próximo não é aquele que eu amo, mas todo ser que passa perto de mim e que colabora no construto de um *eu* pleno e de doação, um *eu* que se dá conta da existência de um *tu*. A pessoa é um sujeito espiritual e livre, de modo que a Empatia se movimenta neste campo. Ela é fundamento das relações intersubjetivas, evidência e percepção do alheio, respeitando a sua singularidade em um grau mais elevado.

Dessa forma, a estudiosa prussiana judia, minuciosamente, descreve a estrutura da pessoa a partir de dentro, das vivências da consciência, da personalidade que se realiza na individualidade da alma. Alma que não é a pessoa, mas a forma vivificante do corpo e o mecanismo de comunicação com o mundo interior e exterior. O humano, sendo pessoa, possui a capacidade espiritual de transcender a si mesmo e às coisas que o circundam e que decorrem da compreensão dos outros intercâmbios experienciais.

É na tomada de responsabilidade, a partir das vivências alheias, do diferenciar e do discernimento sobre o fundamento de cada vivência, que nos são dados os vários problemas emergentes da sociedade, como a fome, a violência, a falta de educação, problemas que demandam relações humanas harmoniosas, respeito à vida singular de cada um e uma determinada postura filosófica diante dos problemas sentidos empaticamente. Ainda em relação à estrutura da pessoa humana, a corporeidade é linha de demarcação que separa o mundo interior do mundo exterior. É elemento intrínseco de

⁷⁶ STEIN, E. Obras Completas: *Escritos filosóficos*. Vol. II Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2005. p. 343.

relação, pois não é possível pensar na empatia ou em qualquer outra forma de conhecimento separado da corporeidade.

O corpo é o fenômeno que leva o sujeito, em sua individuação e potência, ao encontro do mundo das coisas e ao mundo de outros sujeitos, que se estabelece mediante a empatia. É preciso, com efeito, levar em consideração que este fenômeno não se dá somente com o corpo físico, mas também com o corpo próprio dotado de sensibilidade. A sua concepção de corpo se aproxima da concepção aristotélica, em unidade com a alma, numa apreciação positiva e integrativa. Stein enfatiza que a existência da corporeidade, da psique e do espírito na pessoa é confirmada pelo conhecimento do outro. O corpo é ponte de acesso ao outro; por isso, a comunicação entre *Körper* (corpo material) e *Leib* (corpo animado).

A comunidade humana é um corpo vivo que goza de uma estrutura unitária mediante a qual todos os membros colaboram para uma finalidade comum. Ela poderá ser mais bem compreendida a partir de uma melhor compreensão da espiritualidade, ou seja, daquilo que possibilita à pessoa transcender as relações causais que dominam no seu ser físico e psicológico e que se apresentam em nossos dias, num contexto de relações à deriva, assimétricas e descontínuas. No universo dessas relações que não são experienciadas plenamente até o fim, Stein é um convite e orientação para um abrir-se ao mundo de valores e motivações, mundo da liberdade e da comunhão.

Surgem pistas para a imprescindível questão do humano e de como ele se dá conta de que lida com o outro e não com um objeto. A contribuição steiniana desponta em sua fundamentação teórica e existencial da necessidade de uma posição espiritual e ética nas relações. A *Einfühlung* possibilita ao humano superar limites da aparência e potencializar forças interiores. Direcionando emoções e sentimentos, ela dinamiza nas pessoas a descoberta de sua individualidade, de um ser que se dá conta de sua finitude, sua precariedade, de que tudo é fluxo; pois é mediante essa experiência que a pessoa concebe o divino, um ser que é potência de ser, matriz do movimento da religiosidade. São seres anímicos que, sendo espirituais, transcendem-se na abertura ao reconhecimento do semelhante tendo como base a sua constituição.⁷⁷

É na lógica do coração da *Einfühlung*, no campo de suas investigações acerca da experiência da essência de seus atos, bem como em sua própria vida, que Edith Stein

⁷⁷ STEIN, E. Obras Completas: *Escritos filosóficos*. Vol. II Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2005. p. 174.

reconheceu uma abertura e adquiriu uma sensibilidade para o religioso na relação entre o imanente e o transcendente — para o Infinito e para constatar que Deus está no saber. Ela assim descreve o dilatar de sua reaproximação com o fator Deus:

Tenho conduzido a investigação na mais pura generalidade, da empatia que considerava e descrevia enquanto experiência da consciência alheia em geral, sem considerar que tipo de sujeito tem a experiência e de que tipo de sujeito cuja consciência é experimentada. O discurso tem tratado apenas do *eu puro*, do sujeito do vivenciar, seja enquanto sujeito quanto do objeto. Assim é a experiência de um *eu* em geral que tem de *outro eu* em geral. Assim apreende o homem a vida anímica de seu próximo, porém, assim apreende também quando crente, o amor, a cólera, o mandamento de seu Deus; e não de modo diferente pode Deus apreender da vida do homem. Deus possuidor de um conhecimento perfeito não se enganará sobre as vivências dos homens.⁷⁸

O senso de Deus como um Outro divino alcançável — transcendente — indica o quanto Edith Stein, antes atea, foi levada a refletir, longa e seriamente, sobre essa questão em seu fazer filosófico fenomenológico e em seu próprio ser. O passo seguinte, do salto de sua análise e vivência sobre a natureza humana religiosa, aconteceu quando a filósofa experienciou a compreensão da acessibilidade de Deus na pessoa humana, diretamente, sujeito a sujeito, como que em um relacionamento possível, completamente inteligível e sem limites de Empatia. Uma experiência inquietante, de mudança profunda, que lançou Edith Stein no caminho do Eterno e na Paixão do Cristo Jesus.

Houve pessoas que acreditaram experimentar a ação da graça divina em uma mudança repentina de suas vidas, outros, que se sentiram guiados em suas obras por um espírito protetor (...) Quem vai decidir se há experiência autêntica ou falta de clareza sobre os motivos próprios que encontramos em considerações aos *ídolos de autoconhecimento*? Mas não está também dada com as imagens ilusórias de tal experiência a possibilidade essencial de experiência autêntica neste terreno? De qualquer modo, o estudo da consciência religiosa me parece o meio mais adequado como resposta a nossa questão, assim como por outro lado, é resposta de mais alto interesse do terreno religioso. Contudo, deixa a resposta a esta pergunta para uma mais aprofundada investigação e me satisfaço aqui com um “*non liquet*”.⁷⁹

Da contemplação filosófica do ente, a prussiana se eleva à contemplação mística do ser. Edith Stein é, em si mesma, a obra desperta para a ascensão gradual até Deus e revela em si o que reza o salmista: *o Senhor há de completar seus favores, porque sua lealdade é eterna.* (Sl 137, 8). O problema da Empatia a inspirou e a conduziu a prestar o

⁷⁸ STEIN, E. Obras Completas: *Escritos filosóficos*. Vol. II Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2005. p. 88.

⁷⁹ Edith menciona o livro de Scheler sobre Ídolos e termina com um “não está claro” para seguir em suas investigações sobre a natureza humana natural e sobrenatural. Cf. STEIN, E. Obras Completas: *Escritos filosóficos*. Vol. II Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2005. P. 202.

exame *Rigorosum* — como parte do processo de doutoramento. Ela realizou a defesa em 03 de agosto de 1916 e recebeu o grau de Doutora em Filosofia: *Summa cum laude*. Ocorreu, então, uma expansão de sentido do ser no encontro com o sentido buscado, não mais ações meramente egoicas, mas sim a dilatação da abertura de si, em um caminho comunitário para a humanidade solidária plena. O caminho empático aprendente do *eu* contraposto ao individualismo e à coisificação do humano.

A *Einfühlung* desenvolvida, teoricamente, por Edith Stein em sua tese doutoral, é resultante de experiências por que ela passou e que a atingiram profundamente, rompendo o dique que a distanciava de Deus. A proximidade com a dor do humano inundou o coração de Stein e ela transbordou de acolhimento a graça.

1.4 Testemunhos incontestáveis

Nos escritos espirituais de Edith Stein, Santa Teresa Benedita do Cruz,⁸⁰ constata-se o influxo da elaboração objetiva da Filosofia que preza as estruturas lógicas como base para critérios conceituais precisos. Neles se percebe a ausência ou poucas linhas de um cálido tecido de expressões sentidas. Entretanto, será visto mais adiante que a mística em Stein faz uso do caminho fenomenológico das vivências em que o tempo da assimilação intelectual, marcado por circunstâncias determinantes, irá conduzi-la no caminho da lógica divina. Será o reencontro de um caminho até Deus por parte dela, repleto de pequenos acenos do Eterno na finitude de seus dias que a foram envolvendo, esclarecendo e transformando.

São epifanias que aconteceram mediante o testemunho incontestável de pessoas muito significativas que Edith encontrou em sua travessia de filósofa e que a direcionaram para o universo da filosofia cristã e, conseqüentemente, para a Teologia. Será visto que: no chão filosófico da fenomenologia de Göttingen, Max Scheler reintroduziu Edith Stein no campo da religião; o casal Reinach, no campo testemunhal da fé na Ressurreição; Santa Teresa D'Ávila, na experiência mística do feminino; e São Tomás de Aquino, na fenomenologia medieval.

⁸⁰ Cf. Nota 12.

Em Scheler⁸¹, sentiu o primeiro impacto do que se referia ao repensar o fenômeno religioso nas vivências do humano. O filósofo, com genialidade, apresentava o mundo de Deus, em que realizava, nas suas argumentações, uma aproximação agostiniana com a imagem escolástica tomista. Nisso estabelecia uma estrutura hierárquica de valores que conduziam ao Ser Supremo. Uma investigação que levou Stein a se deparar com o contraste entre a miséria do coração humano e o valor divinal das coisas. Scheler fez com que Stein despertasse para a religião, pois, segundo o filósofo, somente a religião faz com que o humano seja humano. Trata-se do desvelar de um mundo de valores de suma importância para a pessoa e a constituição de sua personalidade.

Daí em diante, Edith Stein sentia como que um pequeno rasgo em sua interioridade; ela então se lançou a investigar o fenômeno Deus e como este se mostra à consciência da pessoa. Despontou, na filósofa, a partir dessas vivências, uma empatia pelo tipo *homo religiosus*. Posto isso, mais circunstâncias iriam surgir, afinando a sensibilidade de Stein, aproximando-a da fé, mais especificamente, da fé protestante e católica. Em Heidelberg⁸² (em 1916), dois momentos significativos ilustram em sua autobiografia esse movimento testemunhal.

Em uma viagem a Friburgo decidi passar um dia na cidade de Heidelberg, onde, durante todos os meus anos de instituto, sempre sonhei em estudar. Porém, isso não se realizou. (...) O que me impressionou além do Monte de Roma e a Tumba do servo foi quando entramos uns minutos na catedral e, enquanto estávamos ali, em respeitoso silêncio entra uma senhora com um cesto de mercado e se ajoelha em um dos bancos para rezar. Isso foi para mim algo, totalmente novo. Nas sinagogas e nas igrejas protestantes, às quais eu já tinha ido, entravam apenas para rezar os ofícios religiosos. Aqui, as pessoas chegavam em meio a seus trabalhos diários, na igreja vazia como para um diálogo confidencial. (...) Na *Atenea de Miron* visitamos uma sala com quatro figuras do século XVI em uma sepultura flamenca: a Virgem e João, Madalena e Nicodemos, figuras de uma expressão extraordinária que não conseguíamos nos afastar senão, depois de um bom tempo. (...) Outra vez, algo distinto me impressiono nessa maravilha de mundo: uma igreja compartilhada, dividida pela metade por uma parede; uma parte era utilizada para o ofício protestante e a outra para o católico.⁸³

Observado e sentido isso, inquietudes assaltaram Edith Stein após o contato com esses espaços e pessoas transbordantes de algo, como ela mesma escreve. É como que, em seu interior, pouco a pouco, uma nova força fosse amadurecendo, e essa força a

⁸¹ Cf. Nota 60.

⁸² Heidelberg, situada a 100km de Frankfurt, cidade em que está localizada a mais antiga universidade alemã, de 1386. Victor Hugo e Goethe comentam sobre esta cidade em suas obras, suas belezas e a arquitetura do local.

⁸³ STEIN, E. Obras Completas: *Escritos autobiográficos y Cartas*. Vol. I Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2002. p.480.

privasse de qualquer sossego espiritual. Stein começou a almejar esse diálogo testemunhado. O mistério de Deus se fazia presente em meio a testemunhos pessoais incontestáveis. Para Edith, inspirada nas leituras da obra de Dostoiévski⁸⁴, Deus se aproximava dela em meio ao caos, pois é no caos que se escondem imponderáveis forças, não somente físicas, mas, sobretudo, anímicas, que travam lutas por uma configuração e que não passam sem antes encontrar uma forma de serem fecundas aos homens.

Essa energia vital, iria atingir o ápice quando, para além do testemunho de Scheler e das pessoas orantes nas igrejas, Edith vivenciou dois momentos marcantes em que a dimensão da fé foi reconhecida como presença viva. Uma força interior que pareceu alimentar as pessoas. O primeiro caso aconteceu quando o seu grande amigo, Adolph Reinach (1883-1917), morreu em Flanders, e Stein decidiu ir até Göttingen para dar conforto à viúva, sua também amiga, Anne Reinach (1884-1953), e ajudar na organização dos trabalhos de Reinach, reunidos para uma publicação póstuma. As impressões causadas pela postura e atitudes de Anne ficaram em Stein para sempre indelévels. Foi um impactante momento que redundou na filósofa o entendimento da força divina. A proximidade vívida, concreta, de perceber aquilo que os cristãos denominavam como “força do alto”, de um âmbito sobrenatural que transcende o natural. Uma força que emana daqueles que carregam as suas dores, bem como o Cristo revelou em Seu tormento.

Anne Reinach tinha o rosto marcado devido ao peso da dor da perda do amado, mas havia algo em seu ser que exalava luz e tranquilidade, uma serenidade que ao mesmo tempo a feria e a curava. Foi diante da senhora Reinach que o toque da Graça atingiu Edith Stein; a partir daí, uma proximidade com o Cristianismo começava a ser distinta e a se intensificar. Se foi Max Scheler quem introduziu Edith Stein para o pensamento cristão, o casal Reinach vivia o que Scheler ensinava. O relacionamento de Edith Stein com Adolph e Anne Reinach contribuiu tanto para a transformação que acontecia na sua interioridade que ela descreveu Adolf e Anne como uma família, um auxílio em seus estudos e um apoio em sua decisão de fé.

Na atitude de fé da amiga enlutada, Stein contemplava uma atitude diferenciada; para Anne, em sua fé no Cristo, a esperança estava sustentada na certeza de uma vida eterna. A esposa de Reinach, tão querido a Edith Stein e ao círculo de Göttingen, transmitia uma serenidade em sua face e atitudes, resultantes de uma vivência de fé cristã

⁸⁴ Fiódor Mikhailovitch Dostoiévski (1821-1881). A obra mencionada por Edith Stein é uma novela russa que se intitula: Os irmãos Karamazov.

à qual, mais tarde, convertida, Stein se revelava sustentada em sua escolha. Ela escreve para Ingarden.

Antes de vir, tive medo. Devido ao fato de estar completamente sozinha depois de ter me acostumado a sempre estar rodeada de pessoas muito queridas e, de repente, nada. Porém, no momento, as coisas vão muito melhor do que eu pensava. Realmente, aqui é maravilhoso; tudo começa a florescer (...) encontrei um ponto de apoio, que até certo grau me deixa alheia a todos os condicionamentos externos.⁸⁵

Foi um encontro experiencial com o Deus de Jesus Cristo que a encheu de desejo de uma nova vida. Se havia dúvidas em relação à sua conversão, os testemunhos de uma fé autêntica em Scheler e Anne Reinach abriram o início de um tempo de desajuste interior em Edith Stein. Foi uma crise interior desconhecida pelos familiares, um combate espiritual em que a filósofa não podia contar com a ajuda de ninguém. Foi o momento do amparo, do suporte encontrado. Havia sido tocada pela fé; contudo, não sabia por onde encaminhar a sua vida com a finalidade de encontrar a Verdade definitiva, esclarecer suas dúvidas sobre os conteúdos e as diferenças dogmáticas existentes entre catolicismo e protestantismo. Assim, Edith Stein se empenhou em leituras de clássicos da espiritualidade cristã⁸⁶ que, finalmente, ajudaram em seu processo de discernimento.

O peso que inclinaria, definitivamente, a balança de sua vida veio quando, em sua busca pela verdade das coisas, do mundo, do humano e, sobretudo, de si mesma, Edith confirmou a verdade em Deus mediante o auxílio de outra mulher, por meio de um encontro pessoal, vivo, incontestável: a leitura dos textos de Santa Teresa D'Ávila.⁸⁷ Essa aproximação iria descrever a sua viagem e por onde se passou o encontro com Deus em seu existir. Isso aconteceu no sossego de uma noite de verão de 1921, na casa do casal de

⁸⁵ Carta nº 38 para Roman Ingarden, 12 de maio de 1918. Cf. STEIN, E. Obras Completas: *Escritos autobiográficos y Cartas*. Vol. I Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2002. p. 615.

⁸⁶ Edith Stein mergulhou em leituras de Sören Kierkegaard (exercícios sobre o Cristianismo), Johann Adam Möhler (Simbólica), Scheeben (Os mistérios do Cristianismo), Santo Agostinho (Confissões), Santo Ignácio de Loyola (Exercícios Espirituais). Cf. SANCHO FERMÍN, Francisco Javier. *El ambiente espiritual y humano de Edith Stein*. In. FERRER, Urbano. *Para comprender Edith Stein*. Madrid: Biblioteca Palabra, 2008. p. 57-58.

⁸⁷ Teresa Sánchez de Cepeda y Ahumada - Santa Teresa D'ávila (1515-1582), autora do *Livro da Vida*, obra que decanta a sua conversão. Após organizar a publicação das obras de Reinach em 1921, vida promissora no campo filosófico que a guerra interrompeu, Edith visita sua amiga, a filósofa Hedwig Conrad-Martius (1888-1966), esta e o esposo se converteram ao protestantismo. Stein colabora com Hedwig em traduções, é nessa temporada de traduções e férias que a filósofa irá encontrar na casa do Conrad do *Livro da Vida* de Santa Teresa D'Ávila e ler todo ele numa única noite. Alguns biógrafos escrevem que na manhã seguinte à leitura de Santa Teresa, convencida de que havia encontrado a Verdade, Stein sai para comprar um catecismo romano e um missal, desejosa de compreender mais e mais o Catolicismo e, dele fazer parte.

amigos protestantes Conrad-Martius, quando Edith Stein encontrou e leu *O livro da Vida* da Carmelita espanhola, Doutora da Igreja.

As páginas teresianas a cativaram e ecoaram por todo o seu ser, de tal modo que, ao fechar o livro, não lhe restou mais dúvida alguma acerca da Verdade sempre buscada. Não lhe restou senão o desejo da entrega radical de corpo e alma, coração e inteligência, ao Deus o qual a mulher, Doutora e Santa compartilhava em seus escritos, acerca de sua intimidade e familiaridade com o Eterno, numa partilha da relação do humano que é invadido e impregnado pelo sobrenatural e divino. O impulso mistagógico das palavras de Santa Teresa D'Ávila atingiram, contagiaram e capturaram o feminino da vida de Edith Stein. Uma relação somente possível mediante um Deus presente, vivo junto da vida do ser. O Deus vivo presente no relato teresiano se desvelou como uma Verdade última que se entranhava no mais profundo mundo de Edith. Uma fusão do dinamismo empático dela aconteceu junto à realidade da Verdade encontrada em Teresa.

Sobre esta Verdade, aprendi muitíssimas verdades que muitos doutos não poderiam ensinar-me. Parece que estes nunca seriam capazes de as imprimir tão vivamente no meu espírito, nem conseguiriam dar-me tão claramente a entender a vaidade do mundo. Esta Verdade que, como digo, me foi manifestada, é verdade em si mesma e é sem princípio nem fim. Todas as demais verdades dependem desta Verdade, como todos os demais amores, deste Amor, e todas as demais grandezas, desta Grandeza.⁸⁸

No momento da intervenção direta do alto, uma mulher convertia outra mulher. Santa Teresa D'Ávila apresentava Deus para Edith Stein, não da maneira de um douto teólogo apenas. Ela falava de Deus como presença manifesta em sua vida. A presença de uma realidade transcendente, penetrante no mais profundo de seu imanente existir. Stein já não podia recuar. Um espírito cheio de reflexões e tormentos, em que tudo ao redor favorecia a dúvida, em cuja hesitação, Deus foi mais forte e arrebatador, transportando a sua alma para uma montanha de amor que a chamava e aguardava. Os *insights* e experiências místicas de Santa Teresa, finalmente, apontavam para as respostas que Edith Stein esperava encontrar na Filosofia. A qualidade e a intensidade da descrição de Teresa

⁸⁸ TERESA DE JESUS, Santa. Tomo I — *Livro da Vida*. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1946. p. 399. O “Livro da Vida” é o clássico mais lido pelos espanhóis depois de “Dom Quixote”, de Cervantes. Santa Teresa era uma mulher letrada (uma raríssima exceção para a época), autodidata e visionária que tirou Deus do centro do universo para colocá-lo no cerne da alma; em outras palavras, trouxe à tona a figura do homem moderno, que vive em busca de si mesmo e está pronto para experiências místicas. Teresa foi uma monja carmelita do século XVI que revolucionou a espiritualidade cristã, incomodou as autoridades eclesiásticas de seu tempo, a ponto de o núncio papal na Espanha, Dom Felipe Segá, denunciá-la, em 1578, como “mulher inquieta, errante, desobediente e contumaz”. Este livro nasceu da necessidade vital de Teresa compreender o inefável da experiência mística.

de Ávila sobre os detalhes da sua experiência de intimidade com Deus revelaram para Stein que Deus podia ser experimentado como em um relacionamento.

Edith Stein reconheceu, no movimento da relação da Santa com o Amado Eterno, nuances de uma Verdade que se aproximava e dilatava a compreensão de suas verdades elaboradas. A religião, dessa forma, não seria mais compreendida em Stein como apenas uma questão de seguir um conjunto prescrito de doutrinas sobre Deus. Era um estado união com Deus, um estado distintivo que se revelava na vida dos místicos. Sancho Fermín assim descreve parte desse processo:

Edith Stein recorreu ao caminho de sua humanidade. Rejeitou a um Deus que não se encaixava em sua razão, porém, descobriu a Deus que superando todo raciocínio, sem se opor a ele, se faz experiência de comunhão, uma comunhão que necessita fazer-se vida para cobrar plenitude de sentido na comunhão eclesial.⁸⁹

O impacto da leitura da vida de Teresa de D'Ávila não só contribuiu para a conversão de nossa autora ao Catolicismo, em 1922, mas a levou a tornar-se uma consagrada carmelita. Na data de 1º de janeiro de 1922, Edith Stein foi batizada na Igreja Católica na Paróquia de São Martín de *Bergzabern*, onde recebeu o nome de Teresa Hedwig. Esse nome faz homenagem à madrinha, amiga e confidente protestante Hedwig e revela muito de sua busca e do que virá posteriormente. Um nome que irá sinalizar e antecipar a aliança que se realizará em sua entrada na vida monástica do Carmelo.

Sem demora, ainda no mesmo ano, aos 02 de fevereiro, Edith Stein recebeu o sacramento da Confirmação na Capela do Palácio Episcopal de Espira com o Bispo Ludwig Sebastian. A fé, nela despertada, assumida e agora confirmada, iria impeli-la a uma sequência de decisões que até os nossos dias atuais são contestadas e surpreendem. Afinal, o princípio e o fim de sua vida escapam ao entendimento humano: *os homens não sabem o que pensar desses estranhos que são chamados santos — não são estranhos por causa de sua diferença, mas, por causa de sua superioridade.*⁹⁰

Veremos mais adiante que, em Edith Stein, se completaria o que a alma de Santa Teresa D'Ávila almejava: o martírio. A leitura realizada de Santa Teresa D'Ávila expandiu a consciência e desencadeou todo um movimento de mudança em Edith. Tudo

⁸⁹ SANCHO FERMÍN, Francisco Javier. *Una espiritualidad para hoy según Edith Stein*. 20 temas de estudio y reflexión. Burgos: Monte Carmelo, 2005. p.75.

⁹⁰ Comentário de Ernest Hello (1828-1885), escritor católico francês na área da filosofia, teologia e literatura. A frase se encontra em um capítulo de sua obra, *Physionomies de Saints*. Paris: Librairie académique, 1907.

pareceu lampear em seu entendimento e interioridade. Ocorreu, em sua vida, uma ruptura que desproporcionou toda a verticalidade constitutiva de sua condição natural humana. Edith percebeu sinais e acenos da propositura acerca de sua vocação.⁹¹ Foi na maturação de sua destinação que a natureza humana descobriu o caminho que foi chamada a trilhar e a nele realizar algo. Foi a visibilidade de uma vida que havia de se substancializar e realizar aquilo que a Escritura prediz: “*Recebestes de graça, de graça dai também vós*” (Mt 10, 8).

Foi o momento em que ela se permitiu o acesso ao novo, ao mistério e se deixou mergulhar na dimensão da fé reencontrada e da religião escolhida. Foi o fluir da sua singularidade, tocada no âmago de uma individualidade, sempre destinada ao Eterno. Em Edith Stein, concretizaram-se os sentimentos que o poeta proclama: *o que é isto que aperta o meu peito? Minha alma quer sair para o Infinito ou a alma do mundo quer entrar em meu coração?*⁹² Começava o movimento do romper com elementos do externo, de uma nova elaboração da fusão do profundo da sua interioridade com a dinâmica da sua exterioridade, para poder, assim, posteriormente, fazer a diferença em um mundo desamparado.

É visto no epistolário de sua obra o dinamismo da experiência profunda dos diversos acontecimentos que enlaçaram Edith Stein e a conduziram para um tipo de renascimento fenomenológico espiritual. Disso resultou que, em 1918, ela comunicou a Roman Ingarden⁹³ a sua decisão definitiva pelo Cristianismo. A fé constatada, mediante o testemunho de Scheler, dos Reinach e da leitura de Santa Teresa, brilhou para Stein como num intenso contato com o divino, em um instante que se desdobrou no Mistério da Cruz e que crucificou, a princípio, todo o seu entendimento porque o superou.

⁹¹ Na perspectiva religiosa o termo vocação é oriundo do latim *vocare*: chamar. Uma chamada que designa o sujeito que a recebe para qualificá-lo, defini-lo. Pressupõe que existe na natureza humana uma especificidade que é predestinada a realizar algo específico. Uma predestinação última a uma profissão/missão. Edith desenvolve um argumento sobre vocação, buscando trilhar uma linha de compreensão sobre vocação comum e vocação do homem e da mulher. Para isso, ela faz uso da base cristã dos textos sagrados do Antigo e do Novo Testamento. Cf. SANTANA, Luiz. *Edith Stein, a construção do ser pessoa humana*. São Paulo: Ideias e letras, 2016. p. 97-110.

⁹² Rabindranath Tagore ou *Rabíndranáth Thákhur* (1861 - 1941) foi um escritor, poeta e músico indiano. Nobel da literatura de 1913.

⁹³ Roman Ingarden (1893-1970) amigo e confidente íntimo de Edith Stein. Cf. Carta a Ingarden, Friburgo 10 de outubro de 1918. STEIN, E. *Obras Completas: Escritos autobiográficos y Cartas*. Vol. I. Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2002. p. 654-655.

1.5 A epifania do Eterno no finito

Edith foi uma vida em constante mutação no desdobrar de experiências significativas que a fizeram refletir em profundidade um reencontrar-se com Deus. Em sua finitude consciente, lampejos de eternidade começavam a latejar no núcleo mais recôndito de seu ser. Ela viveu, em si, o emergir de Deus em sua consciência religiosa e o início de uma experiência que, hermeneuticamente, pode-se denominar a epifania do Eterno em sua totalidade. Uma valoração do corpo finito de Edith Stein como um lugar teológico primordial da manifestação do Eterno. De fato, ela iria afirmar que a sua vida sempre esteve nas mãos de Deus:

O que estava em meus planos, estava nos planos de Deus. Cada vez mais, creio com convicção de que a casualidade não existe, de que toda a minha vida, desde os mínimos detalhes, está prevista nos planos da Divina Providência e, só nela adquire seu significado pleno diante de Deus que tudo vê. Então me alegro pensando na luz da glória em que descobrirei o verdadeiro sentido.⁹⁴

Resulta disso que a filósofa iria unir as peças de um quebra-cabeça que a acompanhavam, desde as lembranças da fé judaico-matriarcal de *Frau* Augusta, o testemunho de honestidade intelectual e a profundidade respeitosa do protestantismo de Husserl, o encantamento de Scheler com o Cristianismo, a oração dos soldados feridos, vivenciada na guerra, a dor pelos batalhantes mortos, o testemunho de unidade e esperança do casal Reinach, a leitura do *Livro da Vida* de Santa Teresa. E, quando visualizou a imagem revelada desse quebra-cabeça, memorial de suas vivências, Edith Stein foi enlaçada pela certeza de um novo caminho a ser trilhado.

Ela decidiu ser católica, receber o Batismo e estar certa de ter encontrado a Verdade que buscava, realizando também a Confirmação. Foi a escala de uma crescente interioridade. A fenomenologia a conduziu à esfera da espiritualidade e nesta ela compreendeu a unidade e sentido do ser de sua pessoa. Encontrar a Deus resultou na consequência totalizante de encontrar a si mesma. E, ciente de que a jornada apenas começava, o que movia Stein era a certeza de que, assim como o Senhor a atraiu para a Sua Igreja, Ele também a conduziria a encontrar nela um lugar. Dessa confiança resultou, antes de sua entrada definitiva no Carmelo, o trabalho de docente no Colégio das Dominicanas em Santa Madalena, Espira (1923-1931).

⁹⁴ STEIN, E. Obras Completas: *Escritos filosóficos*. Etapa de pensamiento cristiano. Vol. III. Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2007. p. 722.

Nesse ínterim, associou-se a grupos católicos, como a União de Professoras da Baviera. Foi também, membro da associação de jovens professoras. Nesse âmbito desenvolveu muitas conferências sobre temas teológicos e espirituais. Seria o ambiente de estilo conventual do colégio em Santa Madalena que iria favorecer a prática mais concreta de sua vivência de fé. A oração da Liturgia das Horas, a participação na Eucaristia e a oração pessoal, desde a sua entrada na Igreja Católica, foram uma constante no seu cotidiano. A sua vivência religiosa se assemelhava a um gérmen, antes adormecido e que, desperto, começa a romper níveis do solo desenvolvendo-se e em ascensão.

Após o aparente abandono da Filosofia, partilhou com uma amiga o seu lento regresso para as suas atividades intelectuais. Seu intento era fazer da ciência de suas investigações um culto ao divino, na busca de novas fontes, agora, dentro do Cristianismo, como, por exemplo, no pensamento filosófico de São Tomás de Aquino⁹⁵ e de muitos outros, sobre os quais ela iria se empenhar. Assim, a retomada de seu fazer filosófico a conduziu, cada vez mais longe, como diz, em *Diário e das cartas* (1925), John Henry Cardeal Newman, autor cujas obras Edith se dedicou a traduzir.⁹⁶

Para essa amiga, Stein ainda desabafa:

Naturalmente, a religião não é algo para viver como em um rincão tranquilo e em horas de festa, senão, como você mesma experimenta, ela deve ser raiz e fundamento de toda a vida, e isto não somente para alguns escolhidos, senão para todo cristão autêntico (é bem verdade que cristãos assim, somente um pequeno grupo). Que seja possível cultivar a ciência como culto divino, isto é algo que se tornou bem claro para mim depois de ter contato com São Tomás de Aquino (...) Só em consequência que decidi retornar seriamente ao trabalho científico.⁹⁷

Havia em Edith Stein esse processo interno que começava a evoluir. As traduções a que se dedicava produziam nela imensa alegria e conforto; mais ainda, pareciam confirmar para o que Edith Stein estava destinada. Ela partilhava da satisfação interior de estar respondendo a uma destinação, jamais considerada antes em sua vida.

⁹⁵ O Dominicano Tomás de Aquino (1225-1274); um dos doutores, filósofos e teólogos mais importantes da Idade Média. Foi aluno de Alberto Magno, professor em Paris, Roma e Nápoles. Realizou uma grande síntese filosófica teológica combinando a doutrina de Aristóteles com Agostinho. Na Igreja Católica, o Tomismo foi uma Doutrina dominante. Quando Edith Stein buscou fundamentos filosóficos para a sua fé, ela encontrou na obra de Santo Tomás de Aquino elementos que ela considerou fenomenológicos. Resulta disso, que mais tarde, ela intenta relacionar a escolástica com a fenomenologia de Edmund Husserl.

⁹⁶ John Henry Cardeal Newman (1801-1890), sacerdote anglicano inglês convertido ao catolicismo, posteriormente, nomeado Cardeal pelo Papa Leão XIII em 1879. A obra traduzida de Edith Stein é publicada em 1928.

⁹⁷ Carta para Calista Kopf, 12 de fevereiro de 1928. Cf. STEIN, E. Obras Completas: *Escritos autobiográficos y Cartas*. Vol. I Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2002. p. 809.

Ela confessava estar aprendendo a amar a vida, desde que soubesse para o que se vive.⁹⁸ Foram confirmações em sua interioridade que aconteceram na medida em que se conhecia e continuava o seu labor intelectual; contudo, com uma nova orientação. Decorrente disso, a pedido do padre jesuíta Erich Przywara⁹⁹, Stein fez a tradução completa em língua alemã das *Quaestiones de Veritate*, de Santo Tomás de Aquino. Ela apreciava o Aquinate tanto quanto apreciava a música de *Bach*¹⁰⁰, o canto gregoriano e as pinturas de *Rembrandt*.¹⁰¹ Neles, ela conseguia captar a pureza da natureza humana elevada pelo toque do sobrenatural divino. A arte era um recurso favorável no fluir evolutivo de sua natureza.

A Filosofia foi um lugar onde a sua reflexão humana foi harmonizada, na captação e análise de investigações e experiências de diferentes verdades que não partiam das verdades do âmbito da fé. Sem condenar o pensamento moderno e contemporâneo, Stein reconhecia a necessidade, nesses pontos positivos que a conduziam, mediante o aporte da fenomenologia, de rever a questão da Filosofia perene. Numa atitude de grande sensibilidade, ela iria acolher as fontes do saber adquiridas e unificá-las a fim de refletir sobre os processos e o valor de si na sua Filosofia e na daqueles que lhe eram diferentes, como, por exemplo, o conteúdo da Revelação. O Eterno é presente. A esse ponto se acentua a importância da experiência religiosa na pesquisa teológica para Edith Stein.

Já foi mencionado o período de 1923 a 1933, quando, provida do dom da oratória, realizava conferências em Friburgo, Munique, Colônia, Zurique, Viena e Praga. Edith versava sobre aspectos da vocação da mulher cristã, sobre Santo Tomás de Aquino, e essas conferências eram consideradas notáveis. Sua voz tornou-se conhecida em toda Europa, até o momento em que foi obrigada a afastar-se do ofício educativo e a silenciar.

⁹⁸ Carta a Roman Ingarden, 19 de junho de 1924. Cf. STEIN, E. Obras Completas: *Escritos autobiográficos y Cartas*. Vol. I Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2002. p. 738.

⁹⁹ Erich Przywara (1889-1972). Conheceu Edith Stein no ano de 1925 em Espira. Daí em diante, os dois partilham estudos filosóficos e teológicos. Cf. Carta de Edith Stein para Roman Ingarden, 8 de agosto de 1925. STEIN, E. Obras Completas: *Escritos autobiográficos y Cartas*. Vol. I Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2002. p. 745.

¹⁰⁰ Johann Sebastian Bach (1685-1750). Edith, em mais de um momento, realiza a confissão de que somente os maestros cantores se salvavam. Bach a arrebatava, sentia profundamente uma atração pelo mundo de ordem e pureza absoluto, depois também reconhecido no canto gregoriano. Cf. STEIN, E. Obras Completas: *Escritos autobiográficos y Cartas*. Vol. I Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2002. p. 325.

¹⁰¹ Harmenoon van Rijn Rembrandt (1606-1669), pintor holandês, nascido em Leiden. Onde houvesse uma obra do artista, Edith Stein o reconhecia e admirava. Certa feita escreve para madre Petra e lhe envia uma *Sibila* de Rembrandt. Cf. STEIN, E. Obras Completas: *Escritos autobiográficos y Cartas*. Vol. I Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2002. p. 403; 1145.

O silêncio imposto pelo antissemitismo do Regime Nazista do Terceiro Reich não entrava de todo a sua vida. Edith Stein decidiu seguir em frente e retomar outro projeto: o de compartilhar a sua vida com Cristo. Era o tempo de retomar a sua inclinação à vida no claustro. Ela assim escreve:

O Instituto em que eu trabalhava era exclusivamente, católico, fundado pela Liga de mestres e mestras católicos e sustentados por elas. Mesmo assim, seus dias estavam contados. Por isso mesmo, eu teria de contar com o fim de minha breve carreira de professora. (...) Seria melhor renunciar às aulas e trabalhar em silêncio até o verão (...) para no outono, se resolver a situação quando o Instituto estivesse a cargo da Igreja e, assim, nada se oporia à minha colaboração (...). Senti-me aliviada, porém, tinha de refletir sobre o que fazer daí em diante. Dez dias depois de meu retorno de *Beuron*, me veio ao pensamento se não era tempo, por fim, de ir para o Carmelo. Havia quase 12 anos, o Carmelo era minha meta. Desde que no verão de 1921, caiu em minhas mãos a Vida de nossa Santa Madre Teresa e terminei minha busca da verdadeira fé.¹⁰²

Para Edith Stein, o modo carmelita foi avaliado, sem dúvidas, como sendo o melhor estilo de vida para servir e para ascender a Deus. No Carmelo, ela poderia realizar o seu caminho espiritual, a sua destinação última. Contagiada pelo legado teresiano, decidiu ingressar no Carmelo,¹⁰³ uma aspiração que se concretizou em 14 de outubro de 1933, aos seus quarenta e dois anos de idade. Houve uma guinada na vida intelectual de Edith Stein, agora, Irmã Teresa Benedita da Cruz. As sombras da suspeita dissiparam-se, e o mundo passou a ser contemplado com uma pureza resultante da influência de uma fenomenologia madura, do esforço contínuo da observação destituída de prejuízos.

Edith iria promover caminhos reflexivos para a Filosofia em unidade com a Teologia, como quem escreve o percurso de uma mística real, da autenticidade, como a pena de um anjo, antes caído, empenhado em retornar até o sol da verdade. Teresa Benedita da Cruz encontrou a Verdade do Eterno e, a partir daí, realizou uma escalada de ascensão até Deus, via seguimento radical do Cristo, mediante uma compreensão profunda do sentido da cruz.

Dado isso, a via principal de meta dessa união seria o Cristo Crucificado. Para Edith Stein, abria-se, diante dela, a mistagogia do Deus “empatizável e empatizante”. Um horizonte em que ela iria experienciar e ingressar o sentido último de sua vocação para a

¹⁰² STEIN, E. *Escritos autobiográficos y Cartas*. Vol. I Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2002. p. 500.

¹⁰³ Edith Stein poderia ter ingressado na Ordem Dominicana devido o apreço à intelectualidade e ao serviço prestado por oito anos junto destas. Ou na Ordem Beneditina cujo caminho litúrgico é acentuado, contudo, a clausura silenciosa Carmelita é o lugar escolhido para ser seu lugar na Igreja. Edith Stein seguiu Teresa D’ávila até a Ordem das Carmelitas Descalças. Daí por diante, ansiava experienciar Deus do mesmo modo que a Santa o narrou em seus escritos.

Verdade, o seguimento, a entrega plena ao Cristo em seu movimento do Deus que desce até a humanidade e da humanidade que ascende até Deus. O meio que dinamizou tudo isso foi a fé. Um estímulo, na vida em si, com as suas etapas e dinamismos, princípios germinativos que corroboraram na união da criatura humana com Deus.

A realidade se abriu, no caminho de Edith, por meio de experiências que se traduziram em vivências singulares. Assim, ela pôde vislumbrar algo antigo que se restaurou, que veio à tona e a capturou por completo em sua individuação. Consequentemente, houve uma entrega afetiva e efetiva. Ela se apropriou da fé recebida e a viveu intensamente, conscientemente. Foi a soma de vivências que afetaram profundamente a sua alma. O conhecimento adquirido nas vivências mencionadas, conduzido pela conclusão filosófica fenomenológica, dirigiram Edith Stein a um primeiro grau da certeza da presença de Deus em sua vida. Ela, assim, compreendeu e experienciou aquilo que transcende as duas vias da filosofia e da metafísica, que vai além do nível natural para o sobrenatural na fé. Em Edith Stein, o caminho das vivências foi o portal para o encontro com o Eterno, epifanias que a conduziram, irreversivelmente, para o caminho da mística.

Há uma epifania em seu trajeto existencial; ela acontece na jornada horizontal do humano em seu afincamento de desvelar o sentido da vida que, enfim, potencializa-se e plenifica-se. Em um propósito de exercício hermenêutico, de escuta atenta nas entrelinhas de sua obra, a pensadora prussiana ilumina a nossa compreensão acerca da evolução vital do ser e nos aponta possibilidades para que se deixe livre o caminho para Deus mesmo. Para Edith Stein, fundamentalmente, esta é a meta de toda Teologia.¹⁰⁴ É o resgate do humano, tão limitado em sua individuação e visão de um mundo tal como aparece; romper esses limites significa deixar-se invadir em seu território pessoal por uma Potência que o supera e que o conduzirá conforme o dinamismo da sua singularidade e acolhida, fidelidade e abandono.

O caminho livre para Deus é exigente e provoca no ser de Edith Stein uma experiência de noite escura semelhante à de São João da Cruz. É o mergulho em vivências antes desconhecidas para Stein, vivências religiosas que ela descreve e distingue uma das outras.¹⁰⁵ Momentos descritos como uma vivência de repouso, total relaxamento e

¹⁰⁴ STEIN, E. *Escritos espirituales*. Vol. V Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2004. p. 153.

¹⁰⁵ Em seus estudos sobre Causalidade psíquica, Edith Stein desenvolve toda uma reflexão a respeito da energia vivificadora das vivências e apresenta elementos da vivência religiosa. Cf. STEIN, E. Obras

suspensão de toda atividade intelectual. Não ocorre a tomada de decisão, não há planos ou ação, apenas um abandono por completo à vontade de Deus. Vivência que se avoluma em sua interioridade seguida de um sentimento de segurança do impulso sem tensão alguma por uma nova vida, como que por uma força que não é própria do humano, mas do próprio Deus.

A vida de Edith Stein foi conduzida rumo a uma nova direção. Um radicalismo maior, não mais intelectual da busca da verdade, mas uma entrega à vontade de Deus. É o romper com o limiar da tensão entre o finito e o infinito, é a clareza de que a busca puramente filosófica pela questão do ser é insuficiente. Para Stein, o crente seguro de sua fé em Deus penetra com o pensar o pensamento do ser divino, primeiro ser, eterno ser, infinito. Para esse mesmo ser, parecerá impossível pensar Deus como inexistente e, assim, ele se lançará com confiança a convencer todos os insensatos da existência do Eterno.¹⁰⁶

É preciso, daqui em diante, refletir sobre a travessia steiniana, do limiar entre a Filosofia e a Teologia. Lugar onde a razão, o coração, o finito e o infinito se entrelaçam, entram em diálogo. Espaço onde a natureza humana encontra o seu significado pleno, à luz da transcendência divina, e permite-se mergulhar no âmago mais profundo do coração e da alma humana; e se transforma. Desde uma mística que é base da Igreja ao tratar de nossa relação humana com Deus, do existir n'Ele. Edith Stein nos aponta o caminho do dilatar místico do humano, que reconhece e acolhe a nossa natureza ingênua e a desafia para a experiência do sobrenatural, regido pela Graça. Um caminho que ela mesma experienciou, trilhou e, desde então, revelou em seu apostolado mediante um constante desejo e empenho de recuperar para o Pai toda a humanidade perdida.

Completas: *Escritos filosóficos*. Vol. II Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2005. p. 293-301

¹⁰⁶ A epifania religiosa em Edith Stein pode ser melhor compreendida na análise de suas investigações sobre o Ser Finito e Ser Eterno. Cf. STEIN, E. Obras Completas: *Escritos filosóficos*. Etapa de pensamiento cristiano. Vol. III Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2007. p. 719.

2 NO FULCRO DA EXPERIÊNCIA

A vida é sempre permeada de experiências, assim como o conceito experiência chega até nós com variadas definições. Quando se trata de investigar sobre o fenômeno da mística na vida humana, o primeiro traço característico que acompanha a investigação se dá mediante o campo da palavra “experiência”. Afinal, resulta dessa experiência, em que o improvável se dá a conhecer, a necessidade de comunicação. Portanto, o místico é, antes de tudo, alguém que viveu uma experiência singular na vida. Trata-se do fenômeno místico que se revela como algo ancorado em uma experiência que se opõe e que resiste apenas às experiências da natureza. De fato, a experiência é alavanca primordial para que o humano descubra em si objetivos mais vastos e elevados em sua ação cotidiana; disso resulta que o elemento qualificador da mística é a experiência.

Edith Stein nos leva a questionar sobre o tipo de experiência de Deus que resta à modernidade no exaustivo e nebuloso cenário de nossos dias. A antropologia reducionista que se prolifera em uma cultura de consumo *light*. A sociedade composta de pessoas que sofrem, a cada dia que passa, de uma constante desorganização histórica, fragmentação ideológica e busca desorientada de imortalidade¹⁰⁷ e que não se dá conta do abismo em que se encontra. A meta a ser alcançada não é a um ser humano melhor, mas de um ser humano que se relacione consigo mesmo e com o mundo de forma ainda inexplorada, que pertence aos seus potenciais escondidos, um humano capaz de humanidade e transcendência, de espiritualidade e mística.

A partir dessa base comum, percebe-se a necessidade de uma breve introdução ao conceito de experiência, que traz em si todo um amplo sentido, indefinido; somente assim poderemos escavar rumo a um melhor entendimento do caminho da experiência do abandono místico e do martírio de Edith Stein. Muitos são os sentidos dados à palavra experiência que é aplicada em diferentes correntes, contextos e significados.

O sentido largo de “experiência” foi posto em evidência por duas correntes da filosofia moderna: o existencialismo e a fenomenologia e isso desde os seus pais, respectivamente Kierkegaard e Husserl. Eles mostraram que a existência humana, em sua verdade mais profunda, é algo percebido, apreendido, vivido, sentido, em suma, “experimentado” pelo ser humano (...). É com essa carga “experencial”, portanto subjetiva e singular, que os existencialistas falam em

¹⁰⁷ O dilema destas três questões que caracterizam a sociedade ocidental atual são comentadas em um texto de NOUWEN, Henri. *O curador ferido*. Prior Velho: Paulinas, 2010. p. 36.

“existência” ou “ek-sistência”, os fenomenólogos, em “vivência”, ou no vivido.¹⁰⁸

Doravante, ao longo da história do pensamento, encontramos no termo as mais diversificadas interpretações. Todavia, uma característica comum, presente em quase todos os significados investigados, diz respeito ao fato de que experiência é uma apreensão imediata por um sujeito de algo que se lhe oferece como dado.¹⁰⁹ Experiência supõe o contato de alguém com algo, um mundo, e, nesse contato, resulta uma apreensão. Todo sujeito que vive uma experiência está imerso em uma determinada história a que pertence e que possibilita intervenções em todas as suas demais experiências.

Ainda em relação à apreensão dada, a experiência carrega, em si, três significativos sentidos. O primeiro, da apreensão sensível da realidade externa que se estende até o experimento. Procedimento destinado a confirmar hipóteses ou juízos sobre a realidade por meio de verificação científica que constitui o conhecimento científico. A segunda, da apreensão do sujeito por uma realidade externa, uma forma de ser, uma maneira de viver, um valor ou fato interno, como, por exemplo: alegria, sofrimento, dor etc. A forma de conhecimento assim descrita se distingue do conhecimento sensível e do experimental como conhecimento obtido por abstração por meio de conceito. Trata-se de conhecimento experiencial.

Em nossa linguagem habitual, quando falamos em experiência, geralmente, referimo-nos àquilo que foi vivido na prática e do qual tivemos consciência; estão implícitos então dois elementos: da prática e da consciência. As experiências são juízos da existência sancionados na e pela presença do que é experienciado. Disso resulta outra forma de definir experiência, mais cognitivamente: é defini-la como sendo um conhecimento adquirido através dos sentidos, em oposição à especulação lógica. Todavia, experiência é um conceito mais amplo e inclusivo do que conhecimento e pensamento; é a experiência que contém o conhecer, e não o contrário. Não experienciamos porque conhecemos, mas conhecemos mediante a experiência. É a ação humana, na experiência, que gera o conhecimento. A experiência cognitiva nunca é mais ampla do que o todo da experiência no qual ela foi gerada.

A experiência se constitui a partir de uma ação do sujeito sobre o meio, ela não é primariamente cognitiva, mas ativa; age e modifica o meio; a pessoa também sofre,

¹⁰⁸ BOFF, Clodovis. *Experiência de Deus e outros escritos de espiritualidade*. São Paulo: Paulus, 2017. p. 10.

¹⁰⁹ VELASCO, Martin Juan. *El fenómeno místico*. Madrid: Ed. Trotta, 2003. p. 282.

vivencia a ação desse meio sobre si. A experiência compõe a forma da vida, é maestria no ofício do existir e do conviver.

Em todo pensamento, partilhado nas páginas de suas obras, a experiência para Edith Stein é gerada pela necessidade do pensar. Para Larossa¹¹⁰, o termo pode ser compreendido com mais amplitude quando refletido a partir da tradução do espanhol, cujo significado é *o que nos passa*. É ele quem afirma em conferências atuais que não se deve escrever sobre a experiência, mas sim a partir dela.

Desse modo, com o intento de melhor definir um sentido para o termo, Larossa transita por muitos mais idiomas: em português, significa *o que nos acontece*; em francês, *ce que nous arrive*; em italiano, *quello che nos succede* ou *quello che nos accade*; em inglês, *that what is happening to us*; e, em alemão, *was mir passiert*. Uma experiência que nos eleva para além do saber das coisas e que nos adentra ao vivermos em profundidade essas mesmas coisas. Vivências singulares que desencadeiam em nossa individuação um caminho para a experiência.

O sujeito da experiência é esse sujeito que não é o mesmo da informação, da opinião, do trabalho, que não é o sujeito do saber, do julgar, do fazer, do poder, do querer. Se escutamos do espanhol que a experiência é *o que nos passa*, o sujeito da experiência é então algo como um território de passagem, uma superfície sensível em que aquilo que acontece o afeta de algum modo; produz afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios e alguns efeitos. Se escutamos em francês, em que a experiência é *ce que nous arrive*, o sujeito da experiência é um ponto de chegada, um lugar a que chegam as coisas, como um lugar que recebe o que chega e que, ao receber, dá-lhe lugar. E, em português, em italiano e em inglês, a experiência soa como aquilo que acontece, sucede, ou *happen to us*; o sujeito da experiência é sobretudo um espaço onde têm lugar os acontecimentos.

Em todos os casos, seja como território de passagem, seja como lugar de chegada ou no espaço do acontecer, o sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura. O sujeito da experiência é um sujeito *ex-pos-to*. Do ponto de vista da experiência, o importante não é nem a posição, a nossa maneira de pormos, nem a *o-posição*, nossa maneira de opormos, nem a

¹¹⁰ Jorge Larossa Bondía. Professor de Filosofia da Educação na Universidade de Barcelona. Licenciado em Pedagogia e em Filosofia, doutor em Pedagogia, realizou estudos de pós-doutorado no Instituto de Educação da Universidade de Londres e no Centro Michel Foucault da Sorbonne, em Paris. Seus trabalhos, de clara vocação ensaística, se situam em um terreno fronteiro entre a filosofia, a literatura, o cinema e a educação.

imposição, nossa maneira de impormos, nem a proposição, nossa maneira de propormos, mas a exposição, nossa maneira de *ex-pormos*, com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco. Por isso, é incapaz de experiência aquele que se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se *ex-põe*.

É incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada toca, nada chega, nada afeta, a quem nada ameaça, a quem nada ocorre. Veremos mais adiante que Edith Stein sempre foi uma mulher de abertura, *ex-posta* a tudo o que a circundava; sedenta de experiência, profundidade e clareza de respostas em suas vivências.

Ainda na esteira da pesquisa etimológica do termo, em Houaiss¹¹¹, encontramos a palavra que é introduzida mediante o latim, *experiri*, provar, experimentar. A experiência é, em primeiro lugar, um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova.

O radical é *periri*, que se encontra também em *periculum*, perigo. A raiz indoeuropeia é *per*, com a qual se relaciona, antes de tudo, a ideia de travessia, e secundariamente, a ideia de prova. No grego, encontramos numerosos derivados dessa raiz que marcam a travessia, o percorrido, a passagem, como: *peirô*, atravessar; *pera*, mais além; *peraô*, passar através, *perainô*, ir até o fim; *peras*, limite. É possível encontrar em nossas línguas uma curiosa palavra que tem esse *per* grego de travessia: a palavra *peiratês*, pirata. Disso resulta que o sujeito da experiência tem algo dessa fascinante inquietude que se expõe, atravessando um espaço indeterminado e perigoso, pondo-se nele à prova e buscando nele oportunidade, ocasião. A palavra experiência é também composta pelo *ex* de exterior, de estrangeiro, de exílio, de estranho e do *ex* de existência.

Ainda em Larossa, a experiência ganha significado, sentido quando é a passagem da existência; passagem de um ser que não tem essência ou razão ou fundamento, mas que simplesmente *ex-iste*, de uma forma sempre singular, finita, imanente, contingente. Para Houaiss, *periri* deriva *periculum*, tentativa, prova, risco, exame. O adjetivo *periclitor*, de fazer uma tentativa, arriscar, pôr em perigo; *peritus*, instruído que sabe por experiência, e, *imperitia*, ignorância. Disso resulta que *experiência*, em sua origem, diz respeito àquilo que foi retirado, “*ex*”, de uma prova ou provação “*perentia*”. Um conhecimento dado no mundo da *empeiria*, do contato sensorial com a realidade.

¹¹¹ HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2001.

Portanto, mais do que com o pensamento, a experiência reside no anelo com o que se vê, ou se toca e se sente. Daquilo que passa no organismo e pode ser conscientizado ou percebido de forma imediata; a experiência está em relação com a vida e o corpo. Veremos, mais adiante, o modo como a experiência se desvela em Edith Stein como uma *empeiria* espiritual.

Nela se realizam vivências permeadas de um consciente com o real; da apreensão da realidade, onde o corpo é lugar singular e onde a história é inscrita. O conhecimento da experiência é corporalizado, incorporado, encarnado.¹¹² Aqui é possível uma aproximação com o constitutivo corporal presente nas investigações steinianas sobre a pessoa. As vivências passam pela corporeidade que é expressão da vida da alma. A corporeidade é ponto central em suas análises fenomenológicas porque constitui a base de seus estudos sobre o sujeito em sua singularidade e dimensão intersubjetiva. Ao corpo lhe pertence necessariamente uma vida interior que o plasme.¹¹³

Outra diferenciação existente entre os termos *ex periri* é a que chamamos de experimento e experiência, quando relacionado à experiência científica¹¹⁴, conceituação na qual não nos iremos deter no presente capítulo. Em uma breve investigação, do ponto de vista filosófico,¹¹⁵ encontramos dois principais significados para a palavra experiência: a) o sentido de experimento, já brevemente mencionado, que busca a construção da verdade, científico e frequentemente relacionado à exterioridade; e b) o sentido de vivência, reflexão, espontâneo e frequentemente relacionado à interioridade. As doutrinas filosóficas desde a antiguidade tenderão para um dos dois significados, mas todas parecem manter a distinção entre o pensamento, a mente e os objetos, o mundo.

É na antiguidade que Platão¹¹⁶ enuncia uma oposição mais evidente do conceito de experiência, do mundo sensível e do inteligível. O filósofo a aproxima da noção de

¹¹² LAROSSA, J. *Esperando não se sabe o quê*. Sobre o ofício de professor. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2018. p. 22.

¹¹³ STEIN, E. *Obras Completas: Escritos filosóficos*. Vol. II Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2005. p. 486.

¹¹⁴ O termo é assim utilizado em associação ao método científico. Experimento que alude a eventos, artificialmente provocados, ao controle de influências visando verificação e comprovação de hipóteses. Associadas ao mundo físico das leis físicas, conforme a sua verificabilidade de tipo sensorial, mesmo que seja por instrumentos, e, portanto, em sentido alargado. Trata-se de um estudo de correlação, baseado em levantamentos estatisticamente controlados, mas sem manipulação direta ou intencional, apenas observando o que se passa no ambiente natural.

¹¹⁵ ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

¹¹⁶ Platão (430 - 347) a.C, filósofo e matemático do período clássico da Grécia Antiga, autor de diversos diálogos filosóficos e fundador da Academia em Atenas.

arte e toma distância da noção de ciência. Ainda junto aos gregos, para Aristóteles¹¹⁷, a experiência forma-se com a lembrança de sensações repetidas de um mesmo objeto. A persistência das mesmas impressões é o tecido da experiência com base no qual se forma a noção. A experiência está entre a sensação e o conhecimento; a passagem de um para o outro é acidental. Desenvolvendo as ideias de Platão, o filósofo propõe que, na arte, a experiência se relaciona com o devir, o saber, enquanto, na ciência, relaciona-se com o ser. Conhecer, desse modo, a experiência é condição para ambas, a arte e a ciência.¹¹⁸

Avançando na história, o conceito de experiência em autores medievais está predominantemente relacionado com dois sentidos: o extenso conhecimento de casos e a apreensão imediata de processos internos. Nesse período, não há grandes desdobramentos para a compreensão do termo em questão. Será na época moderna que as concepções ficarão mais numerosas e alcançarão profundidade. É o período em que as correntes empiristas, racionalistas, idealistas e fenomenológicas¹¹⁹ se desenvolvem. À vista disso, a vertente empirista da filosofia entenderá a experiência via duas interpretações fundamentais: a teoria da intuição e a teoria do método.

No século XIII, Roger Bacon¹²⁰, precursor do empirismo, coloca a experiência como forma de conhecimento em complemento à argumentação. E Ockham¹²¹, contemporâneo de Bacon, entende a experiência como o conhecimento intuitivo perfeito das coisas presentes. Para Hume¹²², filósofo que Edith Stein menciona, há dois métodos de investigação humana: a operação pura do pensamento, relação entre as ideias e as coisas de fato, e o fundado na experiência, que é simples instinto, entendido como a

¹¹⁷ Cf. Aristóteles (384-322), filósofo grego do século V a.C. discípulo de Platão e preceptor de Alexandre Magno, seu trabalho se estende por todas as áreas da filosofia e ciência conhecidas no mundo grego, sendo ainda o autor do primeiro sistema abrangente de filosofia ocidental.

¹¹⁸ MORA, J. F. *Dicionário de Filosofia*. Tomo II. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

¹¹⁹ Aqui nos encontraremos Edmund Husserl e Edith Stein.

¹²⁰ Roger Bacon (1214-1292), conhecido como *Doctor Mirabilis*, foi um dos mais famosos frades de seu tempo. Ele foi um Padre e filósofo inglês que deu bastante ênfase ao empirismo e ao uso da matemática no estudo da natureza. Estudou nas universidades de Oxford e Paris.

¹²¹ Guilherme de Ockham ou William de Ockham (1285-1347), teólogo escolástico inglês, é considerado o precursor do racionalismo, do cartesianismo e do empirismo moderno. Em suas obras, separou razão e fé, filosofia e teologia, e desenvolveu uma doutrina científica a partir do princípio de que só a experiência proporcionada pelos sentidos humanos, permite conhecer a causa das coisas.

¹²² David Hume (1711-1776) filósofo, historiador, ensaísta e diplomata escocês, um dos mais importantes filósofos modernos do Iluminismo. Seus pensamentos foram revolucionários o que o levou a ser acusado de heresia pela Igreja Católica por ter ideias associadas ao ateísmo e ao ceticismo. Por esse motivo, suas obras foram acrescidas no "Índice dos Livros Proibidos" (*Index Librorum Prohibitorum*). Inspirado nas correntes filosóficas do empirismo e do ceticismo, Hume foi um crítico do racionalismo cartesiano em que os conhecimentos estavam associados à razão. Suas ideias foram inspiradoras para diversos filósofos posteriores, como Immanuel Kant e Augusto Comte.

percepção do aqui e agora. Ainda em relação aos empiristas, estes entendem a experiência como método, uma operação capaz de colocar à prova um conhecimento e orientar a sua retificação. A experiência é compreendida como uma operação passível de repetição, nunca pessoal, na qual a sensação não é considerada. Nessa perspectiva, não há distinção entre verdades da razão e verdades de fato, não há postulação de unidades empíricas elementares.

Para Francis Bacon,¹²³ considerado pai da ciência moderna, o experimento é a ação deliberada para construção do conhecimento que conduz à verdade. Locke¹²⁴ entende a experiência como conjunto de sistemas de averiguação instituíveis. Em oposição aos empiristas, encontramos racionalistas como Spinoza¹²⁵ e Leibniz¹²⁶, que consideram a experiência como um acesso confuso à realidade. Para Kant¹²⁷, filósofo idealista que operou a síntese do empirismo inglês e o racionalismo, a experiência é o conhecimento efetivo. A possibilidade da experiência é o critério último da legitimidade de qualquer conhecimento possível. Dos empiristas, podemos destacar o efeito de verdade que a experiência produz. O conhecimento produzido pela experiência ou averiguado por ela tem a força de verdadeiro.

Os idealistas, apoiados em Kant, tratam extensamente da experiência, pois a Filosofia deve dar a razão de toda a experiência. Para Fichte¹²⁸, na experiência, estão inseparavelmente unidas: a coisa, aquilo que deve estar determinado independente de nossa liberdade e em relação ao que nosso conhecimento deve ser dirigido, e a inteligência, que é quem deve conhecer.¹²⁹

¹²³ Francis Bacon (1561-1626), 1º Visconde de *Alban*, também referido como Bacon de *Verulâmio* foi um político, filósofo, cientista, ensaísta inglês. É considerado como o fundador da ciência moderna.

¹²⁴ John Locke (1632-1704), filósofo inglês conhecido como o pai do liberalismo, sendo considerado o principal representante do empirismo britânico e um dos principais teóricos do contrato social. Locke ficou conhecido como o fundador do empirismo, além de defender a liberdade e a tolerância religiosa.

¹²⁵ Baruch de Espinoza (1632-1677), um dos grandes racionalistas e filósofos do século XVII dentro da chamada Filosofia Moderna, ao lado de René Descartes e Gottfried Leibniz. Nasceu em Amsterdã, nos Países Baixos, no seio de uma família judaica portuguesa, e é considerado o fundador da crítica bíblica moderna.

¹²⁶ Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716), foi um proeminente filósofo alemão e figura central na história da matemática e na história da filosofia. Sua realização mais notável foi conceber as ideias de cálculo diferencial e integral, independentemente dos desenvolvimentos contemporâneos de Isaac Newton.

¹²⁷ Immanuel Kant (1724-1804) foi um filósofo prussiano, considerado como o principal filósofo da era moderna, operou na epistemologia uma síntese entre o racionalismo continental e a tradição empírica inglesa.

¹²⁸ Johann Gottlieb Fichte (1762-1814), foi um filósofo alemão, um dos criadores do movimento filosófico conhecido como idealismo alemão que desenvolveu a partir dos escritos teóricos e éticos de Immanuel Kant. Sua obra é considerada como uma ponte entre as ideias de Kant e as de Hegel.

¹²⁹ MORA, J. F. *Dicionário de Filosofia*. Tomo II. São Paulo: Edições Loyola, 2001. p. 970.

Já a experiência como movimento dialético conduz a consciência rumo a si mesma. É um modo como o Ser aparece na medida em que se dá à consciência e se constitui por meio dela, e é assim descrita por Hegel.¹³⁰ Os autores citados trazem uma novidade em relação às concepções estudadas até aqui. Sem diminuir a importância da experiência, eles enfatizam o conhecedor e ressaltam a experiência como uma relação entre o pensamento e os objetos. Disso resulta que, se a distinção presente, desde a antiguidade, não desaparece, ganha complexidade.

O interesse em examinar a natureza e as propriedades de cada uma das formas básicas de experiência será reavivado no século XX. No debate entre a velha e a nova filosofia, Mora¹³¹ resgata as ideias de Dewey¹³², filósofo educador que realiza um paralelo de diferenciações presentes na visão ortodoxa e na visão atual do assunto do conhecimento. Para o autor, é preciso reconhecer que a experiência tem conteúdo e que a forma de expressarmos o que conhecemos do mundo se dá por nossas palavras e comportamentos. Na concepção de Dewey, os juízos de experiência e os juízos formais acerca de objetos ou de eventos não se dão para nós quando isolados, mas só quando vinculados a um contexto abrangente, que chama de situação.¹³³

Como Dewey, Edith Stein considera que a experiência se dá em três domínios: na experiência de si próprio, dos outros e do mundo natural. Esses domínios vão se automatizando no processo de maturação, e cada um deles corresponde a um conjunto de saberes que são aceitos como seguros pelo hábito. A experiência não se dá em uma realidade homogênea; ela se desenrola em um meio ambiente ou contexto situacional.

Percebe-se, até aqui, que definir experiência não é uma tarefa simples. De fato, buscar um conceito único e perfeito de experiência significa tolher a imensidão de seu sentido na vida. Walter Benjamin advertia que aos pobres de experiência resta apenas assumir uma nova barbárie, imersos em uma sociedade constituída sob o signo da informação, no universo da competição universal que é denominada globalização, da face escondida das inovações e da degeneração da educação. A provocação walteriana junto

¹³⁰ Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831), notável filósofo idealista da Alemanha. Célebre, sobretudo, pelo método dialético que concebeu sob forma idealista, mas justa no fundo. Considerado um idealista *objetivo*: a seu ver, a razão absoluta representada, na história, a ideia absoluta, é o princípio primário e a única realidade que “se exterioriza” de maneira imediata na natureza, para voltar a si mesma dessa transformação (*Anderssein in sich*) sob a forma de espírito.

¹³¹ MORA, J. F. *Dicionário de Filosofia*. Tomo II. São Paulo: Edições Loyola, 2001. p. 971.

¹³² John Dewey (1859-1952) foi um filósofo e pedagogo norte-americano, um dos principais representantes da corrente pragmatista inicialmente desenvolvida por Charles Sanders Peirce, Josiah Royce e William James.

¹³³ ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 413.

ao pensamento e testemunho de vida de Edith Stein nos provocam a transitarmos, com atenção, para o sentido último da experiência.

Desse modo, a experiência, já foi dito, é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca, transforma e aprimora. Consta-se que, a cada dia, passam-se muitas coisas; porém, ao mesmo tempo, quase nada é retido e aprofundado. Parece que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça, atinja-nos em profundidade e nos modifique e comprometa. Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência, em sua significância mais originária, é cada vez mais rara. Se o vidro e o aço eram a insígnia do início do século XX, agora se vive o império do plástico e da vaporização.

Esse tipo de experiência se torna ínfima nas sociedades modernas, deveras complexas; as pessoas vivem cada uma do seu jeito, atomizadas em seus pequenos mundos, enquadradas em espaços funcionais da arquitetura contemporânea, ao mesmo tempo em que estão virtualmente conectadas com o mundo via internet. A sociedade atual, caracterizada pelas comunicações eletrônicas instantâneas, por um lado, aproxima as pessoas, e, por outro, afasta-as. Em Edith Stein, a experiência será vivida em um *eu* enriquecido e ampliado numa perspectiva interdisciplinar que irá se totalizar numa vida espiritual de encontro e abandono na fé; emerge assim o caráter teológico de toda a sua vida e investigação.

A experiência, em Stein, será em seu estudo sobre a pessoa compreendida, assimilada e testemunhada como uma vivência originária que transita no corpo do real em um movimento de abertura e de saída de si; assim, a experiência é real porque passa por um sujeito real e um mundo onde é vivida/experenciada. É real pelo fato em si de experimentar a experiência. Para Husserl¹³⁴, a experiência é real porque possui uma entidade certa, verdadeira, existente que é em si mesma e que dá sentido à consciência do humano. Contudo, essa experiência irá se dilatar numa experiência religiosa da intuição da realidade de algo e, por fim, numa experiência espiritual e mística. A mística, veremos mais adiante, é a culminação da experiência religiosa em sua plena originalidade.

Disso emerge em suas investigações uma antropologia teológica que considera o sentido da experiência, esse movimento tensional que unifica as duas dimensões, a subjetiva e a objetiva. Uma experiência da qual a pessoa de Edith Stein passa em sua

¹³⁴ Husserl examina a questão da experiência/conhecimento desde o campo imanente e transcendente fazendo uso de seu método fenomenológico para apreender melhor a atitude espiritual natural. Cf. HUSSERL, Edmund. *A ideia da fenomenologia*. Lisboa, Portugal: Edições 70. 2008. p. 37- 50.

própria jornada existencial e que se desdobra em dois caminhos: da experiência de si mesmo e do outro; caminhos que se entrelaçam e que podem, ou não, conduzir o humano para uma experiência mística que aqui se propõe expor.

A mística constitui-se em uma experiência interna, de ordem subjetiva, decorrente de um contato que o sujeito experiencia e que busca descrever com propriedades objetivas. Um processo interno da consciência, revelação da alteridade, de um totalmente outro que se realiza em uma experiência de relação, de corpo/carne, psique e alma, numa fusão e totalidade em conformidade com a plenitude; plenitude que em Edith Stein se revela no Verbo Encarnado.

A experiência é chave de acesso para compreender o encontro progressivo de Edith Stein com o Cristo e, conseqüentemente, a sua trajetória mística. Se a experiência é uma palavra que há de sempre nos provocar novas leituras na variedade de seus significados, na obra steiniana, vamos encontrá-la em desdobramentos semânticos na companhia de dois outros vocábulos alemães que despertam ainda em nossos dias o interesse linguístico e o filosófico: *a Erfahrung e a Erlebniss*.

2.1 Entre *Erfahrung* (experiência) e *Erlebniss* (vivência)

É na esfera das vivências que a experiência se expande. A vivência possibilita uma compreensão mais precisa da experiência na fenomenologia, pois a experiência, em si, não é suficiente. Realizado um sobrevoo sobre o conceito de experiência, o intento agora é de nos determos na compreensão do termo que Edith Stein, fazendo uso dos princípios husserlianos, quer apurar. Primeiramente, como um movimento que se realiza em duplo sentido, pois ele é tanto uma experiência que a consciência realiza, desde o ponto de vista da consciência natural, como também é a experiência realizada desde o ponto de vista do *nós*, da consciência filosófica, que apreende o que ocorre por trás das costas da consciência natural.

Vimos que a experiência é elemento constitutivo no processo de individuação do humano, passagem de uma essência que se atualiza e que se realiza no contínuo ato existencial da vida do mundo. Disso resultam investigações que a fenomenóloga desenvolve da experiência da consciência, desde o ponto de vista da consciência compreendida na experiência, desde o exame de verificação de se o objeto corresponde

ou não ao padrão de medida, sendo que é através desse exame que entra em cena o novo objeto. Este último é apreendido em seu aspecto positivo apenas no momento em que é exposto. Stein desenvolve toda uma investigação que trata de uma inseparável conexão entre a experiência, *Erfahrung*, e a teoria da Empatia, *Einfühlung*.

Devido ao fato de estarmos em contato com o pensamento alemão do século XIX, cabe aqui, situar a experiência que Edith Stein expõe em suas investigações, a partir do termo que, nesse idioma, é compreendido mediante duas palavras: *Erfahrung* e *Erlebniss*.¹³⁵ Em alemão, experiência é *Erfahrung*, que contém *fahren* = viajar. E, do antigo alto-alemão, *fahren*, também deriva *Gefahr*, perigo, e *gefährden*, pôr em perigo. Tanto nas línguas germânicas como nas latinas, a palavra “experiência” contém, inseparavelmente, a dimensão de travessia e perigo. *Erfahrung* diz respeito ao conhecimento adquirido na prática da vida na vivência de determinados acontecimentos, o cognitivo. É, portanto, uma palavra ligada à aprendizagem pela prática, adquirida pela vida, oriunda do verbo *erfahren*: aprender, vir a saber, descobrir, experimentar.

Ao tratar de *Erlebniss*, vivências, temos a proximidade com o substantivo *Leben*, vida, e com o verbo *erleben*, vivenciar, passar, presenciar. Desse modo, *Erlebniss* carrega em sua significância uma conotação mais ligada à emoção sentida frente a um acontecimento real. *Erfahrung* seria o aprendido, enquanto *Erlebniss*, o vivido. *Erlebniss* é algo imediato e anterior a elaborações mentais que podem ser realizadas depois. Quem por primeiro traduziu *Erlebniss* como vivência foi o filósofo Ortega y Gasset.¹³⁶ Para tanto, a fenomenologia busca a descrição desse vivido como ato do sujeito. É a relação dos objetos que são dados à impressão originária, enquanto “algo sentido”; somente assim é possível afirmá-los como existentes.

¹³⁵ O termo *Erlebniss* = vivência, esteve presente em abordagens na história inicial da psicanálise, em investigações sobre a forma de tratamento e teorias da mente humana. A discussão girava em torno da psicologia acadêmica, do modo de lidar com psicopatologias em termos práticos, e das críticas de algumas teorias científicas que trataram ou procuraram tratar do tema filosófico da possibilidade do conhecimento, o psicologismo e o naturalismo. Por exemplo, Freud (1856-1939) em suas investigações clínicas chegou a uma teoria a respeito da psicogênese da histeria concebida em termos de uma experiência traumática cujo afeto não foi eliminado. Para se referir a essa experiência Freud utiliza o termo alemão *Erlebniss*, que pode ser mais corretamente traduzido por vivência. Contudo, Franz Brentano (1838-1917) estudioso que Husserl segue, analisava os fenômenos psíquicos, irá se deter neste mesmo conceito, mas, de maneira distinta.

¹³⁶ José Ortega y Gasset (1883- 1955), foi ensaísta, jornalista e ativista político. Fundador da Escola de Madrid. Ortega é amplamente considerado o maior filósofo espanhol do Século XX. Filósofo que introduziu no espanhol o termo *vivência*, fato de viver ou experimentar algo e seu conteúdo dentro de uma perspectiva de intencionalidade. Cf. GASSET Y ORTEGA, J. *El tema de nuestro tiempo*. Madrid: Tecnos, 2002.

Ao se realizar a aproximação dos dois termos mencionados, das significações acumuladas, conhecimento adquirido ou fluxo vivido, fato interno e vivência equivalem à experiência intencional, porque nos possibilitam assim, afirmar a existência. A cada instante de nossa vida, estamos ativando vivências. Diante disso, iremos nos deter na descrição fenomenológica da experiência, a partir do contexto das vivências em Husserl e Edith Stein, que partem da necessidade da Filosofia, de maneira geral, como teoria do conhecimento, de demonstrar a possibilidade do conhecimento universal e necessário.

O primeiro ponto, ao se abordar as descrições de Husserl, consiste em notar que ele irá pensar sobre esse tema à luz do conceito de intencionalidade, como herança do pensamento de Franz Brentano.¹³⁷ Ele retém essa ideia básica, segundo a qual a intencionalidade é a peculiaridade da experiência de ser consciente de alguma coisa. Esse conceito havia sido retomado dos filósofos medievais por Brentano¹³⁸ para se referir à característica distintiva dos fenômenos psíquicos.

A intencionalidade é uma experiência de ser consciente de alguma coisa dada a partir do ato. A intencionalidade vivifica a simples vivência (*Erlebniss*), tornando-a algo que integra o fluxo de consciência dos vividos, parte dos seus momentos reais (*Reellen*). O termo *Erlebniss* possui uma história complexa. Etimologicamente, “vivência” deriva do latim *viventia*, que significa: o fato de ter vida. A partir de uma leitura fenomenológica desse conceito, Husserl¹³⁹ concebe a vivência como se referindo a atos psíquicos pertencentes à estrutura própria de todo ser humano, tais como a percepção, a reflexão, a lembrança, a imaginação e a fantasia. A vivência é atividade de um *eu* pessoal.

Desse modo, numa distinção entre *Erlebniss* e *Erfahrung*, Husserl define a primeira como algo que alude a um gênero mais elevado de sentido, algo que abarca toda a consciência que um sujeito pode ter. A segunda trata de uma categoria mais limitada, é

¹³⁷ Franz Clemens Honoratus Hermann Brentano (1838-1917) filósofo e psicólogo foi professor de Husserl e Heidegger. Fundador da psicologia do ato.

¹³⁸ O referido conceito, cuja origem remonta à tradição aristotélico-tomista, se dá por intermédio dos cursos proferidos por Brentano, entre 1884 e 1886, na Universidade de Viena. É na obra de Tomás de Aquino que Brentano busca fundamentos para reeditar a questão da intencionalidade, no último quarto do século XIX. Para Tomás de Aquino, existir na natureza é distinto de existir no pensamento. As coisas existiriam fora da alma sob o modo de coisa natural (*esse naturale*) e no intelecto sob o modo de coisa intencional (*esse intentionale*). Apoiando-se nesse segundo modo de existência, no qual as coisas existem no intelecto enquanto coisas pensadas, Brentano propõe uma teoria imanentista da intencionalidade, ao conceber a relação intencional entre ato e objeto a partir de uma reedição da concepção aristotélico-tomista de inexistência intencional (*intentionale Inexistenz*) de um objeto.

¹³⁹ A concepção de vivência de Husserl procede fundamentalmente em dois textos: *Investigações Lógicas* (1901) e *Ideias para uma fenomenologia pura e uma filosofia fenomenológica* (1913), doravante referido como Ideias I. É visto que no primeiro trata-se de fazer uma crítica à naturalização das ideias, e no segundo à naturalização da consciência.

uma vivência que concerne às coisas que pertencem ao mundo real. De fato, *Erfahrung* não pode ser compreendida como impressão sensível, pois ela é uma experiência completa do ato da consciência. Trata-se de atos universais, de conteúdos absolutamente diversos, acompanhados pela consciência, que se remetem a três dimensões humanas: corpo, psique e espírito (este último, em Husserl, é entendido como produção do pensamento). Todo conhecimento na fenomenologia husserliana começa na experiência; todavia, as vivências são elementos constitutivos dessa.

Em um movimento de distanciamento das ciências naturais, a fenomenologia irá investir na experiência como sentido subjetivo que se passa na interioridade do sujeito, e da qual deriva a percepção, e é por nós aceita e compreendida conscientemente. A percepção fica então gravada no *eu* e se dilata como vivência. Disso resulta o que se encontra na origem da experiência, as vivências; e estas produzem nas pessoas um conhecimento tácito que nelas cresce e se firma a partir de alguma forma de inscrição na consciência.

Ainda sob a influência brentaniana, o objetivo de Husserl é realizar uma análise fundamental de todos os modos de consciência nos quais estamos conscientes de um objeto (vivências cognitivas). Para tanto, ele estabelece uma primeira diferença básica entre dois tipos de vivências: as vivências intencionais e as não intencionais. Precisamente, essa concepção de vivência intencional e não intencional irá levar Husserl a uma revisão do conceito de intencionalidade que não será aqui abordado em minúcias.

Disso resulta que o método fenomenológico avançou como um modo, uma atividade vital, que contribuiu para todo um movimento de mudança interior, reconduzindo a vida ao sentido religioso. Para muitos dos jovens do círculo de Göttingen, o ponto alto de suas pesquisas foi em direção à dimensão religiosa.¹⁴⁰ Edith Stein, em seus estudos antropológicos, depara-se com a vivência religiosa, uma experiência que se constata ao lado da experiência natural, científica, estética e moral. Ou seja, a investigação de vivências individuais de um *eu* que sofre vivências singulares que transcendem o valor limite de uma experiência mundana.

Resultante desse processo, veremos, ao longo da exposição do pensamento steiniano, que, em suas observações e percepções acerca da consciência, a autora não é

¹⁴⁰ É visto que Ales Bello chama a atenção para duas mulheres componentes do grupo de fenomenólogos amigas de Edith Stein: Hedwig Conrad-Martius e Gerda Walther. Estas, junto de Stein buscavam um olhar despojado do contato espiritual do ser em todas as configurações pensáveis possíveis. Cf. ALES BELLO. Angela. *A fenomenologia do ser humano*. Bauri, SP: EDUSC. 2000. p. 205ss.

rígida ao tratar os conceitos em questão; embora ela argumente fazendo uso de ambos, não se utiliza em demasia da expressão *Erfahrung*, que implica uma mediação mais reflexiva, mas investe, seguindo passos de Reinach, no desdobramento do sentido da expressão *Erlebnis*¹⁴¹, porque esta ressalta um aspecto mais vital, imediato e concreto. Sem nos adentrarmos nos pormenores dessa problematização, vale a ressalva de que a filósofa também descreve as vivências mediante distinções entre originárias e não originárias, vivência pura, psíquica e religiosa. Um caminho que a levará desde a natureza do ser pessoa até o profundo do sentido da alma.

Desse desvelamento, jornada para além do sentido de experiência ao longo de sua filosofia, Stein partilha com sua amiga e futura madrinha, Conrad-Martius, a sua constatação de que há indícios de que Deus a quer neste caminho; um caminho do qual, em diálogo com a sua filosofia, já não pode desertar.

Minha querida Hatti (...) agora que estou continuamente em contato com pessoas totalmente compenetradas em seus trabalhos, bem formadas e competentes em seu ramo, me dou conta de que estou desconectada e de que sou de todo inepta para este mundo. Estar consciente disto não me deprime, unicamente, não é fácil falar de um posto de responsabilidade quando para este me faltam tantas coisas necessárias (...). Estou de acordo com você dos limites ontológicos que tratamos. Penso que posso também levar a cabo esta investigação e ir mais além da experiência. Não obstante, tenho outra ideia da metafísica: uma compreensão de toda realidade incluindo a Verdade revelada, portanto, fundada na filosofia e na teologia (...).¹⁴²

O estudo da experiência e das vivências direciona a filósofa para uma vivência em especial: a Empatia. Consequentemente, é guiada para a vivência religiosa como enigmas de valor para o conhecimento e a vida. No laboratório de estudo sobre o fenômeno religioso, Stein e seus amigos constataam que não é possível objetivar sobre Deus. Disso resulta que serão as vivências religiosas que conduzirão a filósofa de seu agnosticismo para o Cristianismo, da descrença indiferente para uma fé viva, do saber intelectual sobre o fenômeno religioso para a fé e o seguimento do Cristo. A vivência é uma unidade duradoura de algo cheio de significância que cresce na vida de experiência

¹⁴¹ Inspirada pelas reflexões do amigo fenomenólogo Adolf Reinach que investiga de como é vivenciado Deus, Edith segue suas próprias investigações mediante análise das vivências do seguinte modo: Análise do conteúdo das vivências (Noema) De como se vivencia o conteúdo? E, a relação da consciência do vivenciar ou reflexão.

¹⁴² Carta a Hedwig Conrad-Martius, 13 de novembro de 1932. Cf. STEIN, E. Obras Completas: *Escritos autobiográficos y Cartas*. Vol. I Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2002. p. 991.

do *eu*. É o fenômeno Deus que se revela na consciência do humano que percebe precisamente a vivência religiosa em que está imerso.

Algo em si, que se transmuta, se acentua e penetra no transfundo humano da fenomenóloga. Edith Stein teve ciência disso, especialmente, após o serviço voluntário na Primeira Guerra Mundial.¹⁴³ Foram vivências significativas, mais especificamente mediante a Empatia (*Einfühlung*), que atingiram Stein e o seu cotidiano e a lançaram em direção à conversão religiosa, ao batismo cristão e às escolhas surpreendentes que faria até o seu fim derradeiro. Já vimos, dentro do círculo de Göttingen, acenos dessas vivências mediante o testemunho de algumas pessoas competentes em seu trabalho investigativo, em suas opções e inspirações religiosas, as quais são sempre mencionadas por Edith Stein como centelhas iluminativas de sua jornada espiritual.

Esse itinerário, possível a todo humano, atinge o ápice na fenomenóloga com a experiência marcante do encontro com uma mulher que a irá guiar até o final de seus dias, em suas vivências no mistério da Igreja e na humildade de uma vida em relação íntima com Jesus Cristo. Edith Stein sofre uma experiência empática profunda com Teresa Sánchez de Cepeda y Ahumada, Santa Teresa D'ávila, religiosa consagrada que compreendeu o fenômeno da alma, em que a vontade, a inteligência, a memória e a essência são inegáveis objetos de experiência de Deus.

2.2 A experiência do encontro de duas fenomenólogas: Teresa e Edith

O intento de compreender a essência da vivência religiosa no ser humano conduziu muitos fenomenólogos à experiência de buscarem leituras espirituais. Talvez, por essa razão, o *Livro da Vida*, de Santa Teresa D'Ávila¹⁴⁴, tenha caído nas mãos de Edith Stein no verão de 1921, na propriedade rural de sua amiga Hedwig Conrad-Martius, em Bergzabern, no Palatinato. A residência do casal Conrad-Martius era um local de ponto de encontro para os amigos do círculo fenomenológico de Göttingen. Nesse ambiente, partilhavam suas investigações e buscas existenciais. A abordagem espiritual

¹⁴³ A Primeira Guerra Mundial (1914-1918) marcou profundamente a história do século XX, não só pelos trágicos eventos que envolveram milhões de pessoas — determinando o fim de impérios seculares e o nascimento de novas realidades estatais —, mas também, e sobretudo, pela memória destes eventos, que deixaram abertas questões políticas, econômicas e culturais, das quais nasceram outras guerras ao longo do século.

¹⁴⁴ Cf. Nota 89.

mística chegou até eles como inquietações acerca de um mundo subjetivo dotado de algo a mais que carecia de explicações. Algo que não trazia, em si, respaldo científico, mas era levado em consideração e respeitado pelo grupo.

Desse modo, ao nos aproximarmos da vida e da obra de Edith Stein, é impossível não nos depararmos com um encontro que não terá fim, o encontro da filósofa com Teresa de D'Ávila, mulher que recebe uma grande variedade de nomes e epítetos, sendo a grande reformadora da Ordem Carmelita, muito expressiva na Europa do século XVI.¹⁴⁵ É considerada uma das mais autênticas e inteligentes dentre as santas mulheres da Espanha e, em geral, da Igreja Católica. Nas vivências de Teresa, descritas em seu Livro, Edith Stein percebeu o seu próprio destino. Via mediação de Santa Teresa D'Ávila, mestra do conhecimento interior, Stein experimentou o encontro com o Totalmente Outro. De fato, o primeiro trabalho que Edith Stein iria desenvolver dentro do Carmelo de Colônia seria sobre a Santa, texto em que compartilha: “sou uma filha de Santa Teresa graças à qual me converti”.¹⁴⁶

Está presente no *Livro da Vida*, de Santa Teresa, lido por Stein, o problema existencial da monja em *ser* ou *não ser* uma autêntica religiosa e de como sê-lo em tempos tão nebulosos. Esse problema, na investigação steiniana, traduziu-se como uma busca sobre a existência e a verdade. Disso resulta que Teresa será para Edith como um reflexo de sua própria experiência e um modelo a seguir. A grande reformadora da Ordem Carmelita é também uma grande mística e mestra da alma, uma mulher que experiencia em si o amor de Deus, um amor que se revela esperança em tempos *recios*, difíceis no século XVI.

Essa experiência do amor de Deus, revelado na biografia de Santa Teresa, foi convincente para que Edith Stein realizasse o salto da experiência em Deus, não conhecido apenas via conhecimento, mas mediante uma relação de amor que se dá no mais profundo interior e pessoal parte da alma. Lugar privilegiado em que não são

¹⁴⁵ A Ordem do Carmo, originalmente chamada Ordem dos Irmãos da Bem-Aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo surgiu no final do século XI, na região do Monte Carmelo próxima à atual cidade de Haifa no atual Estado de Israel. A palavra "Carmelo" significa jardim. Conta a tradição que o profeta Elias se estabeleceu numa gruta, no Monte Carmelo, seguindo uma vida eremítica de oração e silêncio. Mais tarde, a Regra do Carmo foi sistematizada e proposta por Santo Alberto, Patriarca de Jerusalém, e aprovada pelo Papa Honório III, em 1226. No século XIII migrou para o Ocidente, fugindo das invasões sarracenas. No século XVI, na Espanha, Santa Teresa de Ávila e São João da Cruz conduziram um processo de renovação e ou reforma do carisma da Ordem do Carmo. Deste processo histórico e místico surgiu um novo ramo denominado carmelitas descalços.

¹⁴⁶ STEIN, E. Obras Completas: *Escritos espirituales*. Vol. V Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/ Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2004. p.493.

possíveis dados hipotéticos que cientistas possam explicar. Teresa D'Ávila captura Edith Stein naquilo que aproxima as duas mulheres na busca por plenitude: o processo de crescimento pessoal, humano e espiritual que evolui em autoconhecimento e autoaceitação dos limites do ser.

A Santa mística medieval, chamada muitas de vezes de “mulher inquieta e andarilha”¹⁴⁷, dá relevo ao sentido da Encarnação, não somente mediante o conteúdo teológico de seus textos, mas na profundidade de suas expressões e metáforas que exprimem sua experiência vital sobrenatural do corpo ao mundo. O humano, ou melhor, o feminino em Teresa é lugar teofático por excelência. A Santa assim descreve:

Quando interiormente me configurava estar junto de Cristo, ou até mesmo lendo, ocorria-me de repente tal sentimento da presença de Deus, que de algum modo podia duvidar que o Senhor estivesse dentro de mim, e eu, toda mergulhada n'Ele. Não era uma espécie de visão: creio ser o que chamam teologia mística. A alma fica suspensa de tal sorte que parece estar fora de si. A vontade ama, a memória, a meu ver, quase perdida, o intelecto não raciocina, contudo, não se perde; entretanto, torno a dizer, não age.¹⁴⁸

Assim, Stein encontra em Teresa os valores pelos quais tem também lutado no decorrer de sua vida, como a valorização da mulher e a busca da verdade autêntica nas relações. Por isso, Teresa Sánchez de Cepeda y Ahumada muda a vida de Edith Stein, pondo fim à sua incansável busca pela verdade e abrindo novos horizontes para a fenomenóloga que atingem o âmago de seu ser em movimentos que condizem com a exterioridade e a interioridade. Teresa atrai Stein para o Castelo de si mesma, para que ela possa dar o salto qualitativo espiritual em sua própria vida, deixando de ser uma buscadora da Verdade para se tornar uma servidora da Verdade. As duas grandes mulheres se identificam, inclusive em suas origens: Santa Teresa D'Ávila era também de ascendência judaica.

Graças à investigação histórica dos últimos anos, sabe-se, em nossos dias, que Teresa D'Ávila descendia de um avô judeu: Juan Sanches. Era um judeu convertido ao Cristianismo, que viveu em Toledo por volta do ano de 1485 e era um rico mercador, administrador de bispados e, provavelmente, odiado pelos “cristãos velhos”.¹⁴⁹ Os “cristãos novos” eram os judeus convertidos que recebiam o batismo cristão. Assim,

¹⁴⁷ WEBER, Alison. Teresa de Ávila. *La mística feminina*. Cf. MORAND, Isabel (Dir.). *História de las mujeres em España y América Latina II*. El mundo moderno. Madrid: Cátedra, 2005. p. 107-152.

¹⁴⁸ TERESA DE JESUS, Santa. *Livro da Vida*. São Paulo: Paulus, 2018. Cap. 20, 26. p.71.

¹⁴⁹ Forma em que eram chamados os cristãos que não tinham nenhuma ascendência judaica. Na Espanha do século XVI descendentes de judeus sofriam as mais variadas formas de discriminação social e legal.

conhecido e desprezado em Toledo, Juan Sanches, junto de seus filhos, dentre eles o pai de Santa Teresa, mudam-se para Ávila. Seus filhos, posteriormente, compram o direito de fidalguia e, casando-se com mulheres fidalgas, conseguem se inserir no setor da baixa nobreza que, devido ao modo de viver, ajudava no dissimular de suas origens. De fato, Dom Alonso, pai de Teresa, vivera sem ofício conhecido e usufruíra dos dotes de suas duas esposas — ficando viúvo, casou-se pela segunda vez com Dona Beatriz de Ahumada, mãe de Teresa. Ele morreria arruinado em 24 de dezembro de 1543.

Teresa não é uma intelectual como Edith Stein. Seus escritos são difíceis de ler de uma maneira lógica e racional, pois não estavam estruturados de acordo com a escolástica medieval, sendo mais como a descrição do fluxo da consciência. A sua capacidade de adaptar a espiritualidade feminina a um mundo medieval pós-tridentino abriu espaços para influência e criatividade da mulher que, paradoxalmente, irradiou-se do meio de conventos de estrita clausura. Sempre inundada de sentimentos de indignidade devido à sua origem, a Santa se entregou à vida de oração, da leitura silenciosa de obras devocionais e meditações, a respeito da vida de Jesus Cristo.

Quando, em torno de 1560, conflitos com os huguenotes¹⁵⁰ e a Igreja Católica eclodiram na França, Teresa reagiu dizendo: “sendo mulher, ruim e impossibilitada de servir em nada no serviço ao Senhor, como defender a Igreja desgarrada pela desventura da heresia?”¹⁵¹ A solução que a monja encontrou foi a de fundar um pequeno convento que tivesse como principal função dar refúgio seguro a monjas para que pudessem praticar a oração mental, rezar pela Igreja em crise, por seus sacerdotes e teólogos. Esse intento rendeu para Teresa a fundação do Convento de São José de Ávila (1562). As monjas da nova comunidade se denominavam descalças em sinal da proposta de uma vida austera.

Em 1567, a Ordem recebeu autorização para expandir-se. Foi nesse período que Teresa conheceu o frade poeta e místico João da Cruz (1542-1591). Teresa o acolheu em seu mosteiro, confiando-lhe a tarefa de estender a sua proposta aos mosteiros masculinos. A reforma teresiana teve muitas motivações, dentre elas o desejo de abrir espaço para descendentes de famílias dos novos cristãos, grupos de pessoas que até então estavam à margem da economia espiritual de seu tempo. A Igreja no tempo de Teresa sempre esteve dividida entre a heresia e a iluminação. A Santa escreveu sobre a

¹⁵⁰ Nome dado aos protestantes franceses durante as guerras religiosas da França na segunda metade do século XVI a sua origem é controversa.

¹⁵¹ WEBER, Alison. *Teresa de Ávila. La mística femenina*. 2005. p. 107-152.

necessidade de a alma discernir a respeito da verdadeira honra e fidelidade de seguir Jesus, porque o tempo era de uma grande mentira em que todos se encontravam.¹⁵²

Disso resulta a admiração por seu labor fundacional, do zelo diante de sua liderança, de sua crescente popularidade e a difusão de seus escritos. Em 1588, perseguida pela inquisição, ela obteve cópia de escritos seus que tinham sido analisados, e teve conhecimento de todas as acusações contra ela; essas, logo depois, caíram por terra. Em seus escritos, Teresa deixa o testemunho de autenticidade numa autobiografia que revela toda sua trajetória humana de pecado, arrependimento e salvação. Trata-se de uma obra ramificada por uma apologia psicológica e teológica.

Ela foi uma guia para a oração mental e uma defensora apaixonada do direito da mulher a seguir seu caminho místico. Teresa toma sua pena, não somente para transmitir seus conhecimentos sobre a oração, mas também, para inculcar os valores essenciais para o êxito da reforma diante do desânimo afetivo, da pobreza estrita e da busca por igualitarismo.¹⁵³

Antes chamados de espirituais e/ou recolhidos, em nossos dias, Teresa e João da Cruz são denominados místicos.¹⁵⁴ São pessoas que, mediante a prática da oração interior, experienciam, avidamente, arrebatamentos e êxtases espirituais oriundos de uma proximidade radical do amor de Deus. O corpo, para Teresa D'Ávila, é instrumento valoroso no labor da virtuosidade. Ela é contrária à espiritualidade feminina e masculina de seu tempo em que a flagelação do corpo era comum. Em Teresa, bem como em Edith Stein, constata-se que a vivência pessoal e os conteúdos racionais junto de uma espiritualidade não se contradizem, mas se fecundam mutuamente.

Teresa foi uma religiosa de grande contribuição para o pensamento feminino na Igreja, de abertura diante da autenticidade e singularidade da experiência espiritual do ser. Compreendia bem que na Igreja primitiva as mulheres não eram privadas na difusão dos Evangelhos e dos ensinamentos do Cristo. Por isso, os mosteiros seriam um fértil caminho para a compreensão e difusão dos ensinamentos de Jesus e dos Evangelhos. Ela reafirmou o direito dos conventos à autonomia administrativa e à pedagogia espiritual feminina. Um apostolado *intramuros* de oração pela Igreja e assistência aos que recorriam ao locutório por ajuda espiritual.

¹⁵² TERESA DE JESUS, Santa. *Livro da Vida*. São Paulo: Paulus, 2018. Cap. 20, 26. p.162.

¹⁵³ WEBER, Alison. *Teresa de Ávila*. La mística feminina. 2005. p.121.

¹⁵⁴ Será visto, entretanto, que o termo místico em nossa contemporaneidade passa por mudança em seu entendimento e descrições acerca de experiências vivenciais.

Existem testemunhos, castelhanos de nascimento, que por boca de suas mães, recebem os princípios fundamentais religiosos de santa Teresa como parte essencial de sua educação cristã que elas lhes transmitem. E o fazem através de seus ditos ao estilo do filósofo Sêneca, repletos de profundo sentido, de otimismo e popular encanto. A cultura e conhecimentos teológicos que o povo espanhol conserva (...) devem a Santa Teresa. Realmente, ela, flor de sua época, deu nova forma e cor a vida e ao pensamento teológico de seu tempo.¹⁵⁵

Para Edith Stein, Teresa é um modelo da *Pietá* do feminino religioso. Ela chora diante do Cristo chagado e anseia por forças para que na caminhada de sua entrega vocacional não ofenda e seja fiel. Disso resulta todo o movimento de oração mental, visões e estados sobrenaturais alternados numa aliança de querer viver uma entrega religiosa com todo o ardor, rigor e perfeição possíveis. As obras de Santa Teresa D'Ávila, de grande teor pedagógico, apresentam um conjunto variado de distintos modelos literários. Teresa foi beatificada pelo Papa Paulo V, em 1614, e canonizada pelo Papa Gregório XV em 1622. Recebeu o título de Doutora da Igreja pelo Papa Paulo VI em 1970.

Ales Bello define Santa Teresa D'Ávila como uma mulher que foi “espontaneamente fenomenóloga”, porque percebia a estrutura do humano em todas as suas dimensões, para além da superfície.¹⁵⁶ Por isso, em seus escritos, há todo um empenho em penetrar no Castelo Interior da relação com o Eterno. Edith Stein reconhece o aporte que Santa Teresa apresenta para o conhecimento da alma e a assume como guia em seu caminho de busca pelo intelecto espiritual. Teresa lança Edith Stein para o conhecimento místico, um portal não somente de oração, mas de autoconsciência. Há, em Edith, um movimento interno de conversão, de resposta a um chamado que gera inquietude profunda, caminho de escuta atenta e encontro com o outro, movida pelo desejo de autenticar também a sua própria vida.

Teresa e Edith nos apontam a via para o caminho seguro de proximidade com o Eterno. Duas místicas que a graça iluminou e que foram incendiadas, interiormente, pelo amor Divino. Em Stein, o amor chegou mediante conhecimento, “a razão de joelhos”; em Teresa, via sofrimento, dúvidas e êxtases:

Recolha o amor no íntimo. Não seja como uma panela que ferve demasiadamente e se derrama, porque se pôs lenha em excesso. Modere a causa que ateou esse fogo e procure abrandá-lo com lágrimas suaves, e não

¹⁵⁵ Edith Stein desenvolve uma reflexão sobre Santa Teresa em que ela a descreve como uma mestra na educação e na formação. STEIN, E. Obras Completas: *Escritos espirituales*. Vol. V Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/ Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2004. p. 55.

¹⁵⁶ ALES BELLO, Angela. *Edith Stein comenta Santa Teresa d'Avila*, en “B@belonline”, n.1/2 (2016). p. 47-58.

amargas (...) é preciso muita discrição para que tudo seja com suavidade (...). Não pomos nós a lenha. Parece que subitamente acende-se o fogo e somos lançados nele.¹⁵⁷

Não é o título que ambas trazem em si, mas a jornada de aprimoramento de um humano que é espiritual e que está destinado ao Infinito. Teresa D'Ávila, em relação ao processo místico de Stein, possivelmente, é responsável em conduzir a filósofa ao método da ascensão da alma, o qual Stein retoma em suas obras espirituais. Edith, a partir do encontro com Teresa D'Ávila e da soma de vivências que a conduziram ao fenômeno religioso e, conseqüentemente, à fé e à mística, identifica-se com a Ordem do Carmelo e inicia um processo de conhecimento dessa espiritualidade.

Edith deixa-se guiar por Teresa no entendimento da vida espiritual a partir das estruturas da oração e da contemplação. Ela acompanha Teresa em todo o dinamismo da ascensão da alma pela Santa, que considera a unidade entre alma, corpo e espírito. Ao revisitar o Castelo interior da jornada espiritual de Santa Teresa D'Ávila, Stein se deixa transportar como que em asas de águia que perpassam as nuvens até chegar ao reino interior e solitário da contemplação.

A mestra da oração descreveu em seus escritos com incomparável claridade, a vida mística da Graça em todos os seus graus (...). Suas confissões nos revelam a essência da Santa: a delicadeza de sua consciência, o ardor de seu amor, a preocupação pelas almas que com toda as suas forças queria arrancar da corrupção e conduzi-las à paz do Senhor.¹⁵⁸

Um reino que antes escapava aos olhos da intelectualidade da filósofa prussiana. Edith é introduzida à uma última, definitiva, ciência estranha, a ciência mística, a ciência da cruz. Será a mística que irá responder, finalmente, à urgência filosófica do coração e da alma de Edith Stein.¹⁵⁹ A alma é o centro de todo edifício físico, psíquico, espiritual do humano; para tanto, a vida interior depende também da relação que a pessoa decide ter com a sua dimensão corporal.

O corpo está como sem vida; as potências da alma em repouso (...) durante um breve momento de união, a alma não compreende o que ocorre, porém, contempla Deus em si mesmo no interior daquela alma de maneira que quando volta a si de modo algum pode duvidar que esteve com Deus e Deus com ela. Com tanta certeza se dá esta verdade que mesmo que passem anos sem tornar

¹⁵⁷ TERESA DE JESUS, Santa. *Livro da Vida*. São Paulo: Paulus, 2018. Cap. 29, 9-10.

¹⁵⁸ STEIN, E. *Obras Completas: Escritos espirituales*. Vol. V Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/ Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2004. p. 519.

¹⁵⁹ Em 1936, Edith Stein realiza uma investigação da obra de Santa Teresa D'Ávila e intitula os seus escritos com o mesmo nome da obra da Santa Mística Carmelita: O Castelo Interior. Cf. STEIN, E. *Obras Completas: Escritos espirituales*. Vol. V Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/ Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2004. p. 79-106.

a ver Deus não duvidará deste encontro (...) Deus está em todas as coisas por presença, potência e essência.¹⁶⁰

Em Teresa D'Ávila, Edith Stein vislumbrou uma experiência reveladora da essência de Deus que desvela no humano um sentido vital e a certeza de que é possível conhecer a sabedoria divina, desejar a salvação e servi-Lo. A Santa foi premiada pelo amor e, resoluta, serviu ao propósito de realizar algo por Deus e pelo Reino. Ela experienciou a proximidade radical com a essência que se encontra no objeto totalmente subtraído de sua vontade e no entendimento daquilo que desce ao interior do humano. Para Stein, Teresa, em seu profundo conhecimento do humano, sabia muito bem que a meta a que aspirava estava acima da natureza humana e que encontraria em sua jornada muitas dificuldades; todavia, já havia sido desperto em Stein o desejo de colaborar com Teresa em tempos em que seriam necessários amigos fortes de Deus para sustentar os fracos.¹⁶¹

Por isso, em Edith Stein e em Santa Teresa, é possível vislumbrarmos aquilo que Husserl chamou de *redução fenomenológica*, isto é, a circunstância em que duas pessoas são capazes de convergir tanto que a vivência de uma é integrada na experiência da outra. Para Stein, Teresa claramente sinaliza e a conduz ao caminho seguro para a formação mais profunda da alma humana da pessoa. Ao mergulhar no legado místico de Santa Teresa, Stein se aproxima e analisa o seu *eu*, o núcleo pessoal em todos os âmbitos de sua vida. Ela se deixa lançar rumo à abertura da essência invisível e universal do ser, âmbito infinito onde a observação para de ocupar todo o visível para distribuí-lo em unidade heterogênea.

A aproximação da vida cristã representa uma experiência filosófica que desperta em Edith Stein elementos novos para aprofundar, ainda mais, o tema da constituição do ser humano e da aproximação deste com Deus. O encontro com o feminino cristão de Santa Teresa foi, como mencionado, um salto decisivo para a sua conversão ao Catolicismo. Isso foi registrado numa carta de 13 de maio de 1950 do sacerdote jesuíta P. Johannes Hirschmann para a Priora do Carmelo de Colônia, a Ir. Teresa Renata Posselt, e constatado na carta que Stein enviou para o amigo Ingarden.

¹⁶⁰ STEIN, E. Obras Completas: *Escritos espirituales*. Vol. V Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/ Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2004. p. 87.

¹⁶¹ “Esta centelha é um sinal de garantia, que Deus dá a alma, de a ter escolhido para grandes coisas, se ela se dispuser a recebê-las. É dom especial, muito maior do que eu poderia dizer (...). Saiba corresponder ao Senhor, observando as injunções da boa amizade”. Cf. TERESA DE JESUS, Santa. 2018. Cap.15, 5. p.113.

Creio que se pode e se deve falar de experiências religiosas, porém, com isso, não se trata de uma contemplação direta de Deus. Uma coisa assim somente ocorre em casos muito excepcionais (êxtases e similares) dos quais não é possível uma demonstração rigorosa de que se trata de uma revelação. (...) Não é necessário que ao final de nossa vida cheguemos a uma prova convincente da experiência religiosa. Porém, sim, é necessário que tomemos uma posição a favor ou contra Deus. Isto nos é exigido: decidir sem prova de garantia. Este é o grande desafio da fé. (...) Onde falta a própria experiência, é preciso apoiar-se em testemunhos *hominis religiosi*. E não há escassez destes. Em meu modo de entender, os mais impressionantes são os místicos espanhóis Teresa de Jesus e João da Cruz.¹⁶²

Trata-se da busca pela claridade espiritual após a travessia da porta estreita da razão; a experiência da legitimação do *credo ut intelligam*¹⁶³ em que Edith Stein irá se lançar. Uma decisão nada fácil, em que, primeiramente, a filósofa fenomenóloga dinamizará, em si, o movimento de *epoché*, para melhor compreender e assumir o cumprimento da missão teológica que ela irá assumir e seguir; o rumo de um novo horizonte, de um radicalismo maior em sua busca pela verdade: a entrega à vontade de Deus; uma jornada de YHWH, antes tão pouco conhecido/experimentado para ela, até o *YESHUA*, em sua humanidade e amor crucificados. Diz respeito ao mérito dos santos a que Santa Teresa a introduz, da renúncia a todos os adereços terrestres e resistências interiores, a fim de permitir que Deus, em Sua verdadeira liberdade, cuide de seu ser e da direção da sua vida.

2.3 A experiência da *epoché* fenomenológica na vida de Stein

Não é possível que tratemos do itinerário místico teológico do pensamento de Edith Stein sem que a Filosofia esteja, intimamente, presente. A via intelectual foi o caminho considerado como sendo o mais seguro para Stein examinar, refletir, distinguir, compreender e assimilar as questões filosóficas de seu entorno. Contudo, mesmo antes da Filosofia, Stein buscava vias que fossem capazes de elucidar o sentido de suas ações e do decidir livremente por aquilo que a convencia. Enquanto filósofa, de um gnosticismo declarado, Stein ainda se inquietava diante das portas do mistério da pessoa humana, e essa inquietude chegou ao ápice quando ela encontrou Husserl e a fenomenologia. Ao se

¹⁶² Carta a Roman Ingarden em 20 de dezembro de 1927. Cf. STEIN, E. Obras Completas: *Escritos autobiográficos y Cartas*. Vol. I Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2002. p. 803.

¹⁶³ Sentença: “Creio para entender” de Anselmo de Cantuária (1033-1109). *Proslogion*, I.

dedicar às investigações do ser, do humano e de Deus, a filósofa irá realizar todo um profundo percurso teórico experiencial.¹⁶⁴

Sabe-se que a fenomenologia foi um campo filosófico em expansão no final do século XIX. Ora, a matriz e fonte de todos os fenômenos é a consciência, caminho primordial de acesso ao ente, gênero particular do ser. À vista disso, o território investigativo da fenomenologia buscava compreender o uso dos termos *eu*, consciência, vivência e transcendental. Não a consciência no sentido psicológico, mas como algo que acontece neurologicamente no cérebro e que nos permite perceber então que temos consciência. Desse modo, Husserl, sem negar o aspecto neurológico da consciência, sustentou que está na estrutura real da consciência em si mesma o seu caráter essencial de portadora da percepção. A realidade está localizada e todo ato de pensar implica algo em que pensar.

O século XIX foi o período da crise de sentido e do lugar da Filosofia em suas investigações mais pulsantes: a pessoa, a experiência e a verdade. É mediante o repensar do método filosófico que Edith Stein fará a travessia da consciência racional, como aquela pessoa que os gregos chamavam de *sophós*¹⁶⁵ para aquela que desvelou em si a potencialidade divinal da razão e tornou-se *sophia*.¹⁶⁶ Será essa *sophia* que irá escoltar a existência investigativa de Edith Stein até o umbral do mistério. Frente a isso, ela irá então se deter, aprofundar, ampliar e exercitar, em si, o movimento da *epoché* fenomenológica para poder adentrar-se à problematização do fenômeno religioso na natureza humana, que se manifestava de modo único, instigante e desafiador para a compreensão da filósofa.

De fato, ao transitarmos pelos caminhos do pensamento steiniano, a fim de percorrer a estrada de uma teologia espiritual e mística, deparamo-nos com o resultado de uma vida de experiência e de vivências. É mediante as vivências (*Erlebniss*), mais precisamente as vivências religiosas, que a filósofa é impelida a um retorno aos gregos, a

¹⁶⁴ GAUDIO, DEL GABRIELA. *Dalla Fenomenologia alla Mistica. Originalità e metodo in Edith Stein*. Rivista Bimestrale di Teologia e Scienze Umane: Rassegna di Teologia. Napoli: Aloisiana Libri, Marzo — Aprile, 2005. p. 203-235.

¹⁶⁵ Os primeiros sábios gregos eram chamados de *sophós*, aqueles que sabem muitas coisas, que viram muitas coisas, que viajaram muito, ou o que sabem conduzir bem a vida e são felizes. Eles vivem o verdadeiro saber. Cf. HADOT, Pierre. *O que é a filosofia antiga?* São Paulo: Loyola, 2004. p. 39.

¹⁶⁶ A noção de *sophia* apresenta componentes ricos e variáveis. Ela é a capacidade de ir além das habilidades, da astúcia, das ciências e da política, ela conduz numa via iluminativa a vida do *sophós* para um saber-fazer, mas, um saber-fazer o bem. Cf. HADOT, Pierre. *O que é a filosofia antiga?* São Paulo: Loyola, 2004. p. 43ss.

partir de seu mestre, Husserl¹⁶⁷, em sua busca pela lógica mediante o uso fenomenológico do conceito de *epoché*.¹⁶⁸ Este foi muito utilizado pela corrente filosófica cética, em um período na Grécia em que a distinção entre Filosofia e discurso filosófico chegou ao extremo. A *epoché* nada mais é do que um ceticismo, mas que se diferencia do ceticismo dos sofistas e dos empiristas, os quais Husserl considera como contrassenso e absurdo.

É um ceticismo crítico, mas não está na mesma linha da dúvida metódica cartesiana. A partir do pressuposto de que Husserl se utiliza das considerações cartesianas, convenientemente modificadas, é possível indicar os pontos de contato e de distanciamento dos dois métodos. Dentre estes, são quatro os pontos em comum entre dúvida metódica e *epoché*, a saber: a evidência, o abandono do preconceito, o ponto arquimédico e a suspensão do juízo. A evidência como verdade que aparece imediatamente à consciência; o preconceito como pressuposto pelo qual interpretamos o mundo; o ponto arquimédico como certeza, diante do qual qualquer dúvida sensata não pode persistir; e, finalmente, a suspensão do juízo como um modo de evitar o erro.

Assim, o filósofo Husserl, em seu propósito de apreender o fenômeno e o modo de como as coisas se apresentam à consciência, diante da realidade natural que *se me oferece* envolta, em suas dúvidas referentes à validade do conhecimento, retoma o conceito de *epoché* e o aplica em um novo caminho filosófico. Afinal, uma teoria do conhecimento que não começa, seriamente, com a *epoché* peca contra o significado dos problemas genuinamente epistemológicos. Por isso, a *epoché* é considerada o ponto de partida radical para a fenomenologia.

O intento é de desenvolver aquilo que acredita ser o mais seguro para uma análise filosófica do mundo e de que possa atender às exigências do rigor científico de sua época. Ou seja, trata-se de uma operação de colocar entre parênteses para mudar a atitude. Husserl assim esclarece:

¹⁶⁷ Edmund Husserl desenvolve no ano de 1906/1907 o conceito de *epoché* no campo fenomenológico, a partir dos gregos, e avança até Kant e Descartes. Seu propósito era de buscar argumentações precisas para confrontar questões sobre o relativismo e o ceticismo presentes no psicologismo da época. A tentativa de superação e a refutação husserliana ao psicologismo será encontrada em sua obra *Prolôgos da Lógica pura*. Obra que Edith Stein estudou com afinco antes de se tornar membro do círculo fenomenológico de Göttingen.

¹⁶⁸ A *epokhé* (εποχή) é um termo grego que significa “parada”, “obstrução”, emerge quando em confronto com a realidade da diversidade de convicções que animavam os homens, das diferentes filosofias contraditórias. O cético, que vem de *skeptikós* = aquele que observa, que considera e conclui que na impossibilidade do conhecimento pleno e, das tendências, ocorre a necessidade da suspensão provisória de qualquer juízo.

Fazendo isso, como sou plenamente livre para fazê-lo, eu não nego este mundo, quase como se fosse um sofista, nem coloco em dúvida a sua existência, como se fosse um cético, mas executo uma *epoché* fenomenológica, que me impede absolutamente de qualquer julgamento sobre a existência espaço temporal.¹⁶⁹

Desse modo, a *epoché*, no sentido fenomenológico, visa colocar entre parênteses toda a realidade temporal e espacial, isto é, em toda sua possível transcendência. “Transcendência” significa literalmente *subir para além, ascender para além, passar por cima, exceder*. A *epoché* em Husserl suspende, inicialmente, toda transcendência; ela assegura que o objeto, ou seja, o fenômeno como objeto intencional da experiência passe por um julgamento sem valor. Pois suspender toda transcendência não significa negar conhecimento transcendente nem o declarar duvidoso, mas significa pô-lo em questão, pô-lo entre parênteses, declará-lo questionável, com a finalidade de colocar fora de ação a posição geral que caracteriza a experiência ingênua. É usado em contrapartida ao termo “imanência”. O resultado da *epoché*, da suspensão de toda transcendência, não é o nada, nem o vazio, mas a imanência.

Para Husserl, toda intuição originária atual é uma fonte legitimadora do conhecimento. Tudo aquilo que nos é oferecido originariamente na intuição deve ser aceito simplesmente como o que é apresentado como ser, somente dentro do limite em que é apresentado. O que resta da suspensão da transcendência promovida pela *epoché* é esse imanente; o eu-fenomenológico, as *cogitationes*. Encontramos vários sentidos de transcendência em Husserl. Contudo, estes não serão expostos e desenvolvidos na presente tese.

Trata-se da não consideração do mundo de nossa experiência ou descrito pelas ciências apenas como um terreno último de conhecimento. Disso resulta ao fenomenólogo não fazer juízo algum sobre o mundo e sobre tudo aquilo que nele se inclui, até mesmo as evidências mais científicas. É uma teoria rigorosa do conhecimento que irá partir da absoluta e total falta de pressupostos. Será preciso uma solução que considere o conhecimento na relação entre o mundo exterior e interior, imanente e transcendente. A *epoché* é o ponto de partida para a Epistemologia ser uma ciência sem suposição epistemológica e metafísica, uma ciência daquilo que é dado puramente à consciência. Removendo toda suposição das ciências naturais, a *epoché* está removendo os

¹⁶⁹ HUSSERL, Edmund G. A. *Investigações Lógicas: Primeiro Volume — Prolegómenos à Lógica Pura*. Trad. Diogo F. Ferrer. Lisboa: Centro de Filosofia. De acordo com o texto de *Logische Untersuchungen. Erster Teil. Prolegomena zur reinen Logik. Text der 1. und der 2. Auflage. Hrsg. von Elmar Holenstein. Den Haag: Martinus Nijhoff, 1975. (Hua, XVIII)*.

pressupostos naturalistas de que seja possível a experiência com a coisa em si e de que a natureza exista em si mesma.

Assim, Husserl recorre aos estudos de Kant¹⁷⁰, que o orienta acerca da consciência transcendental, e aos de Descartes¹⁷¹, em sua dúvida metódica que resiste à própria consciência (*cogitatio*). A existência da *cogitatio* não é algo transcendente e não pode ser posto em questão. Desse modo, em Kant e Descartes, Husserl realiza um salto, desde as suas investigações lógicas, para o campo da subjetividade transcendental e para o desenvolvimento de seu método. Ele admitirá que, mesmo havendo no conhecimento um enigma, isso não significa que o conhecimento seja enigmático. Daí que a sua investigação se inicia pela imanência, campo que nos possibilita a posse imediata do objeto. Disso prossegue uma depuração de tudo o que transcende a esfera imanente da consciência.

Dito de outra forma, a *epoché* consiste numa suspensão momentânea da atitude natural (*natürliche Einstellung*) com a qual nós nos relacionamos com as coisas do mundo. Isso consiste em deixar, provisoriamente, de lado todos os preconceitos, teorias, definições etc. que nós utilizamos para conferir sentido às coisas. Tal suspensão da nossa atitude natural diante do mundo tem como escopo apreender na consciência as coisas no sentido de captá-las como elas são em si mesmas. Por isso, o que é posto entre parênteses não é negado, mas perde o caráter absoluto e inquestionável da validade.

O modo de visão do mundo sofre uma mudança radical; deixa-se de aceitar a evidência da evidência das coisas. Deixamos de apenas lidar com o mundo dos objetos espaço-temporais (físico) e passamos a lidar com o mundo das vivências (mundo da consciência). Nisso consiste a migração da atitude natural para a atitude fenomenológica. Ainda em Kant, no exercício da *epoché*, em graus sucessivamente elevados, Husserl considera as alturas radicais da consciência transcendental, e considera também Deus, que, embora seja um Ser transcendente, encontra-Se em um polo oposto à transcendência do mundo.

Desse modo, é possível compreender a centralidade da *epoché* fenomenológica como a via de um exercício mais elevado que conduz à inibição de todo interesse existencial e de toda mundanidade, operando-se assim uma transformação que passa da subjetividade psicológica para uma subjetividade transcendental. Vale a ressalva de que,

¹⁷⁰ Immanuel Kant (1724-1804).

¹⁷¹ René Descartes (1596-1650).

quando nos referimos à subjetividade, a fenomenologia remete-nos para as três dimensões do sujeito muito caras a Edith Stein: corpo, psique e espírito (*Körper - Leib, Seele, Geist*); elementos que ela irá retomar e desenvolver em suas investigações de cunho antropológico-teológico.

Deparamo-nos com o avançar em um novo grau de reflexão no qual o mundo da atitude natural não é apenas exterior, mas da mente que se dirige a si mesma; para a imanência, onde o sujeito se percebe como realidade concreta e mundana. O *eu* psicofísico é possibilitado de atingir um *eu* absoluto ou transcendental e, com ele, o âmbito de uma experiência genuinamente filosófica, a uma perda do mundo, a fim de ganhar um mundo mais puro. Assim, mais uma vez, não há uma renúncia ao mundo, mas apenas à maneira ingênua de considerá-lo. O sujeito está em contato imediato com as coisas que se nos apresentam na sua evidência originária.

É nessa breve aproximação do conceito de *epoché*, na fenomenologia de Husserl, que encontramos Edith Stein investigando os territórios da atitude natural do *eu*, das vivências e da consciência, que avança na compreensão e intenções de seu mestre iniciador. Quando, em contato com vivências religiosas significativas, ela passa a realizar uma exploração fenomenológica dos acontecimentos e fatos que a atingiram e desestabilizaram, ela se debruça sobre o material religioso presente nos fenômenos naturais de sua jornada existencial, uma exploração que quer captar a realidade de Deus ali pulsante, atraindo-a.

Ela, então, expande a reflexão acerca do ser consciente de si mesmo e se depara com o esgotar cognitivo do problema de Deus. Disso resulta um retorno a Ele e a consideração da realidade a partir do pressuposto teológico da existência de Deus, mais especificamente, da Teologia expressa no mundo ocidental pela cultura judaico-cristã. Daí por diante, ela se interessará por temas referentes ao ser, à transcendência e à relação entre a Ontologia e a Teologia.

Na busca de um novo contato com o real em todas as suas dimensões, emerge a tomada de consciência dos novos modos de acesso ao transcendente. É a esfera da experiência fenomenológica, ou seja, a via fenomenológica pode contribuir com essa nova compreensão da ideia de Deus na medida em que possibilita uma ampliação da experiência, para além da concepção proveniente do objetivismo naturalista. Ao aproximar a filosofia fenomenológica husserliana da filosofia teológica de São Tomás de

Aquino, Edith Stein analisa os pontos de convergência e de divergência; ambos estão convencidos de que o *logos* age em tudo o que existe. O que difere é o caráter do *Lógos*.

Para o Aquinate, existe uma verdade em sua totalidade, e é a consciência divina que é revelada aos demais seres conforme seu modo de compreender. Por isso, o santo filósofo distingue a razão natural da razão sobrenatural. Em Husserl, a razão natural avança progressivamente rumo à verdade, mas sem alcançá-la plenamente. Isso leva Edith Stein a buscar na filosofia cristã de Tomás de Aquino, que tem orientação teocêntrica, algo que venha a somar na fenomenologia husserliana, que é egocentrada.¹⁷²

Deus não é como um objeto que cai a nossa frente e cuja realidade se atinge imediatamente. É um caminho de sentir, de processo que diz respeito a aproximar-se e agregar-se a um propósito libertário e justo. É uma ascese, cujo centro vai deixando de ser o *eu próprio* para estabelecer-se na experiência da contemplação e coletividade. Esse é o lugar de chegada de uma fenomenologia mística de Stein que aos poucos se afasta do propósito transcendental fenomenológico de Husserl, sem, contudo, abandonar o método. Logo, para captar o sentido mais profundo dos eventos e verificar o valor e a verdade dos fenômenos religiosos, Stein marca um encontro com a Teologia filosófica em sua hermenêutica e compreensão metafísica. Um encontro em que a descoberta da Verdade a leva até uma Pessoa concreta.

Reconhecer Deus não significa em Stein apropriar-se d'Ele mediante o saber apenas; o saber é o caminho para o saber de si, o saber do outro e o saber do Outro que habita no mais íntimo, núcleo vital do *eu*. O domínio religioso presente nas vivências religiosas por ela experienciadas não foi suficiente para abraçar a fé como um todo; foi necessária uma depuração do intelectual e do afetivo de um modo profundo, honesto e radical. Na aplicação da *epoché*, sobre o seu *eu* psicológico e as vivências que sofreu, numa aproximação e transferência dentro do outro, Stein assimilou o sentido da alteridade.

Daí por diante, ela se desvencilhou da força gnoseológica que a envolvia e se despreendeu; Stein capturou, em si, elementos do reconhecimento de Deus em sua vida, resultantes de um autoconhecimento e que se desenvolveram em uma relação, uma reconexão com a Aliança antes estabelecida somente de ouvido (Jó 42, 5). Uma escuta atenta de um reencontro com Deus, numa estreita conexão do amor que é feito em um

¹⁷² STEIN, E. Obras Completas: *Escritos filosóficos*. Etapa de pensamiento cristiano. Vol. III Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2007. p. 207.

mundo repleto de caos e singularidades, os quais contribuíram para esse reconhecimento e os quais iriam se traduzir em confiança radical, abandono e ato ético. Trata-se de um enlace sponsal que coroou todo o conhecimento e o dinamismo do fenômeno religioso das vivências do ser na experiência de vida de Edith Stein. A filósofa espiritual mergulhou no fundamento divino da fé, cuja meta é a Verdade Eterna que carrega em si todas as outras ciências.

2.4 A experiência da fé autêntica em Edith Stein

Ao longo de sua vida, Edith Stein sempre desenvolveu estudos sobre o plano das capacidades humanas de tipo perceptivo, intuitivo-intelectual e discursivo-racional. Ela buscava a verdade mediante análise da experiência e da dimensão intelectual. A fenomenologia intensificou os seus critérios de atenção ao estado das coisas, a fim de compreender o ente em suas últimas causas e totalidade. De fato, a filósofa, em seus estudos concentrados no ser humano, sempre considerou o homem como um microcosmo dotado de plenificação. Nele se unificam todos os estados do reino do ser, pois o homem para Stein é coisa material, ser vivo, ser animado e pessoa espiritual.

A antropologia steiniana considera que o homem traz em si um equipamento natural em sua essência mais profunda, um espírito aberto ao transcendente. Ora, uma fé viva comporta sempre uma experiência que toca neste mais profundo humano. Trata-se de uma experiência *sui generis*, espiritual. O espiritual é, como apresenta Clodovis Boff¹⁷³, um sensor em que sentimos o mistério de Deus. Essa experiência de Deus acompanha o movimento da fé no sujeito, que é, por conseguinte, sujeito da fé. A fé em Edith Stein foi uma experiência intensa de uma entrada na vida da alma, ou melhor, o impulso para a entrada da filósofa na realidade de Deus.

Vimos que a vida de Edith Stein passou, profundamente, por uma radical mudança interior que exigiu da filósofa que dinamizasse, em si, o exercício da *epoché*, a fim de compreender melhor e de poder avançar rumo ao novo horizonte que se abria à sua frente. Essa mudança interior foi uma repercussão do fenômeno religioso que chegou até ela por intermédio de experiências, vivências religiosas, antes nunca experienciadas

¹⁷³ BOFF, Clodovis. *A experiência de Deus e outros escritos de espiritualidade*. São Paulo: Paulus, 2017. p. 18.

ou analisadas. Como fruto disso, Edith Stein experienciaria em seu íntimo o sentido do espírito; a mudança e transformação de seu ser natural em um ser sobrenatural que progrediria até a realização de um dado novo em si mesma. Ela começou a estender as suas investigações da pessoa humana para além daquilo que lhe era acessível naturalmente, ou seja, de tudo o que podia ser apreendido e compreendido. A filósofa fenomenóloga se deparava com o domínio da fé.

Para Edith, todos os homens são pessoas com um modo próprio e individual, todas são dotadas de uma finalidade, e a sua vida é dada para que alcance este fim, para que chegue a ser o que se tem de ser. Pois o que somos e devemos ser não está fechado em si, mas deve repercutir ativamente em nosso redor. Daí que o homem vive em um mundo espiritual pluriforme, constituído por pessoas, comunidades, formas sociais e obras do espírito. E a pessoa que não quer tornar-se infiel ao propósito de compreender o ente em suas últimas causas vê-se obrigada a estender as suas reflexões até o âmbito da fé. Em seus escritos espirituais, Stein partilha da dificuldade em descrever o influxo da fé e se de fato ela é operativa por si mesma.¹⁷⁴

Segundo Tolstói (1828-1910), escritor russo que Stein menciona em suas obras, a fé é o sentido da vida, o sentido em virtude do qual o homem não se destrói, mas adquire a força em que vive. Quando um conteúdo intelectual positivo se associa ao estado da fé, ele é indelevelmente gravado na crença, e isso explica a lealdade das pessoas religiosas às menores minúcias de seus credos.¹⁷⁵ Quando Edith Stein vivenciou acontecimentos movidos pela fé, desde a retomada de atitudes e postura da mãe no Judaísmo, até o grupo de fenomenólogos com que se relacionava, algo em si se avolumou, inquietou e moveu em uma dinâmica que a estudiosa, até então, desconhecia. Stein se deparou com o conhecimento natural de Deus em que a fé se apresentava como caráter de movimento e de realização. A fé em Stein é visualizada e experienciada como fruição, subida a alturas cada vez mais incompreensíveis e descida a abismos cada vez mais profundos.¹⁷⁶

Trata-se da realização do apreendido racionalmente com clareza frente ao vislumbrado obscuramente. A fé nos estudos steinianos é descrita como ponte para a

¹⁷⁴ STEIN, E. Obras Completas: *Escritos espirituales*. Vol. V Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/ Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2004. p. 145.

¹⁷⁵ O fragmento de um texto das obras de Tolstói é mencionado para tratar do movimento do humano desde esta energia que o impulsiona até o nascer das religiões. Cf. JAMES, W. *As variedades da experiência religiosa*. Um estudo sobre a natureza humana. São Paulo: Cultrix, 2017. p. 175.

¹⁷⁶ STEIN, E. Obras Completas: *Escritos espirituales*. Vol. V Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/ Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2004. p. 298.

travessia do conhecimento natural ao sobrenatural de Deus na vida do humano. Trata-se de uma abertura da consciência para algo além do dado racional. Inserida na pátria da fenomenologia e acolhendo os conteúdos husserlianos, tudo vai se convergindo na interioridade de Edith Stein e a conduzindo para o mundo da fé. Sancho Fermín menciona um apontamento sobre Husserl encontrado em um caderno de manuscritos de Stein, propriedade do Professor Hansen, datado em 23 de maio de 1914, Alemanha:

A esfera da fé abarca todas as regiões do saber (...) todo ato objetivador é um ato de fé. Igual aos atos de fé, também se pode dirigir a modo de gosto ou desejo desde o objeto.¹⁷⁷

À medida que o humano se ajusta neste conhecimento de Deus, a fé, como mediação, progride, passa de uma simples compreensão natural do sentido das palavras, para o conhecimento experiencial de Deus. O objeto da fé é Deus, a fé é fé em Deus. É no encontro da liberdade humana e divina que a fé se revela um ato, um dom que deve ser aceito. Fé compreendida não em seu sentido amplo de crença (*belief*), mas no sentido estrito de *fides*, ato religioso fundamental, aceitação e fidelidade à revelação sobrenatural.

A denominamos *fides*, um ato próprio (...) não há aqui um primeiro e um depois. Nem no sentido temporal nem no sentido objetivo. O que nomeamos sucessivamente e distinguimos com análise está unido a um ato indivisível, nele, nenhum momento é anterior a outro e nenhum é possível sem os demais. Quanto mais profundamente o seguro, tanto mais firmemente me agarro, tanto mais falho também eu. E tudo isso também se pode inverter. Tudo que em geral parece separado ou motivado distantemente, se funde aqui em um só ato: conhecimento, amor, obra.¹⁷⁸

Para clarificar o movimento de progresso desse ato, dessa ascensão natural da pessoa até o sobrenatural em Deus, Edith Stein irá considerar a experiência revelada como a linguagem simbólica da noite e do silêncio presentes em obras místicas. Logo, em seus escritos, a filósofa irá buscar aporte teológico em textos espirituais como os de Dionísio Areopagita (séc. V-VI), Santa Teresa D'Ávila (1515-1582) e São João da Cruz (1542-1591).

Visto que a fé é o caminho na noite até a meta da união com Deus, nela se gesta um novo doloroso nascimento do espírito, a sua transformação de ser natural em sobrenatural. As explicações da fé e do espírito se iluminam reciprocamente. A fé exige a renúncia da atividade natural do espírito. E esta renúncia, consiste na noite ativa da fé no seguimento ativo e pessoal (...). A fé

¹⁷⁷ SANCHO FERMÍN Francisco Javier. *Edith Stein, modelo y maestra de espiritualidad*. Burgos: Monte Carmelo, 2005. p. 132.

¹⁷⁸ STEIN, E. *Obras Completas: Escritos espirituales*. Vol. V Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/ Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2004. p. 120.

prova em sua própria existência, a possibilidade de um ser espiritual e uma atividade que supera o natural (...) ela conduz a uma nova visão de espírito.¹⁷⁹

A fé, para Stein, enquanto outorga a posse da verdade, merece também o nome de conhecimento. Um conhecimento que cabe ser deduzido, unicamente, a partir da fé. Isso porque o objeto da fé não é visto, mas está presente diretamente, pois nos toca, sustenta e nos faz sustentados n'Ele. Por isso, todos os teólogos se apoiam no chão da fé. A fé revela ao entendimento o Criador que chama à existência todas as coisas e que é infinitamente maior, mais elevado e mais digno de amor que todas elas. Ensina os atributos de Deus e, sobretudo, o que Ele significa ao homem e o homem para Ele. A fé, aos que se propõem a crer, é conteúdo de toda verdade revelada: *fides qua creditur* (a fé que se crê). De fato, é compreendendo e assumindo essa vida de fé que o espírito se eleva das atividades naturais sem que haja separação delas.

Quando o entendimento aceita o que se propõe, sem que possa conhecê-lo mediante a própria investigação, acontece o primeiro passo para a noite escura da fé. Noite que Edith Stein acolheu e atravessou em seu êxodo pessoal no movimento do *credere in Deum*, de um adentrar-se, confiadamente, em Deus e de uma entrega a Ele por meio da fé. Seria o caminho da fé que conduziria Stein ao Deus pessoal e próximo, amante e misericordioso; nele a filósofa se certificaria de que tal privilégio não se encontra em lugar nenhum no conhecimento natural.

Uma entrega que desenvolveu em Stein uma disposição de atividade viva do espírito, convencida da existência de Deus e em correspondência aos ensinamentos da Igreja e de suas exigências. Edith se lançou em um caminho de tomada de decisões movida pelo espírito de fé. Prontamente, colocou-se à disposição do Espírito Santo, numa abertura profunda em que o seu espírito humano recebeu asas e se elevou. Essa elevação do espírito foi carregada de uma larga prática que se desdobrou na entrega e abandono de si a Deus.

Edith sofreu em si o que João da Cruz descreve em seus escritos: quando a fé se desnuda na obscuridade e pobreza espiritual, ela finca as suas raízes na alma e transborda, ao mesmo tempo, de esperança e de amor. O fenômeno religioso que Edith Stein considera e investiga atingiu de tal modo, em profundidade e extensão, que a fenomenóloga não encontrou outra coisa a fazer, senão abraçar a fé. Nela se vislumbra o

¹⁷⁹ STEIN, E. Obras Completas: *Escritos espirituales*. Vol. V Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/ Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2004. p. 298.

progresso de uma fé autêntica que transborda em ações concretas para além da compreensão da natureza humana. São João da Cruz afirma que somente na mais profunda contemplação nos pode ser revelado o que é a fé realmente.¹⁸⁰ A fé se traduz em obras, pois quem conhece Deus desde a fé e com fé viva O ama estará sempre desejoso de conhecê-Lo em formas sempre novas e com novos aspectos, um conhecimento que exige reciprocidade e responsabilidade desse amor.

Por isso, para Stein, um algo mais se encerra na palavra “fé”. Quando cremos sem precisarmos ver, sem que sejam necessárias provas de tal experiência, ocorre a eleição da fé que remete o humano à experiência da imutabilidade, ou seja, da objetividade imutável do amor de Deus; da fé em Deus de caráter absoluto. De fato, pode-se perder a fé; porém, ela não se modifica. Quem segue vivendo a vida terrenal sem considerar o fator divino transcendente, o ato da fé não abandona, e o objeto da fé permanece escondido para o sujeito. Existem diferenças subjetivas da *fides* que dizem respeito a uma fé, mais ou menos forte. Entretanto, não trataremos dessas diferenças aqui.

O intento é de expor o resultado da experiência da fé viva e atuante em Edith Stein porque é visto que a mística é uma forma de experiência da fé. A fé, regida pela Graça, do conhecimento seguro de Deus, ainda que obscuro, encontrou, no ser de Stein, espaço e acolhimento. Um acolhimento pessoal e livre, uma resposta à Graça, iniciativa do amor divino. Em Edith Stein, a liberdade de Deus e a liberdade de sua natureza pessoal se encontraram resultando em uma autêntica decisão. A decisão de entregar-se, inteiramente, nas mãos de Deus.

A captação de um ser tocado pela mão de Deus em virtude do qual o que nos toca está presente diante de nós. O ser tocado é algo que não podemos subtrair de modo algum; para uma colaboração de nossa liberdade não há espaço. Assim está Deus diante de nós como um poder que não podemos escapar, como Deus “forte e poderoso”, criador de temor e de obediência incondicionada. Frente a esta captação há um comportamento livre. (...) O amor a Ele nos inunda e nos sentimos levados por este amor.¹⁸¹

A experiência da fé em Deus que Edith Stein vivencia é do conhecimento de Deus, daquilo que só pode ser vivido por quem reproduz a fé em sua vida concretamente. E isso ela traduziu de modo exemplar na adesão da fé à verdade revelada em Jesus Cristo.

¹⁸⁰ STEIN, E. Obras Completas: *Escritos espirituales*. Vol. V Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/ Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2004. p. 298s.

¹⁸¹ STEIN, E. Obras Completas: *Escritos filosóficos*. Etapa do pensamiento cristiano. Vol. III Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2007. p. 123.

A fé, chave da revelação, fez com que Edith Stein abrisse o coração à força transformadora da verdade encontrada. A filósofa, após ter a fé despertada em si, acolheu a fé no Cristianismo e depois buscou concretizar sua adesão ao assumir a fé do Catolicismo. Uma adesão à fé na Igreja que ela esclarece para amigos em seu epistolário:

Não entrei nela para aproveitar-me ou porque as pessoas me atraíram, senão porque a sua doutrina e fé nos sacramentos me pareceram irrecusáveis. E ao longo de onze anos tenho experimentado tão abundantemente as suas bênçãos que já nada poderia separar-me dela. E mesmo que não existisse no mundo nada cuja vida desse testemunho do que a fé viva pode fazer a uma pessoa, eu me sentiria obrigada a fazê-lo.¹⁸²

A partir dessa adesão e entrega, Edith Stein iria cultivar e aprofundar mais ainda, a fé viva conhecida, da razão iluminada, da verdade encontrada; imersa nessa relação com o mistério, ela amou e serviu a Deus. Surgiu uma nova Edith, incorporada ao Cristo como membro de Seu corpo, que é a Igreja; nela, o dinamismo da graça em seus dons encontra reciprocidade e abertura plena para a progressiva transformação que não será outra coisa, senão o seu pessoal processo de santificação. A fé constituiu a pedra angular na vida natural do homem na acolhida ao mistério e abertura à verdade, porque é mediante a fé que se faz reconhecível a revelação.

A intensidade e o nível de recepção do humano em relação à fé e às revelações¹⁸³, que são múltiplas na natureza, dependerão do nível de acolhimento da graça na vida do sujeito que crê. Sem fé, as revelações são mudas. A fé é o efeito da graça, porque crer sem receber a graça é impossível; por isso, graça e liberdade são constitutivas para a fé. Em relação à práxis dessa fé, separar o crer e o atuar somente é possível quando não se captou a fé em sua concretude e a confundiu com o âmbito teórico nela encerrado. Por isso, Ales Bello escreve que a fé é a exigência mais alta e absoluta.¹⁸⁴ Somente mediante uma fé concreta, viva e eficaz, o caminho da perfeição poderá ser trilhado.

O ato da fé é vital para Edith Stein. Ela crê que Deus existe e que o mundo pertence a Deus, e isso demanda um absoluto dever e querer, ambos os quais a

¹⁸² Carta a Werner Gordon, 4 de agosto de 1933. Cf. STEIN, E. Obras Completas: *Escritos autobiográficos y Cartas*. Vol. I Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2002. p. 1036.

¹⁸³ Revelações segundo Edith Stein são formas e conteúdo de aclaração acerca da essência de Deus e de seu Reino, manifestação da vontade divina, mandatos para um sujeito receptor o para outros enquanto mensageiros, também a autora considera aclaração acerca do mundo terrenal. Conhecimento direto enquanto dom de Graça divino. Por isso, para Stein é certo que toda verdade procede de Deus. Cf. STEIN, E. Obras Completas: *Escritos filosóficos*. Etapa do pensamiento cristiano. Vol. III Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2007.p. 125.

¹⁸⁴ ALES BELLO, Angela. *Edmundo Husserl: pensar Deus, crer em Deus*. São Paulo: Paulus, 2016. p. 125.

fenomenóloga esteve disposta a realizar. Aceitar as verdades da fé significa aceitar a Deus, que é o próprio objeto da fé; significa também se voltar para Deus no sentido de se destinar a Ele como desígnio último da natureza humana. Stein escreve em uma profundidade de quem se deixou não somente tocar, mas ser pega pela Graça e conduzida em sua totalidade para o Eterno Absoluto Amor.

Assim, a fé é um agarrar-se a Deus. Porém, este agarrar presume um ser agarrado: não podemos crer sem a Graça. E a Graça é participação na vida divina. Se nos abrimos a Graça aceitando a fé, sentiremos o começo da vida eterna em nós. Aceitando a fé segundo o testemunho de Deus, adquirimos conhecimento sem compreendê-lo; não podemos aceitar verdades da fé como evidentes, como verdades necessárias da razão ou como fatos da percepção dos sentidos, não podemos, tão pouco, deduzi-las segundo leis lógicas. Eis o motivo da fé ser também chamada luz escura (...) A fé, quer de Deus mais que verdades particulares, ela quer Deus mesmo, que é a Verdade, o Deus inteiro.¹⁸⁵

Logo, compreende-se o empenho de Edith Stein em trazer à tona e reconsiderar a nobre tarefa da filosofia cristã de preparar o caminho da fé via conhecimento do Eterno, que conta com o finito para a sua plena realização. Ela está convencida de que fé e razão se ajudam mutuamente no processo de alcance da Verdade última, mesmo que ambas jamais cheguem a um resultado satisfatório do mistério em sua totalidade.

Doravante, capturada por essa experiência vital da fé, de um encontro com Deus, Edith Stein realizou a saída, o abandono de todo conhecimento particular obtido por conceitos na esteira das ciências; nada mais a iria reter. A fenomenóloga de Göttingen decide entrar na simplicidade da apreensão da Verdade única e realizar a sua travessia de humana santidade, de entrega plena ao Amor, dentro do Catolicismo, como cristã, religiosa, monja carmelita e, conseqüentemente, mártir do Nazismo.

Em sua jornada de conversão, descobriu que era preciso, depois da Verdade encontrada, desapegar-se de tudo, para então poder se dedicar a Deus por completo. Nela se fundem, numa espécie de mergulho ao transfundo humano, a investigação científica rigorosa e a fé. Uma fé que resultou da experiência da transcendência absoluta em sua vida, do Eterno que transcendeu a imanência e a transcendência imediatas de sua finitude inquieta. O conhecimento natural encontra a sua conformidade na fé e a fé atinge a sua forma suprema no conhecimento experiencial de Deus. É um caminho para todos, em que as vivências religiosas ocorrem mesmo sem a fé, mas que também essas mesmas

¹⁸⁵ STEIN, E. Obras Completas: *Escritos filosóficos*. Etapa do pensamento cristiano. Vol. III Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2007. p. 638.

vivências podem conduzir a fé do humano. Uma travessia a qual, em Edith Stein, podemos chamar de êxodo existencial.

2.5 A experiência de êxodo e da decisão sponsal em Edith Stein

A vida de Edith Stein foi um êxodo constante; ela realizava a travessia de tudo aquilo que considerava como resposta insuficiente para as suas questões existenciais mais profundas. O êxodo da busca do sentido do humano para a dimensão sobrenatural nele. Uma travessia que iniciou quando a jovem saiu de seu contexto familiar judaico (1891-1911) para um contexto universitário e filosófico (1911-1921); depois, do contexto cristão e católico (1922-1933) para o contexto monástico carmelita (1933-1942).

Nesse(s) êxodo(s), no dinamismo de busca constante, um movimento interno aconteceu em Stein e se assemelhou ao ato do arqueiro, que contempla o alvo a ser atingido, segura firme o arco, recua alguns passos, respira em profundidade, estica a corda, posiciona a flecha e a solta. Edith Stein, em seu *eu único*, lançou-se rumo ao alvo da verdade do *Ser em si* encontrado e, ao encontrá-Lo, soltou-se inteiramente, numa entrega por Amor ainda enigmática para muitos.

Em suas investigações acerca do ser, do ente, da natureza, sempre esteve ciente das coisas que não poderia descobrir por sua luz própria, como que fechando os olhos diante de algo superior. Ela ampliou seus estudos considerando o gérmen do espírito que habita em todo ente, em todo ser vivo. Para Stein, em sua antropologia original, toda a pessoa é capaz de uma vida espiritual, ou seja, o ser finito é um ser *capax Dei*; de acolher e zelar pelo sobrenatural, o Infinito. Como resultado, ela encontraria a razão de seu ser no despertar da totalidade dos elementos que a constituíam, bem como no mistério que habitava a singularidade dos testemunhos que cruzaram a sua jornada existencial.

Mesmo dotada de uma elogiada inteligência, Stein experienciou, não sem uma dor profunda, a constatação dos limites da razão. Ao percorrer inúmeras ciências em busca da verdade, e de constatar que a força humana não é suficiente para desvelar o mistério do humano como um todo, desassossegada, movida pela tensão e o grande esforço de compreender o humano, a filósofa quase chegou ao limite da saúde, situação que ela mesma partilhou em suas cartas:

Eu seguia trabalhando em constante desespero, pela primeira vez em minha vida me deparei com algo que não podia dominar com a minha vontade. Eu tinha gravadas em meu interior as máximas de minha mãe ‘querer é poder’, ‘o que um se propõe Deus ajuda’. Frequentemente, me vangloriava de que minha cabeça era mais dura que as mais grossas paredes e agora sangrava em frente a um inflexível muro que não queria ceder. Isto me levou tão longe que minha vida parecia insuportável.¹⁸⁶

Trata-se da soma de experiências pontuais na pessoa de Edith Stein resultantes do elemento primordial do encontro; encontro com o outro, consigo mesma e com Deus/Eterno/Verdade que resultaria em um abandono, uma entrega sem limites de todo o seu ser e existir. Consequentemente, essas singularidades e vivências a conduziram a um Outro, uma realidade a que ela precisou adentrar mediante o fenômeno religioso. Foi o sobrenatural que chegou e a atravessou, desde as raízes de seu ser, e que não tinha a ver com o tempo linear de planejamentos, de previsões, prescrições em que nada nos acontece. Em suas potencialidades, ela foi tocada por uma Potência que a superou e a carregou junto em um impulso rumo a um mistério que se dispôs a compreender e acolher.

Todo o ser finito, tanto o que é, quanto o seu ser deve estar configurado a Deus, porque Deus está em sua origem (...) Cada homem é um *eu*, tem um começo e se chama de *eu* porque seu ser é consciente de seu próprio ser (...) Deus, plenitude absoluta é o ser em si, incomunicável. Deus presente eternamente vivente, sem começo nem fim, sem lacunas nem obscuridade, é o ser em pessoa. Nele a humanidade pode acercar-se da divindade em parte e ante o todo.¹⁸⁷

Edith Stein reconhece que a via intelectual, racional não foi insuficiente para ascender ao mistério que a envolveu. Ela, então, não apenas aprofundou essa verdade como também decidiu buscá-la com mais ardor e proximidade, dentro de si e vice-versa, tateando em toda dimensão corpórea capaz de análise. Trata-se da completude de uma experiência real, fenomênica da pessoa. Stein se percebeu não só como corpo físico (*Körper*), mas como uma unidade totalizante constituída de um corpo vivo (*Leib*), de alma (*Seele*) e de espírito (*Geist*), em relação com um outro que a envolveu, inquietou, comoveu e elevou.

Vimos alguns dos testemunhos incontestáveis da fé que tocaram Edith Stein profundamente. Foi a experiência dos testemunhos daquelas pessoas que levou a filósofa

¹⁸⁶ STEIN, E. Obras Completas. *Escritos autobiográficos y cartas*. Vol. I Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2002. p. 380.

¹⁸⁷ Na obra *Ser finito e ser Eterno, ensaio de uma ascensão ao sentido do ser*, percebemos a forte influência de Santo Tomas de Aquino na fenomenologia de Edith Stein no referente a experiência do ser de Deus que conduz à mística. Cf. STEIN, E. Obras Completas: *Escritos filosóficos*. Etapa do pensamiento cristiano. Vol. III Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2007. p. 587-1112.

fenomenóloga a interrogar-se pelo fenômeno do espiritual, um fenômeno que chamou a sua atenção como possibilidade de resposta última ao sentido do ser. Eles foram o ponto de partida em sua busca ativa do caminho da religião. Um caminho que se desdobrou em um processo pessoal de conversão, da cabeça-razão ao coração, da experiência e do conhecimento entrelaçados, da leitura individual ao exemplo de autenticidade e fidelidade dos amigos à ação da graça.¹⁸⁸

Edith Stein, depois disso, decidiu tomar o caminho da escuta atenta aos outros e ao Outro ainda para ela desconhecido. E, para poder dar uma resposta ao chamado que sentia pulsar numa inquietude profunda de seu ser, ela começou o êxodo, uma travessia que a conduziu, desde uma conversão filosófica até a conversão religiosa. Foi uma síntese, antes buscada intelectualmente, da dimensão natural para a sobrenatural no humano, da relação entre corpo, alma e espírito que Edith Stein viveu em si, de um espírito capaz de Deus e de entrar em relação com Ele. Ela decidiu, afetada por inteiro em seu ser, desvelar o caminho da interioridade, abrir a porta de sua consciência para a ação da Graça em sua vida. Ora, a experiência mística aconteceu nessa viagem em que o ser se permitiu, em seu intramundo, entrar em relação com o Outro desconhecido.

Por sua tradição judaica, certamente, Edith Stein tinha conhecimento do encontro revelador da essência e do ser, que se deu entre Deus e Moisés (Ex 3, 4-10), quando, ainda permeada pela fenomenologia, ela revisitou essa experiência mosaica da Revelação pessoal de Deus primeira. O Deus que Se revela como um “Tu” diante do outro, inspira elementos decisivos para toda a investigação steiniana sobre o problema da Empatia. Uma investigação onto-teológica que se intensificaria na vida da filósofa em sua decisão de seguimento do Cristo, quando Deus, então, desceu à realidade do humano, fez-Se um com este, na Encarnação.

Na dimensão interior da alma, a experiência de Deus foi, em Edith Stein, uma *via ad intus*, em que ela avançou desde a consciência de sua identidade (eu) para a sua capacidade de alteridade (tu), que desaguou no mais profundo de sua interioridade, a alma

¹⁸⁸ Edith irá explicar a ação da Graça no desenvolvimento da natureza humana baseando-se na teologia de Tomás de Aquino. O ser é capaz de elevar-se numa abertura e disponibilidade ao divino, a Graça dilata no ser a disposição enquanto criatura daquilo que o Criador nela busca realizar. A Graça é o que une criatura e Criador como um todo. O amor divino de Deus no ser divino enquanto “*bonum effusivum sui*” de um bem que transborda e se comunica. A Graça é o que a criatura humana recebe em si como participação do ser divino. Por isso, a Graça quer ser recebida pessoalmente, é um chamado de Deus no coração da individuação humana. Cf. STEIN, E. Obras Completas. *Escritos autobiográficos y cartas*. Vol. I Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2002. p. 991s.

(Ser). Como filósofa, buscadora da verdade, a mulher fenomenóloga sempre esteve consciente do mundo exterior, de uma consciência originária do *eu* que se situa na direção de uma *nosce te ipsum* socrática¹⁸⁹; porém, esta era, agora, corrigida e iluminada pelo *noverim te, noverim me*¹⁹⁰ agostiniano.

Doze anos depois da leitura de Santa Teresa, Edith Stein ingressou no Carmelo de Colônia, às vésperas da Solenidade de Santa Teresa D'Ávila, aos 14 de outubro de 1933. Ela cumpriu a realização de um antigo plano partilhado em seu testamento epistolário.

Penso que esteja inteirado, por nosso mestre querido, de que eu também tive de suspender minhas aulas. Uma mudança revolucionária que interpretei como um sinal do céu, no sentido de que agora poderei empreender o caminho que desde muito tempo tenho percebido ser meu. Depois da última visita a meus familiares em Breslau e de uma custosa despedida de minha mãe querida, no sábado passado entrei para o convento das Carmelitas, e desta maneira me tornei uma filha de Santa Teresa, graças a qual me converti.¹⁹¹

Edith, cheia de Deus, vivenciou uma experiência na qual o limite do não saber faz com que, de repente, se saiba, e essa experiência passa pela mediação do corpo místico de Cristo e da Igreja. Uma experiência de totalidade com o corpo e não na negação dele. Um corpo nunca é apenas um corpo. Uma transformação de Deus que se realiza em conformidade com o Crucificado Ressuscitado. Em 15 de abril de 1934, Edith Stein tomou o hábito e iniciou a sua formação no noviciado. Em 21 de abril de 1935, pronunciou seus primeiros votos diante da madre priora, ciente de que se tornava a esposa do Cordeiro. Decidiu seu nome de religiosa inspirada pela cruz e compreendeu o destino do povo de Deus, o qual carregava em si desde a sua cultura e tradição. Uma entrega de amor ao Verbo Encarnado que brotava nela a partir da convicção de que abraçar a proposta do Jesus crucificado constitui o único meio para subir imediatamente a Deus.

Trata-se de uma experiência que exige outra linguagem, transpassada de paixão, capaz de enunciar o todo no brevíssimo universo do singular; exige também nova atitude e tomada de decisões. Portanto, em Stein, as vivências religiosas foram se intensificando

¹⁸⁹ Aforismo grego antigo levado à boca do filósofo Sócrates (469-399 a.C) antes de beber a cicuta — Platão (428 — 347 a.C) se torna seu porta voz, a encontramos no portal do Templo de Apolo como uma máxima délfica “Conhece a ti mesmo”.

¹⁹⁰ Deus *semper idem, noverim me, noverim te*, "Deus, que sois sempre o mesmo, faz com que eu me conheça e que eu vos conheça" - Fragmento da oração e uma das frases memoráveis do Bispo Santo Agostinho de Hipona (354-430).

¹⁹¹ Carta de Edith a Fritz Kaufmann, Colônia 17 de outubro de 1933. Cf. STEIN, Edith. Obras Completas. *Escritos autobiográficos y cartas*. Vol. I Madrid/Burgos: Vitoria Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2002. p. 1057.

como que numa abertura fenomenológica essencial ao conhecimento de Deus mediante toda uma diferenciação e experiência evolutiva entre corpo físico e vivenciado.

Para Stein, na esteira de Tomás de Aquino, a pessoa está em posição superior no que diz respeito à escalação dos níveis dos seres da natureza. A filósofa se debruça sobre abordagens tradicionais de agrupamento dos seres em círculos limitados, fechados em certas características — vale a ressalva de que era com essas investigações que a fenomenologia podia contar em seu tempo.

Para Edith Stein, as investigações e constatações experienciais foram o salto qualitativo das vivências religiosas vagas e diferenciadas em sua qualidade pessoal, avançando para uma espiritualidade e vivência mística da experiência cristã de Deus e tomando a forma do amor misericordioso que se dirige ao humano necessitado de salvação em sua individuação, singularidade e transcendência. Antes disso, a filósofa percorria o caminho investigativo para compreender o ser como coisa, planta, animal e espírito; porém, tudo em uma unicidade complementar.¹⁹² Ela investigara a fundo os quatro reinos clássicos da natureza: a matéria física-corpórea, a vegetal animada — estrutura material vivente —, o animal sensível e o humano espiritual — este último, com abertura para o reino dos espíritos puros. Daí o espaço propício para a espiritualidade e a mística.

A experiência mística resulta do movimento que se passa no nível do espiritual, religioso, da problematização da alma, tão caro a Edith Stein. Isso se desvelou para a fenomenóloga, na medida em que ela se rendia ante o limite da filosofia e a abandonava. Há todo um aprofundamento e um dilatar da percepção, capaz de dotar a filosofia da precisão de que ela carece quando permanece no domínio puramente conceitual. Isso significa que a mística, para além da consciência apenas, necessita do corpo para se realizar em plenitude. Por isso, será visto que o ponto de partida da experiência de Deus, em Edith Stein, mesmo imersa no âmbito acadêmico agnóstico, não foi de um ponto de partida lógico, do conhecimento de Deus, mas sim do Deus mesmo, feito humano em sua fragilidade e finitude.

Segundo Gershon Sholem (1897-1982), considerado um dos mais prestigiados estudiosos da mística judaica, o místico começa onde termina o filósofo. Bergson¹⁹³

¹⁹² STEIN, E. Obras Completas: *Escritos antropológicos y pedagógicos*. Vol. IV Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2003.

¹⁹³ A contribuição do filósofo Henri Bergson (1859-1941) trata do critério da abertura, isto é, de uma moral que se dirige à humanidade inteira e se opõe a todo fechamento, que permanece determinante. O que seguirá

chama a mística de *o não lugar da filosofia*. Como filósofa fenomenóloga, Stein foi mestra em formular e analisar as vivências místicas até a união mística. As vivências religiosas que experienciou a comoveram e instigaram a sua atenção, e ela escutou um Deus, antes, desconhecido. É algo que passou por Edith e penetrou em sua interioridade, como uma extraordinária invasão de amorosidade em seu território pessoal. Daí por diante, as suas convicções filosóficas titubeariam, e ela adquiriria a certeza de que o mistério que estava a sua frente era inabarcável. Essa humildade conduziu a filósofa para a porta de entrada do Mistério da graça divina em sua vida.

E tudo aconteceu em meio ao movimento de relações empáticas que Edith Stein viveu, numa absoluta alteridade em que fluiu toda a sua plenitude e a conduziu para um encontro definitivo com o amor; tudo isso, mediante uma aproximação do mistério salvífico de outra tradição: o Cristianismo. Sabe-se que a mística na semântica cristã é o correlato de um mistério que passa pela realidade do corpo.

No núcleo da revelação bíblica não encontramos as dissociações que se tornam tão correntes entre alma e corpo, interior versus exterior, prática religiosa e vida comum. No centro está a vida, a vida que Deus ama porque, como ensina Jesus, ele “não é Deus de mortos, mas de vivos” (Lc 20, 38). Tal como não encontramos nenhuma aversão em relação ao corpo. (...) Sopro vital, hálito de Deus (Gn 2, 4-7) que agora passa a estar ativo em cada vivente, percebido como fonte mesma da existência e codificado nos sentidos e manifestações vitais da pessoa humana.¹⁹⁴

Ao avançarmos, veremos que também se refere ao ápice da experiência do mistério de Deus, mais especificamente, o mistério da salvação na experiência do mistério de Cristo, a Encarnação, e a Igreja será o caminho para a relação com o Corpo Místico de Cristo. Isso porque é esse Cristo quem satisfaz Edith Stein, primeiramente, em suas investigações antropológicas e fenomenológicas; a seguir, em suas exigências de fé. Ele corresponde à aspiração profunda de sua busca intelectual da verdade. Será à pessoa de Jesus, o Cristo, a quem Edith irá dedicar os seus dias, a compreender e a responder com fé e amor. A pessoa do Cristo tornou-se o alicerce inalterável para o caminho novo que Edith Stein escolheu seguir.

não é, absolutamente, justificável ou pensável sem esse critério. É ele que vai ancorar sempre a mística, não somente no humano, mas na história, não somente na experiência, mas na ação. (...) É sempre seu alcance moral, sua abertura de princípio, que o define. Uma mística da força da exclusão, da guerra, é impensável ou, antes, contraditória aqui. Cf. WORMS, Frédéric. *Bergson ou os dois sentidos da vida*. Trad. Aristóteles Angheben Predebon. São Paulo: editora Unifesp, 2010, p. 326-327.

¹⁹⁴ MENDONÇA, José Tolentino. *A mística do instante*. O tempo e a promessa. São Paulo: Paulinas, 2016. p. 11.

À luz da Verdade, Edith Stein foi conduzida a uma jornada espiritual que a fez avançar e penetrar, cada vez mais, no mistério do Deus Encarnado. Ela se tornou inteiramente receptiva, desperta, instigada ao novo movimento de seu interior, que a atraiu para si, para o outro e para Deus. Foi o caminho da espiritualidade e mística que se deu como uma inserção do sobrenatural em toda a sua evolução histórica natural. Passou por processos, por níveis de desenvolvimento, na medida em que a prussiana, filósofa de Göttingen, deixava-se conduzir pelos fenômenos religiosos que testemunhava, sondava e vivia. Na esteira da reflexão de uma perspectiva judaica acerca das etapas da mística no humano, Sholem assim descreve:

O primeiro período da evolução religiosa está constituído pelo estado mítico, da forma espontânea e inocente de viver a religião. O homem vive o âmbito do sagrado em permanente comunicação com o divino e sem a consciência da distância ou separação de sua vida em relação à influência de deuses sobre ela. É um primeiro estágio infantil da religião em que não há lugar para a mística. O segundo é o da religião institucionalizada; neste o homem toma consciência da distância entre o mundo humano e o divino, o abismo entre a criatura do Absoluto e o homem de Deus. A voz de Deus, sua Revelação, estabelece a lei e a oração devida. Neste segundo estágio, da religião institucionalizada, poucas são as condições para a aparição da mística. A mística é reação e unidade. Ela não ignora o abismo entre Deus e o homem, ao contrário, toma consciência dele. Porém, partirá desta consciência para iniciar uma busca do mistério nos caminhos que conduzem a ele. A mística buscará recuperar a unidade e a inocência perdidas no período mítico; contudo, o fará de modo reflexivo desde o interior do sujeito, na profundidade de seu ser e na profundidade de tudo o que existe.¹⁹⁵

Desse modo, no desejo de autenticar a sua própria existência, sem abrir mão dos elementos constitutivos da memória afetiva de sua tradição religiosa materna, e, agora, em vista da Verdade encontrada no Cristo, Edith Stein iniciava, como mencionado, um êxodo no sentido bíblico da palavra; um colocar-se a caminho, rumo a uma nova e verdadeira pátria, impulsionada pela força de uma promessa, tendo em vista que o término dessa jornada culminaria também na descoberta plena de si mesma. Por isso, em Stein, duas são as conversões: a filosófica e a religiosa. Um processo do movimento da superfície ao profundo e vice-versa, que a colocou diante da transição relacional com o divino. Edith Stein realizou a travessia da compreensão e da experiência religiosa de YHWH a *YESHUA*.

Uma epifania de Deus se desdobrou desde a experiência profética do Deus dos pais de Stein ao Deus pessoa humana divina, que Se revela na essência da natureza de um corpo entre todos os demais corpos. Um conhecimento de Deus em que o amor é

¹⁹⁵ VELASCO, Martín Juan. *El fenómeno místico*. Madrid: Ed. Trotta, 2003. p. 183- 250.

referencial e a forma mais perfeita desse conhecimento. A compreensão da fé se desdobrou em contato vivido, mesmo nas agruras do cotidiano. Pulsava, então, uma nova relação entre a crente e o credo escolhido. Uma relação que não seria mantida mais via normatividade de uma lei expressa, mas na relação de proximidade amorosa com o Cristo. Edith Stein, assim como o descrito por São Paulo em suas cartas, quis viver em Cristo, pertencer ao Seu Corpo, de modo que pudesse também anunciar: *já não sou mais eu quem vivo, mas Cristo quem vive em mim* (Gl 2, 20).

Começou, em Edith Stein, o caminho da relação de amor com o Cristo em um enlace definitivo, esponsal, matrimônio espiritual, testemunhado em seus escritos com muita discrição e profundidade. Um amor vivido intensamente, de forte repercussão empática e responsável. Uma espiritualidade relacional amorosa, nupcial. Uma união transformadora do Deus vivo, presente em um contexto histórico de secularização e de progresso do descrédito no Mistério que rompe com esse contexto e o ressignifica. O encontro com Deus em Stein se dá em conexão estreita com o amor. Pois, tratar de Deus desde uma experiência pessoal é tratá-Lo como um amante. Esse tratamento resulta no desejo de, em reciprocidade, fazer a Sua vontade. Assim como em Santa Teresa D'Ávila, a alma de Edith Stein foi tocada por Deus e ferida de amor; a filósofa não encontraria outra medicina senão n'Aquele que a feriu.

A alma já não pode outra coisa senão amar a Deus e consumir-se em ânsias de contemplá-Lo. E Deus, não poderá resistir muito tempo diante destas ânsias. O amor nela acendido a move a novas e inesperadas mostras de amor (...). A alma anseia por ser desprendida das cadeias desta vida para poder gozar da proximidade beatificante (...). Começam os jogos de amor entre o Amante divino e a alma amada. Ele mesmo a visita uma e outra vez e vai descobrindo mais e mais a sua formosura (...). E como o Amado a rodeia de incomparável ternura, ela, por sua vez, se entrega sem reservas; somente vive para o seu amado e está morta para o mundo.¹⁹⁶

Essa relação esponsal entre a alma humana e Deus é prevista como, desde a eternidade, meta da criação. Essa relação, em Edith Stein, é de um saber que é interiorizado graças à transformação que sofre o sujeito no fluir de uma iluminação que clareia a obscuridade do mundo em que se encontra quando permanece no exercício constante da fé e da procura. É a experiência mística de ser em Cristo compreendida desde o ponto de vista do querer. É a plenitude transbordante de uma relação de amor em que o próprio amor adquire uma dimensão missionária e de benefício aos outros, porque o amor

¹⁹⁶ STEIN, E. Obras Completas: *Escritos espirituales*. Vol. V Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/ Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2004. p. 412.

de Deus inunda a vida de extraordinário valor humanitário. Daí se percebe, na relação esposal de Edith Stein e de Deus em Jesus Cristo, um desejo de responsabilidade de concretude.

Desde o momento em que Deus se faz presente no rosto e na vida do Verbo encarnado, a fé que lhe reconhece nessa vida passa a comportar-se numa dimensão inescapável de escuta a esta palavra, em obediência à vontade que nela se faz presente e no seguimento de seus passos (...). Uma união de semelhança que tem suas raízes na vida teologal e que se encarna em união com a vontade de Deus, mais concretamente, no amor ao próximo como meio de realização do amor de Deus.¹⁹⁷

Esse é um conhecimento muito acima dos habituais caminhos de conhecimento, uma experiência na profunda interioridade de um corpo; todavia, livre da carga desse corpo. É sentir-se unido a Deus em um abraço real, interior e espiritual. É uma força anímica extraordinária para que se possa suportar o abraço de Deus e estabelecer junto dele, perfeita harmonia. As potências do sentido estão tão unificadas e espiritualizadas que podem tomar parte nos deleites de Deus no mais profundo do espírito.¹⁹⁸ Assim, Stein, firme em Deus, seguia adiante e já não se permitia amedrontar pelos terrores do mundo que investia contra ela. Ele lhe concedia forças para transformar sua debilidade em força divinal. Ela estava perdida, ou melhor, reencontrada em Deus, e assim gozava da perfeita paz que supera todo conceito e que não é possível de ser expressa com palavras humanas.

A experiência de relação esposal de Edith Stein em Jesus Cristo se consumaria no desvelar dos Mistérios do Deus que passa pela travessia da Encarnação e da Redenção, mais especificamente, no dinamismo do madeiro da manjedoura e da Cruz. Porque, seguramente, para Edith Stein, na esteira de Teresa D'Ávila, a união mística é a participação na Encarnação do Cristo. Para Edith, o encontro com o Cristo resultou no total abandono de sua vontade própria, uma entrega incondicional ao Amor Verdade, algo de difícil assimilação em tempos em que o ser humano sofria investidas violentas da oferta de liberdade ingênua, alienante e vazia de sentido. Ela escreve:

Nada escolher que seja menos que a cruz... quanto mais pesada, mais leve porque é levada por Deus. Quando carregada está junto de Deus que é a tua fortaleza e que caminha com os atribulados; e quando está aliviado está junto de ti porque é também a tua fraqueza: porque a virtude e a força da alma no exercício da paciência crescem e se confirmam. (...) Não pode chegar à

¹⁹⁷ VELASCO, Martín Juan. *El fenómeno místico*. Madrid: Ed. Trotta, 2003. p. 233.

¹⁹⁸ STEIN, E. *Obras Completas: Escritos espirituales*. Vol. V Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/ Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2004. p. 438.

perfeição aquele que se contenta com o nada, de maneira que a natureza e o espírito estejam contentes no vazio.¹⁹⁹

Mas, para chegar a esse entendimento pleno, a jovem prussiana teve de realizar a árdua travessia de um deserto junto dos seus, de seu povo; ela teve de experienciar, mesmo que em tempos sombrios, a proximidade e o distanciamento do Deus de Israel que a mãe cultivava no seio familiar. Ela teve de fazer o caminho, em sua interioridade, da revelação do Sinai, que acompanhou e abençoou a tradição judaica, à revelação do Deus de Jesus, cuja característica marcante é Sua humanidade, e que espera, daqueles que O experienciam, fidelidade no seguimento e na missão.

Edith Stein, em sua inquieta busca pela verdade, não obtinha respostas para as suas grandes perguntas de vida. O sofrimento dos seus, do mundo e da própria vida, ela não conseguia compreender suficientemente. Tudo que tinha eram os livros e as narrativas nacionalistas sobre sua pátria e missão histórica. Da mística judaica, contida em suas orações, liturgia e pensamento, da vida intelectual e espiritual presentes no *Halajá* (Lei) e no *Aggadá* (narração), Edith Stein sabia muito pouco.

Por isso, é Jesus quem realiza, profundamente, a mudança em uma Edith já madura em sua relação e experiência com Deus. Os judeus de seu círculo vivencial não se aproximavam do Deus da tradição com familiaridade. Os sentimentos por ela testemunhados em relação à divindade tinham sido orientados no sentido de uma progressiva exaltação de Deus, uma reação diferenciada acerca da maneira de se tratar e falar sobre Ele. No contexto religioso de Edith, Deus era um ser elevado, muito acima de todo contato pessoal. Quando vivências do fenômeno religioso no âmbito acadêmico de Göttingen são experienciadas, Stein se depara com um outro modo de tratar sobre Deus; ela assim O investiga no argumento e no modo de ser daqueles que O anunciam e se surpreende, não somente com o que escuta e visualiza, mas com as reações que sente dentro de si e que a fazem desejar unir-se a esse Ser Infinito.

Começa em Edith uma trajetória processual, de envolvimento e de dedicação a este Deus que lhe é revelado em Jesus. Um amor divinal em que ela vislumbra, no mistério do sofrimento humano, o chamado de Deus para que o humano se torne também a Sua imagem. É na oração que Edith Stein experiencia Jesus como um amor sempre à espera, na Eucaristia. Ela irá compreender o sacrifício redentor e desejar, profundamente,

¹⁹⁹ STEIN, E. Obras Completas: *Escritos espirituales*. Vol. V Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/ Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2004. p. 447.

a exemplo de Jesus, sofrer junto de todos que buscam o verdadeiro Deus. Disso resulta um desejo profundo e largo de participação na prática compassiva e amorosa do Cristo. O desejo de comungar com a dor d'Ele e do outro na história humana.

O anseio religioso que Edith Stein sentiu, desde o seu núcleo mais íntimo, fez com que a filósofa não encontrasse outra forma de satisfazê-lo, senão via dedicação à vida religiosa consagrada. Tornar-se toda de Deus. Uma vida de claustro que não significava distanciamento das questões e dos clamores do mundo, mas um existir de escuta aos ecos da tormenta de seu tempo; de uma intelectualidade comprometida e, em profundidade com os problemas políticos e ideológicos que afligiam, especialmente, o seu povo e a Nação. Um clarão de luz vislumbrado no mistério do sofrimento cristão e impregnado pelo amor divino resultou na conversão de Edith Stein para o Cristo, e, assim, ela desejou ser parte desse Corpo Místico de pedras vivas da comunhão dos Santos.²⁰⁰

Ela realizou a passagem da intimidade amorosa da câmara nupcial ao mundo, especialmente, onde os destinos humanos estão em jogo e sofrem. Stein assumiu e tomou sobre si o sofrer do outro, que nada mais é do que o sofrer do próprio Cristo. Ela se permitiu a vulnerabilidade absoluta, tornando-se uma vida que se consagrou inteiramente à Igreja de Cristo porque, para ela, do encontro com Deus, nasceu uma estreita relação entre conhecimento, amor e ato ético. A fenomenóloga Edith Stein, que se tornou Irmã Teresa Benedita da Cruz, uma monja carmelita católica, não abandonou de todo a religião de sua origem em YHWH, mas, sempre agradecida pelos ensinamentos que lhe foram transmitidos acerca do Eterno, fez a passagem para a vida de uma nova aliança de entrega amorosa indissolúvel à luz da Cruz de *YESHUA*.

Edith Stein sofreu o enraizamento experiencial pessoal no Incondicionado que lhe assegurava, a um só tempo, experienciar em si a plenitude da Graça, a liberdade, o limite e o abandono. Nela, brota uma espiritualidade estreitamente vinculada à realização da pessoa humana, como ser relacional, responsável e sensível à realidade transcendente. Uma espiritualidade, um caminho interior e livre que é oferecido a cada ser humano chamado a viver em si mesmo, em seu coração, o assumir de sua alma e, a partir daí, enfrentar o mundo ciente do lugar que deve ocupar: a sua destinação última.

Encontrar esse lugar se assemelha a encontrar um sentido na vida e a melhor forma de servir a humanidade. Por isso, para Stein, Irmã Teresa Benedita da Cruz, o

²⁰⁰ STEIN, E. Obras Completas: *Escritos espirituales*. Vol. V Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/ Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2004. p. 111.

objetivo último do humano é a vida eterna a que se chega somente quando se vive em Cristo, Mestre e Verdade Absoluta. Um êxodo, um giro radical de conversão que tem início na festa da reconciliação judaica, o *Yon Kippur* (Lv 23, 27-32). A eleição dessa jovem mulher prussiana filósofa e fenomenóloga para uma nova jornada partiu de uma busca fidedigna pela verdade, a qual encontrou no itinerário do ser em ascensão. Edith compreendeu que, para encontrar o Ser Puro, o autêntico ser de Deus e sentir a Sua Presença, ela teria de desnudar-se, abandonar o velho para, então, revestir-se do novo, em Cristo.

O caminho espiritual de Edith Stein desdobrou-se da contemplação filosófica do ente para a contemplação mística do ser. Foi um caminho em um plano transracional e, portanto, permeado de convicções, comportamentos e atitudes diante de investigações do ser no mundo. Da experiência do Deus distante para o Deus próximo e pessoal, ela encontrou o Deus que dá sentido à sua vida, como Salvador e gerador de vida nova. É, em sua busca e experiência do ser da pessoa humana, que ela O encontra, ou melhor, que é encontrada pelo Deus Pessoa Humana, o Homem em Jesus Cristo/*YESHUA*: resposta plena de todas as suas interrogações.

Assim, a experiência espiritual e mística steiniana se reflete desde todo um dinamismo de entendimento unitário da realidade de Deus, da sua atividade criadora e que a conduz para a sua história de Salvação. A profunda experiência de Deus que se dinamiza na compreensão do Absoluto de Deus para o Deus de comunhão gera em Stein o desejo de abandonar tudo para se dedicar única e exclusivamente a Ele, o Deus Amor a quem ela consagra a sua vida, seus esforços e a sua morte. É o desfecho da vocação individual que cada humano finito recebe como sinal da imensidade do Amor Eterno. O humano foi criado como criatura espiritual para esse fim.²⁰¹ Disso resulta que, na dimensão mais íntima de Edith Stein, Santa Teresa Benedita da Cruz, desenvolveu-se um profundo relacionamento com Deus, que a conduziu à experiência mística em que o silêncio foi o discurso mais perfeito.

²⁰¹ STEIN, E. Obras Completas: *Escritos filosóficos*. Etapa do pensamento cristiano. Vol. III Madrid/Burgos/ Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2005. p. 971.

3 DE YHWH A YESHUA

Encontramos, no percurso vivencial experiencial de Edith Stein, o desvelar de uma teologia que se revela mediante o dinamismo da relação empática, vivência profunda de comprometimento de um Amor concretizado. Ela realiza, em si, um salto da consciência natural do ser do homem, antes, sem a colaboração da fé e da Graça, que, no entanto, permite-se, empaticamente, um envolvimento de atenção para com os demais; Stein experiencia e desenvolve uma análise da amplitude de uma consciência empática que permite então a experiência inexorável de Deus.

É característico de todo ser finito o fato de que não pode ser compreendido exclusivamente, por si mesmo, senão, quando se remete a um primeiro ser que consideramos como infinito, ou, mais corretamente, o ser infinito, porque o ser infinito somente pode ser Deus. A este ser primeiro e infinito damos o nome de Deus dado que os seus atributos estão em correspondência com a nossa ideia de Deus.²⁰²

Daí que a fenomenóloga de Göttingen nos expõe uma experiência de Deus que se dá no ser do homem, não só como conhecimento intelectual, mas a partir de sua interioridade, dentro de si, no espaço que transfigura todo o ser, passando a viver conforme a Sua vontade. Um Deus que ilumina toda a vida do homem e impulsiona o seu ser a viver em proximidade com Ele. Esse Infinito Ser, Absoluto, Deus de relação nem sempre esteve claramente compreendido no horizonte de Edith Stein.

Vimos, em nosso sobrevoos biográfico, que a fenomenóloga nasceu em uma família judaica. Em sua biografia e testamento epistolário, não são mencionados elementos específicos da sua relação com a identidade e religião judaica. Percebe-se, contudo, que há questionamentos quanto às ideias religiosas, teológicas e culturais do Judaísmo, provenientes da sua relação no contexto familiar de sua época, especialmente, como memória das festas e testemunho de profunda religiosidade de sua mãe, Auguste Courant.²⁰³ Uma relação que se revela em recordações positivas, deixadas pela Tradição, e que aparecem em algumas circunstâncias marcantes de seu pensamento e obra.

²⁰² STEIN, E. Obras Completas: *Escritos antropológicos y pedagógicos*. Vol. IV Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2003. p. 742.

²⁰³ Na obra biográfica de Stein não consta a data completa de nascimento de sua mãe Auguste, segue em seus escritos situações em que a mãe dava testemunho de sua espiritualidade e fidelidade ao Judaísmo. Cf. STEIN, Edith. Obras Completas. *Escritos autobiográficos y cartas*. Vol. I Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2002. p. 200.

A Tradição judaica no século XIX passava por grandes mudanças, de movimentos que refletiam concepções diversas da ideia de divindade como centro intangível de uma simbologia transcendente. Identidade e plano espiritual pareciam se distanciar ao longo da história, e o que prevalecia era a vida social como questão moral. O povo de Israel sempre esteve sujeito a diferentes intempéries históricas envolvendo religião, Terra, Identidade, política nacional e internacional, guerras, sociedade, economia, educação etc. Contudo, nunca se reduziu ou se fechou em nenhum desses aspectos. Eles sofreram, na pele, não somente o Êxodo do Egito, os domínios Persa, Grego, Romano, Bizantino, Islâmico, Turco etc., mas também a catástrofe da *Shoah* e o antissemitismo ao longo da história.

Na Europa moderna, o mundo judaico passava por um período nada favorável; uma época, fortemente, secularizada. Destacavam-se forte antissemitismo e segregação social dos judeus em diversos planos. Havia, nesse conflitivo universo judaico europeu²⁰⁴, distintas posturas. Alguns se denominavam pioneiros, os judeus que acreditavam que a forma mais concreta e urgente de se relacionar com o processo histórico judaico era a imediata *aliyá* para Israel, no intuito de trabalhar fisicamente a terra e de construir um país como sociedade modelo. Outros, representados pelos acadêmicos, não se opunham ao ideário pioneiro e *kibbutziano*²⁰⁵ quanto à necessidade de imigração e construção física do país, mas acreditavam que era antes preciso se dedicar ao estudo da realidade e da visão de mundo sionista-socialista, com a qual se trabalharia, para depois partir para a prática.

Uma terceira parte, definida mais por condição de classe que por etnia, era a do grupo de trabalhadores, identificados com a causa operária antes da judaica. Sem necessariamente discordar das necessidades apontadas pelos outros grupos, estes se recusavam a abandonar as suas comunidades de origem. Disso resultava um Judaísmo

²⁰⁴ Para nos situarmos, o Judaísmo moderno em que Edith Stein viveu, corresponde ao período histórico que se estende do Iluminismo e a Revolução Francesa até o Holocausto e a criação do Estado de Israel. Os tempos modernos significaram um conflito constante entre os valores tradicionais e os novos valores os primeiros vistos como particulares e os segundos como universais –, entre lealdade à coletividade étnica e lealdade ao Estado nacional — ou humanidade. Intelectualmente, o esforço de traduzir a tradição judaica nos termos discursivos da modernidade deu-se em duas grandes direções, ambas redutoras e empobrecedoras da riqueza do Judaísmo. A primeira direção foi a de transformar o Judaísmo numa religião, eliminando os conteúdos nacionais e místicos da tradição rabínica para integrá-la de forma não conflitiva ao discurso liberal e à cidadania nacional. A outra tendência foi transformar o Judaísmo numa nação com características *sui-generis* e que deveria ser normalizada para ter uma estrutura política autônoma, similar aos outros povos. Cf. SORJ, Bernardo; GRIM, Mônica. *Judaísmo e modernidade: metamorfoses da tradição messiânica*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais. Ed. online 2008 - www.bvce.org.

²⁰⁵ Sociedades agrárias e coletivistas espalhadas pelo território da nação judaica.

moderno que buscava corresponder aos diversos esforços de traduzir a Tradição judaica rabínica em conceitos e valores da modernidade. Essa tradução não foi somente intelectual, mas, fundamentalmente, prática. Assim, a concepção materialista da época penetrou na história e em traços do pensamento judaico.

Diante dessa realidade, que exigia emancipação e que gerava conflitos no interior da comunidade judaica, bem como exigia rapidez e disposição para que a maioria dos judeus se dispuseram a aceitar a modernidade, os defensores da tradição e da mudança trataram de buscar meios para que a lei fosse reestabelecida e para que a Aliança com Deus não fosse esquecida. Identificada com o destino de Israel, a maior parte dos judeus do mundo sentia como que permanecendo em diáspora, num contexto de ascensão social e participação na cultura global.

Ainda em nossos dias, é visto que o Judaísmo deixou de ser uma presença no meio dos judeus, como era no período rabínico, perdeu o discurso racionalizador, doutrinário do Judaísmo moderno. O judeu pós-moderno carrega a sua identidade básica enraizada na ascendência que a *Shoáh* assinalou nele, como um destino que independe de sua vontade. Desde então, o judeu pós-moderno compartilha das características básicas da sociedade de consumo. A Tradição passou a ter um caráter modular, uma espécie de *mix* de acordo com o interesse e circunstância; a religião se tornou *soft*: a Tradição é lembrada, mas não se consideram, seriamente, suas exigências.

O judeu pós-moderno lembra de seu Judaísmo em contextos particulares nascimentos e mortes, casamentos e *Bar/Bat-Mitzvot* — e momentos especiais da trajetória pessoal — doenças, crises existenciais etc. O Judaísmo passou a ser, deste ponto de vista, um supermercado cultural-existencial, no qual se entra e do qual se sai, de acordo com as necessidades circunstanciais, escolhendo, da vasta prateleira de produtos, aqueles mais adequados ao momento. Ser judeu se transformou no direito de passe livre ao consumo de uma tradição específica, o Judaísmo.²⁰⁶

Sem nos determos na história do povo de Israel e de sua caracterização no mundo contemporâneo, a questão que buscamos expor aqui diz respeito à experiência da fé do povo judeu em relação a Deus e da sua influência na busca da verdade em Edith Stein. Com efeito, desde os relatos bíblicos, acredita-se na ideia de que o caminho traçado pelos homens está inconcluso e deve ser decidido no presente, para construir o futuro, em um comprometimento entre a causa humana e a de Deus, que devem operar em conjunto.

²⁰⁶ SORJ, Bernardo; GRIM, Mônica. *Judaísmo e modernidade: metamorfoses da tradição messiânica*. 2008, p. 10-11.

Trata-se da busca pela redenção; uma busca dos humanos em sua experiência de uma espera passiva pela chegada do Messias. Um apelo à consciência de libertação, observada nas palavras proferidas por Deus diante do sofrimento do povo escravizado: *Eu ouvi o clamor do meu povo e desci para libertá-lo* (Ex. 3, 1-10).

Os judeus, com o olhar voltado ao passado e de costas ao futuro, a que se percebem impelidos, esperam em silêncio a chegada do Messias. Isso acontece mediante a dedicação ao estudo e análise dos antigos livros da *Toráh*²⁰⁷, bem como de outros textos sagrados, em que sábios e profetas exploram a história do povo e, a partir disso, deixam aberta uma fenda ao futuro. Para eles, apenas quando os humanos já se tivessem redimido, por meio de seu próprio trabalho, o Messias chegaria. É nesse sentido que, para os judeus, o Reino de Deus não é uma meta (*telos* ou *Ziel*), mas o fim (*Ende*) da dinâmica histórica.

Atentos ao passado e em busca da recepção de seus sinais, para fundar no presente o eterno agora que os arremessa ao futuro, sem esperar pelo fim dos tempos, mas construindo-o, é o trabalho humano conectado ao trabalho de Deus que deverá rumar à libertação, cuja representação última será o Messias. A redenção judaica se realiza na missão humana de reconfiguração de inúmeras esferas da vida concreta: política, religião, história, linguagem. Assim, o Messias do Judaísmo virá somente quando não for mais necessário; chegará, portanto, quando a sua vinda já se tiver realizado tão integralmente que o mundo não será mais profano nem sagrado, mas liberto; liberto, sobretudo, da separação entre profano e sagrado.

Essa chegada do último dia significa, portanto, não um evento pelo qual se espera, mas um objetivo a ser cumprido pela humanidade. Para os judeus da época de Edith, já inclusos no espírito da modernidade, era claro que o homem deveria alcançar a redenção por meio da compreensão e assimilação do passado, cuja experiência orientaria a uma busca pela melhor forma de relacionar-se e viver o presente, o qual seria um tempo saturado de agoras.²⁰⁸ Para muitos, em seus respectivos grupos, a teologia judaica era vista como um paradigma rígido e apenas fornecedor de respostas.

²⁰⁷ A *Toráh* é o Livro Sagrado do Judaísmo, que contém a vontade de Deus expressa por meio de preceitos (*mitzvot*) que os homens devem seguir. A *Torá* é formada por cinco livros, o Pentateuco. O Talmud (estudo, em hebraico), criação dos rabinos, expande as interpretações judaicas. Os judeus têm a convicção de ser o povo eleito e acreditam num Deus único. A crença tradicional judaica afirma que Deus vai enviar à Terra um "*Mashiach*" (Messias, em hebraico).

²⁰⁸ BENJAMIN, Walter. *Teses sobre o conceito da História*. In: Walter Benjamin: obras escolhidas, magia e técnica; arte e política. São Paulo: Brasiliense, 2008. p. 229.

Ora, Edith Stein era, em sua origem, filha dessa religião, palco primordial da revelação de Deus. Uma religião monoteísta, considerada a mais antiga do mundo, o Judaísmo; religião que, posteriormente, influenciaria profundamente outras duas grandes religiões: o Cristianismo e o Islamismo. A compreensão do Deus das Religiões do Livro, da Sagrada Escritura, sempre esteve entrelaçada com a história do povo de Israel²⁰⁹. Desse modo, é necessário conhecer o seu politeísmo e os de seus antecedentes culturais para então compreender a fundo o seu monoteísmo. Um monoteísmo que não é, em si, um sistema ou uma ideia divorciada das crenças ou compreensões religiosas maiores, mas uma interpretação que moldou aspectos da cosmovisão de Israel. Somente em nossos dias, estudos mais amplos das muitas narrativas bíblicas nos surpreendem e sinalizam para a possibilidade da existência de outros deuses no âmbito das Bíblias judaica e cristã.

No intento da presente investigação de realizar uma aproximação na via da experiência mística de Edith Stein, constata-se a necessidade de apresentar elementos pertinentes da sua compreensão de Deus, desde o contexto de sua tradição. Podemos começar pela origem do nome designado *Yahweh*/YHWH, Deus Universal criador de todas as coisas para os judeus e que se torna um Deus tutelar e nacional da nação de Israel, presente no Livro da *Toráh* (Pentateuco) e do *Shemot* (Êxodo) que apresenta o desenrolar da saída do povo de Israel do Egito, a qual se desenvolve em três principais temas: da libertação, da aliança e do tabernáculo.

O Livro do Êxodo é definido como legado da consagração de Moisés como mensageiro de Deus para livrar o povo de Israel do Egito. Uma narrativa bíblica que tem início no encontro com um deus desconhecido que realiza uma aliança (*berith*) com Abraão (Gn 15,17-21; 17, 1-14) e que é orientada até Moisés no Egito (Ex 3, 13-15). É mediante as ações de Moisés que a aliança e a relação com o divino começam a tomar forma diante da compreensão humana.²¹⁰ Deus não estará mais longe da linguagem da

²⁰⁹ O termo Israel tem várias significações. A definição israelita sofreu ao longo dos séculos várias transformações devidas mudanças ocorridas nos diferentes cenários políticos, sociais e religiosos de Israel. Assim, ele aparece numa inscrição egípcia onde evoca um grupo (tribo?) relativamente importante, instalada nas montanhas de Efraim. Depois, designou um reino cuja capital é a Samaria e que não inclui Jerusalém, nem outros territórios ao sul da Palestina. Frequentemente se fala em “reino do norte”. Depois que os assírios deram fim a esses reinos, “Israel” se tornou um termo “teológico” para designar o conjunto dos que veneravam o deus de Israel, isso envolvia a compreensão do nome “El” como a forma simples da palavra “deus”. Cf. RÖMER, Thomas. *A origem de Javé*. O Deus de Israel e seu nome. São Paulo: Paulus, 2016. p. 19.

²¹⁰ Sabe-se que a documentação bíblica deve ser completada por outras fontes: descobertas arqueológicas, inscrições, documentos iconográficos, anais egípcios, assírios, babilônicos etc. Estas apresentam resultados sempre hipotéticos, mas, que dilatam possibilidades de que o deus da Bíblia não foi o único desde sempre. Todavia, a primeira vez que se manifesta o verdadeiro nome de deus, isto se dá em meio ao povo de Israel.

sociedade ou da natureza. Ele desce até o deserto árido do compreender humano e decide armar a Sua tenda no solo desta humanidade. Ele Se faz UM com todo o universo numa aliança de proximidade, relação de compromisso e cuidado recíprocos. Um encontro que traz a certeza da identidade de Israel e da sua predileção de Deus. Moisés trava um diálogo diante de Deus *Yahweh* durante quarenta dias e quarenta noites, sem comer pão e sem beber água, e escreve nas tábuas do testemunho as palavras da aliança.

Presente no último dos cinco livros da *Toráh*, o *Dvarim* (Deuteronômio), está o código de leis civis e religiosas. Este retoma, em parte, as leis promulgadas no deserto, relatos dos grandes acontecimentos do Êxodo, da aliança do Sinai e da conquista de Canaã que se iniciava. A base do pensamento deuteronômico é a unidade monoteísta de *YHWH*, que correspondente à obrigação de Israel de ser único e ao amor e à fidelidade como elementos geradores do pacto entre Deus e o povo. O Deuteronômio é a expressão máxima da vida de Moisés e pode ser assim definido: ao fim de 40 anos de peregrinação pelo deserto, Moisés fala ao seu povo, na planície de Moab, na margem do rio Jordão, aquém de Canaã, reiterando as instruções divinas, lembrando ao povo a promessa de ser fiel e acrescentando aos ordenamentos anteriores outras leis e preceitos.

Dessa aliança universal primeira, emerge o nome divino que é referido mediante as consoantes *YHWH*. São quatro letras, que, para garantir uma boa pronúncia dos livros sagrados, sábios judeus, chamados massoretas, ou seja, guardiões e escribas, dispuseram, a partir de um sistema sofisticado de vocalização de textos, que comportavam somente consoantes, originando assim, um “tetragrama” do nome do Deus de Israel. Um nome místico que marcou profundamente o Judaísmo e que é, exhaustivamente, pesquisado e analisado quanto à sua pronúncia e escrita, sobretudo na época cristã pelos Pais da Igreja. É uma questão de infundáveis e apaixonados debates da pergunta sobre a importância ou não da etimologia de um nome para nomear ou invocar. Em síntese, a pronúncia *YHWH = Yahweh* corresponde, com efeito, à vocalização de uma forma causativa da terceira pessoa do masculino singular da raiz “ser”.

Mesmo não isenta de problemas, a direção a seguir é da hipótese de que o nome de *YHWH* provém de uma forma verbal da raiz sul-semítica *h-w-y*, que apresenta três significações: desejar, tombar e soprar. O hebraico não atesta o sentido de soprar; contudo, são muito bem aplicadas às fonações primitivas de um deus que sopra, provoca

Cf. SMITH, Mark S. *O memorial de Deus*. História, memória e a experiência do divino no Antigo Israel. São Paulo: Paulus, 2006.

vento, um deus da tempestade carregado de aspectos guerreiros, dado importante na caracterização conflitiva dos povos daquele período. Manifesto em muitos territórios, emerge também a hipótese de que YHWH designa, na origem, um topônimo, o nome de uma montanha, e, por extensão, o do deus que nela habita. Trata-se da evocação do resplendor de uma divindade inexprimível, repleta de nuances junto de outros deuses (Set/Egípcio), mas que, finalmente, irá se solidificar a partir da narrativa mosaica (Ex 3).

Um Deus que desce do cume da montanha²¹¹, fica próximo do profeta Moisés e seu povo. O Deus santo, dos ideais sacerdotais da *Toráh*, da fiel observância da Lei, uma deidade com uma voz divina que produz a Escritura Sagrada. Essa revelação iniciou uma nova história, de uma fundação que iria fazer sombra e até ocultar outras memórias de fundação defendidas por santuários particulares na terra.²¹² O dilatar da consciência de que Deus e o Seu povo pertencem um ao outro, em uma comunhão de vida em que YHWH é o interlocutor e que conduz à terra prometida: *Serei o Deus de vocês e vocês serão o meu povo* (Lv 26,12).

Assim, vimos que o nome YHWH é oriundo do Sul, entre o Egito e a região do Neguev, com forte inclinação para os territórios de Edom (Dt 23.7; 33,2; Jz 5.4-5). É visto que YHWH era também reconhecido como um dos filhos de *El* (Dt 32,4); por isso, o nome Israel denominava, a princípio, o nome por eles reconhecido. Quanto à unicidade de YHWH e o monoteísmo israelita, ela se desenvolveu a partir do século VIII-VI a.C. Em José, é o Deus dos hebreus e egípcios; com os patriarcas, é um Deus clânico (Abraão, Isaac e Jacó); com Moisés, é o Deus guerreiro e da tempestade.²¹³ Ainda a respeito da origem do Deus de Israel, essa envolve recordações sobre povos como os edomitas, midianitas e outros grupos localizados ao sul de Judá (Gn 36). Desse modo, muitos são os estudos bíblicos que afirmam a origem de Deus não em Israel, mas no Edom.

Há passagens que confirmam a crença do Deus de Israel como sendo YHWH que veio de Seir e que avançou para o país de Edom (Jz 5,4; Dt 33, 2). Ou seja, Deus tem sua origem não só em Israel, mas no Edom; os edomitas então partilhavam a adoração

²¹¹ Aqui há toda uma distinção entre interpretações sacerdotais e não sacerdotais sobre Moisés no Monte Sinai. A tradição não sacerdotal apresenta Moisés na montanha do Horeb, nome alternativo para o Sinai mencionado em Êxodo 17, 6 e aludido em 18,5. Trata-se de um processo de independência das fontes Eloístas que divergem em suas tradições. No processo de memória religiosa sacerdotal, o Sinai obscurece todos os outros locais religiosos de Israel; ele se torna o monte Everest da Bíblia. Cf. SMITH, M. *O memorial de Deus. História, memória e experiência do divino no Antigo Israel*. 2006. p. 213.

²¹² SMITH, M. *O memorial de Deus. História, memória e a experiência do divino no Antigo Israel*. 2006. p. 214.

²¹³ RÖMER, Thomas. *A origem de Javé. O Deus de Israel e seu nome*. São Paulo: Paulus, 2016. p.16.

desse Deus das terras montanhosas. Edomitas e israelitas tinham amigáveis contatos comerciais no período pré-monárquico. Na história monárquica dos filhos gêmeos Jacó e Esaú, é que encontramos a afirmação de que YHWH é o Deus de Israel. É preciso observar que, para Israel, a linguagem sobre Deus, a sua teologia, é intensivamente metafórica, baseada na experiência humana com a natureza ou com a sociedade. É um discurso bíblico carregado de uma história, mas que muda com o tempo. Daí, a complexidade das configurações da divindade de Israel.

No decorrer de significativas mudanças históricas do memorial da divindade dos povos, resulta um conceito governante de divindade, e o aumento da compreensão causada pelo sentido da perspectiva monoteísta. É durante os séculos IX e VIII a.C. que YHWH torna-se o Deus principal, Deus da dinastia davídica e o Deus nacional de Judá, na absorção das funções do deus solar e combinação com as funções de *El* e *Baal* que assim exaltam a sua superioridade. YHWH para toda Tradição monoteísta do Livro no Ocidente torna-se o Deus imperial sobre todo o cosmo. O judaísmo, que revelou a unidade e a santidade da lei divina na natureza e na história, conseqüentemente, estabelece, desde o início, o domínio da santidade; suas profecias todas apontam para a era de pleno conhecimento de Deus (Lv 19,2; Jr 31,31.33).²¹⁴

Em relação à mística, no contexto judaico da experiência de YHWH, essa é uma vasta questão que não pode ser discutida minimamente em termos epistêmicos. Trata-se da experiência de Deus em suas dimensões intelectuais e manifestações práticas, típicas de um povo do Livro, da ingerência concreta no dia a dia e nos eventos históricos, e que um religioso pode afirmar que permanecem hoje. É próprio, na compreensão da mística no Judaísmo, um viés messiânico e apocalíptico, como um braço específico da crítica histórico-social da profecia. Assim, o período bíblico nos diz que há uma relação com Deus mais explícita nas narrativas proféticas, mas não é possível, nessas manifestações clássicas, chamarmos de uma mística judaica ainda. Os apelativos místicos não podem ser aplicados a Moisés ou aos profetas. Há nesses um discurso profético que é, em grande parte, político no sentido forte de poder, de controle e/ou busca de transformações sociais. Neles, sempre se encontra um perfil crítico econômico, político e social na experiência judaica, quando esta se afasta da vida dentro da observância.

²¹⁴ SORJ, Bernardo; GRIM, Mônica. *Judaísmo e modernidade: metamorfoses da tradição messiânica*. 2008, p. 157.

Alguns milênios à frente, no período medieval espanhol (1492), o Judaísmo apresenta o seu viés religioso mais intenso, místico e espiritual: na Cabala.²¹⁵ Um caminho orientado bem menos politicamente, devido ao caráter marcado do exílio, e, sendo assim, mais contemplativo e iniciático, o que pode ser entendido por muitos como de uma política de viés mais elitista ou, em nossos dias, de cunho exotérico. O filósofo historiador judeu Gershom Sholem (1897-1982) descreve a mística judaica associada à posição normativa do conjunto da Escritura: *Toráh*, *Nebim* (Profetas) e *Ketubim* (Escritos).²¹⁶ Assim como nos livros da *Toráh* oral, a mística mantém uma autoridade central da Tradição como categoria religiosa. Para outro filósofo judeu, Martin Buber (1878-1965), a mística judaica encontra elementos presentes em suas figuras religiosas fundantes.

Seja na origem desértica da tradição, ou em sua versão cabalística, há, na religiosidade judaica, uma decisão incondicional de unificação do coração da pessoa em vista do único necessário: Deus. Por isso, Moisés pede ao Senhor que Se apresente, que diga o Seu Nome e revele a Sua Glória (Ex 3, 13; 33,18; Nm 12,8). É no monte Sinai que a sarça ardente, o fogo, a nuvem, a escuridão e outros elementos metafóricos contribuem para que o homem possa descrever as suas mais profundas experiências místicas. Esses elementos serão também reconhecidos presentes, não somente no Judaísmo, mas entre os muçulmanos e cristãos.

Assim, é dado que a vida de um israelita é atravessada constantemente pelo transcendente. Uma intimidade com Deus, YHWH, que se desdobra, antes de tudo, em demandas normativas em um diálogo cotidiano histórico, cultural e existencial; consequência de uma eleição que faz dos judeus seres da raça de Deus, homens que vivem, são conduzidos pela mão forte de Deus sob as suas cabeças. Edith Stein cresceu em um ambiente onde a mãe, Auguste Stein, educava os filhos com os princípios da religião judaica. Ela era fiel observante da Lei de Moisés e incutiu, desde cedo, no coração

²¹⁵ Na mística judaica é central a unidade com Deus e a significação de sua revelação mediante a Torá, que será reinterpretada numa meditação que conduza a concepção de uma esfera que comporte o reino da divindade subjacente ao mundo de nossos dados sensíveis. A Cabala é o nome do conjunto de um movimento, oriundo desde os tempos talmúdicos, de um eixo/corpo impressionante de escritos que designam uma variedade de experiências da força histórica e dinâmica que acompanha e abençoa o povo judeu. Não é uma relação privada, quanto mais se acerca do homem em sua radical origem, mais se aproxima daquilo que é o mais comum em toda a humanidade. Cf. VELASCO, Martín Juan. *El fenómeno místico*. 2003. p. 233188.

²¹⁶ VELASCO, Martín Juan. *El fenómeno místico*. 2003. p. 185.

da filha, o amor pela Palavra de Deus e o apego forte e corajoso ao povo judeu.²¹⁷ Este povo vivia ainda o Êxodo sofrido fora da terra prometida, uma terra antes habitada por muitos outros povos que, com certeza, veneravam alguma forma divinal.

Voltando a Buber, o autor reflete que, quanto mais o conceito da Deidade parece distante do humano, mas ele precisa ser organicamente complementado, como que por uma presença concreta em que os seus encontros acometem o humano como um sinal. Afinal, Deus não pode ser conhecido, pois, quando isso se dá, acontece o primeiro passo da irrealização de Deus. O Deus vivo não pode ser alcançado.²¹⁸ Deus não é uma ideia, é realidade, é YHWH, o Deus revelado e descrito na *Toráh*; n'Ele o Judaísmo se torna definitivamente uma religião móvel, de diáspora.

A razão mais profunda da ideia judaica de Deus só pode ser alcançada mergulhando na compreensão de YHWH como aquele “Eu-estou-aqui”, que, em todos os tempos, decidiu sobre o sentido e o conteúdo dessa ideia, e no qual, precisamente, a existência pessoal de Deus, ou mesmo Sua presença viva, é invocada como atributo que, entre todos, diz respeito mais diretamente aos homens a quem Se revela. E, indissolavelmente, ligada com a manifestação do YHWH, está a denominação que atribui a Si próprio aquele que fala como o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó.²¹⁹

Um Deus que guarda uma relação específica com o Seu povo, gente que vive segundo as Suas prescrições e que se recusa a chamá-Lo pelo nome. Com a tradução do Pentateuco para o grego na Alexandria, YHWH Se torna mais conhecido, e o Seu culto se difunde por toda a bacia mediterrânea; desse modo, o *kýrios*, “Senhor”, ou *theós*, avança para o mundo todo, a fim de que possam descobri-Lo e voltarem-se para Ele. Tempos depois, na modernidade, a problematização em vista desse Deus único, Invisível, Transcendente e Universal em relação com o humano se acentua, quando, na completa remoção do mundo suprassensível, o homem, subsistente em si, distancia-se de princípios e ideais, e abole o nome de Deus, fazendo de si o seu único e verdadeiro interlocutor. É quando então o caos se instala.

Quando no dia de sua criação, diz uma lenda judaica, os primeiros homens rejeitaram a Deus e foram expulsos do jardim, pela primeira vez viram o sol se

²¹⁷ O termo hebreu é uma designação arcaizante dos israelitas ou judaístas, depois reconhecidos como judeus. Não se pode falar de judeu, ou de Judaísmo antes da época persa ou helenista; é somente no século IV que se estabelece um sistema religioso hoje designado como Judaísmo. Cf. RÖMER, T. p. 19.

²¹⁸ BUBER, M. *Eclipse de Deus*. Considerações sobre a relação entre religião e filosofia. Campinas, SP: Ed. Verus, 2007. p. 144.

²¹⁹ BUBER, M. *Eclipse de Deus*. 2007. p. 59.

pôr. Ficaram amedrontados, porque não conseguiam entender tal fato a não ser como se, por sua culpa, o mundo estivesse voltando a mergulhar no caos. Durante a noite inteira os dois ficaram sentados, um diante do outro, chorando, e sua conversação aconteceu. Então raiou a manhã. Adão ergueu-se, pegou um unicórnio e ofereceu-o a Deus como sacrifício.²²⁰

A revelação e a aliança de YHWH com a raça humana no chão de Israel são parte da história da ação salvífica de Deus no mundo, a redenção. É a fé monoteísta que encontra no *shemá Israèl*, “escuta, Israel, nosso Deus é o único YHWH”, o início de uma longa evolução que envolve prolongadas crises religiosas e oscilações. Afirmado em Moisés, o poder universal de YHWH se fortalece como direito exclusivo numa massacrante superioridade sobre outros deuses em que a presente pesquisa não irá se deter. O Antigo Testamento não revela quantas nações reconheceram o Deus vivo, mas que todas foram chamadas para esse reconhecimento. A história de Israel é uma história de redenção inconclusa que não se encerra na revelação *d’Aquele que é*; há em suas entrelinhas um desígnio maior, de modo que os profetas já anunciavam que uma nova aliança estava por vir (Jr 31, 31-34).

A humanidade não pode estar junto desse dinamismo teofânico e antropocêntrico de maneira passiva; isso porque todos somos protagonistas do mistério manifesto no coração de Israel. Todos, homens e mulheres, são colaboradores de YHWH. E esse compromisso colaborativo, Edith Stein entendeu muito bem e assumiu. Na esteira do progresso evolutivo da história de Salvação, mais especificamente, do despontar de um Judaísmo altamente intelectualizado, típico de certos círculos do leste europeu, é que se realizou, no mundo de língua alemã²²¹, o ambiente onde encontramos Edith Stein em sua relação com Deus. Em sua busca pela verdade, Edith Stein, inconscientemente, tenta encontrar não somente o sentido último do humano, mas o sentido originário da palavra “Deus”, que sempre esteve junto dela, mesmo que encoberto e fossilizado por doutrinas, testemunhos e circunstâncias.

No dinamismo e empenho dessa busca, do pensar Deus, Edith sentiria e experienciaria a Sua Presença. Ela se deixaria transbordar em toda a capacidade de sua inteligência e empatizaria profundamente com Ele. Não na relação antes distanciada, por parte dela, mas na reversão desse estado, por parte d’Ele. É possível que em sua busca vital por claridade e verdade, Edith Stein tenha rezado junto ao salmista: *Envia Tua luz e*

²²⁰ BUBER, M. *Eclipse de Deus*. 2007. p. 26.

²²¹ Alguns referenciais deste período e temática religiosa já foram mencionados: Walter Benjamin (1892-1940), Gershom Sholem (1897-1982), Franz Rosenzweig (1886-1929), Martin Buber (1878-1965).

tua verdade, elas me guiarão, me farão chegar à tua montanha santa e às tuas moradas (Sl 42, 3). E o Senhor a escudou; Deus, desde as montanhas de Efraim e do Sinai (Ex 19, 3), o *El Shaddai*, título mencionado várias vezes no Gênesis (28, 3; 35, 11; 48, 3), no livro de Ezequiel (10,5), e, muitas vezes, em Jó, como aquele da montanha, do lugar onde o homem só dificilmente pode viver; Ele, YHWH, com Seus patriarcas e profetas, presente nos ritos e testemunhos de fidelidade à Sua Tradição, reencontra Edith Stein, toca o seu coração (Jr 31, 31-33) e a leva para o Monte Carmelo.

Edith é conduzida em seu existir a experimentar a subida e a descida espiritual daqueles e daquelas que buscam a Deus. O Monte Carmelo será o lugar por excelência onde a prussiana experienciará, assim como no Monte Tabor (Js 19, 22; Sl 89, 13; Jr 46, 18; Os 5, 1; Mt 17, 1-9; Mc 9, 2-10; Lc 9, 28-36), o enlace pessoal e definitivo com o YHWH que Se revela agora Verbo Divino Encarnado: *YESHUA*, o Cristo. Ele chega até Edith Stein de um modo semelhante ao modo como Ele chegou ao povo de Seu tempo: Ele, que já estava presente desde sempre, desce até a sua realidade, atravessa o sentido do ser e lá faz morada. Uma manifestação humana que acontece de uma vez por todas no espaço e tempo em seu advento na carne. Por isso, em seus escritos espirituais, Stein desenvolve a reflexão sobre a importância do Mistério da Natividade.²²²

Trata-se do Mistério da Encarnação de Deus; do Emanuel, Deus conosco, feito Homem. Um Deus Verdade que quer ser buscado, encontrado, seguido. Disso resulta o pequeno, contudo, profundo texto steiniano da Natividade. Uma densa reflexão sobre o Advento e o Natal, da luz da estrela guia e da oferta dos Magos, que nos remetem à reflexão das falsas estrelas que o humano segue, estrelas que, ao contrário de apontarem e aproximarem, distanciam da Verdade Encarnada e das nossas coroas pessoais que temos que depositar aos pés do Menino Deus, como forma de entrega e abandono de nosso ego, *eu* finito, para podermos, assim, acolher nos braços e coração a mensagem, Boa Nova do Reino por Ele proposto.

YESHUA modificou profundamente o conceito e a experiência de Deus que se tinha no Judaísmo de Sua época.²²³ Vimos que a ideia e os sentimentos que os israelitas tinham em torno da deidade haviam-se orientado no sentido de uma progressiva exaltação de Deus. Um crescente respeito e uma notável distância, em detrimento da confiança e proximidade. No amplo universo da religiosidade de Israel, os judeus não se

²²² STEIN, E. Obras Completas. *Escritos Espirituales*. Vol. V Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/ Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2004. p. 479-490.

²²³ CASTILLO, M, José. *Jesus, a humanização de Deus*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2015. p. 107.

aproximavam de Deus com familiaridade em nenhum de seus conceitos. Inclusive, havia uma reação, uma resistência contra qualquer modo de se falar sobre Deus. Deus estava elevado muito acima de qualquer contato pessoal; um Ser distante dos assuntos humanos, como nos descreve Buber:

O que se deseja dizer está acima de toda apreensão e compreensão do homem. É precisamente, esta elevação que o Senhor deseja transmitir; mas, à medida que a pronúncia e a entrega à compreensão das pessoas. Nenhuma palavra da linguagem humana foi mais maltratada, mais maculada e desonrada que essa! Todo o sangue inocente derramado em torno dessa palavra provou-a do brilho que ela possui. Todas as injustiças que essa palavra foi chamada a encobrir privaram-na de sua marca própria. Quando ouço o Altíssimo ser chamado de Deus, por vezes, isso me parece uma blasfêmia.²²⁴

Por conseguinte, compreende-se que a presença e o modo de *YESHUA* falar sobre Deus, tal como encontramos nos Evangelhos, produziram surpresa, entusiasmo, mas também rejeição e escândalo em grupos mais observantes e de mentalidade mais conservadora. Em *YESHUA*, Deus Se tornou uma novidade inaudita.²²⁵ N'Ele se principia e se realiza a Nova Aliança que se expandirá chegando até os gentios e as outras nações; à humanidade inteira. *YESHUA* é o servo de YHWH (Is 42, 6; 49,8) que dá testemunho vital diante de todas as nações das obras realizadas por Deus. Em *YESHUA*, Deus, que Se manifestou em toda a história desde a criação, faz-Se o Verbo cuja encarnação é a autorrevelação divina que atinge seu ponto máximo (Jo 1, 14).

A Revelação de Deus a nós por *YESHUA* é singularmente original. Ele nos revelou em palavras e atitudes como o ser humano pode alcançar Deus em sua plena humanidade, uma revelação que conta conosco para dilatar-se. Isso não quer dizer que o humano, ao se aproximar do Deus por Jesus anunciado, “diviniza-se”, mas, precisamente, quando compreende o propósito da Boa Nova por Ele anunciada e a acolhe, “humaniza-se”.

YESHUA existiu na Palestina do século I; há abundantes dados sobre aquilo que fez e ensinou. Ele nasceu durante o reinado do imperador Romano Augusto, antes da morte de Herodes, o Grande. Não é possível precisar a data exata de Seu nascimento; provavelmente, nasceu em Nazaré, embora evangelistas (Mateus e Lucas) falem de Belém. Seus pais chamavam-se Maria e José.²²⁶ Era conhecedor do hebraico devido à

²²⁴ BUBER, M. *Eclipse de Deus*. 2007. p.12.

²²⁵ CASTILLO, M, José. *Jesus, a humanização de Deus*. 2015. p. 109.

²²⁶ PAGOLA, Antônio, José. *Jesus, aproximação histórica*. 4ª ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 2011. p. 577.

literatura empregada na liturgia do templo e nas sinagogas, lugar onde as Escrituras eram proclamadas. Porém, sua língua materna era o aramaico. Homem de mentalidade mais rural do que urbana, vivia uma experiência religiosa muito importante na região desértica junto ao rio Jordão e iniciou uma vida itinerante. Sua atividade concentrava-se em duas tarefas: curar enfermos e anunciar a mensagem sobre o “reino de Deus”; uma mensagem que partia da tradição judaica, mas que não brotava da literatura apocalíptica nem do ensino oficial dos escribas.

Em Sua pregação, *YESHUA* comunicava um Deus da vida, a experiência de um Deus Pai misericordioso e justo. A Sua fama cresceu rapidamente, com as práticas de cura, exorcismos e milagres, e a sinalização da chegada do “reino de Deus”. Nunca pretendeu romper com o Judaísmo nem fundar uma instituição própria, frente a Israel.

YESHUA mobilizava massas e rodeou-se de um grupo mais próximo de “Doze” (1 Cor 15, 5), um número simbólico que apontava o desejo de conseguir a restauração de Israel como germe do reino de Deus. Ele despertou a oposição de escribas e dirigentes religiosos, tanto na Galileia quanto em Jerusalém. Na primavera do ano 30, subiu a Jerusalém, território da Judeia regida por um prefeito romano. Nesta cidade governada por uma autoridade máxima entre os judeus, o sumo sacerdote chamado Yosef Caiifás, *YESHUA* realizou um gesto hostil para com o templo (Mc 11,15-19; Jo 2, 13-22) o que provocou a sua detenção. Sem um julgamento apropriado (Jo 19,13), a aristocracia sacerdotal, convencida de sua periculosidade, o encaminha para o prefeito romano nomeado por Tibério, Pôncio Pilatos (Mc 15, 1-15), que dita a ordem de sua execução. *YESHUA* morreu crucificado (Mc 15, 21-32) provavelmente, no dia 7 de abril do ano 30. Antes disso, celebrou uma ceia de despedida com seus discípulos na qual realizou um gesto simbólico com o pão e o vinho (Mc 14, 12-25).²²⁷

Em *YESHUA*, há toda uma problematização ontológica, à qual não iremos adentrar na presente pesquisa. Importa aqui saber que a realidade é, antes de tudo, o *ser* e não o acontecer. Há, em todo debate sobre elementos que diferenciam o Jesus histórico do Cristo da fé, discussões sobre se Jesus é Deus. Muitos especialistas teólogos afirmam que a palavra “Deus” está em genitivo explicativo nos enunciados de Jesus, nos quais o reino de Deus se identifica com Deus e o que se quer indicar não é o que é Deus, mas o que acontece quando Deus Se faz presente na vida das pessoas.²²⁸ Por isso, é significativo que a única definição que o Novo Testamento apresenta de Deus é a afirmação de que Deus é amor (1 Jo 4,8). A relação com Deus ocorre em toda a relação humana, e isso começa pelo conhecimento que se dilata no sentido último do ser.

²²⁷ PAGOLA, Antônio, José. *Jesus, aproximação histórica*. 2011.

²²⁸ CASTILLO, M, José. *Jesus, a humanização de Deus*. 2015. p.120.

Há, em Jesus, todo um grandioso empenho de Seu ser em dar a conhecer Deus, para além das representações antes referenciadas, ou das ideias, para assim, podermos sentir e viver a nossa relação com Deus. Disso resulta que, em *YESHUA*, YHWH Se manifesta na realidade concreta, tangível, visível e humana da existência das pessoas.

O Redentor veio ao mundo para realizar o maravilhoso intercâmbio: Deus se fez Filho do Homem para que todos os homens chegassem a ser filhos de Deus. Um de nós havia quebrado o laço da filiação divina, e um de nós haveria de restaurar novamente, pagar a expiação. Nada na velha geração, abandonada e enferma poderia fazê-lo. (...) Ele se fez um de nós, porém não somente isso, Ele se fez um conosco, e aqui emerge o maravilhoso do gênero humano: todos somos um.²²⁹

É o irromper do Eterno, mais real que a realidade humana, do YHWH, da experiência dos pais da fé abraâmica, do Deus que armou uma tenda no coração humano (Ex 33,7; Jo 1, 14) e, na interioridade dessa, revelou-Se também humano em *YESHUA*, apontando, assim, para o sentido último do ser humano na plenitude de sua destinação: ser um no mistério do Corpo Místico de Cristo e da Igreja. É a experiência do mistério que se efetua na vida da pessoa. Em *YESHUA*, a transcendência divina e a imanência humana se encontram revelando o Deus Único. Disso resulta que a fé cristã que surpreendeu e cativou o coração de Edith Stein não é uma religião de mistérios, mas de um único mistério: a autodoação de Deus à criação, especialmente, à pessoa humana.

Por isso, em Edith Stein, todo conhecimento de Deus é insuficiente; ele apenas aponta para um conhecimento experiencial d'Ele. É preciso buscar, incessantemente, a chave adequada para penetrar nesse tesouro.²³⁰ Destarte, o conhecimento humano, aprimorado pela experiência que se traduz no sentido último das vivências significativas, há de progredir, desde o sensual ao espiritual, há de arder mais intensamente, assim como quando Moisés entendeu e designou Deus/YHWH como um fogo devorador (Ex 24, 17), numa experiência da imagem de Deus que o estimulou em todos os seus sentidos e o impulsionou para a missão.

Jesus, o Cristo, também Se revela e almeja que ardemos diante de Sua Revelação e proposta (Lc 12, 49). Para tanto, é preciso um caminho da revelação à inspiração, que Edith Stein realizou e sobre o qual nos deixa elementos que contribuem para que também o façamos. É necessária a aceitação da Verdade revelada em *YESHUA*, como ápice,

²²⁹ STEIN, E. Obras Completas: *Escritos Espirituales*. Vol. V Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/ Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2004. p. 484.

²³⁰ Idem, p. 157.

plenitude da Palavra de Deus, desde sempre presente na Sagrada Escritura. Pois, para quem não acolhe a Palavra de Deus como Palavra de Deus, esta será palavra morta, não algo vivo que transcende a si mesma em referência ao reino do espírito divino.²³¹ E, em toda a jornada resultante desse encontro que transforma e compromete, a fé se nos apresenta como ponte.

Assim foi em Edith Stein. A vida a estava moldando em sua inquieta busca pela verdade para a Verdade Eterna. Ela conseguiu apreender o mistério da aliança e a vivenciou, como se sabe, em suas obras e em sua própria vida. Edith Stein foi fiel à aliança de seus pais e, com seus irmãos de sangue, morreu pela Santificação do Nome de Deus, YHWH. Também foi fiel à aliança com *YESHUA*, o Cristo²³², unindo-se a Ele na cruz, pela reconciliação da humanidade n'Ele. Segundo Neher (1914-1988), cada judeu deve realizar em sua vida a redação de um *Sefer Toráh*²³³, uma singular peregrinação em sua individuação de transmissor fiel da mensagem dos profetas. Edith foi além disso, ela foi um *Sefer* e um Evangelho/Boa Notícia. Em todas as suas investigações e relações, buscava uma aliança responsável e fraternal pela captação do mistério humano. Ela realizou uma peregrinação geográfica e espiritual que a lançou na corrente judaica da diáspora; ela carregava em si a bagagem espiritual do judeu sem pátria que sobreviveu em meio a povos diversos sem distanciar-se da Aliança com a Verdade.

Assim como Abraão abandonou ídolos e se abandonou ao Deus verdadeiro, como Paulo admoestou os gentios a buscarem o Deus verdadeiro, esta mulher travou uma batalha interior e exterior para chegar à Verdade, o Eterno, o Mistério revelado no Sinai por YHWH e encarnado em *YESHUA*/Jesus, o Cristo: Caminho, Verdade e Vida. Para a judia-cristã Edith Stein, Teresa Benedita da Cruz, fazer uma Aliança com Jesus Cristo não implicava renunciar a Aliança do Sinai, pois *YESHUA* era judeu, e isso lhe dava

²³¹ STEIN, E. Obras Completas: *Escritos espirituales*. Vol. V Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/ Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2004. p. 177.

²³² Será visto que, quando Edith Stein entra para o Carmelo ela escolhe um nome, um nome que afirmava pulsar em seu ser. Um nome que indicaria o caminho que a levaria ao coração de Deus. Ela escolheu para complemento de seu nome o termo Cruz - porque almejava que toda a sua vida fosse marcada por esse mistério. Essa foi, verdadeiramente, a jornada do mistério em si, pelo qual ela se aproximou de Deus. Antes de Cruz, ela acrescentou o nome Benedita, para expressar o seu sentimento de que Cristo fez da cruz uma fonte de bênção.

²³³ André Neher foi doutor em Filosofia, Medicina e Rabino. Ainda foi professor de História e Filosofia na Universidade de Estrasburgo e na Universidade de *Tel Aviv* em Israel. *Sefer* pode ser traduzido como o nome dado aos rolos da *Toráh*, copiados à mão e cuja composição obedece uma série de obrigações de produção. Considerado a obra mais sagrada do Judaísmo, é guardada em um recinto reservado nas sinagogas conhecido como *Aron Kodesh*.

orgulho de pertencer ao mesmo povo. Assim como Paulo²³⁴, Stein reconheceu o valor da religião judaica; contudo, aderir ao Cristianismo a fez acreditar que YHWH, após descer, chamar, educar e conduzir o povo de Israel, quis suscitar no coração desse povo a vinda do Cristo como ampliação e plenitude da aliança. Em Paulo, o Cristianismo se expande, é visto que, depois de Damasco (Fl 3, 8), ele toma distância do Judaísmo porque dilata em si o sentido de ser grego, judeu e cristão. Em Edith, evidencia-se a fé na Aliança continuada, renovada e plenificada em Jesus Cristo. Em Cristo, evidencia-se a permanência da liturgia de Israel das antigas bênçãos recitadas para o pão e o vinho. Edith assim escreve:

Cristo orava como orava um judeu crente e fiel a Lei (...) A bênção e a distribuição do pão e do vinho eram parte do ritual da cena pascal. Porém, estas recebem um sentido completamente novo. Com elas começa a vida da Igreja. Sem dúvida, será a partir de Pentecostes quando aparece abertamente a comunidade visível do Espírito. Porém, aqui, na cena pascal, na ceia, se realiza o enxerto do sarmento no tronco, que torna possível a efusão do espírito. As antigas orações de bênção se tornaram, na boca de Jesus, palavras criadoras de vida. Os frutos da terra se tornaram sua carne e seu sangue, repletos de sua vida. A criação visível, na qual ele se inserira, por sua Encarnação, está agora a ele ligada de modo novo e misterioso.²³⁵

Não restaram dúvidas para Stein de que *YESHUA*/Jesus Cristo cumpriu a missão do Povo Eleito, buscando fazer em tudo a vontade de YHWH. Conforme o Evangelista Marcos (Mc 1,11), Jesus recebe a investidura messiânica e assume as funções do Messias esperado, que é salvar e libertar o povo do jugo da escravidão; todavia, a ação do Messias Jesus transcende as expectativas que os judeus tinham de um messias temporal. Em Cristo, o Pai tem muito mais a dizer à humanidade do que o Judaísmo da época era capaz de suportar, informa o Evangelista João (Jo 16,12). Mediante essas reflexões, entende-se

²³⁴ Até o fim de sua vida Paulo era orgulhosamente, teimosamente, inalteravelmente um Judeu. Quando ele escreve aos Coríntios em resposta as acusações de seus caluniadores, ele defendeu sua posição de sua linhagem Judia: "São eles Hebreus? Eu também sou. São eles israelitas? Eu também sou. São eles descendentes de Abraão? Eu também sou" (2 *Coríntios* 11, 22). Todas as três palavras que ele usa tem seu próprio significado. Um Hebreu era um Judeu que ainda podia falar hebraico em contraste aos Judeus da Dispersão que tinham esquecido sua linguagem nativa pelo Grego de seus países de adoção. Um Israelita era especificamente um membro da nação do pacto. Para ser descendente de Abraão era necessário ter pureza racial absoluta. A afirmação de Paulo era não haver em nenhum lugar do mundo um Judeu mais puro que ele. Ele fez a mesma afirmação quando escreveu aos seus amigos em Filipos: "Se algum outro homem pensa ter razões para confiar na carne, eu ainda mais: circuncidado ao oitavo dia; da casa de Israel; da tribo de Benjamim, um Hebreu de Hebreus, quanto à lei, um Fariseu; quanto ao zelo, perseguidor da Igreja; quanto a justiça que há na lei, irrepreensível" (*Filipenses* 3, 4-6). Quando ele escreveu a Igreja em Roma, ele fez o orgulhoso relato: "Eu também sou um Israelita, da descendência de Abraão, da tribo de Benjamim" (*Romanos* 11,1). Cf. BARCLAY, William. *A mente de Paulo*. Trinity College: Glasgow, February, 1958, p. 8.

²³⁵ STEIN, E. Obras Completas. *Escritos espirituales*. Vol. V Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/ Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2004. p. 109.

o motivo pelo qual Edith Stein adota o nome de Teresa Benedita da Cruz no ato de sua Profissão Religiosa. Ela já intuía que, pertencendo ao Povo Messiânico, deveria tomar a Cruz e subir o calvário do século XX, juntamente com os seus irmãos, conscientes ou não de Sua messianidade.

YHWH e *YESHUA* Se revelam na vida de Edith Stein na medida em que a filósofa investiga a essência última da verdade. Ela constata que é por Deus acompanhada desde o núcleo mais profundo de seu ser. Há, no princípio, uma luta, uma negação, um distanciamento que se converte em encontro, empatia, enlace amoroso, esponsalidade e entrega absoluta. Edith experiencia em si a profunda unidade com o Absoluto.

Quando, ainda em Göttingen, vivenciou o testemunho de colegas cristãos autênticos, fiéis ao credo que abraçaram em suas vidas, quando realizou a leitura dos mestres espirituais e começou a prática cotidiana dos ritos e sacramentos na religião que escolhera seguir, Stein silenciou e teve profundo anseio de também passar pela unidade, autenticidade e verdade que eles transmitiam. Ela abriu, inconscientemente, a sua habitação para o Eterno.

A experiência de Deus YHWH/*YESHUA* em Stein é uma experiência de autenticidade madura do ser que se abre, para além de si mesmo, e que se lança ao encontro dos demais e do serviço de seus dons para o mundo. Sua vida se tornou uma retribuição de amor no caminho do desprendimento. Em YHWH, estavam suas raízes espirituais, cultivadas e regadas no solo familiar do testemunho da mãe. Em *YESHUA*, a Encarnação da Empatia, Verdade Plena autodesvelada, no cotidiano das relações humanas que ela vivenciou até o último instante de seu existir.

Em Edith Stein, YHWH transcende a Lei, antecipa a Sua vinda, desce a montanha e caminha junto dela, revela-Se, dá-Se a conhecer mediante o seu caminho cognitivo e faz com que a sua razão dobre os joelhos, quando, ao sentir na carne, o pulsar do Verbo, *YESHUA*, que também se fez carne e habitou entre nós, ela O compreende plenamente. Uma experiência intensa de Deus que implica abertura de todos os sentidos, e de todo o ser e, ao mesmo tempo, converteu-se na tarefa de dignificar e humanizar todos e todas que por ela passariam. A experiência de Deus conduziu Edith ao Todo em tudo revelado, daí a sua ânsia amorosa em ser eco dessa Presença.

A filósofa fenomenóloga se permitiu habitar e transbordar pelo Espírito. Ela teve a sua razão plenamente iluminada. A ela uma autoridade foi conferida e, apesar dos desafios que enfrentou, aprendeu a viver além do medo, mantendo-se fiel ao chamado

interior e chegando a morrer por Ele. Edith Stein era uma mulher na fileira de muitas mais que deixaram em seu testamento a beleza de um testemunho de amor ao Evangelho e ao anúncio dele por meio de seu pensamento e obras. Para Stein, o humano sempre procurou dar um rosto a Deus. Um humano sempre inserido em um mundo complexo e plural que avança e que se desenvolve submetido a um domínio sem limites que também o lança em meio às turbulências e desorientações, nas quais, substancialmente, é preciso reaver a pergunta sobre Deus.

Em nossos dias, constata-se que, ao buscar imortalidade e felicidade, os humanos, na verdade, estão tentando promover-se à condição de deuses.²³⁶ Assim, para a fenomenóloga, a relação humana com a divindade permanece, mesmo na progressão dos tempos. Por certo, o fenômeno do mistério, *vestigia Dei*, ao longo da jornada do humano, *vestigia hominis*, vem deslocando a sua tenda em resposta aos sinais dos tempos: é Presença, mesmo na recusa, junto da pessoa, quer o busquemos ou não. Esse mistério é Onipresente e Uno, desde quando a humanidade desenvolveu a sua atividade religiosa no palco da história. Disso resulta sempre uma revelação, uma aceitação da automanifestação de Deus no âmbito do ser, direta, indireta, pessoal ou impessoal, via sinais ambíguos ou palavras claras.

O ser de Deus existe desde a eternidade e é imutável: ele não tem nenhum princípio, e nele nada começa. Todo seu ser é um ato, quer dizer, eterna atualidade e atividade. Deste *principium*, procede tudo que tem começo. As coisas criadas têm um começo. Aqui está o limite em comparação ao ser divino. Porém, tudo o que nelas começa; atos que surgem e passam são análogos finitos da infinita atualidade e atividade de Deus. (...) Viver espiritualmente significa ser consciente deste movimento, ser transparente para si mesmo, ser consciente de si mesmo e eventualmente, do outro desde si mesmo. Deus se contempla a si mesmo desde a eternidade, tem diante seus olhos, desde a eternidade a Criação (...) e Deus se dá quando une sua essência divina com suas criaturas.²³⁷

Segundo a própria Edith Stein, para uma união amorosa com Deus se exige uma entrega pessoal e voluntária no campo da livre decisão. Essa livre decisão se realiza devido ao reconhecimento resultante de um conhecimento próximo e pessoal de Deus. Não significa um apropriar-se mediante o saber, mas um reconhecimento profundo sobre Ele, em Sua autoridade em relação às promessas. Para Stein, o inabordável, inominável

²³⁶ HARARI, Yuval Noah. *Homo Deus: uma breve história do amanhã*. 1ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p. 51.

²³⁷ STEIN, E. *Obras Completas: Escritos filosóficos*. Etapa do pensamento cristiano. Vol. III Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2007. p. 331.

se torna abarcável e próximo da realidade humana. Para tanto, ela irá buscar elaborar em si a compreensão da história da salvação. É o paralelismo existente entre os dois momentos: do humano no desenvolvimento pleno de seu ser e do modelo do Verbo Encarnado que chama para uma autêntica vida de oração e de configuração junto d'Ele.

YHWH, redescoberto e experienciado em Edith Stein, trata-se de um Deus pessoal que Se encontra com a pessoa humana, um conhecimento de Deus por experiência. Reconhecimento de sua condição finita capaz do Eterno e que faz com que ela afirme, convictamente, que *YESHUA*, o Cristo, presente na intimidade do ser de YHWH e nela mesma, tornou-Se o centro de sua vida. Em YHWH e *YESHUA*, a vida de Edith Stein se traduz em atos da fé que se concretizam numa práxis humanizadora. Ela encontra na pessoa de *YESHUA* a Verdade sempre buscada; n'Ele, o Filho de Deus, o sentido de ser é explícito, plenificado e desafiador para todos e todas dispostos a seguir os Seus passos. Desafio que Edith Stein abraça sem mais relutar, porque compreende não poder avançar em sua vida sem estar junto d'Ele. Logo, há uma oração repetida em seus escritos, inspiração de João da Cruz e São Geraldo:

Amado meu, tudo para ti e nada para mim: nada para ti e tudo para mim. Todo o áspero e trabalhoso quero para mim e nada para ti (...) E agora te rogo, Senhor, que não me deixes em nenhum tempo de meu recolhimento, porque sou desperdiçadora de minha alma.²³⁸

Mesmo no silêncio e, aparente, distanciamento do claustro, Edith Stein, Irmã Teresa Benedita da Cruz, estava atenta ao mundo que a circundava; mais ainda, buscava contribuir com toda a sua bagagem intelectual para que a Boa Nova fosse ouvida e propagada. Por isso, ela nos remete sempre que possível até Paulo (1 Cor 17-18): *Cristo me enviou... a evangelizar e isto sem ostentação eloquente, para que não nos desviemos da cruz de Cristo. A linguagem da cruz, com efeito é loucura para os que se perdem; mas para os que estão em via de Salvação, para nós, é força de Deus.*²³⁹

Desde YHWH, Edith Stein reconhece que a sua história pessoal está habitada de um sentido mais profundo que deseja descobrir. Do Deus, Senhor do céu e da terra, além do qual não há outro, que solicita que se guardem a Sua Lei e mandamentos (Dt 4, 39-40a), Edith passa da intuição intelectual para uma experiência vital de mudança radical em sua vida, a experiência do caminho para *YESHUA*, o Cristo.

²³⁸ STEIN, E. Obras Completas: *Escritos espirituales*. Vol. V Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/ Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2004. p. 450.

²³⁹ Idem, p. 215.

3.1 YESHUA: a Verdade se fez carne

Edith Stein foi uma mulher inquieta que fez com inteireza a travessia do reino da natureza para o reino da graça. Situada no reino da liberdade, ela acolheu essa experiência e se deixou conduzir docilmente, numa abertura à vida divinal que a levou até o seu próprio cerne. A partir daí, a filósofa, conciliada com a consciência aguda de seus próprios limites, ciente das camadas periféricas de seu ser, juguete das turbulências da superfície e de hábitos, abandonou-se completamente ao agir de Deus, o qual Se revelou a fonte inesgotável de seu próprio interior. Doravante, somente n'Ele ela se ancorou e se entregou em um fluir relacional que se concretiza numa configuração ao Cristo.

Em Cristo, descobriu a explicação a todas suas perguntas sobre o ser e a existência do homem. Sem Cristo, não se pode compreender a vida do homem, e sem Cristo não se pode alcançar sua plenitude. Certamente, a grande experiência de Edith, é antes de tudo, de comunhão com a pessoa de Jesus, uma comunhão que não termina simplesmente no sentimento amoroso, senão que exige conhecimento que pode ser aprofundado cada vez mais. Em sua vivência espiritual, amor e conhecimento são momentos que se unem em sua vivência espiritual.²⁴⁰

Não encontramos em Edith Stein um estudo sistemático de Cristologia. Há em sua obra elementos relevantes de uma teologia cristocêntrica. A biografia de Edith Stein é a melhor chave hermenêutica para nos aproximarmos de seu pensamento e do processo evolutivo da consciência de seu ser em ascensão. Em um primeiro contato com o seu pensamento, não reconhecemos Edith como teóloga. Isso acontece, possivelmente, devido ao fato de sua inicial dedicação científica estar centrada, em especial, na Psicologia e na Filosofia. Entretanto, quando uma aproximação acontece, é perceptível a presença de algo a mais em sua palavra, a revelação de uma existência da verdade buscada e experienciada, da palavra não apenas dita ou escrita, mas encarnada.

Dessa maneira, é possível visualizar o indício teológico de uma vida de testemunho e profecia incontestáveis.

É certo que Edith Stein não é uma teóloga no sentido estrito da palavra, porém, ela confronta questões teológicas de todo tipo. Sua visão de vida e da ciência a partir de sua conversão a Cristo, incide, notavelmente, em seu modo e maneira de acerrar-se das questões fundamentais que afetam a pessoa humana. Filosofia e Teologia, como experiência, se integram nela em uma unidade que

²⁴⁰ SANCHO FERMÍN, Francisco Javier. *Una espiritualidad para hoy según Edith Stein*. 20 temas de estudio y reflexión. Burgos: Monte Carmelo, 2005. p. 87.

resulta em algo difícil de separar. E é uma unidade, claramente, intencionada.²⁴¹

Desse modo, frente à aproximação reverencial e atenta, há de se notar, com clareza, que, diante da diversidade de aspectos que Edith Stein nos apresenta, eles concentram-se e fundam-se em um ponto de equilíbrio, numa unidade desconcertante e inédita. É um centro misterioso de uma intensa força configuradora em que repousa o desígnio de toda a sua missão investigativa como dom do Espírito. Com a finalidade de situar o pensamento de Edith Stein de modo que nos possibilite chegar até a sua perspectiva mística, iremos tocar em elementos presentes em seus estudos e buscar apreender o possível da densidade de seu pensamento que se converte em uma etapa que pode ser considerada fenômeno teológico.²⁴²

Sabe-se que a Teologia difere das outras ciências no sentido de querer estar mais próxima do sujeito que a investiga do que ser objeto de sua investigação. A etimologia dessa palavra é uma clareira que, no entanto, delimita a sua amplitude: a palavra *θεολογία* (*Theología*) compõe-se, etimologicamente, de dois termos: *θεός* (*Theós*) + *λόγος* (*logos*) = Deus + estudo. O objeto principal é Deus, recorrente de um discurso, palavra, saber, ciência. Diz respeito ao discurso humano sobre Deus. Ora, a natureza humana quer compreender a fé. Há no humano uma busca de justificativa profunda. Disso resulta a tarefa da Teologia que consiste em se configurar em um determinado modo de saber, de conhecimento, de esforço em que a compreensão e a inteligência humana finitas empreendem a fim de compreender o transcendente.

Sem a pretensão de tecer uma ampla reflexão sobre o conceito de Teologia, mas de tratar da intelecção do termo, é possível compreender que a Teologia se situa numa sequência de movimentos que culminam no fator Deus. Imersa numa multiplicidade de possibilidades de retenção de conhecimento, em uma diversidade de interesses e preocupações, Edith perscruta a verdade do homem e encontra o Homem da Verdade. A partir desse encontro, em cada desdobramento de suas investigações, ela intenta, também,

²⁴¹ SANCHO FIRMÍN, Francisco Javier. Cf. STEIN, E. Obras Completas: *Escritos espirituales*. Vol. V Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/ Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2004. p. 39

²⁴² As obras que auxiliam o presente trabalho na investigação da etapa místico teológica de Edith Stein são: *Natureza, Liberdade e Graça* (obra escrita, provavelmente, entre 1921-1922, publicada em 1962), *O Mistério do Natal* (obra escrita em 1931, publicada em 1935), *A oração da Igreja* (obra escrita em 1936, publicada em 1937), *Caminhos do conhecimento de Deus* (Ensaio escrito em 1941, publicado em 1946), *A Ciência da Cruz* (obra escrita em 1942, publicada em 1950) e, *Ser Finito e Ser Eterno* (obra escrita em 1936, publicada em 1950).

integrar a sua própria vida. É perceptível, no plano experiencial fenomenológico, enunciar elementos de caráter teológico que se agregam em suas investigações.

Desse modo, embora Edith Stein não tenha tido estudos sistemáticos no campo da Teologia, é certo que, especialmente, após o seu contato com o Catolicismo, reconhece-se o avanço e a intensidade de sua dimensão intelectual metafísica. Em seus escritos sobre o Cristianismo (1922), a sua profundidade teológica é visível e de grande relevância para o contexto da sua época, bem como para o nosso tempo. Importante a ressalva de que a razão pela qual o Cristianismo parecia atraente para os jovens na época de Edith Stein se deu devido a uma fermentação intelectual no interior do Catolicismo, numa época denominada Modernismo e de compreensão oponente que, para o Papa Pio X, era a mais difundida na Alemanha.

Daí o propósito de que a Teologia deveria tomar como ponto de partida “a experiência humana comum e o conhecimento humano comum”. Resulta disso que a fenomenologia, diante dessa expectativa, revelou-se uma linha de frente estimulante e, concomitantemente, a esteira que permitiu a Edith Stein aderir de modo radical ao Cristianismo. Ela colocou à disposição toda a sua potencialidade anímica para compreender e se entregar aos mistérios do amor e da graça nela atuantes no seguimento sponsal do Cristo, que a conduziria à experiência amorosa e salvífica da cruz.

Quem pertence ao Cristo deve viver a vida de Cristo em sua totalidade, há de alcançar a maturidade do Salvador e andar pelo caminho da Cruz até o Getsemani e o Gólgota. E todos os sofrimentos que podem vir de fora nada são comparados com a noite da alma quando a luz divina desaparece e a voz do Senhor não se escuta mais. (...) Não se trata de um gosto patológico pelo sofrimento. Aos olhos da razão natural pode parecer isto uma perversão, contudo, à luz do mistério da Salvação, é o caminho mais razoável, porque os que estão realmente unidos ao Cristo, permanecem inquebrantáveis.²⁴³

Em Edith Stein, é possível vislumbrarmos aquilo que sucedeu no encontro de Jesus com os Seus discípulos, de todos os que morreram como seguidores de Cristo sem anular em suas vidas a raiz judaica. Assim, ela recorda que a comunidade cristã carrega a experiência de fé do povo judeu, do povo eleito, filhos de Abraão e herdeiros da mesma herança. Não há uma reflexão sistematizada de Cristologia em Stein. Todavia, nela encontramos quatro denominações que buscam integrar e expor o mistério do Filho de

²⁴³ STEIN, E. Obras Completas: *Escritos espirituales* Vol. V Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/ Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2004. p. 487.

Deus, a partir da origem e imagem da criação, do mistério da encarnação, do mistério pascal — morte e ressurreição e do Novo Adão.

Resulta disso que em alguns de seus escritos encontramos uma pneumatologia mistérica, um apreço sincero pela Liturgia, uma Eclesiologia esposal e itinerante. Em todos esses temas, ela nos deixa transparecer o intento de um equilíbrio interdependente entre a Antropologia, a Soteriologia e a Cristologia. A culminância da jornada ascendente de sua interioridade está presente na densa obra, *Ser Finito e Ser Eterno* (1936), em que Edith objetiva ampliar a compreensão da unidade no âmbito Teológico, Cristológico e Eclesial. É o salto da sua Filosofia primeira para uma Filosofia cristã que resulta na imersão na Teologia até a mística que investigamos e que propomos aqui expor. Desse modo, faz-se mister ressaltar que, para entender a Teologia em Stein, é importante reconhecer que nela pulsa a compreensão fenomenológica intransigentemente racional de Husserl acerca do Espírito humano. Para seu antigo mestre, o espírito não é um ego hipotetizado, abstraído do mundo pela teoria psicológica, mas sim o ser humano completo, um *eu* que percebe, avalia e envolve-se ativamente com o mundo, estabelecendo nele uma posição.²⁴⁴

Alinhada à fenomenologia de Husserl, a categoria e vivência da Empatia contribuíram para que a Teologia em Stein desaguasse em questões dialógicas e de comprometimento, resultantes de uma experiência do humano e de Deus para a qual até nossos dias solicitam coesas autenticidade e responsabilidade. Assim, a Teologia em Edith Stein pode ser considerada integrativa, porque diz respeito à integração de uma vida que abarca, em si, em seu *eu* pessoal, vivências de doação, abandono e transcendência. Há, em Edith Stein, uma fascinante convergência em todo o seu pensar e existir.

Uma vida incomum que em sua primeira metade ascende pela subida íngreme, segura de si mesma, faz "carreira" e não conhece resistências; e que na segunda metade, se inclina para baixo e para dentro, retorna ao discreto e, finalmente, desaparece em uma área cinza. Uma vida cheia de presentes, por um lado, e por outro, humilhada nas profundezas - seguindo a Cristo, por parte de um judeu, filósofo e mártir 'pela Igreja e pelo Carmelo, seu povo judeu e a Alemanha e todos aqueles que Deus me deu, como ela fórmula em um ato de oferenda. [...] Na figura de Edith Stein existem diversas tensões que em outro lugar teriam sido dispersas como meras oposições: Judaísmo e Cristianismo, ciência e religiosidade, inteligência e dedicação, alto pensamento e humildade. Para ter essa multiplicidade de elementos diante dos olhos, é necessária uma circunscrição atenta de sua figura. Há um longo caminho desde a imagem arrogante, autoconsciente e autocrítica da estudante de Göttingen até a "esposa do Cordeiro", com uma expressão do rosto que traduz uma inexplicável dor e

²⁴⁴ Husserl mediante o seu método fenomenológico auxilia a investigação Steiniana acerca da pessoa humana, numa espécie de anatomia integral/holística do ser. Corpo-Alma-Espírito.

uma profunda interioridade, como é reconhecido na fotografia de sua tomada de hábito. Edith Stein não pode ser entendida a partir de um único olhar, mas apenas seguindo o rastro de muitas linhas desconcertantes que lentamente se juntam em clareza.²⁴⁵

É o processo de redenção que é vivenciado em Edith Stein no dinamismo do curso de sua vida pública intelectual até a vida de silêncio, oração e profetismo. É a constatação daqueles que, escondidos com Cristo e em Deus, não podem senão irradiar em outros corações o amor divino do qual estão plenos. E, assim, podem colaborar para a perfeição de todos desde a união com Deus que foi e continua sendo o grande desejo de *YESHUA*. Desse modo, a teologia integrativa encontrada em Edith é repleta de uma atualidade profética, da natureza de uma espécie que aderiu, em sua inteireza humana, ao seu projeto pessoal e ao projeto de *YESHUA*.

Em Stein, encontramos o testemunho de uma mulher comprometida em uma progressiva e intensa identificação com o Cristo.

Quanto mais a pessoa se expande sob a ação da graça divina, mais ela se humaniza, aperfeiçoando-se na configuração à pessoa de Cristo, que é arquétipo e cabeça da humanidade, a forma final à qual se ordena todo ser humano e que dá a ele seu sentido. Com efeito, mais um ser criado se aproxima do arquétipo divino de todo ente, mas ele é perfeito.²⁴⁶

Orientada pelo mistério da Encarnação em *YESHUA*, Edith Stein encontra pleno sentido e intensifica a sua reflexão e adesão mediante o propósito da cruz de Cristo. Ela faz de seu entorno intelectual não apenas fundamentação para o estudo do mistério da cruz em si mesmo, mas contextualização em relação ao mundo e à cultura em que estava inserida. Há, nesse encontro, compreensão e adesão todo um compromisso de autenticidade ao seguimento proposto.

Stein nos instiga a conhecer, mais rigorosamente, o seu pensamento, desde a sua atitude contemplativa fenomenológica até a sua integração, busca de unidade e estética teológica que nos trazem uma percepção do Cristo em Sua permanente Epifania na história. Ela nos faz compreender o dinamismo do modo de ser pessoal de Deus, como Ser que tudo abarca e que em tudo contém o todo e, ainda, que, enquanto tal, é único e distinto de todo ser finito.²⁴⁷ Trata-se da lógica da revelação, acontece no desdobramento

²⁴⁵ FALKOVITZ Gerl, B. H. *Unerbittliches Licht. Edith Stein - Philosophie, Mystik, Leben*, Mainz, Matthias-Grünwald-Verlag, 1991. p. 11-12.

²⁴⁶ RUS, de Eric. *A visão educativa de Edith Stein*. Aproximação a um gesto antropológico integral. 2015, p. 117.

²⁴⁷ STEIN, E. *Obras Completas: Escritos filosóficos*. Etapa do pensamento cristiano. Vol. III Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2007. p. 940.

do nome de YHWH = *Eu Sou* (Ex 3, 14), no Antigo Testamento, para a seguinte fórmula: *façamos o homem à nossa imagem, segundo a nossa semelhança* (Gn 1, 26). É esse *Logos* criador (Jo 1, 1) que nos ajuda a compreender melhor o mistério da encarnação (Jo 1, 14).

Em YHWH e *YESHUA*, encontramos a coerência da Verdade, tão cara a Edith Stein, presente em tudo. Uma unidade visível em todo ser criado, mas que necessitava de auxílio para que essa visibilidade fosse plenificada. É um movimento interior da vida. Deus Amor Supremo, recíproco e eterno, desvela-Se como Aquele que ama todas as criaturas desde a eternidade; todavia, de nenhuma maneira, é amado por elas desde toda a eternidade. Porque esse amor não trata apenas de uma apreciação ou adesão, mas de raiz, radicalidade de uma doação de si, uma reciprocidade profunda.

O dom de si a Deus e a união que Ele estabelece é participação na plenitude superabundante da vida divina. E essa doação não é algo abstrato ou ideal; ela se apresenta como possibilidade, realidade, a partir de um rosto humano: *YESHUA*, o Cristo.

Nós conhecíamos a Deus, contudo, sentíamos que Ele queria ser buscado e encontrado de uma maneira nova. Por isso, nos colocamos a caminho e seguimos uma estrela que nos indicasse o reto caminho. E ela chegou até nós mediante a Graça da vocação. Nós a seguimos e encontramos o Menino Divino. Ele nos estendeu as mãos para receber nossos dons: queria o ouro puro de um coração liberto dos bens terrenos; a mirra, da renúncia de toda felicidade deste mundo, em troca de participar da vida e dos sofrimentos do Cristo; o incenso da vontade com altas aspirações que se nega a si mesmo para perder-se na vontade divina. Em troca destes dons, o Menino se entregou a si mesmo.²⁴⁸

O Cristianismo, a Igreja, baseia-se na fé de que o Cristo veio como Redentor da humanidade enviado da parte de Deus. Em Cristo, o mistério da encarnação, não somente como condição do mistério pascal, mas ápice, cume de toda a obra da criação, apresenta-se como coerência visível da unidade do Amor. A revelação por excelência é Cristo, Ele é o mediador no qual Deus Se faz carne.

Cristo, o ressuscitado, o Rei da Luz, é arquétipo e cabeça da humanidade; a forma final de acordo com o qual está ordenado todo o ser humano e que lhe dá sentido. Se toda criação estava prefigurada no *Lógos*, a humanidade estava figurada então ali em um sentido particular. Ali está, com efeito, o sentido do ser humano, no céu e na terra, Deus e a criação devem unir-se (...) Não se poderia conceber uma união mais estreita e mais forte entre as naturezas separadas como a que se realizou em uma pessoa pela encarnação do Verbo. Por ela a natureza humana está cheia de vida divina.²⁴⁹

²⁴⁸ STEIN, E. *Obras Completas: Escritos espirituales*. Vol. V Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/ Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2004. p. 638.

²⁴⁹ STEIN, E. *Obras Completas: Escritos filosóficos*. Etapa do pensamento cristiano. Vol. III Madrid/Burgos/ Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2007. p. 1103.

Em Deus, Ser único, numa pluralidade de pessoas em Seu nome, o *Eu Sou*, equivale a um *Eu me dou inteiramente a um tu*. Dessa maneira, cada existência pessoal é como que extensão, presença dessa irradiação de amor. Nisso resulta a fonte de uma comunhão de Deus com a humanidade, uma humanidade imperfeita no amor, mas que, mediante Cristo, pode caminhar rumo a esse encontro com o Eterno. A fé em Cristo é possível via espírito divino que se infunde sobre nós e investe no núcleo (*Kern*) da pessoa humana. Este centro se torna um centro de irradiação de conhecimento, amor e ação.

Por isso, será seguindo esse Cristo que a humanidade, a pessoa humana, segundo investigações de Edith Stein, poderá recuperar seu estado de filiação divina perdido com o pecado. Cristo é o arquétipo do ser humano; n'Ele está a imagem perfeita daquilo o qual a pessoa é chamada a ser em sua destinação criatural, vocação e missão. O sentido da encarnação, da compreensão clara do humano em Cristo, consiste em indicar à pessoa humana a sua meta, a realização de sua vida, a partir do acolhimento em si da vida divina.²⁵⁰ Na dimensão desse encontro, desabrocha no humano uma atitude diante da vida, que se desenvolve mediante o caminho da aprendizagem e do conhecimento que é vida e sentido para Edith Stein.

Para Edith Stein, o Cristo Se torna o centro de sua vida, e a Igreja de Cristo, a sua pátria.²⁵¹ Ela comunga com os cristãos que querem e que estão com Deus em sua paixão. Edith Stein se sente chamada a sofrer com *YESHUA* no sofrimento que o mundo sem Deus inflige a Deus. Na encarnação, *YESHUA*, o Cristo, faz o caminho do Deus *inversus* (Fl 2, 6-8). O Criador da estirpe humana assume um corpo carnal (*Körper*) e concede à humanidade (*Leib*) a sua divindade. Deus Criador e Redentor desce até a pessoa humana em sua individualidade para operar maravilhas. Em sua interioridade espiritual (*Geist*), a pessoa está conectada com o Ser de Deus e está orientada para Ele. Dessa forma, constante é a pergunta que pulsa no ser humano pelo Ser de Deus e de seu propósito no mundo.

Na relação com Cristo, Verdade, Verbo divino, é necessário que a pessoa humana não seja um instrumento passivo, mas ator eficaz, cooperação. Afinal, o propósito primeiro de *YESHUA*, o Cristo, é revelar o rosto do Amor e da Misericórdia, um amor

²⁵⁰ STEIN, E. Obras Completas: *Escritos espirituales*. Vol. V Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/ Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2004. p. 33.

²⁵¹ STEIN, E. Obras Completas. *Escritos autobiográficos y cartas*. Vol. I Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2002. p. 761.

sem fronteiras, a reintegração junto do Pai da humanidade caída, perdida; Cristo é Deus e Homem e quem quiser ser parte dessa vida divina e humana terá de participar de seu mistério.

Ser filho/filha de Deus significa caminhar sempre nas mãos de Deus, realizando a Sua vontade e não a vontade própria; isso significa, radicalmente, abraçar a sua cruz. A cruz é parte da realidade existencial finita do humano. Este poderá reconhecer-se abandonado pelo Pai na cruz, ou como filho amado e partícipe da criação, chamado ao amor, na unidade e no abandono de si de modo radical.

A natureza humana por Ele assumida lhe deu a possibilidade de padecer e morrer; a natureza divina que Ele possuía desde toda a eternidade deu à sua paixão e morte um valor infinito e uma força redentora. A paixão e morte de Cristo continuam em seu corpo místico e em cada um de seus membros. Todo humano tem de padecer e morrer, porém, se este é um membro vivo do corpo místico de Cristo, então o seu sofrimento recebe uma força redentora em virtude da Cabeça.²⁵²

Somente em Cristo o humano descobre o ser original. *YESHUA*, o filho do Eterno é a cabeça do gênero humano.²⁵³ E, em cada singularidade humana, esse mesmo Deus prepara o caminho até Ele, que aguarda uma unidade. Para Stein, a humanidade é um grande todo que procede de uma mesma raiz e se dirige a um mesmo fim. Estamos todos implicados em um mesmo destino.²⁵⁴

Foi preciso que o Filho do Eterno descesse da magnificência celeste porque a maldade havia coberto de sombras a terra.²⁵⁵ Diante das sombras que cobriam a terra, Ele se apresentou à humanidade, também em Sua humanidade plenificada de vida e luz (Jo 1, 4-5) e, assim, Ele deu sentido ao entrelaçamento dos mistérios da Encarnação e do mal e à sua proposta salvífica que conta com a colaboração do ser finito.

A encarnação, paixão, cruz, morte e ressurreição, o ser-por-outro e a estrutura hipostática do Filho²⁵⁶ se dão para a pessoa humana antecipar seu próprio ser e destinação,

²⁵² STEIN, E. Obras Completas: *Escritos espirituales*. Vol. V Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/ Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo. 2004. p.487

²⁵³ STEIN, E. Obras Completas: *Escritos antropológicos y pedagógicos*. Vol. IV Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2003. p. 571.

²⁵⁴ Idem, p. 577.

²⁵⁵ STEIN, E. Obras Completas: *Escritos espirituales*. Vol. V Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/ Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo. 2004. p. 482.

²⁵⁶ *Hypóstasis* é um termo grego que Tomás de Aquino aplica em relação a Deus ao exprimir o mistério trinitário, ele não a identifica com o termo *prósopon* (pessoa) também utilizado, mas opta pelo que está em relação com o termo substância, que também significa “estar sob”, mas que era usado na linguagem filosófica (já por pensadores estoicos) a fim de indicar uma substância que se distingue de todas as outras por sua diferença específica, a racionalidade. Assim, todo ente, por existir por si, era chamado *ousía proté*, e, por ser suporte, era chamado também *hypokeímenon*. Como buscavam exprimir a Trindade bíblica,

expressão visível de seu arquétipo psicofísico e espiritual. Ser hipóstase é ser sujeito de uma consciência e de uma liberdade únicas, é ser portador de um nome, de um rosto e de um coração²⁵⁷; ou seja, a realidade hipostática de Cristo conduz o ser humano a uma verdade mais profunda, a respeito de si mesmo, de seu ser individual e de seu ser comunitário, assim como de seu fim transcendente.

O mistério da vida de Cristo está intimamente ligado à vida do outro; é o dinamismo profundo da empatia, da reflexão e vivências tão cruciais a Edith Stein. A realização do mistério da encarnação acontece na recuperação da criação, no triunfo sobre a morte e o pecado, realidades que rompem com a unidade originária do ser (Rm 5, 6 - 11). Cristo é o caminho para que a pessoa, desde a sua liberdade, possa colaborar no projeto de redenção.

A natureza humana é o instrumento de Cristo nessa reparação. Disso resulta o valor de Sua expiação, que é ilimitada e infinita. Um valor superabundante porque é obra de um humano divino, ato divino, impulso da Graça de que nenhuma pessoa por si mesma é capaz. Da queda de um, resultou a queda de todos; contudo, o apreço e a união para com o gênero humano mediante Jesus Cristo ressignificou o sentido da Aliança estabelecida com o Eterno. Cristo é o caminho, o arquétipo original perfeito, repleto do caráter histórico divino, a Boa Nova da história da Salvação do humano que reconduz o humano para Deus.

A redenção é a base comum, o núcleo dos mistérios da vida de Cristo. A redenção é o ápice do projeto, da obra que Jesus realiza com a sua encarnação, sua morte e ressurreição, e isso somente se realiza na colaboração e no arrependimento, expiação e união fiel da pessoa junto com o Redentor. Para Edith Stein, no desenvolvimento de suas reflexões antropológicas, a contemplação de Cristo, o “Novo Adão”, o sentido de sua encarnação é muito mais do que nos apresenta esse título²⁵⁸; n’Ele se encerra toda uma carga teológica salvífica (Rm 5, 12-21).

alguns teólogos de língua grega passaram a dizer que Deus tinha uma única *ousía* (essência) e três *hypostáseis* (hipóstases). Na filosofia se buscava esclarecer a relação do objeto que por si não é certa coisa, mas, somente o que subsiste por si mesmo, um ser em si, neste sentido, as coisas e as pessoas são objetos, e de certo modo, também os números e as relações. Cf. STEIN, E. Obras Completas: *Escritos filosóficos*. Etapa do pensamento cristiano. Vol. III Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2007. p. 951.

²⁵⁷ BOFF, C. *Experiência de Deus e outros escritos de espiritualidade*. 2017, p. 41.

²⁵⁸ Edith Stein desenvolve em sua antropologia teológica sobre o “Novo Adão”, reflexões sobre Maria como a “Nova Eva” que serão mencionadas nas páginas que seguem. Na Nova Criação, a representação do masculino e feminino são descritas, igualmente, valorizadas em suas peculiaridades. A união com Deus não acontece em um caminho genérico da humanidade, mas, naquilo que compromete a especificação e

É a realização da nova criação, do Verbo de Deus que Se encarna, desejoso de unidade que se deixa consumir mediante entrega amorosa, abandono e morte na cruz. Em Cristo, o humano, em sua condição de filho de Deus, desvenda a sua origem e o caminho para o Eterno. O caminho da reconciliação e da plenitude somente é possível pela natureza humana e divina presentes, unidas na encarnação. A união das duas naturezas em Cristo é o fundamento necessário para a união dos homens com Deus.²⁵⁹ Jesus é a Verdade feita pessoa humana que surpreende Edith Stein e a toca em seu ser mais profundo, em sua destinação e liberdade. A partir da experiência de proximidade com Ele, Stein direciona a sua vida, faz de Cristo a meta última de seu existir.

Nisso consiste a jornada da prática de sua espiritualidade; tomar o Cristo como caminho de interiorização que irá se traduzir em alcançar e conquistar o centro de seu próprio ser, lugar de sua humanidade, espaço pleno de sua liberdade. Para Edith Stein, somente Cristo pode nos conduzir ao interior de nossa vida. Por isso, a pessoa encontra no mistério da cruz a vital possibilidade de acesso à justificação e ao perdão, recuperando, assim, a sua condição de filho/filha de Deus.

Se o pecador penetra nas intenções de Deus e faz seus os sentimentos divinos (expressados humanamente), então Deus pode compreender em Cristo a cada pecador arrependido e aceitar a expiação de Cristo por todos os pecados. Porém, convém apontar que nossa relação com Cristo é diferente daquela que nos une a Adão e cada um de nós poderia ter sucumbido em seu lugar; porém, sem Cristo não poderíamos voltar a Deus e nenhum de nós obter a reparação.²⁶⁰

Edith Stein encontrou no sentido da encarnação o propósito de uma Nova Aliança, do deixar-se morrer para o velho, a fim de revestir-se do Cristo, do Novo, da Verdade encontrada. Ela então irá contemplar os três sinais, consequências-chave da filiação divina, a saber, a união com Deus, a união da humanidade em Deus e o cumprimento de Sua vontade, consequências que Stein não somente irá contemplar, mas buscar viver, radicalmente, em sua honestidade intelectual e espiritual ao longo de seus dias. Pois, para Edith Stein, a importância do Cristo na vida do Cristianismo que ela opta por seguir não se esgota na contemplação de sua vida e mistérios, não se esgota na

cada ser, bem como, no desenvolvimento de suas potencialidades, singularidades. Cristo e Maria são os arquétipos perfeitos de uma humanidade que busca colaboração com a Redenção. Maria, não somente é modelo perfeito e encarnado do ser mulher, ela é protótipo do ser feminino em que o Espírito Santo se derrama, faz morada e age, ela é a Mãe dos redimidos, da humanidade que busca em seu Filho a plenitude salvífica.

²⁵⁹ STEIN, E. Obras Completas: *Escritos filosóficos*. Etapa do pensamiento cristiano. Vol. III Madrid/Burgos/ Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2007. p. 1104.

²⁶⁰ Idem, p. 1107.

história. Sua Presença Se prolonga em meio à vida humana. Ele não apenas nos deixou o Espírito Santo, mas nos deixou a Sua Presença real na Eucaristia e em Seu corpo místico, a Igreja.

É Deus quem assume a natureza humana como sua natureza, e essa natureza está sempre a caminho pela força de sua essência. Há, na pessoa humana, para Edith Stein, a possibilidade, mediante a devida formação das potencialidades, de uma autotranscendência interior, dilatação da consciência que a encaminhe para um Encontro decisivo com o Cristo. Todavia, é necessário para o humano reencontrar em si o sentido da encarnação para que possa, assim, experienciá-la no cotidiano de seu existir. É preciso redescobrir em Jesus a singular e suprema efetuação da essência do humano em sua radical entrega a Deus.

Esse foi o caminho que Edith Stein conheceu, realizou e partilhou em sua busca pessoal, pensamento e obras. Em Cristo, a vida da graça se derrama nos seus membros, porque já estão, pela natureza, unidos à cabeça e são capazes, como essências espirituais e, em virtude de sua livre receptividade, de acolher neles a mesma vida divina.²⁶¹ Desse modo, o mistério da encarnação, a pessoa de Cristo, a experiência de um Deus que atinge até as raízes do ser tornou-se o alicerce inalterável da fé (autoentrega) de Edith Stein. Ela buscou se tornar um *alter Christus*; diante da Forma de Cristo, desnudou-se de si mesma, buscou vestir-se d'Ele e se tornar um membro vivo, parte constitutiva do processo do Corpo Místico. Atitude e resposta à experiência cristã de encontro e comunhão interpessoal com um Deus misericordioso.

Para Stein, somente conhecendo a sua vida e a sua história será possível entender Jesus Cristo, não somente quem é, mas também, e sobretudo, para que esse ser humano existiu no mundo. Stein encontrou, em *YESHUA*, a resposta última para a sua antropologia diferenciada. Ele se tornou para ela Aquele no qual a condição humana alcança estabilidade para sempre, sem limitação alguma.

Em *YESHUA*, no Cristo, Edith Stein irá passar por muitas mais experiências que atravessarão o seu ser e que a irão motivar a seguir com a obra do Redentor em seu seguimento e missão, colaboração no serviço formativo de restauração que começa na recondução do humano à comunhão com Deus. Stein trata desse oferecimento pessoal e comunitário mediante reflexões sobre a Eucaristia em seu modo de elevação da tensão e

²⁶¹ STEIN, E. Obras Completas: *Escritos filosóficos*. Etapa do pensamiento cristiano. Vol. III Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2007. p. 1108.

desafio horizontal da práxis do Amor, da alteridade e identidade fecundadas. E será, nesse movimento de socialidade humana, coletividade, comunhão em que ela irá também buscar desvelar a vivência empática da relação trinitária de Deus.

3.2 A experiência do Amor trino em Stein

Na medida em que aprofundamos sobre a vida e obra steinianas, surpreendemo-nos com o testemunho em seus escritos, com sua capacidade de confrontar, assumir e superar, como em um processo dialético, os mais complexos dilemas que assolaram a sua jornada existencial do século XIX. Sustentada pela matriz fenomenológica em seu pensamento e investigações, é possível acompanharmos a ascensão de seu existir intelectual e crente, como numa elipse, desde a *forma mentis* empática até o chão filosófico, pedagógico e metafísico teológico. Em uma visão panorâmica de todo do legado steiniano, detectamos dois núcleos em que gira todo o pensar de Edith Stein: o humano e Deus.

Deus, YHWH, desvela-Se por meio de vivências humanas muito significativas para Edith Stein em um Deus cristão que Se revelou trinitariamente. Deus, arquétipo de todas as coisas criadas, Deus Trino em que todos os seres finitos devem ser criados à imagem desta trina relação. O dogma trinitário no processo de conhecimento de Deus em Jesus, *YESHUA*, na vida de Stein, torna-se chave de interpretação de toda realidade que a envolve.

A fecundidade de seu pensamento possibilita o visualizar da capacidade que a fenomenóloga possuía em alargar essa gama de conhecimento, conduzindo a sua antropologia, por exemplo, a alcançar alturas trinitárias. Disso resulta um estudo do ser do homem que se condensa, entrelaça e é iluminado quando relido desde uma perspectiva trinitária que irá acompanhar as suas investigações, bem como a configuração dessas em sua vida pessoal e experiência em Deus. Segundo a fenomenóloga:

Deus criou o homem a sua imagem. Porém, Deus é Um em três pessoas. Uma essência invisível, completamente simples e única sem eu ser, quer dizer, Indivíduo no sentido mais perfeito da palavra. Porém, uma essência que ao mesmo tempo são três pessoas e que se ligam em unidade; unidade do ser e

unidade da vida em conhecimento, amor e obra. Significa, comunidade no sentido mais perfeito da palavra.²⁶²

Em sua obra magna, *Ser finito e Ser Eterno* (1936), considerada uma concepção otimista, Edith Stein realiza, mediante uma chave filosófica-teológica-mística, toda uma investigação de gama ontológica tomista aristotélica, ou seja, desde o físico material até o pessoal e espiritual; desde a criatura inorgânica ao Deus Trino — origem e meta de tudo. Edith, embebida da espiritualidade cristã, proporciona-nos uma viagem junto dela, no fluxo evolutivo de seu itinerário intelectual, primeiramente, orientado para a natureza humana do ser, depois, em passos ousados rumo ao Catolicismo e, finalmente, abraçando a fé e se dedicando a compreender melhor o Deus revelado em Cristo.

Munida de fontes magistrais do Cristianismo²⁶³, a filósofa, agora convertida e monja carmelita, empenha-se em desvelar — a partir de um adentramento no aporte teológico e da investigação intelectual, somado a sua experiência pessoal e dados revelados, especialmente, da Encarnação em testemunhos místicos — o mistério de Deus Trino. Obviamente, dotada de uma clareza intelectual, Edith Stein estava consciente das limitações e dificuldades do sujeito humano no intento de aventurar-se para dentro do mistério divino. Ela seguia o caminho dos místicos, sem ingenuidade, certa de que a distância entre o entendimento humano e o conhecimento divino era abismal. Em uma carta para sua amiga, também fenomenóloga, Hedwig Martius, Stein desabafa:

Ser consciente disso, não me deprime. Unicamente, não é fácil ser em um posto de responsabilidade, para ele que faltam tantas coisas necessárias, tendo ao mesmo tempo poucas perspectivas de ser com elas. Porém, há indícios que dão a entender que o Senhor me quer neste lugar, não posso desistir. Diante da delimitação da ontologia, penso que posso levar a frente e ir mais adiante do que a experiência.²⁶⁴

A experiência, para Stein, é a primordial ponte entre as margens do alcance de nosso conhecimento de Deus e da insuficiente linguagem acerca de Deus. Especialmente, ao tratar do maior dos mistérios da fé: a Trindade. Assim, para poder acessar esse

²⁶² STEIN, E. Obras Completas: *Escritos antropológicos y pedagógicos*. Vol. IV Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2003. p. 131.

²⁶³ Na obra *Ser Finito e Ser Eterno*, é visível a influência da fenomenologia somada aos pensamentos de Tomás de Aquino (1225-1274), Santo Agostinho (354-430) e Duns Scotus (1266-1308). Em relação aos seus estudos trinitários, Santo Agostinho é por ela um referencial em que se identifica, a influência destes pensadores, país da Igreja é descrita pela filósofa em uma, das muitas cartas ao amigo Roman Ingarden. Carta 116, Espira, 19 de junho de 1924. Cf. STEIN, Edith. Obras Completas. *Escritos autobiográficos y cartas*. Vol. I Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2002. p. 736.

²⁶⁴ STEIN, Edith. Obras Completas. *Escritos autobiográficos y cartas*. Vol. I Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2002. p. 992.

profundo mistério, Edith Stein, junto da fenomenologia, irá se utilizar de outra fonte de conhecimento, agora entre os cristãos, à sua disposição: a Revelação. Pois, para ter uma proximidade mais familiar com o divino, ninguém melhor do que o auxílio do Filho Encarnado. É Ele quem nos possibilita conhecer o ser de Deus em Sua Intimidade e Plenitude. Porque, mediante Ele, que se nos oferece amorosa e gratuitamente na história, Deus Se dá a conhecer em nossa natureza.

A filósofa parte de definições clássicas como as de Boécio (480 d.C), *Rationalis naturae individua substantia*, para esclarecer acerca das três pessoas da Trindade; cada pessoa é um indivíduo singular único. Elas possuem em comum sua *quid*, unicidade de essência em que uma está para a outra, mas nenhuma é possível sem a outra. Trata-se da dimensão relacional para além da conceituação escolástica de Aquino e que afeta o núcleo da definição de indivíduo humano como consequências para a destinação. A filósofa insiste que somente em sujeitos pessoais é possível o amor, mesmo que haja espécies de amor aplicados a criaturas impessoais. Nas três Pessoas do Ser sobrenatural, é possível o desenrolar intratrinitário do ser natural.

A busca do sentido do ser nos leva até o primeiro ser, o Ser em Pessoa que é também em três pessoas (...) Ao Pai, de quem procedem todas as coisas, porém que Ele é Ele em si mesmo Criador. O Filho, ser anímico enquanto forma nascida configuração da essência, correspondendo ao ser corporal e em sua liberdade e desinteresse no exalar do amor, recebe o nome Espírito.²⁶⁵

Resulta disso o fato de que, entre as Pessoas da Trindade (Pai, Filho e Espírito Santo), não é possível definir em essência o que as separa e, ou o que as une, o que as assemelha e ou as tornam singulares. Elas são em si relação, comunhão e diálogo. Edith Stein, em uma tentativa exegética, toma a expressão de quando Deus Se apresenta a Moisés, YHWH — Eu Sou (Ex 3, 14). Uma identificação que reflete todo o sentido de uma unidade perfeita em um *nós*. Ou seja, estamos diante de um Tu distinto, mas que concede ao humano ser parte de uma unidade, pluralidade de indivíduos, uma relação de comunhão que YHWH assim propõe: *façamos homem e mulher nossa imagem e semelhança* (Gn 1, 26-27). Para Stein, aqui se revela a primeira manifestação da relação trinitária e intratrinitária.²⁶⁶ De fato, quando a criatura se descobre feita imagem do

²⁶⁵ STEIN, E. Obras Completas: *Escritos filosóficos*. Etapa do pensamiento cristiano. Vol. III Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2007. p. 957.

²⁶⁶ Edith ainda recorre ao Novo Testamento em Jo 10,30 “Eu e o Pai somos Um”, em Jesus se manifesta o explicito desejo do Pai de que sejamos Um.

arquétipo divino criador, ela se reconhece criada a partir de uma nova luz.²⁶⁷ Em suas investigações, Edith deduz que Deus é Amor em essência e comunhão.

Não existe em Deus — como no homem — uma contraposição entre a vida do eu e do ser. Seu “Eu Sou” é um presente eternamente vivo sem começo, sem fim, sem lacunas e sem obscuridade (...) O “Eu Sou” significa: eu vivo, eu sei, eu quero, eu amo; tudo isso não como sucessão ou justaposição de atos temporais, senão, algo que trata de algo que é um desde toda a eternidade.²⁶⁸

De fato, Edith se identifica no desenvolvimento evolutivo da compreensão de que o humano é por natureza membro de uma comunidade, e ela, em sua individuação e desígnio, experimentou a chamada a ser membro da comunidade do Corpo Místico de Cristo — imagem e semelhança d’Ele. Não simplesmente do Cristo, mas desse Deus (YHWH — *YESHUA*) que é Perfeito Indivíduo e Perfeita Comunidade. Ela escreve,

Que o homem segundo a sua natureza seja membro do grande corpo da humanidade, nascido da comunidade, na comunidade e para a comunidade é um fato, fato misterioso relacionado com todos os mistérios do Cristianismo e recebe luz deste, por isso, não é inteiramente penetrado pela luz de nosso entendimento natural. Podemos seguir dando um passo adiante no alto e abaixo até o profundo, na raiz de seu mistério mais alto e último da fé: o mistério da Trindade.²⁶⁹

Deus é a força que anima toda forma de relação intra e extratrinitária, por meio da qual Edith irá desenvolver, como que em uma Gênese da pessoa, toda a noção de pessoa à luz da ontologia trinitária. O elemento específico da pessoa aplicado ao homem, tão caro a Edith Stein, é agora aplicado também a Deus; e ela tentará compreender essa relação e comportamento intratrinitário e da sua relação ao mundo. Trata-se de uma fusão que a filósofa realiza entre a pessoa como unidade tripartite e a Trindade, uma abordagem do mistério e das relações intratrinitárias em que a filósofa utiliza as imagens do amor e da vida. Isso porque o elemento mais representativo da trindade nos escritos steinianos é o Amor.

O mistério trinitário se deixa conhecer mediante a dinâmica do verdadeiro e autêntico amor; nisso se constitui o modelo de ser pessoal de Deus e de Seu movimento, vida interior perfeita e eterna. Vida, porque gera, continuamente, vida. Assim, Edith medra toda uma investigação da noção da pessoa e a ressignifica à luz do Dogma trinitário

²⁶⁷ STEIN, E. Obras Completas: *Escritos filosóficos*. Etapa do pensamiento cristiano. Vol. III Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2007. p. 1009.

²⁶⁸ Idem, p. 942.

²⁶⁹ STEIN, E. Obras Completas: *Escritos antropológicos y pedagógicos*. Vol. IV Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2003. p. 130.

para defender em que sentido Deus é pessoa. Ora, a noção de pessoa é essencial para a Teologia Cristã, sobretudo, no que condiz às doutrinas cristológicas e trinitárias. A noção de Trindade, ontologicamente, não somente ilumina a questão da pessoa, mas também a do ser em si. O retorno à Patrística que Edith Stein propõe em sua fenomenologia teológica se dá devido à fertilidade do período em desenvolver elementos argumentativos plausíveis em relação a Deus, ao homem e ao cosmos.

Em suas investigações, Stein descreve todo o processo da consciência mística do mistério de Deus em Cristo Jesus e essa investigação é porta de entrada para que entremos no mistério trinitário. Assim, a compreensão de um Deus pessoal e trinitário, em sua obra criadora, mais especificamente, o humano, é um panorama estimulante para a fenomenóloga descer e tecer novos níveis de compreensão sobre Deus. Disso resulta para a filósofa, a certeza de que a filosofia, que bebe do conhecimento natural, não pode dar conta da visão integral do humano; ela necessita do aporte teológico que bebe da Revelação manifesta mediante as verdades da fé.²⁷⁰

Em toda a sua rigorosa investigação onto-antropo-fenomenológica, Edith Stein, de fato, conclui que a pessoa é *imago Trinitatis*. Ela somente alcança a sua plena dignidade de ser em sua integral constituição quando ciente de que é um ser criado à imagem de Deus. Imagem do Deus Trino. Será, então, a partir dessa *imago Trinitatis* que a filósofa prussiana, monja católica, irá incorporar a noção de relação como elemento constitutivo da pessoa cuja realidade somente pode ser concebida como abertura e direção ao outro. O mistério trinitário está no núcleo de toda vida cristã, é o lugar, a meta em que o humano realiza a sua plenitude.

Deus, que é Trino, numa relação de três pessoas distintas, imersas em uma mesma essência divina, revela em Si o mistério de uma unidade perfeita, a qual nenhuma comunidade de pessoas finitas pode alcançar plenamente. Uma diferenciação que se constata, justamente, pela relação entre elas. Essa é uma problemática que Stein irá buscar esclarecer, do melhor modo possível, trazendo à tona reflexões sobre o amor e a vida. Inspirada em Agostinho²⁷¹, Stein recupera toda a abordagem de que a vida intratrinitária é uma vida de entrega amorosa entre as pessoas. Uma mútua entrega entre um *eu* para um

²⁷⁰ STEIN, E. Obras Completas: *Escritos antropológicos y pedagógicos*. Vol. IV Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2003. p. 589.

²⁷¹ SANTO AGOSTINHO. *De Trinitate*, Livro VIII. Cap.7-10. O santo reconhece o amor como *locus* trinitário por excelência e Edith Stein se utiliza dos argumentos do teólogo místico medieval em seu estudo antropológico teológico.

tu que juntos irão constituir uma unidade superior de um *Eu* que é Amor em si. Desse modo, o *Eu*, o *ser* e a *vida* formam uma única realidade indistinguível.

A vida íntima desse Deus Trino, real, é amor recíproco, entrega mútua e eterna das pessoas divinas entre si. Não somente entre si, mas em um dinamismo que se dilata e irradia em direção aos outros, prisioneiros em seu contingente condicionamento natural. Por certo, como dito, Deus ama as criaturas desde toda eternidade, mas Ele não é amado por elas desde a eternidade. Há na pessoa um conhecimento imperfeito, e grandiosa é a distância do conhecimento divino em nós.

O amor enquanto adesão a um bem, igualmente possível, enquanto amor a si mesmo. Porém este amor é mais que mera adesão, que tal apreciação de valor, é entrega de si mesmo a um tu e ser um em sua perfeição em base da mútua entrega de si. Porque Deus é o Amor, o ser divino deve ser um ser único na pluralidade de pessoas e, o seu nome “Eu Sou” equivale um “Eu me dou inteiramente a um tu” e, portanto, também um conosco.²⁷²

Trata-se de um movimento de amor e vida, pois é interno, desde dentro, desde o mais íntimo da pessoa em sua essência mesma e que, por sua vez, retorna ao exterior saindo fora de si; duas vias que geram um novo modo de relacionamento entre Criador, criaturas e o mundo criado. Essa dimensão de interioridade transita pela racionalidade, espiritualidade e perfeição. A pessoa em sua condição espiritual, consciente de si mesma, da sua vida, compreende estar inserida em um mundo de significados e sentidos, um mundo todo voltado para ela, intencionalmente. Livre, a pessoa pode reagir em um mundo atrativo e afirmar “eu posso”, mesmo diante de coisas e circunstâncias que não lhe são impostas. Por isso, a pessoa, livremente, pode escolher entre os bens que lhe são dados e a responsabilidade de se deixar formar e se configurar pelo Bem maior infinito. Dada essa espiritualidade, o ser pessoa é consciente e livre, ele é imagem de Deus de um modo muito mais genuíno do que as demais criaturas.

Para Stein, somos pessoas porque Deus é Pessoa em Si. O Deus trinitário permitiu uma compreensão mais profunda do ser criado, especialmente, da pessoa humana, que também é, em sua constituição e semelhança de Deus, tripartida em sua natureza (corpo, alma e espírito). A pessoa é, autenticamente, *imago Trinitatis* em sua alma espiritual. Desse modo, a pessoa mediante seu corpo (*Körper*) é imagem do Verbo Encarnado, pois seu corpo (*Leib*) e alma formam um corpo subsistente, uma imagem do

²⁷² STEIN, E. Obras Completas: *Escritos filosóficos*. Etapa do pensamiento cristiano. Vol. III Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2007. p. 947.

Pai; e, por possuir alma espiritual (*Geist*), assemelha-se ao Espírito Santo. Contudo, alma e espírito também são considerados, em si, uma imagem de Deus Trino.

Considerando a natureza humana, a pessoa pode se compreender à Luz da Revelação da Trindade. O conteúdo ontológico da noção mesma da Trindade recebe no pensamento de Edith Stein um novo fôlego e impulso. Nela há um retorno ao princípio de interpretação da realidade carregado de novos níveis de compreensão do ser finito com relevantes consequências antropológicas. Em Stein, a Trindade retoma o Seu lugar como princípio de interpretação. Em tempos de noite escura em que vivemos, o pensamento steiniano ilumina as questões de distinta ordem antropológica, é um novo vigor que se experiencia em novas formas de pensar e vivenciar a fé, especialmente, no âmbito da espiritualidade e mística.

Stein nos apresenta novas direções para a compreensão de um Deus pessoal, trinitário que conta com a sua obra criadora, a pessoa humana. À vista disso, a autora expressa com força a responsabilidade que tem a pessoa em relação a sua entrega radical como chave lógica de transformação; ciente, ela mesma irá trilhar o caminho que investiga, escreve e discursa:

Deus nos tem em suas mãos quando vamos a Ele naturalmente, e sustenta de maneira mais poderosa quando participamos de seu Santo Sacrifício, de modo que exige sentido a este Sacrifício, quer dizer, quando não apenas participamos e vemos e ouvimos, senão quando co-sacrificamos, quando nos entregamos totalmente a nós mesmos: para chegar a ser transformados com e oferecidos com.²⁷³

Essa relação tripartida da pessoa, que se assemelha à plenitude trinitária, é impulso para o ser romper com os limites que a individualidade egoica humana insiste em alimentar. A própria Edith nos deixa o seu testemunho quando este movimento sobrenatural se desvela em sua vida; a filósofa se desnuda de suas certezas epistemológicas, abraça a fé e se dedica a buscar no solo da tradição filosófica Católica o desenvolvimento do *Logos* na Criação. Ela adentra a mistagogia carmelita onde a relação trinitária se realiza com efervescência numa transformação do humano em todas as suas potências e inteligência.

Para Edith Stein, o percurso de suas investigações da vida, do humano, Deus, da liberdade e do amor chegam ao ápice. Resulta disso que ela se entrega, abandona-se sem limites, porque compreende o tesouro encontrado (Mt 13,44) e quer ser junto d'Ele, co-

²⁷³ STEIN, E. Obras Completas: *Escritos antropológicos y pedagógicos*. Vol. IV Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2003. p. 117.

sacrifício. Ela reconhece a Igreja como também mistério do amor trinitário, mistério de comunhão e redenção. A Igreja é obra trinitária na união com o Cristo, na continuidade da obra do Pai que quer fazer da humanidade partícipe de Seu Amor na instauração do Reino. O Espírito Santo é dinamizador que a vivifica e mantém no caminho da Verdade. Ao colaborar com Cristo, no Pai e pelo Espírito Santo, a Igreja assume a condição de esposa de Cristo e Mãe da humanidade. Uma grande Missão que conta com a missão pessoal (singular e específica) de cada membro disposto a se deixar conduzir pela graça. Pois, é a vida da graça que concede ao humano capacidade de responder ao chamado de Deus e de se entregar a Ele.

Vimos que em Edith Stein não há espaço para decisões superficiais. Ela perscruta a realidade e se detém, atenciosamente, para uma melhor interpretação e, então, para poder responder, coerentemente aos apelos que a circundam. A sua situação histórica marca a sua decisão diante da constatação de que Deus sempre a conduziu. Disso resulta que a filósofa espiritual irá seguir o seu destino sempre diante do olhar de Deus. Ela irá então buscar seguir esse Deus revelado em YESHUA, o Cristo, de um modo mais estreito, radical, no seguimento a que todos somos chamados, mas a que poucos atendem: o chamado à Vida Religiosa. Um chamado que ecoou de forma penetrante no interior de sua alma e a conduziu à realização em si do voto mais perfeito na Vida Religiosa Consagrada.

3.3 A vocação do humano pleno

A humanidade sempre necessita de redenção. A vida cristã é uma luta permanente (GE, n.158) na história que nos demonstra o ser humano, cada vez mais, inimigo de si mesmo, ignorando os seus deveres, pisoteando seus direitos e aniquilando a vida na negação de sua totalidade. Quando Edith Stein se permitiu considerar que Deus realiza um chamado mais radical no intramundo da natureza humana, ela foi tocada pelo mistério trinitário em sua vida, e o acolheu e confirmou em si mesma. Sem dúvida, para Stein, a natureza do microcosmo humano em sua integral desenvoltura não pode ser considerada um presente ou jogo de azar, mas deve ser contemplada com os olhos da fé como obra de Deus.

Em suas investigações e jornada anímica, em que ela encontrou o Cristo, a autora constatou que há um chamado na peculiaridade humana à participação no Mistério. Um chamado particular, que torna exclusiva a relação de discípulo e discípula. E, assim, em última instância, é Deus mesmo quem chama e desperta na natureza do humano o germinar da transcendência. A vocação é algo essencial e concreto na vida do humano. É Deus quem chama homem e mulher para uma configuração de vida em reciprocidade na qual todos são chamados, cada um por seu caminho (LG, n.11) à perfeição do Pai em Cristo.

O seguimento é a resposta à chamada final que Deus nos dirige. Como filhos e filhas de Deus, somos interpelados a colaborar com Ele na obra de redenção. O tema sobre vocação é desenvolvido nos escritos steinianos junto de questões sobre o feminino. Ela contemplava em ambos a condição de igualdade de *espécies* e afirmava que deveriam ter acesso a todo tipo de possibilidades conforme o talento de cada um. A antropologia steiniana considera que há na mulher uma especificidade anímica que a configura, junto do homem, no caminho da Salvação, mas de diferentes modos na tarefa do serviço do Reino de Deus. Ela esclarece afirmando:

Desde logo, nenhuma mulher é somente mulher, pois cada uma tem sua peculiaridade individual e sua disposição, do mesmo modo que o homem e, desde essa disposição, a capacidade para esta ou outra atividade profissional de caráter artístico, científico, técnico etc. Por princípio, a mulher pode orientar sua disposição individual a qualquer campo profissional. [...] Para tudo isso, resulta visível a substância mesma da atitude anímica de esposa e mãe, somente ampliadas em um círculo de pessoas diferenciadas e por isso, desvinculado do vínculo vital de parentesco de sangue e com mais afinidades ao campo espiritual.²⁷⁴

Há perguntas que sempre são reformuladas ao longo da história, de modo que não é possível que as abandonemos. Uma dessas perguntas diz respeito ao problema da especificidade da mulher, colocado desde que existimos em nossas relações de gênero. É uma questão que, atualmente, tem sido exposta com tal virulência que as respostas literalmente transbordam, como se nunca tivéssemos enfrentado esse problema antes. É visto que, em sua *quid* (“essência”, na fenomenologia) de ser mulher, Stein nunca se sentiu inferior ao homem. Por isso, vocação é sinônimo de desenvolvimento, realização e cumprimento da vontade de Deus. Disso resulta que o tema *mulher* não é transversal em sua obra.

²⁷⁴ STEIN, E. Obras Completas: *Escritos antropológicos y pedagógicos*. Vol. IV Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2003. p. 167.

De procedência de uma realidade burguesa e liberal, somada a uma severa formação filosófica fenomenológica, Edith descobriu e aderiu ao Cristianismo e, logo depois de batizada, produziu uma série de conferências de ampla competência, desconhecidas no âmbito cristão, no que se refere às questões da mulher. Temas sobre a natureza da mulher e sua especificidade despontaram na vida da filósofa nos anos de 1928 a 1933, quando ela sofreu o corte violento de sua possibilidade de atuação pública.²⁷⁵ Nessas conferências, reconhece-se a penetrabilidade atenta e independente da mulher, na amplitude real de problematizações do campo político, social, filosófico antropológico, eclesiástico canônico e teológico.

Digna de escuta, Edith Stein desenvolve o tema do feminino, perita em ir ao fundo das questões pungentes; ela fez avançar o vocabulário usual da época e ganhou espaço no terreno educativo católico.

Jurídica e politicamente, na virada do século, as mulheres eram equiparadas aos menores de idade, isto é, às crianças e aos deficientes mentais. A Constituição de 1919 trouxe o princípio de igualdade dando às mulheres plenos direitos de cidadãs. Com a outorga do direito de votar, elas se transformaram em fator político de peso. O direito de serem também votadas lhes deu a possibilidade de assumirem posições de responsabilidade na vida do Estado.²⁷⁶

Edith Stein foi uma mulher pioneira, não somente em vista de seu *Curriculum* e talento, mas em sua prematura imersão na questão do feminino.²⁷⁷ Ciente do dom intrínseco da mulher no cuidado, Stein realizava as conferências, que ajudavam na transformação da consciência de homens e mulheres de seu tempo. Ela propunha que as mulheres retomassem as dimensões existenciais que ela mesma havia desenvolvido em sua vida: uma fé viva, um autêntico caminho interior, uma formação profissional, não simplesmente intelectual, mas afetiva. Ou seja, uma formação que abrangesse não

²⁷⁵ Há um referir sobre a mulher a partir daquilo que Stein reflete sobre si mesma, de sua condição de mulher, de sua essência, da sua missão, da sua vocação, suas possibilidades e de seus limites. O direcionamento de toda a reflexão compenetra-se para o mais íntimo do ser do feminino. Para Stein, o ser não é uma realidade estática, antes, é algo que se está fazendo e é preciso claridade do que se está fazendo neste processo. O feminismo steiniano afunda suas raízes na Revelação, numa reflexão antropológica teológica em que Edith Stein é motivada pela urgência de recuperar e esclarecer acerca da individualidade genérica feminina e da necessidade de uma espiritualidade feminina encarnada. Obras Completas: *Escritos antropológicos y pedagógicos*. Vol. IV Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2003.

²⁷⁶ STEIN, E. *A mulher e sua missão segundo a natureza e a graça*. Bauru, SP: EDUSC, 1999. p. 168.

²⁷⁷ Edith Stein desde o exemplo de sua mãe, herdou em si a fortaleza e a responsabilidade no trabalho. A mãe judia decidiu que suas filhas estudariam na Universidade, algo pouco comum naquela época e cultura. Quando em Hamburgo, na casa da irmã Erna, ela testemunha a dor de mulheres doentes com sífilis tratadas pelo cunhado médico Max Gordon, estas circunstâncias e outras que virão, levam Edith a um feminismo comprometido. Cf. FERRER, U. Para compreender Edith Stein. Madrid: E. Palabra, 2008. p. 27.

somente o intelecto, mas o coração e a vontade; de um servir não reduzido ao técnico, mas ao amor fértil, desinteressado.

Pode-se dizer que, nem o século XX, nem tampouco os séculos anteriores conheceram alguma mulher, particularmente no âmbito católico, tão disciplinada em seu pensar, apaixonada pela clareza da busca da fé e que tenha desenvolvido um material teórico semelhante ao de Edith acerca da condição da mulher, precisamente no que concerne a assuntos cristãos. A paixão pela verdade e o empenho em ser fiel à palavra fizeram com que Edith Stein adquirisse um caráter testemunhal, para além de verdades aprendidas ou lidas.

Não há em Edith Stein uma abordagem teórica da limitação fundamental da mulher para a família ou para certas profissões femininas. Insistentemente, a filósofa defende os seus próprios interesses político-sociais para a incorporação das mulheres à vida do Estado — o que só teria lugar socialmente, de forma incipiente, a partir do ano de 1919. Ela estava ciente do desafio de seu contexto em ter de criar, laboriosamente, uma nova imagem profissional a fim de que a mulher pudesse estar inclusa sem perder elementos da especificidade do ser feminino. O fato de o tema sobre a formação da mulher se destacar repetidas vezes, em sua obra, mostra o seu profundo interesse por essa problematização.

Devemos ter claro que nos encontramos no começo de uma grande mudança cultural [...]. Com efeito, devemos nos voltar sobre a natureza do homem e da mulher para cimentar a formação profissional, a configuração e a distribuição da profissão correspondentes à natureza feminina e, assim, pouco a pouco chegar a uma nucleação segundo a natureza dos sexos em todo o social. Com isto chegamos ao problema da educação e da pergunta sobre a peculiaridade essencial da mulher.²⁷⁸

Edith compreendia a necessidade de uma formação política e social geral e sólida em preparação para o cumprimento das obrigações cívicas, certamente, não só para as mulheres, mas para todo o povo alemão, que fora jogado num Estado terrivelmente imaturo distante da forma de Estado democrático, e, especialmente, em relação às formas de preparo para os diversos cargos no serviço estadual que demandavam o trabalho das mulheres.

Ela realmente acreditava que o pensamento concreto das mulheres na legislação poderia constituir um contrapeso humano útil para o pensamento partidário dos homens.

²⁷⁸ STEIN, E. Obras Completas: *Escritos antropológicos y pedagógicos*. Vol. IV Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2003. p. 463.

Eis o valor do trabalho profissional das mulheres, precisamente, na contribuição do humano e do concreto por trás do qual emergiu a ideia tão importante para Edith Stein da inconfundível maternidade fecunda das mulheres. A profissão educaria as mulheres para o domínio de suas capacidades.

Disso resultou que o aporte pedagógico próprio de Edith Stein foi oportuno em reflexões que ultrapassaram o enfoque de uma educação masculinizada, de normas no século XIX, para uma proposta educacional moderna e adequada à essência, ao específico da mulher.²⁷⁹ Ela se apropria de abordagens bíblicas referentes ao homem e à mulher, somadas às suas investigações antropológicas, filosóficas e teológicas, resultando em um pensamento integrativo das ciências de seu tempo. Não nos detendo em demasia nos aportes pedagógico e filosófico mencionados, hemos de trilhar a via de contexto em que a filósofa, em sua agudeza intelectual, instrumentalizou-se da exegese histórico-crítica dos Testamentos para fundamentar o seu pensamento.

Os critérios investigativos de Edith Stein baseiam-se na vontade originária de Deus, uma vontade que se revela de dois modos: em forma pura, a saber, no princípio da criação (Gn 1, 26-29) e na figura de Jesus Cristo, que resgata a humanidade caída. Para Stein, em seu excuro pela Escritura, as contradições relacionadas à relação entre homem e mulher solicitam que sejam analisadas de acordo com as perspectivas da época, da situação originária da queda, das prescrições presentes desde o Antigo Testamento, como também as reveladas em Cartas de Paulo e dos Apóstolos.

Não há, para a filósofa, restrições da eficácia salvífica para a mulher e o homem em Jesus e, segundo afirmações de alguns dos apóstolos, os mundos do masculino e do feminino são complementares. Desse modo, ela não tem dúvidas de que o humano tem a sua parte na obra salvífica mediante a sua especificidade e o seu vínculo pessoal e íntimo com o Cristo. E isso se constata, via dimensão da fé vivenciada na esperança, no amor, na contemplação, na Eucaristia e na Liturgia. Desse modo, o caminho da Salvação não apresenta diferença de sexo; ele chega para todos e todas em suas relações de reciprocidade e comprometimento.

²⁷⁹ As argumentações de Edith Stein destacam a particularidade da mulher vinculando a pedagogia diretamente com as ciências da experiência, particularmente, fisiologia e psicologia. Ela parte do critério da razão e propõe uma antropologia filosófica que se preocupa com a pergunta por a essência do homem e da mulher. Um intento com base fenomenológica que parte do corpo para alcançar conclusões sobre a alma, o espírito e toda a configuração interna que tropeçam na misteriosa indeterminação do humano. Daí a complementação dos argumentos de uma antropologia teológica que auxiliam o avanço de uma antropologia filosófica. Cf. FALKOVITZ, Hanna Barbara Gerl. *La cuestión de la mujer según Edith Stein*. Anuário filosófico, 1998. p. 753-784.

A feminilidade realiza o humano, bem como a masculinidade, mas com uma modulação diversa e complementar. Quando Gênesis fala de ajuda, não se refere apenas à esfera de ação, mas também àquela do ser. Feminilidade e masculinidade são complementares uma da outra não apenas do ponto de vista físico e psíquico, mas ontologicamente. Somente graças à dualidade do masculino e do feminino o humano é plenamente realizado.²⁸⁰

Daí uma antropologia bíblica fundamentada no Gênesis, da investigação acerca da vocação natural da mulher, da esposa, da mãe e de sua inserção cuidadosa e formadora na realidade humana no mundo. Em sua vida, compreende-se a antiga máxima escolástica, *anima forma corporis*²⁸¹. Em Edith, evidencia-se a finalidade particular de um corpo e de uma alma chamados para algo especial. É enfático para a filósofa que a espécie humana se desenvolve como espécie anímica dupla.

Homem e mulher são dois seres diferentes. Apenas a totalidade de seu constructo essencial evidencia sua estampagem específica. Não apenas o corpo é estruturado de forma diferente, não apenas algumas das funções fisiológicas são diferentes, mas toda a vida do corpo é diferente. A relação entre corpo e alma é diferente; dentro da alma, a relação de espírito e sensibilidade são diferentes, bem como a relação das forças espirituais entre si. À espécie feminina, corresponde a unidade e o fechamento de toda a personalidade corpórea-alma; nela se visualiza todo o desenvolvimento harmônico das energias. Para a espécie masculina, o crescimento de algumas energias para atividades é também muito intenso. Edith assim descreve:

Ali, onde os corpos são configurados de uma maneira profundamente diferente - em toda a natureza humana - deve haver um tipo diferente de alma. Qual é a típica atitude feminina que, em parte, é familiar para todos nós? A atitude da mulher é orientada para o pessoal e vital e para a totalidade. 'Cuidar, guardar, proteger, nutrir, fazer crescer: esse é o desejo natural deles'.²⁸²

Assim, com o objetivo de captar a aparência externa do ser mulher e descrever conclusões cautelosas sobre o interior feminino, Stein experienciou, em si mesma, esse dinamismo fundamentalmente humano de sair de si, viver para o outro e, graças ao outro, ter o acesso à luz da eternidade. Ela cumpriu a tarefa correspondente à peculiaridade de sua espécie anímica. Em seu desejo natural de mulher de dar-se a si mesma

²⁸⁰ São João Paulo II. *Carta as mulheres*. 29 de junho de 1995. N.7. https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1995/documents/hf_jp-ii_let_29061995_women.html.

²⁸¹ Santo Tomás de Aquino. *A alma é a forma do corpo*. Summa, I^a, q 76, a 7. Cf. STEIN, E. Obras Completas: *Escritos antropológicos y pedagógicos*. Vol. IV Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2003. p. 163.

²⁸² STEIN, E. Obras Completas: *Escritos antropológicos y pedagógicos*. Vol. IV Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2003.2003. p. 163.

completamente, ela compreendeu que nada é distinto de Deus. A sua forma material informe foi se plasmando, e a sua alma permitiu configurar-se em uma determinada direção conforme sua capacidade e energias formadoras.

Edith Stein correspondeu, com a sua vida, ao fim natural que Deus dá ao ser humano. Ela fez valer fecundamente a sua existência mediante suas investigações, e por meio da escrita e da palavra dita; ela permitiu o desenvolvimento de sua especificidade feminina até a mais elevada tarefa. Desenvolveu em si e nos outros o verdadeiro sentido de humanidade. Inteiramente humana e madura, de personalidade resoluta, Edith Stein realizou em si o valor fundamental de estar livre de seu caráter próprio para dar lugar à atuação e essência de Deus. Ao assumir a vida cristã, a filósofa de Göttingen assumiu em si o *Fiat voluntas tua*.²⁸³ Ela se colocou, conscientemente, em tudo o que era e tudo que possuía, a serviço do Criador.

Edith Stein, judia, foi capaz de tornar a sua própria vida espiritual “estrangeira”. Sentiu a emoção de poder conhecer o ser concreto em sua peculiaridade e seu valor específico e tomar uma posição sobre ele. Experimentou o desejo de levar a humanidade à sua mais alta perfeição possível em suas expressões específicas e individuais em si e nos outros; a posição predominante do erótico (não do sexual) em toda a vida; o mais puro desenvolvimento da vida em amor útil.

Nisso consiste o discipulado do homem e da mulher plenos: compartilhar a vida com o outro ser humano, participar de tudo que o afeta, nas alegrias e sofrimentos, nos dilemas e problemas; isso é o seu dom e a sua felicidade. Esse postulado, em nossos dias, não é facilmente aceito por algumas tendências culturais sobre a feminilidade. No entanto, Edith fundamenta essa perspectiva em seus estudos sobre a empatia e a pedagogia e aprofunda suas razões em sua filosofia fenomenológica da qual busca respeitar a realidade e dar respostas ao mistério da alteridade que envolve toda relação do *eu* com o *tu*.

Segundo Stein, o contato com o feminino impulsiona ao alto. A participação ativa das mulheres na obra da Criação, a feminilidade e a fecundidade, para além da questão biológica, despertam as forças viris e aumentam a capacidade de quem recebe tal cuidado. Isso pode ocorrer junto de uma criança, de uma pessoa doente, de um menino,

²⁸³ *Faça-se a tua vontade* (Lc 1, 37-38). Edith Stein ao mencionar a especificidade da mulher a sua filiação divina e missão, se inspira no feminino de Maria que ao pronunciar o *faça-se* começa o Reino dos céus na terra. Cf. STEIN, E. Obras Completas: *Escritos antropológicos y pedagógicos*. Vol. IV Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2003. p. 237.

de uma menina, de um homem velho etc. O importante é que a qualidade feminina vivifica a pessoa para que ela possa ser o que é chamada a ser. Avançando no exame acerca da natureza do feminino, no conjunto de suas tarefas, seja no âmbito da vida doméstica ou pública, Edith Stein afirma que, de modo algum, nessas se esgotam outros modos de a mulher realizar o seu ser.

Consequentemente, o chamado à vocação natural da mulher pode também se tornar um chamado sobrenatural que consiste em um chamado, desde a família e desde a atividade profissional, ao serviço sagrado. É um convite que exige compreensão e um elevar-se acima do terreno natural. Fazendo uso do axioma *gratia perficit, non destruit naturam*²⁸⁴, a filósofa realiza um exame do aspecto formal da vida religiosa em conformidade com a especificidade feminina. A investigação steiniana da mulher é multifacetada e exige uma singular atualidade constante.

É o *crescendum* das alusões disseminadas em seus escritos de natureza e profundidade muito diversas. O humano que vai amadurecendo e desperta para sua vida espiritual, permitindo que a força configuradora da graça o transforme em sua interioridade. Diante de uma totalidade acerca do enfoque do feminino em sua obra, o eixo a ser aqui abordado diz respeito à missão sobrenatural da mulher, do mistério de alteridade que reside no ser feminino que se abre e corresponde à ação da graça e do chamado a uma vocação religiosa.

Essa forma de vida religiosa que admite uma variedade em sua realização diz respeito à entrega total de todo o ser feminino e de toda a vida ao serviço de Deus. É o assumir as exigências de fazer uso dos meios idôneos para o cumprimento da vocação, a saber, renúncia a toda posse de bens, a todo vínculo de união humano vital, à própria vontade. Em conformidade com a especificidade do feminino, a vida religiosa em seu aspecto formal tem a finalidade de entrega amorosa a Deus sem limites, de modo que o humano se distancie de si mesmo para que a vida de Deus seja presença dentro dele.²⁸⁵

Quanto mais plenamente a entrega se realiza, mais rica e divina é a vida da alma, porque a vida divina é amor superabundante que mesmo sem necessidade se oferece livremente. Daí a proximidade com o específico feminino, porque entregar-se ao amor,

²⁸⁴ A graça aperfeiçoa, não destrói a natureza (*De Veritate*, q.14, 10, ad 9). Cf. STEIN, E. Obras Completas: *Escritos antropológicos y pedagógicos*. Vol. IV Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2003. p. 169.

²⁸⁵ STEIN, E. Obras Completas: *Escritos antropológicos y pedagógicos*. Vol. IV Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2003. p. 171.

ser totalmente do outro e também possuir totalmente o outro constitui o desejo mais profundo do coração da mulher. É uma relação que parte do pessoal para o todo. E somente Deus pode aceitar em sua totalidade a entrega de um humano, e essa entrega e aceitação diferem da entrega de um humano a outro humano, porque somente em Deus o humano não perde a sua alma, mas a ganha (Mt 10, 37-39).

Para Edith Stein, a verdadeira vocação da mulher é aquela em que a alma feminina expressa o seu ser em plenitude e colabora com Cristo em Sua obra de Redenção da humanidade. Desse modo, toda mulher é uma *sponsa Christi*, cada mulher é um apóstolo do coração divino. Disso resulta que cada uma delas há de corresponder à sua vocação natural ou sobrenatural feminina, independente das circunstâncias em que viva e da atividade que dinamize a sua vida, desde o exterior. Em 1931, escreveu sobre a vocação da mulher:

Ela está de pé ao seu lado, como a Igreja e como a Mãe de Deus... Aí ela está, para ajudar a obra da Redenção. O dom total de seu ser e de sua vida a faz entrar na vida e nas fadigas de Cristo, permitindo-lhe compadecer e morrer com ele, daquela terrível morte que foi a fonte da vida para a humanidade inteira, seja tomando parte ativa na conversão das almas, seja alcançando com sua imolação os frutos da graça para aqueles que nunca mais encontrarão a nível humano.²⁸⁶

É a transformação descrita por Stein que consiste na vontade decidida de sair de si mesma, crescer no amor, empenhar-se no seguimento a Cristo e caminhar na filiação divina. Isso significa desenvolver o exercício de sair, pessoalmente, da estreiteza da própria vida para crescer na imensidão da vida de Cristo, trilhar o nosso caminho existencial de doação, serviço e amor, ao lado do Redentor, junto d'Ele, no caminho que percorreu neste mesmo mundo durante o Seu tempo terrenal por meio da atualização. Exige a observância fiel e prática da Sua Palavra e na contemplação com os olhos da fé de Seus sinais libertários que iluminam nosso ser e nos impulsionam a seguir esperançosos para além de nossas questões terrenas rumo à eternidade.

É a vida consagrada ao serviço divino o enlace do feminino no fundamento eterno, via oração e sacrifício. A mulher que assume o discipulado pleno entrega toda a sua vida e a si mesma ao Cristo. Mediante o voto de pobreza, ela coloca todas as posses terrenas em oferta. Pelo voto de castidade, consagra a Ele totalmente o seu coração e todo o seu amor na renúncia de toda vinculação humana. E, por fim, pelo voto de obediência,

²⁸⁶ STEIN, E. Obras Completas: *Escritos antropológicos y pedagógicos*. Vol. IV Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2003. p. 341.

nada mais pode realizar senão o que o Senhor ordene, disponível a toda obra que lhe for solicitada, porque tudo desempenha a Seu serviço.

No que diz respeito ao cultivo da sua interioridade, a mulher, especialmente em resposta à sua vocação sobrenatural, deve ser uma vida Eucarística. Viver eucaristicamente significa sair pessoalmente da estreiteza da própria vida para crescer na imensidade da vida de Cristo. Para tanto, deve, todo ser humano, desenvolver uma prática de relação diária confiada no Salvador presente no tabernáculo da vida e da Igreja numa fusão de comunhão e sacrifício. Porque, para Edith, quem na comunhão recebe o Salvador, no mais íntimo de sua alma, estará, sem exceção, cada vez mais profunda e fortemente atraído à corrente da vida divina; crescerá no corpo místico do Cristo, e seu coração será configurado segundo o modelo do coração divino.²⁸⁷ Eis o caminho do discipulado de uma mulher plena: a configuração autêntica específica com o Mistério Salvífico do Cristo.

Para Edith Stein, a vocação natural e sobrenatural do feminino se desenvolve no âmbito de uma relação autêntica e fiel da mulher, membro do Corpo Místico de Cristo, que faz de seu *Fiat voluntas tua*, sinal de filiação divina e eixo condutor do curso de seus dias na vida cristã. A mulher é, em si, uma verdade existencial, uma Teologia vívida. Ela assim assume o seu discipulado pleno, ansiosa em compartilhar da sua vida na participação da vida divina e humana de Cristo, Deus e homem, porque a Paixão e Morte de Cristo se realizam em Seu Corpo Místico e em cada um de seus membros. De fato, naturalmente, todo ser humano padece e fenece; entretanto, se este faz parte do Corpo Místico de Cristo, todo padecimento e morte recebem uma força redentora que é a luz do Mistério da Salvação. Para tanto, é preciso que o ser humano recorra aos meios da salvação²⁸⁸ para seguir, fielmente, pronunciado o *faça-se* do abandono em Cristo e, assim, possa assumir, autenticamente, a *Via crucis* a ele destinada.

O feminino contemporâneo poderá perceber Edith Stein, em parte, como uma irmã da história, como também, por outro lado, uma irmã superada pela história. A orientação incondicional da questão das mulheres, de acordo com afirmações bíblicas e até mesmo eclesiais, parecerá desnecessária para muitos não crentes. Todavia,

²⁸⁷ STEIN, E. Obras Completas: *Escritos antropológicos y pedagógicos*. Vol. IV Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2003. p. 174.

²⁸⁸ Edith apresenta a Igreja, comunidade viva que conta com todos os seus membros, em oração, participação e comunhão para que cresça cada dia mais forte e profundamente o Corpo Místico de Cristo. Cf. STEIN, E. Obras Completas: *Escritos antropológicos y pedagógicos*. Vol. IV Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2003. p. 240.

precisamente neste aspecto, ela nos apresenta possibilidades inovadoras. Edith Stein foi capaz de perceber em declarações interpretadas, convencionalmente, até que ponto seu intelecto apoiou o desejo de acreditar do quão pouco a Tradição está esgotada em seu espírito, que é livre e amplo. Curiosamente, Edith Stein aproxima-se de uma outra filósofa, Simone de Beauvoir²⁸⁹, na premissa de levar a sério a personalidade feminina em suas predisposições individuais e em suas próprias vidas.

Naturalmente, o conceito de “pessoa” de Beauvoir, numa perspectiva religiosa, permanece vazio, preenchido por pouco mais que a autonomia abstrata autorreferenciada, enquanto, em Edith Stein, a pessoa é concebida a partir de suas disposições únicas em cada caso por sua origem sobrenatural e experimenta os elementos genéricos corporais e psíquicos existentes nela de uma forma decisiva, que os apoia de uma forma subordinada. Ela não deixou a sua fortaleza e sensibilidade de mulher quando ingressou na vida religiosa, mas seguiu se tornando cada dia uma mulher sábia e forte, porque ela estava ciente de sua personalidade feminina, de suas predisposições individuais, e de seu projeto de vida.

Para a filósofa de Göttingen, nenhuma mulher é somente mulher corporeidade; Edith reúne em si as duas liberdades: a liberdade do filósofo que pensa independentemente e a liberdade de um cristão tocado pela Revelação que assume em si o compromisso de realizar a sua *Via crucis* com plena autenticidade de um ser imerso na amorosidade eterna. Trata-se de um comprometimento adquirido desde o início de sua jornada anímica. Quando sensível diante da dor do outro, Edith Stein se pergunta pelo sentido do ser do homem. Em sua vocação, ela experiencia a práxis do abandono em Deus, que é amor. Para Edith, o ser pessoa e a comunidade humana se constituem, reciprocamente, numa mistura de seguir e viver uma relação autêntica deste mesmo amor. Em sua vida terrenal, a pessoa tem de se aproximar do ideal proposto pela vida teologal concretizada na Igreja. A Igreja é o Reino do céu que entra na história.²⁹⁰

Para tanto, a Igreja conta com a humanidade para significação da vida em comunidade, que é uma centelha da vida trinitária na singularidade tripartida de cada

²⁸⁹ Com a famosa assertiva: “*Não se nasce mulher, torna-se mulher*”, Simone de Beauvoir lançou a maior de todas as provocações que o feminino na história poderia trazer à revolução do pensamento social e político do último século. Ela ungiu a cultura da possibilidade de compreender-se a si mesma, face a tema tão sutil e evidente, tão original e constante nos embates da história. Cf. BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*, V. I, II. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

²⁹⁰ HEIMPEL, Joseph. *Il rapporto tra la persona e la comunità nella visione di Edith Stein*. Roma: Edizioni OCD, 2005. p. 21.

indivíduo de fé. A pessoa é chamada a um desenvolver-se constante em duas direções: alargando o horizonte que a circunda e escavando a sua própria interioridade, a fim de descobrir os traços divinos que a habitam. Somos a continuidade da revelação do Mestre, que precisa ser encontrado e colocado à luz que está escondida aos olhos do mundo.²⁹¹

Em sua Encíclica²⁹², o Papa Francisco convoca para um ressignificar a humanidade e os valores cristãos, porque, em nossos dias, as pessoas já não são mais vistas como um valor primário a respeitar (FT, n.18). Edith Stein²⁹³ viveu em um tempo assim como a nossa contemporaneidade se revela: um tempo em que se necessita o testemunho das fontes escondidas das almas unidas a Deus. A mística da certeza, da fé de que o Espírito de Deus age em nós produz os frutos de Seu Reino e os veremos na Eternidade. Eternidade esta que começa aqui, encarnada no cotidiano da pessoa humana, mediante a empatia, a solidariedade e o amor.

3.4 O dinamismo empático e dialógico da mística encarnada

Deus, desde a Tradição em YHWH, conduziu Teresa Benedita da Cruz para o núcleo de seu mistério e encarnação em *YESHUA*. O caminho último realizado foi o do seguimento, convite irrecusável que sentiu em sua forma interior e a que ela acolheu e se lançou, sem parar, desde a sua natureza ingênua que vivenciou o sobrenatural; não como transformação repentina, mas mediante silêncio, investigações profundas e em um processo progressivo que crescia em seu interior, conduzindo-a cada vez mais longe e para o alto, em uma relação de adentramento de suas experiências de vida. A filósofa espiritual compreendeu o sentido de sua realidade tripartida em relação ao Mistério Trino: conceber o ser no sentido mais retamente cristão, o dom de si. Essa experiência da pessoa ressoou nela própria e a levou a experienciar a si mesma e o outro como forma de realidade intersubjetiva e comunitária.

²⁹¹ STEIN, E. Obras Completas: *Escritos espirituales*. Vol. V Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/ Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2004. p. 636.

²⁹² FRANCISCO, Papa. Encíclica *Fratelli Tutti*. São Paulo: Paulus, 2020. n°8.

²⁹³ Quando Edith Stein se decide pela Tradição Católica, ela recebe os Sacramentos, no Batismo (1922) ela acrescenta o nome Theresa Hedwig. Ao responder ao chamado vocacional da Igreja à Vida Religiosa Consagrada, Edith Stein acolhe o estilo de vida do Carmelo Teresiano e recebe como nome de religiosa: Irmã Teresa Bendita da Cruz. Nos capítulos que seguem, será com o seu nome de monja carmelita que iremos dar continuidade a exposição da pesquisa.

Vimos que a fenomenologia sempre buscou clareza quanto à compreensão do sujeito e do seu mundo, do homem em sua singularidade e dimensão coletiva. Resulta disso o empenho de Husserl em desenvolver, já nos primeiros anos do século XX, uma modalidade particular de vivência específica que o filósofo denominou Empatia (*Einfühlung*). Uma investigação do modo com o qual os sujeitos, pessoas humanas se reconhecem, reciprocamente, como tais, que se tornou objeto da tese doutoral de Stein (1917/1998) e a acompanhou em todo o seu progresso espiritual.

Desde a juventude, Edith já tecia reflexões do mundo humano e da abertura deste para uma compreensão do outro e atenção pelo comunitário. Trata-se da consciência da distância entre um *eu* e um *tu*, ato de reconhecimento do outro como um *alter ego*, um outro *eu* que a empatia nos move a compreender. Desse modo, o tema da empatia é preliminar e fundante de qualquer reflexão sobre o mundo circundante comum, sobre a possibilidade da comunicação interpessoal, sobre as múltiplas formas de associação humana, sobre o valor da relação ética e do diálogo. O salto qualitativo steiniano aconteceu quando a empatia, compreensão de pessoas espirituais como sujeitos que se constituem pessoa própria, passa a conduzir o seu existir, a partir do respeito à dignidade peculiar do outro como constituição mútua entre as pessoas humanas.

A filósofa de Göttingen, monja carmelita, percebeu, no clima positivista das ciências, que concebia o humano como objeto experiencial apenas, a necessidade de analisar os atos da pessoa, numa tentativa de descrever a gênese das vivências que o homem vive nas suas experiências intersubjetivas. Ela viu na empatia a possibilidade de evidenciar a dimensão espiritual da pessoa humana sem descartar a vida psicofísica do indivíduo circundado de outros indivíduos e coisas. Para ela, o humano somente seria compreendido quando fossem consideradas nele a unidade entre o reino animal e o espiritual. Em Edith, depois de sua conversão, estava claro que, para o humano ser pleno, era preciso um galgar rumo ao alto.

O intento de responder à questão vital do humano instigou Stein a também buscar um ir além da exaltação da subjetividade de seu tempo, que desconhecia o percurso do *eu* de sair ao encontro do *alter ego*, isoladamente. Ou seja, de um outro que era perceptível, contudo, ausente — resultado de um egoísmo incipiente à transcendência. Por isso, em sua tese doutoral, Stein desenvolveu toda uma reflexão em que analisou o conceito de liberdade no fluxo da consciência das vivências do sujeito. É a saída de si mesmo, do indivíduo aberto ao outro, das vivências em que os indivíduos se reconhecem como

semelhantes, possibilitando, assim, a compreensão do sentido de uma convivência ética mediante relações empáticas.

A pessoa humana, então, em sua dignidade e liberdade, desdobra-se como um ser de relação; afinal, para Edith Stein, ser pessoa é ser livre e espiritual. Daí que a plenitude se realiza neste ser relacional em si mesmo como subjetividade, mas também com os outros numa intersubjetividade, vivência aproximativa que pode ou não comprometer e transformar. O movimento empático dilata possibilidades nas relações com as pessoas ininterruptamente; o fechamento da pessoa na subjetividade faz desta uma mônoda cerrada em si mesma, que não plenifica.

Não se trata de um mero fenômeno associativo, que permite vincular a experiência que tenho de si mesmo com dados provenientes do conhecimento meramente externo dos demais, Nem tão pouco se explica exclusivamente se explica, a partir do eixo da expressão, como se com a empatia pudéssemos decifrar uma espécie de código natural de significações.²⁹⁴

A importância da análise fenomenológica da empatia nos estudos steinianos é irrevogável, porque é fundamento para a compreensão das pessoas espirituais; nisso se subtrai a índole primária do conhecimento do outro, solidariamente. Nela se acessa todo o estudo da estrutura antropológica do humano, compreende-se por que os próprios sujeitos mantêm a sua individualidade, embora reconhecendo-se reciprocamente e se comunicando. Isso ocorre porque Edith Stein, em suas investigações, trata, originalmente, da questão da corporeidade na abordagem do ser em sua destinação plena.

A empatia manifesta-se na compreensão entre pessoas no nível espiritual, mas é mediante o ecoar deste espírito, na relação das corporeidades, que ela se explicita — em sua amplidão no âmbito da vontade.²⁹⁵ Por isso, toda a aproximação profunda e amorosa da filósofa alemã para com o mistério da Encarnação; mistério que se revela ápice da relação empática e dialógica comprometida da pessoa, em sua tripartite constituição, que se assemelha à Trindade. Do Filho que desce à realidade humana, apresenta-nos o Pai, oferece-nos o Santo Espírito e faz-Se, plenamente, um conosco.

Ora, o humano sempre buscou apagar em si o peso de sua contingência. Sempre procurou se distanciar e, ou até negar a contingência de sua corporalidade. É visto que o humano contemporâneo, em uma espécie de luta existencial, busca meios que unifiquem leveza e autonomia para se libertar de tudo que o limita de uma suposta libertação. Disso

²⁹⁴ FERRER, U. *Para compreender Edith Stein*. 2008, p. 205.

²⁹⁵ ALES BELLO, Angela. *Edith Stein. A paixão pela verdade*. Curitiba: Juruá, 2014. p. 55.

resulta uma progressiva desencarnação e isolamento de si e dos outros que circundam. O humano contemporâneo se revela, cada vez mais, incapaz de realizar atos empáticos, criando, assim, uma sociedade de pessoas “potencialmente desencarnadas”, desprovidas do senso de realidade e compromisso para com o seu entorno.

Destarte, para Edith Stein, atos empáticos são primordiais na constituição psicofísica do indivíduo como dinamismo promotor de alteridade. A corporeidade, tão cara e aprofundada em seu pensamento, com o desdobramento de corpo (*Körper*) matéria e alma (*Leib*), chega aos nossos dias como possibilidade reflexiva diante de um corpo que é venerado e que busca escapar da sua temporalidade por caminhos ilusórios; um corpo idealizado e inexistente. Um individualismo voltado totalmente para si, em um corpo demasiadamente egoico. Assim, uma valorização extrema do culto corporal, que recusa a sua condição finita e, paradigmaticamente, nega o outro que lhe revela a pesada contingência da vida.

Em sua investigação da dinâmica do indivíduo psicofísico, dotado de um corpo próprio (corpo-alma-espírito) implicado no corpo do outro que com ele é partícipe na Criação, a pessoa é um indivíduo que atua por si mesmo e em si mesmo em unidade. É capaz de empatizar com outros corpos vivos, numa transferência que capta a originalidade da vivência do outro. Trata-se do duplo movimento de sair de si e receber em si. Consciência de que algo toma posição diante do *eu* que sou. Devido ao ato empático, que é pré-reflexivo, o indivíduo psicofísico é constituído em sua identidade, e, a partir de alteridade, ele percebe em seu interior o interior do outro; a interioridade própria e a dos outros.

Um *eu* e um *tu* que não estão em relação como lados opostos, mas recíprocos, estão sempre interagindo, num reconhecimento de que o outro é condição necessária para a constituição da própria identidade. Uma reciprocidade ontológica, na medida em que se pode afirmar que não há pessoa humana em solidão ou autonomia (aqui, referente à autossuficiência). Conseqüentemente, a referida reciprocidade, baseada no ato empático como ato constitutivo da pessoa humana, será também encontrada na comunidade humana em suas várias formas.

Daí que, para a abordagem steiniana, empatizar é reconhecer que o outro é origem de seus atos e, portanto, reconhecer que o outro é também uma posição original, ou seja, um centro e ponto de referência de ações originais como eu sou outro centro e ponto de referência de ações originais (núcleo idêntico). Isso torna possível o dialogar de

um mundo comum, ou seja, o sujeito sabe que o mundo percebido e o mundo determinado de acordo com a empatia são o mesmo mundo visto de maneira diferente. Um mesmo mundo visto de um modo diverso mediante o movimento empático das individualidades que se comunicam e relacionam.

Um dinamismo estrutural que parte da interioridade da pessoa, estrutura ôntica intencional referida desde si ao outro para ser o que é e chegar a ser o que poderá ser. Esse movimento de reciprocidade constitutiva do humano, permite e exige à pessoa uma vida em comum, o bem, a comunidade. De fato, nas investigações steinianas, o humano contemporâneo, imerso em seu individualismo e compreensão equivocada de sua corporeidade, jamais poderá reconhecer o sentido do comum, da comunidade, da comunhão. Uma dimensão volitiva e cognitiva que remete à pessoa para o encontro. Ação baseada em uma convicção que requer ato livre e propósito.

O *ethos*, como noção de sentido para Stein corresponde ao *ethos* comunitário que tem sua razão de ser no encontro e no diálogo. É nesse fazer comunitário, de um *eu* que se identifica e se move para um *tu*, que se compreende a conciliação entre a imanência e a transcendência do bem comum. Esse bem comum é interno à pessoa humana, é imanente, mas, ao mesmo tempo, transcendente porque é comunicável; é também concreto porque é essencialmente relacional. Disso resulta, na filósofa espiritual, a necessidade de projetar uma sociedade de base comunitária como fundamento antropológico da compreensão de ser pessoa em e pelo reconhecimento do outro como *eu*.

Assim, o mundo se reflete na consciência, graças à conexão intencional; o *alter ego* percebido e experimentado como tal acrescenta elemento de intimidade mútua. O indivíduo empático se vê no outro e, portanto, constitui-se como pessoa, uma vez que a consciência como correlato do mundo dos objetos não é natureza, mas espírito. De fato, a dimensão espiritual começa com a imersão no mundo de valores que o outro contém, na medida em que reflete simultaneamente as características recônditas do *eu* mediante sentimentos.

Nos atos do sentir, a estrutura e a evolução da personalidade se revelam, essencialmente, espirituais. Por isso, descreve-se que toda vez que um ato do sentimento é apreendido ele penetra no reino do espírito.²⁹⁶ Contemplada à luz de sua evolução, a

²⁹⁶ STEIN, E. Obras Completas: *Escritos filosóficos*. Vol. II Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2005. p. 174.

empatia steiniana, quando Edmund Husserl fecha as possibilidades, encontra-se aberta para a experiência mística. Uma experiência que se dá na esteira da Tradição cristã via uma proximidade com *YESHUA*, o Cristo, o qual Teresa Benedita da Cruz reconhece como Verdade última em sua busca de sentido. É a realização do impulso humano em direção a um sentido ôntico relacional pleno, não dual, mas que não pode se originar do ser criado, porque, somente em Cristo, constata-se o alcance identitário em sua totalidade.

O dinamismo empático e dialógico do ser adquire um rosto, que a fenomenóloga alemã acolhe e adere do Cristianismo: o Cristo. N'Ele, todas as naturezas (natureza e substância) se particularizam em uma única pessoa. Somente em Cristo, Sua Encarnação e Paixão, o ser descobre a sua originalidade. É em Cristo que Edith realiza, em sua própria vida, um itinerário místico encarnado. Ele foi uma experiência vital que transformou a sua vida. Desde a sua conversão, o Cristo Se tornou o centro de sua existência e investigações. Por essa razão, ela partilha, em seus estudos, que, por mais extenso que seja o conhecimento do humano a respeito de sua natureza e de seu ser, sempre haverá um limite quando não encontrar a referência de sua origem e de quem lhe oferece possibilidade e caminho para a plenificação de seu ser e vocação.

A mística encarnada que veremos adiante se compreende quando a pessoa assume em si as consequências-chave da filiação divina, da união com Deus, com a humanidade no cumprimento da Sua vontade. O encontro com Cristo na sua vida fez com que a filósofa adquirisse a convicção de que a meta do ser humano é Deus. De fato, a partir de sua conversão, Edith Stein abraçou o propósito de mergulhar no mundo espiritual humano, no mundo da interioridade da natureza ingênua, no domínio do espírito, a fim de descobrir as condições de possibilidade de toda pessoa poder se unir a Deus, a esse Deus Amor que nos criou à Sua Imagem, facilitando, do melhor modo possível, esse encontro pessoal.

A mística é uma jornada que o ser inicia desde a sua interioridade e que o qualifica, potencializa em toda a sua relação com a exterioridade. Interioridade como abertura, diálogo, receptáculo ao espírito de Deus, espírito do Ressuscitado presente no meio de nós e que Se dilata em profusão quando a alma se abre para Ele em virtude de Sua própria vontade. Disso resulta o lema espiritual steiniano de se permitir viver nas mãos de Deus.

Teria você desejado que eu não incluísse o sobrenatural? Veja bem, se eu não pudesse falar dele, desde logo não subiria mais em nenhuma tribuna. No fundo, é uma verdade pequena e simples, mas que sempre tenho de dizer: como é

possível começar a viver nas mãos do Senhor? Se as pessoas me pedem outras coisas e me propõem temas espirituosos que me são alheios, neste caso, apenas os assumo como introdução.²⁹⁷

A pessoa em seu progresso evolutivo espiritual se descobre imersa em um dinamismo empático, dialógico de realização de uma mística encarnada, e, justamente, por ser espiritual, dispõe dos requisitos para a mencionada união com Deus: liberdade para se autoconhecer e se doar, uma vida interior para se comunicar pessoalmente. Trata-se de um tornar-se morada de Deus mediante o movimento do espírito em si. A encarnação, em todo desenvolvimento investigativo da autora, desde a significância da corporeidade, desdobra-se em corpo místico capaz de comunhão. Corporeidade em que Deus habita e salva o humano desde o humano.

Ser encarnado é ser realista porque, na história de vida, em sua horizontalidade e em seu desdobramento trinitário, o ser se coloca em contato com a realidade do mundo, e apenas em Cristo, no testemunho de sua trajetória, descobre o sentido pleno da existência. Cristo, o *Logos* Redentor, modelo e fim último do humano, habita esse universo microcósmico e o possibilita a dilatar o “eu” em direção ao “tu” e em relação com o todo. Cristo é condição única para uma autêntica espiritualidade encarnada; n’Ele se contempla e se realiza o mistério da corresponsabilidade humana e a realização do Amor. A pessoa, em sua dimensão tripartite, é, em Stein, espelho que reflete a relação Trinitária. Disso resulta que a empatia, em sua mais densa e profunda condição, conduz a humanidade ao Cristo quando esta se decide pelo Amor e age em seu favor e realização. O amor é condição vital para a pessoa humana conhecer a Deus, n’Ele permanecer e transcender, desde a sua finita contingência existencial até o galgar rumo ao alto/Eterno.

O amor humano, em seu mais alto grau de intimidade e entrega é desafio cotidiano constante, especialmente, em tempos de amores fugazes para chegarmos a conhecer *YESHUA* e preenchermos, satisfatoriamente, a alma vazia que ainda não experimentou o desejo de conhecer Deus, que é amor (1Jo 4, 7-8); bondade, que entrega a Si mesmo na plenitude de um ser que não se encerra em si mesmo, mas que se comunica e relaciona com todos e que almeja se entregar a estes e por estes, a fim de fazê-los também vivenciar tamanha felicidade e transbordamento.

YESHUA é o maior Mestre da escola da vida que é, por si, pedagógica e se qualifica em sua formação plena mediante a pedagogia do Amor de Cristo. Ele é o

²⁹⁷ STEIN, E. Obras Completas. *Escritos autobiográficos y cartas*. Vol. I Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2002. p. 918.

caminho ascendente do humano. Teresa Benedita da Cruz, na via de sua razão iluminada, na individuação de sua alma, fez de *YESHUA* a razão central de seu existir. Deus Se comunicou e a chamou para a realização de uma vocação para o Amor. Um Amor exigente que desafia autenticidade no seguimento e em seu propósito salvífico.

Um Amor sem mais limites, com o qual o humano em construção costuma fronteirar. A fenomenóloga experienciou esse romper fronteiras, de um modo especial, quando adentrou ao universo de outras culturas no hospital de Mährich-Weisskirchen (1915) e se deparou com o sofrimento da guerra.²⁹⁸ Disso resulta que, em *YESHUA*, sentimos e experienciamos acolhimento pleno, e, n'Ele, *não somos mais estrangeiros nem adversários, mas concidadãos dos consagrados e da família de Deus, edificados sob alicerces dos apóstolos onde Cristo é a pedra angular. Por Ele todo edifício cresce até ser templo consagrado ao Senhor, por Ele entramos com os outros na construção para sermos a Sua morada espiritual.* (Ef. 2, 19-22).

Essa é uma experiência que diz respeito à reação/resposta de encontro em um processo horizontal de amor salvífico. Isso nos toca quanto ao sentido do testemunho. Azcuy (1998) escreve que, ao nos aproximarmos da vida de Edith Stein, percebemos nela a presença e a Palavra de Deus encarnada e dita. A sua existência é verdade vivida.²⁹⁹ E a verdade mostra a sua máxima no esplendor de sua beleza e comprometimento na cruz.

Trata-se de uma jornada sem retorno em que Deus, de acordo com a fundamentação empática steiniana, comunica-Se ao espírito humano na medida e na maneira em que este correspondente à Sua sabedoria. Stein realiza a passagem da teologia especulativa positiva a negativa, simbólica e apofática que culmina então na experiência mística, prelúdio das visões beatíficas. Emerge na autora uma teologia discreta que a ela vai buscando compreender e viver, desde o encontro com o Cristo até a desenvoltura da experiência da consciência mística em si, ou seja, do impacto direto com a verdade divina. Edith Stein deixa em sua filosofia o percurso especulativo teórico e mergulha na

²⁹⁸ Voluntária na Cruz Vermelha, Stein partilha que dentre todas as suas responsabilidades o que mais gostava era de conversar com os doentes, apesar da dificuldade com os idiomas, pois eram de muitas nacionalidades: alemães, checos, eslovacos, eslovenos, polacos, húngaros, romenos, italianos, ciganos, russos e turcos. Ela mesma escreve que prontamente aprendeu a perceber as diferenças entre essas nacionalidades. Cf. STEIN, Edith. *Obras Completas. Escritos autobiográficos y cartas*. Vol. I Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2002. p. 427.

²⁹⁹ AZCUY, Virginia, Raquel. *Uma teologia epifânica, eficaz e discreta. Dialogo entre Edith Stein y la teologia contemporánea*. In. J. Sleiman — L. Borriello (edd.), *Edith Stein, testimone di oggi profeta per domani*.

contemplação da fé demonstrando como a consciência mística se dá no ápice da consciência humana, que é porta natural do ser do homem à sabedoria da vida divina.

A experiência mística em Teresa Benedita da Cruz é o momento último de sua investigação acerca da verdade. Todavia, é necessário que, antes de conhecermos este nível máximo de sua escala espiritual, da experiência direta e inebriante da comunicação com Deus, tenhamos em conta o percurso humano natural que ela realiza e que diz respeito ao processo de maturidade integral de todo o seu ser. Da vida do ser que é caminho para a meta da vida eterna em Deus. Entretanto, escrever sobre a mística steiniana não é uma tarefa simples. Teresa Benedita da Cruz nos orienta por um caminho vasto de possibilidades, desde o ordinário cotidiano da condição finita do ser até o extraordinário transcendental revelado na experiência de seus pais místicos.

O desenlace é o de uma mística imersa na ciência teológica, descrita mediante a pena de privilegiados do Espírito, tocados em seu núcleo mais profundo que foram arrebatados em êxtases sobrenaturais, para uma mística de vida, realista, possível, que acontece na contingência dos dramas humanos, em particular, daqueles que se deixam habitar e conduzir pela ação da graça. De fato, tratar da dinâmica espiritual de Teresa Benedita da Cruz é um convite para o adentramento no mistério presente nas entrelinhas de seu pensamento e obras. Ela desvela a sua experiência de Deus naquilo que escreve. E o que escreve é resultado de uma *theo*-ria que se desenvolve ao longo do progresso da plenificação de si mesma.

4 A TEORIA DAS TRÊS MATURIDADES DA VIA MÍSTICA DE STEIN

Na azáfama de ser protagonista de si mesma, da liberdade ilusória da verdade implicada em mecanismos da fria razão, Edith Stein persegue a identidade própria e investiga o enigma da pessoa humana. Ela quer detectar o que dignifica o humano e qual o seu papel e lugar no mundo. A sua obra e vida refletem as sombras da catastrófica realidade, dos dilemas e perseguições³⁰⁰ do século XX. De fato, ela mesma afirmava que seus trabalhos eram mais do que decantações daquilo que absorvia na vida, pois uma das suas características é a necessidade de refletir sobre o que constitui a própria vida.³⁰¹ Em vista disso, a sua personalidade e legado profundos estão sendo considerados marcantes na história da espiritualidade contemporânea.

Edith oferece relevantes elementos sobre a evolução da dimensão religiosa da espécie humana, no tocante à operação divina que age no ser e produz a mudança de sua ordem natural. Trata-se da abertura e ascensão do humano em sua natureza finita ao Eterno. Imersa em adversidades que envolvem questões de cultura e religião, da relação estremecida entre Judaísmo e Cristianismo, a sua intelectualidade transcendeu a sua opção religiosa. Pertencente ao povo judeu, agnóstica, ela investigou os acenos do sagrado que a interpelaram, acolheu o mistério e se converteu a outra Tradição. Em relação ao termo “conversão”, Jung faz um breve esclarecimento.

Converter-se, regenerar-se, receber a graça, sentir a religião, obter uma certeza, são outras tantas expressões que denotam o processo gradual ou repentino, por cujo intermédio um eu até então dividido e conscientemente errado, inferior e infeliz, se torna unificado e conscientemente certo, superior e feliz, em consequência de seu domínio mais firme das realidades religiosas.³⁰²

Convertida, sem jamais ocultar ou renegar a sua origem, Teresa Benedita da Cruz realiza um caminho que resulta em abandono, amor incondicional, santidade e martírio.

³⁰⁰ Teresa Benedita da Cruz, viveu o drama recorrente da perseguição Nazista (1934-1945). Ela, em sua condição de judia e prussiana, atravessou e interagiu em meio catástrofes políticas, desastres morais e surpreendentes desenvolvimentos filosóficos e científicos no século XX.

³⁰¹ Carta a Roman Ingarden, 15 de outubro de 1921. Cf. STEIN, E. Obras Completas. *Escritos autobiográficos y cartas*. Vol. I Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2002. p. 721.

³⁰² JAMES, William. *As variedades da experiência religiosa*. Um estudo sobre a natureza humana. São Paulo: Ed. Cultrix, 2017. p. 181.

Há em sua vida a conjugação sublime da busca intelectual, da profundidade espiritual e da edificação mística, caminhos que se complementam e conduzem à sua natureza natural para o encontro e entrelaçamento com o sobrenatural e o divino. Estar com Edith Stein é realizar uma aproximação da complexidade da pessoa humana, é sentir-se provocado a um adentramento no mistério do mundo e das coisas últimas. É como realizar um passeio, nada ordinário, junto de uma mulher que apresenta elementos teológicos do despertar da graça em sua existência. Ela, assim, possibilita-nos uma chave tríplice da epifania, da eficácia e da discricção da graça atuante em seu ser. Acompanhar o pensamento steiniano significa acompanhar o germinar da semente da Verdade, a qual todos recebemos em nossas vidas, mas que poucos permitem que desponte.

Isso posto, o presente capítulo irá abordar aspectos evolutivos da consciência e do existir de Edith Stein em sua busca pela verdade e por si própria, e do desenvolvimento pessoal que se revela na maturidade de Santa Teresa Benedita da Cruz. Tudo isso, a partir do uso da palavra “teoria”, em um intento que demanda o acolher e o desvelar da etimologia dessa palavra, originária do grego³⁰³ (*theoréo, θεωρέω*) e que diz respeito àquele que olha, observa, percebe, vê. A palavra deriva da raiz do substantivo masculino Deus (*théos, Θεός*). A junção desses significados nos remete para algo que se relaciona muito estreitamente com Deus. Desse modo, acompanhar a experiência interior de Edith Stein significa acompanhar a sua experiência mística.

Nela, é possível reconhecer uma teoria, um modo de observação, percepção, uma visão diferenciada da formação do humano que incluirá o fator Deus em sua estruturação. Em toda a sua vida, o problema de Deus despontou e, junto d’Ele, a pergunta cada vez mais pungente sobre o modo como o próprio Deus Se faz conhecer. As três maturidades de Stein dizem respeito aos três elementos que nela se desenvolvem, conectam e evoluem, a saber, a *razão*, a *fé*, e a *mística*.

São três componentes que não se excluem, mas que se complementam e que são pertencentes aos elementos que compõem a experiência humana de Deus. Ela investiga e mergulha no âmago de sua interioridade que a lança para fora e para o alto, e, depois, em

³⁰³ *Teoria*, no sentido de contemplação ou visão filosófica, foi cultivada pelos pitagóricos como um modo de vida religioso. Platão usa o termo para se referir à visão metafísica das formas eternas nas quais a ordem matemática se funde com a aspiração religiosa. Aristóteles representa a *teoria* tanto como a meta da vida humana quanto como aquela em que consiste a própria bem-aventurança de Deus. GRINGRICH, F. Wilbur; FREDERICK W. Danker. *Dicionário Léxico do Novo Testamento*. Grego/Português. São Paulo: Vida Nova, 2012. p. 97. PEREIRA, I. *Dicionário Grego-Português e Português-Grego*. Porto: Editorial A.L., 1984. p.266.

um retorno para dentro, para um encontro derradeiro com o outro e, enfim, para tudo o que Deus habita. A maturidade existencial de um ser que desabrocha, progressivamente, amplia a consciência, deixa-se imbuir e ser conduzido pela graça, descobrindo o seu papel no mundo, a sua destinação.

Frei Patrício Sciadini³⁰⁴, simbolicamente, descreveu como teoria das três maturidades a experiência que retrata o progresso de acontecimentos externos que atingiram o ser de Edith Stein em sua mais profunda interioridade. Esses a lançaram rumo à edificação de sua personalidade numa revolucionária mudança de vida. Ela foi além de seu *background* judeu e filosófico fenomenológico, os quais moldaram a sua racionalidade. Ela evoluiu de uma transcendência horizontal para uma transcendência vertical.

É o testemunho do desmonte do pretendido absolutismo do humano e da limitada confiança em suas próprias capacidades. A maturidade, em Stein, revela-se na dilatação da consciência de si mesma e do encontro com um Deus que Se aproxima e que Se desvela, aos poucos, em situações cotidianas que a transformaram por inteiro, da relação antes especulativa sobre Ele para um encontro, manifestação d'Ele, no todo do humano. Isso fez com que o percurso espiritual de Edith Stein avançasse numa superação de posições adquiridas em sua infância e juventude, numa gênese existencial que a leva a retomar formas expressivas e a utilizar instrumentos conceituais próprios de uma linha de pensamento do tipo metafísico.

É o dinamismo existencial, reflexivo e prático de uma menina, jovem, que se tornou mulher e que sempre desejou a verdade. Um caminho fecundo do saber humano, filosófico e teológico, que se abriu para uma mística de entrega, de profecia e do desafio de autenticidade. Stein desenvolveu toda a complexidade da espécie feminina que se caracteriza pela unidade da inteira personalidade corpórea, individual e transcendente. Por isso, esteve convicta de que não se pode falar a respeito da mulher sem se referir ao homem; afinal, a compreensão de um remete ao outro e vice-versa. A filósofa considera

³⁰⁴ Frei Patrício Sciadini, teólogo carmelita italiano, naturalizado brasileiro, responsável pelas edições Carmelitas, Espiritualidade Carmelita e Vida de Oração. Escreve livros publicados no Brasil e no exterior. Vive atualmente no Egito. Ele menciona a importância de nos adentrarmos no mistério do processo evolutivo da fé em Edith Stein, que perpassa aspectos do desenvolvimento das três maturidades de seu existir. Do tempo do despontar da razão, do intento rebelde pela verdade, dos prenúncios de uma verdade desconhecida até o chamado da Verdade, já manifesta em Santa Teresa D'Ávila, da autenticidade, do seguimento à santidade.

que o gênero humano, em sua natureza e destinação sobrenatural, articula-se em duas espécies: o masculino e o feminino.³⁰⁵

Desse modo, em suas investigações, nem o feminino nem o masculino ocupam postos de subalternidade. Afinal, o fundamento último do ser humano é o próprio Deus, que chama a todos os homens e as mulheres para uma vocação original, um chamado a aspirar a humanidade concreta representada por Cristo. Tanto para a mulher quanto para o homem, busca-se uma resposta ao que lhe confere a Sagrada Escritura.³⁰⁶ Na desenvoltura de suas maturidades, o protagonismo da mulher em Edith Stein, a partir do valor fundamental do ser humano masculino e feminino, constata-se na concretude do exercício do papel da mulher na Igreja e na sociedade. Isso se faz para além de uma Teologia do ponto de vista meramente teórico; faz-se mediante uma Teologia prática pastoral em que Stein reflete o testemunho do compromisso da mulher com a história, com a comunidade e a sociedade nas quais colabora para gestar e formar.

Edith, no que diz respeito ao protagonismo da mulher, faz parte da esteira de um feminino de inserção, inserção cada vez mais consistente de mulheres no mundo da cultura, da especulação filosófica e da Teologia.³⁰⁷ Consequentemente, ela chega à sua maturidade última evidenciando a realização plena de sua caracterização específica. É o decorrer desse processo que a impulsiona a realizar a abordagem acerca das limitações e carências dos seres humanos, quanto às dificuldades em encontrar a realização de sua própria natureza. Deus Se comunica via inteligência por suas palavras.³⁰⁸

³⁰⁵ Há um referir sobre a mulher a partir daquilo que Stein reflete sobre si mesma, de sua condição de mulher, de sua essência, da sua missão, da sua vocação, suas possibilidades e seus limites. O direcionamento da reflexão compenetra-se para o mais íntimo do feminino. Entretanto, o pensamento steiniano não se inscreve nos limites de um gênero feminino e não reflete especificidades exclusivas do gênero feminino, mas sim, trata de uma particular atenção em relação ao feminino, um destaque presente em seus escritos antropológicos e pedagógicos. Para Stein, o ser não é uma realidade estática, antes, é algo que se está fazendo e é preciso clareza do que se está fazendo neste processo. O que somos e chegamos a ser não está fechado em si. Todo nosso ser em desenvolvimento e o atuar no tempo estão configurados desde a eternidade.

³⁰⁶ Edith Stein apresenta toda uma argumentação baseada em textos do Livro de Gênesis (Gn 1, 27; 3,20) referentes à missão do gênero masculino e feminino confiada por Deus. Homem e mulher são a protoimagem de Deus. Cf. STEIN, E. Obras Completas: *Escritos antropológicos y pedagógicos*. Vol. IV Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2003. p. 342.

³⁰⁷ É possível acompanhar a esteira de alguma destas mulheres, a saber, Hedwig Conrad Martius (1888-1966), Gerda Walther (1897-1977), Hannah Arendt (1906-1975), mencionadas pela filósofa contemporânea Angela Ales Bello (1940-) que cita também, Virgínia Woolf (1882-1941), escritora romancista que reinvidicava, mediante um ponto de vista crítico, uma análise da situação da mulher em seu caráter sociocultural. Cf. BELLO ALES. Angela. *A fenomenologia do ser humano*. Bauru, SP: EDUSC, 2000. p. 12.

³⁰⁸ Cf. LYNE, P. *Edith Stein Discovered. A Personal Portrait*. 2 Southern Avenue, Leominster: Gracewing, 2000. p. 5.

Destarte, para ela, o entendimento intelectual tornou-se uma busca espiritual. Um caminho promissor e fecundo do entendimento acerca da finitude, da temporalidade e da particularidade da existência humana, hoje tão fragmentada de sentido. Assim como o salmista, Edith estava certa de que “*as exigências de Deus são maravilhosas; por isso, a elas se conforma. A descoberta das suas palavras ilumina e dá discernimento ao simples*” (Sl 119, 129;130). Edith Stein se permitiu adentrar ao mistério que reside nas vivências da vida e acolheu a Deus, manifesto no testemunho de outras vidas, de circunstâncias cotidianas que a conduziram a uma proximidade íntima com o Eterno.

Ela acolheu e respondeu ao chamado da Verdade última de toda existência. Uma Verdade que quer ser desvelada, que espera proximidade e acolhimento responsáveis. Logo, ela nos deixou um legado para que o humano, primeiramente em si, busque também essa Verdade, questione as verdades que encontra e que deixe que a própria Verdade se desvele em Deus. As três maturidades de Edith Stein demonstram o dinamismo do processo interior da consciência progressiva dessa mulher: de agnóstica, filósofa, educadora, até a sua adesão à fé em um percurso teológico de circunstâncias que culminam no abandono e na entrega plena à cruz.

Trata-se de um movimento que iremos partilhar no plano vivencial experiencial de seu viver, do progresso de abertura de sua interioridade. A subida ou travessia que se realizou em três patamares da Boa Nova que despertou a sua interioridade em expansão, ou seja, que a perpassou desde o dinamismo evolutivo da *espiritualidade, da santidade e da mística*. E isso se constata nas três intervenções divinas. Primeiro, do Deus herdado no seio familiar, em sua infância, que se desvaneceria em sua juventude questionadora, cientificista e que chegaria ao Deus testemunhado na vida de amigos intelectuais. Segundo, especialmente, em uma noite de leitura espiritual do Deus vivenciado por outra grande mulher, Teresa D’Ávila. Terceiro, o resultante da mudança brusca de direcionamentos e afetos até a sua conversão radical ao Cristianismo e na consciente e plena entrega em nome do destino de seu povo, em um campo de concentração. Essa foi a consequência última de sua receptividade investigativa, da docilidade de seu espírito para a ação da graça transformadora e do acolhimento amoroso da Verdade incontestável que a ela fora apresentada em *YESHUA*, o Cristo.

São Bernardo (1090-1153) distingue três graus da virtude do ser em conformidade com Deus, que correspondem aos três graus da perfeição cristã presentes nas três vias da mística clássica: “O principiante, movido pelo temor, suporta a cruz de

Cristo com paciência; o proficiente, movido pela esperança, leva-a com certa alegria; o perfeito, consumado em caridade, abraça-a com ardor”. Para Edith, um novo curso para o rumo de seus dias foi descoberto e, em sua justa busca pela verdade, uma chama incendiou a sua interioridade e aclarou a sua jornada no abandonar-se ao Eterno.

Foi uma abertura total à intervenção da graça que atingiu o âmago de sua alma e a transformou e plenificou por inteiro. É como a afirmação do salmista, que celebra: “*a via dos justos, é qual a luz da aurora, que aumenta em claridade até a plena luz do dia*” (Sl 4, 18). Tratar das três maturidades da mulher Edith Stein significa acompanhar seu ser, a sua vida, de como se moveu no mundo e de como foi afetada pelo seu contexto histórico e pelo transcendente que a enlaçou e faz mergulhar na via mística do mistério encarnado até o martírio em sua relação sponsal com o Eterno. É ouvir suas palavras e o seu silêncio, cuja influência, por atitudes e escritos, fez dela um ser de uma capacidade de expansão extraordinária, que chega aos nossos dias como o desafio dialógico e possível entre a razão, a fé e a mística, esses três componentes da experiência humana de Deus.

4.1 O movimento da primeira maturidade: a busca intelectual da verdade (*Ratio*)

O movimento da primeira maturidade em Edith Stein despontou desde a infância, em Breslau, quando a pequena Edith era vista como alguém que nascera para realizar algo significativo no mundo. A sua mãe, Auguste Courant Stein, considerava o nascimento de Edith, no dia da Festa da Reconciliação — uma singular data do calendário judaico —, 12 de outubro de 1891, um presságio. Isso fez com que o acento religioso da Festa marcasse todos os anos de vida da prussiana e fortalecesse a sua relação com a mãe. Edith relata em suas cartas que esse fato era valorizado na família, extraordinariamente, e essa atitude parecia-lhe, mais do que por outras coisas, a causa de se sentir a filha pequena mais querida dentre todos os demais; contudo, esse sentimento a conduziria a uma série de pensamentos.

Ainda que houvesse uma relação muito próxima com a mãe, ela não foi escolhida por Edith como a confidente a quem a menina pudesse revelar todas as suas inquietações. Nos passos que dava, firmando o seu existir, a sua mãe e os seus familiares pareciam pessoas que a observavam de fora e que não conseguiam perceber o que ocorria em seu interior. Edith sentia-se sozinha em um mundo escondido em si mesma. Um mundo que

oscilava entre o familiar e o estranho, de sentimentos desconhecidos para a menina que sofria, intensamente, diante de qualquer circunstância que a atingisse em sua liberdade intelectual e dignidade humana.

Em meus sonhos vinha sempre diante de mim um brilhante porvir. Sonhava com felicidade e glória, pois estava convencida de que estava destinada a algo grande e que não pertencia em absoluto ao estreito ambiente burguês que havia nascido. Falava destes sonhos tão pouco quanto das angústias que anteriormente me haviam atormentado. Somente se percebia desde o exterior que estava absorta e que me sobressaltavam, frequentemente, quando notava o que sucedia ao meu redor. Foi algo favorável, dada a exuberante fantasia, que rapidamente começasse a frequentar a escola, nela o meu espírito tão vivo recebeu alimento sólido.³⁰⁹

Por certo, a escola desempenhou um importante papel na vida de Edith Stein, de tal modo que ela afirma: “*eu creio que gostava mais de estar ali do que em casa*”.³¹⁰ Fora da escola, o comportamento de Edith surpreendia toda a família, mas eles não a levavam, suficientemente a sério, de modo que a menina sentia que apenas na escola, devido a sua desenvoltura precoce, ela era compreendida e desafiada. Edith sempre ocupou os primeiros lugares no contexto dos estudos. Devorava livros, mesmo diante das reprimendas de sua mãe. Nas composições escolares, a menina expressava as coisas interiores que a preocupavam. Escrever era um prazer para a pequena Edith, um prazer que se tornava um tormento quando sua família comentava com os demais sobre os seus progressos.

Não foi marcante a experiência de Deus na religião hebraica para Edith Stein. A mãe, Auguste, nunca impôs a prática da fé judaica para qualquer um de seus filhos; contudo, ela era extremamente fiel. No universo religioso da família, as primeiras experiências de Deus sobre as quais a menina é consciente são marcadas pelo ritualismo, presente nas grandes festas da tradição judaica e pelo testemunho de familiares que as celebravam com escassa convicção interior. Com aguçado senso crítico, Edith Stein questionava sobre esse excesso de ritualismo e da preponderância outorgada a executores e a crenças nas cerimônias prescritas. Diante de elementos vivenciados do fenômeno religioso que a cercavam, ela começava a dar os seus primeiros passos na *via atea* que iria trilhar na juventude.

³⁰⁹ STEIN, E. Obras Completas: *Escritos autobiográficos y Cartas*. Vol. I Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2002. p. 207.

³¹⁰ Idem, p. 197.

Para não contrariar sua mãe, acompanhava-a à sinagoga, praticando, sem convicção, a religião.³¹¹ Além disso, Stein, devido à crença familiar judaica, nutria um sentimento de que a história do mundo ainda não havia sido desvendada em sua profundidade, o mundo ainda não estava redimido. Todo seu povo cultivava essa certeza, de que não havia enclaves da redenção em meio à condição de não redenção.³¹² O combate espiritual se intensificou no período em que a menina se tornou uma jovem estudante universitária. A fé de sua tradição era transmitida de geração para geração, de pais para filhos. Edith perdera o pai, Siegfried Stein (1844-1893), muito cedo, e a mãe assumira com exímio cuidado os negócios da família. Auguste Stein foi uma mulher que inspirou muito Edith em suas reflexões acerca do protagonismo feminismo, isso devido a sua espiritualidade matriarcal e fidelidade a YHWH.

Foram inúmeras circunstâncias de perdas, desavenças e dilemas que fizeram com que Edith Stein se afastasse aos poucos da prática religiosa dos seus. Embora houvesse valor e importância nas celebrações, as regras judaicas já não eram mais respeitadas em seu rigor na família. Vivia-se o Judaísmo apenas como um ritual, uma referência familiar e religiosa, sem que isso, realmente, entrasse em contato com o seu pleno significado.

Deus entrou em sua vida como herança, herdada de um povo eleito, uma herança que foi desaparecendo como referencial de fé, restando apenas lembranças, memórias familiares. Para Edith, religião, fé e Deus se ausentariam, por um longo tempo, de seu cotidiano. Eles foram adormecidos em um espaço escondido de sua mente. E somente seriam despertados quando a sua busca pela verdade começasse a dar frutos.

Foi o tempo da rebeldia, da inquietude do ser que almejava respostas decisivas que esclarecessem a obscuridade dos dias e dos dilemas que os acompanhavam; para a jovem, não havia tempo a perder na espera de respostas ou redenção. A juventude quer o imediato diante da radicada sede, em seu coração, pela verdade. Disso resultou que as questões em torno da tradição foram suplantadas pela entrega aos estudos, as respostas pulsantes do existir em Edith Stein seriam encontradas na investigação das ciências. Ocorreu-lhe um estímulo irrefreável pela verdade. Isso se tornou o objeto principal de

³¹¹ MIRIBEL, E. *Edith Stein, como ouro purificado pelo fogo*. Aparecida, SP: Santuário, 20001. p. 41.

³¹² Sobre o cerne da rejeição do projeto de Jesus enquanto Salvador/Messias na compreensão do Judaísmo encontramos pistas em citações de Martin Buber e Schalom Bem-Chorin em um capítulo sobre Cristologia no diálogo judeu cristão. Cf. MOLTSMANN, J. *O caminho de Jesus Cristo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992. p. 52-87.

todos os seus projetos acadêmicos. Incerta de como prosseguir, de uma coisa Edith Stein estava certa, e a cumpriu em todo o seu itinerário existencial: a certeza de que estamos no mundo para servir à humanidade.³¹³

Em Breslau (1911), na Universidade, foi o momento de contato com o mundo cultural de seu tempo. Nesse espaço, participou de diversos grupos ativistas, como o “Grupo Pedagógico” que se reunia para discutir questões da reforma educacional, problemas pedagógicos práticos ignorados pelo currículo universitário. Eles também visitavam escolas e casas para crianças com deficiência, movidos pela ação de consciência social. A autoconfiança intelectual, a aparente arrogância e teimosia de Edith, embora fossem essenciais para uma mulher de sua época, para conseguir espaço e trilhar um caminho não convencional, chocavam-se com a sua maturidade e com a sua consciência dos limites de seu conhecimento.

Foi com o Bacharelado e estudos complementares que Edith Stein tomou conhecimento da pesquisa fenomenológica de Edmund Husserl, e o seguiu na Universidade de Göttingen, considerada a capital da inteligência. Junto dele, ela iria desenvolver ainda mais os seus estudos nas áreas da filosofia, psicologia, história e germanística.³¹⁴ Ela transitou, magistralmente, no contexto das ciências de sua época e se deu conta da importante análise dos pressupostos do mundo.

Por isso, a Filosofia se tornou um campo de comprometimento que ocupou cada fibra do coração de Edith Stein em toda a sua jornada existencial.³¹⁵ Em sua juventude, mergulhada no agnosticismo, Stein afirma sobre si mesma: “minha única oração era a sede da verdade”. A busca pela verdade do humano para Edith Stein era visceral, uma marca de seu itinerário especulativo e existencial.

Há, todavia, que se reconhecer que a busca da verdade nem sempre se desenrola com a referida transparência e coerência de raciocínio. Muitas vezes as limitações naturais da razão e a inconstância do coração ofuscam e desviam o caminho pessoal. Outros interesses de vária ordem podem sobrepor-se à verdade e o próprio homem pode querer evitá-la, quando começa a entrevê-la, porque teme as suas exigências. Apesar disto, mesmo quando a evita, é sempre a verdade que preside a sua existência. A sede da verdade está tão radicada no

³¹³ STEIN, E. Obras Completas: *Escritos autobiográficos y Cartas*. Vol. I Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2002. p. 291.

³¹⁴ Em síntese, o percurso de estudos de Edith Stein pode ser encontrado em seu *Curriculum Vitae*. Cf. STEIN, E. Obras Completas: *Escritos autobiográficos y Cartas*. Vol. I Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2002. p. 523.

³¹⁵ STEIN, E. Obras completas: *Escritos filosóficos*. Etapa do pensamiento cristiano. Vol. III Madrid/Burgos/ Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2007.p. 23.

coração da pessoa humana que, se buscasse prescindir dela, sua existência estaria ameaçada pelo medo e angústia.³¹⁶

Nela pulsava um anseio profundo de realizar algo, compreender o que se passava no mundo e fazer a diferença. Filosofar era ir às raízes, buscar o sentido do ser humano. Inconscientemente, nesse período de ascensão da intelectualidade, Stein travava um combate espiritual, da alma de um ser que ansiava compreender o sentido do mundo e da vida humana.³¹⁷ Uma vida dedicada não apenas a descobrir, senão a comunicar aos outros o descoberto. Disso resultou que a fenomenologia constituiu um dos pilares sobre os quais Edith Stein assentou toda a sua investigação.³¹⁸

A Filosofia, para Stein, era como a fé, solicitava solidão e profundidade. Isso porque todo conhecimento deve ser reconduzido àquilo que vivemos em nossa consciência. Por isso, é necessário um comportamento vigilante que possibilite colher o que se manifesta como essencial. Edith decidiu explorar o seu cérebro e aprender coisas complicadas, infinitamente sutis, junto do mestre Husserl; desse modo, ela descobriu a sua própria força intelectual. Todavia, o percurso teórico que Edith Stein realizou a conduziu aos limites de um saber meramente científico. Era a sua interioridade sempre pulsante que a levava a questionar se os estudos corresponderiam às suas inquietações mais profundas.

Em seu intento por uma antropologia fenomenológica, o fenômeno do ser humano não pôde ser exaustivamente compreendido, pois o objeto de investigação, o ser do homem, é extremamente complexo. Essa constatação se dilatava e tornava visível, em

³¹⁶ ALES BELLO, Angela. *Edith Stein, a paixão pela Verdade*. Juruá Editora, 2014. p. 13

³¹⁷ Ensaio de Alois Dempf, professor da Faculdade de filosofia de Munique (1947). Cf. MIRIBEL, E. *Edith Stein*. Como ouro purificado pelo fogo. Aparecida, SP: Ed. Santuário, 2001. p. 207.

³¹⁸ Dentre os seus escritos fenomenológicos, as obras que aqui serão mencionadas serão: a tese de doutorado; *Sobre o Problema da Empatia*, defendida em 1916 sob a orientação de Husserl. Nessa, Stein já delinea alguns temas importantes que irão comparecer em reflexões posteriores como, por exemplo, o seu posicionamento frente à fenomenologia de Husserl e os diversos aspectos da vivência intersubjetiva. *A Estrutura da Pessoa Humana*, este, integra o período pedagógico-antropológico e, de uma maneira bastante autêntica, Stein lança as bases filosóficas para uma Antropologia. É o resultado de um curso de inverno ministrado por Stein em 1933, quando ocupava a cátedra no Instituto Alemão de Pedagogia Científica em *Münster*. Nele, além de haver uma clara harmonização entre a aplicação do método fenomenológico sobre as questões metafísicas já expostas por Tomás de Aquino, há também, um duplo aspecto que percorre o pensamento antropológico da autora, a saber, a tentativa de desvendar a estrutura essencial comum a todos os seres humanos e, simultaneamente, descobrir a essência última que garante a singularidade do indivíduo. *A Ciência da Cruz*, um estudo realizado por ocasião da celebração do IV Centenário de nascimento de João da Cruz (1542-1942). É escrita por Edith Stein (1891 - 1942), e é decorrente da experiência pessoal de um encontro com Deus no âmagô mais profundo da filósofa: a sua alma. E, o seu último trabalho de ontologia chamado; *Ser Finito e Ser Eterno: uma ascensão ao sentido do ser*. Este estudo é desenvolvido, quando ela já se encontra vivendo no Carmelo sob o nome de Teresa Benedita da Cruz. Trata-se, em linhas gerais, de uma leitura fenomenológica da tradição filosófica antiga, medieval e contemporânea e, de uma obra longa e importante para quem quer compreender o seu pensamento no referente a Teologia e a mística.

elementos de sua biografia, e perceptível, no seu pensamento, a preocupação com as circunstâncias sociais de sua realidade cultural, um contexto conflitivo em todos os âmbitos do existir humano. Situações que a levaram a tomar decisões, não somente à vista de resultados da filosofia, mas de sua preocupação real para com o mundo e em relação à pessoa.

O mês de julho foi transitado pela pergunta: Haverá uma guerra europeia? Tudo era como um presságio de que se estava gestando uma tenebrosa tormenta. Porém, não podíamos ter ideia de que se tornaria realidade. Os que cresceram na guerra ou depois da guerra não podem imaginar a seguridade em que vivíamos até 1914. A paz, a tranquila posição dos bens, a estabilidade das relações cotidianas, constituíam para nós um inabalável fundamento da vida. Quando, finalmente, percebemos que uma tempestade se aproximava, todos intencionamos observar com clareza o processo e o desenlace. Uma coisa era certa: tratava-se de uma guerra distinta de todas as anteriores.³¹⁹

Na eclosão da Primeira Guerra Mundial, em 1914, um grande patriotismo foi gerado, muitos colegas de Edith Stein foram voluntários no serviço ativo. À vista disso, ao contrário de a desanimar, a guerra se tornou um salto qualitativo no encontro consigo mesma. Ela não se permitiu deter e concluiu os seus estudos em Göttingen, de modo que, logo após realizar o grande exame e de passar com menção honrosa, ela decidiu prestar, novamente, serviço voluntário na Cruz Vermelha. Mesmo com a desaprovação de sua mãe e de seus irmãos, no coração e na mente de Edith Stein, pulsava apenas uma certeza: de que não tinha mais uma vida própria; todas as suas energias estavam voltadas para o serviço de um grande acontecimento e, quando terminasse a guerra, se sobrevivesse, poderia pensar de novo em seus assuntos pessoais.³²⁰

A rebeldia e a demasiada autoconfiança da juventude abriam espaço para a maturidade de uma mulher que experienciou a dor humana, na multiplicidade de raças, credos e culturas. Uma dor pungente que a fez intensificar dentro de si o desejo da verdade do homem; de uma verdade que o humanizasse e o curasse de seus dilemas efêmeros. As ciências, em sua jornada intelectual, eram oportunidades de caminhos de compreensão para as suas questões, mas não de todas. Um ano depois de ter realizado seu tempo de voluntária na Cruz Vermelha, repleta de inspiração e ainda movida pela busca da verdade, Edith retornou para Göttingen (1916) e deu início ao Projeto de sua Tese Doutoral sobre o problema da Empatia — *Einführung*.

³¹⁹ STEIN, E. Obras Completas: *Escritos autobiográficos y Cartas*. Vol. I Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2002. p. 394.

³²⁰ Idem, p. 397.

Como o hospital foi fechado, ela não pôde mais retornar a seu posto de enfermeira. O seu extremo devotamento e disponibilidade a fez, no final da guerra, receber uma medalha de coragem da Cruz Vermelha, uma recompensa de sua generosidade e de seu alto nível de empenho civil. Todavia, mais do que uma medalha, a recompensa de Edith Stein foi a maturidade adquirida diante da dor do sofrimento que testemunhara em cada circunstância no hospital em que serviu. A experiência como voluntária qualificou em Stein o propósito teórico de seus estudos sobre a Empatia.

Edith foi uma das dez primeiras doutoras formadas na Alemanha na época, a segunda em Filosofia, sendo, a primeira, a sua amiga Hedwig Conrad-Martius. Um feito memorável, comemorado na casa do seu professor, Husserl. Ao voltar para sua casa, ver uma rua em total escuridão, devido ao corte de energia imposto pela possibilidade de ataques aéreos, fez com que Edith pensasse na Alemanha, em plena guerra, que havia acabado de perder meio milhão de seus soldados em batalha e cuja fome espalhava-se provocando o saque a mercados e motins em diversos lugares. Edith reconhecia que, assim como Hedwig, tiveram a sorte de encontrar mestres, em particular Husserl, que se dispuseram a valorizar as suas qualidades, e considerá-las no mesmo nível de seus colegas homens, apreciando a sua pesquisa pessoal e a sua habilidade em desenvolvê-la.

A natureza humana, sempre em jogo, impulsionava cada vez mais Edith Stein a compreender o seu sentido e destinação. Ela era uma filósofa vocacional, ou seja, ela trazia dentro de si um impulso pela verdade última do sentido de tudo o que pensava e fazia. A verdade era o que buscava, do que necessitava, o que dava sentido ao seu viver. Em sua natureza humana, suscetível a enganos, quedas e erros, Edith buscava o saber, a verdade última das coisas, uma garantia segura para poder, acertadamente, melhor viver. Todavia, na Universidade, percebeu que o saber, que originava a sua tarefa última, estava totalmente à mercê do racionalismo.

Na Universidade, ela encontrou uma verdade que, muitas vezes, nada compreendia de razões. Sobretudo, quando se tratava de sentimentos ou do esforço em virtude de algo; por exemplo, da fortaleza para superação de dilemas cotidianos, circunstâncias que a base do pensar, do entendimento apenas, não podia solucionar. Em seu avançar investigativo e existencial, Stein se deparou com o niilismo, o cientificismo, o psicologismo, o historicismo, enfim, materialismos em geral que elevaram a razão como forma única de se estabelecer o conhecimento. Essas, entretanto, não foram suficientes para esclarecer a inquietação profunda que latejava em seu ser finito.

Para a filósofa de Göttingen, o âmbito em que, aparentemente, tudo se podia contar, medir e pesar, dar-se conta, causava prejuízos intelectuais que precisavam ser rompidos e alargados, do modo mais claro possível. Afinal, o humano, quando impellido pelo desejo de descoberta da verdade, do sentido de existir plenamente, busca adquirir conhecimentos universais que dilatam a compreensão de si e de tudo que o circunda para então progredir em sua realização. Todavia, os conhecimentos conduzem sempre a novos conhecimentos, ao assombro diante da criação e do descobrir-se incluído, em relação com os seres que partilham do mesmo destino.³²¹

Essa busca não se destina apenas à conquista de verdades parciais, físicas ou científicas, mas é o conjunto dos resultados alcançados que irá confirmar a capacidade de se chegar até o fim último da procura. Dessa maneira, na infindável busca humana pela verdade, às vezes, o irracional é o melhor caminho para uma séria tomada de decisões, e isso poderia levar o humano a conhecimentos maiores e bem mais amplos do que os do próprio juízo. A validade de suas investigações racionais foi testada e contestada pela própria Stein, que percebeu a necessidade de buscar outras fontes de conhecimento a fim de expandir o seu campo de pesquisa.

Ela iria buscar novos instrumentos que possibilitassem ampliar seus horizontes cognoscitivo e experimental. Nesse tempo, Edith Stein se reaproximou do fenômeno religioso, considerando a possibilidade de investir no instrumento hermenêutico da verdade revelada e transcendente, mais especificamente, da fé cristã que a fenomenóloga acreditava que poderia ajudar a vislumbrar a possibilidade concreta de ver realizado o objetivo de sua busca; foi o tempo do surpreendente enlace da razão e da fé em sua trajetória de vida.

Do percurso iniciado em sua juventude, depois, intensificado em Breslau na Universidade, numa perspectiva de via ateia, a via steiniana da razão primeira se ampliou em Göttingen, mas sofreu a necessidade de profundidade e de novos horizontes em seus estudos quando, ao deter-se em uma região do humano integral, soube que não poderia ser de todo compreendida, pois tratava da dimensão transcendental do ser. Edith Stein, em seu empenho antropológico de novas descrições do mundo mediante articulação do ser, tomou distância de seu mestre Husserl e enveredou pelo caminho do problema da existência de Deus.

³²¹ JOÃO PAULO II. *Fides et Ratio*. Carta Encíclica aos Bispos da Igreja sobre as relações entre fé e razão. São Paulo: Paulinas, 1998. n° 4.

Ela iria considerar a fé como força noética³²² para a compreensão da verdade; a verdade religiosa podia ser uma afirmação válida a ser discutida em toda sociedade, a postura de abertura e acolhida seriam determinantes para a sua ascensão espiritual. Ela estava ciente de que o seu intento pela verdade e autonomia investigativa, ao caminhar apenas pelas veredas da razão, possuía limites, da sua própria insuficiência. Ela percebeu a necessidade de estender o campo da filosofia ao nível sobrenatural. Para a fenomenóloga, filosofia e teologia eram buscas racionais com pontos de partida que diferem. Mesmo que a fenomenologia tenha um posicionamento independente dos conteúdos da fé, Stein iria entrelaçar a busca filosófica, de critérios da verdade racional com a Revelação; um entrelaçamento que seria visto mais que tomista, e que, segundo Ales Belo, pode se definir agostiniano.³²³

4.2 A segunda maturidade: prenúncios da Verdade última no ser (*Fides*)

Edith Stein dedicou toda a sua vida ao pensar e ao escrever sobre a natureza da pessoa humana. Göttingen foi a sua pátria do saber e do ser. Como fenomenóloga, ela apreendia, a cada dia, a diferenciar a aparência do essencial, não cessando de investigar vivências que a surpreendiam. Disso resultou o seu empenho em adquirir a maior clareza possível em tudo e de tudo. Será visto que algumas experiências peculiares sensibilizaram o seu espírito e, em um movimento, cada vez mais profundo em seu ser e pensar, o seu dinamismo anímico parecia sintonizar a receptividade de vivências antes nunca experimentadas. Edith Stein começava um movimento de adentramento em si mesma, rumo a uma dimensão, antes não suficientemente desenvolvida em sua natureza: a dimensão da fé.

O círculo filosófico fenomenológico constituído, em grande parte, por alunos de Husserl, abriu a vida da jovem judia à experiência de um círculo de amizade, confiança, respeito, valorização do feminino e compreensão do outro. Foi no decorrer do período de

³²² Os termos noética e hilética na fenomenologia de Husserl, são movimentos das vivências que fornecem êxitos as questões das vias sobre o conhecimento de Deus. Elas são correlativas, mas ativadas de modo diverso, o movimento hilético arrasta o noético. Disso resulta que, para Stein, a teologia está ao lado da noética e a mística no campo da hilética. Cf. ALES BELLO, A. (2002) Teologia negativa, mística, hilética fenomenológica: a propósito de Edith Stein. Memorandum, 3, 98-111. <<http://www.fafich.ufmg.br/>>. memorandum/artigos03/alesbello01.htm.

³²³ ALES BELLO, Angela. *Edith Stein, a paixão pela Verdade*. Curitiba: Juruá, 2014. p. 70.

1913 a 1930 que o testemunho direto de algumas dessas pessoas, que, junto dela, transitavam no universo da Filosofia, impactou a existência e o seu pensamento, especialmente no que condiz ao âmbito da fé. Elas eram personalidades as quais Edith aprendera a respeitar e valorizar devido a sua elevada dignidade intelectual, ética e religiosidade. Essas pessoas foram como que mediações de Deus que a conduziram ao resgate dos seus sentimentos religiosos de infância. Ela então buscou entender o sentido da afirmação de Paulo: “*aquilo que olho não viu nem ouvido ouviu nem mente humana concebeu, isso Deus preparou para os que amam*” (1Cor 9).

Assim, esses testemunhos abriram o horizonte, primeiramente, investigativo de Stein, no campo do universo do fenômeno religioso, do fator Deus como possibilidade argumentativa de uma dimensão ontológica ainda inexplicável. A experiência da fé implicava, entre outras coisas, experiência de conhecimento de Deus no cotidiano das vivências pessoais. A fenomenóloga iria passar por experiências imanentes que, conseqüentemente, exigiriam um grande esforço de subjetivação, ou seja, de acolher experiências constituídas por muitas sensações exteriores, impressões psicológicas, as quais, armazenadas em sua memória, condensaram-se e se tornaram um hábito. O motivo da fé (*Fides*) interveio no universo steiniano e a fez sublinhar um substancial diferencial existente em todo ser.

A fenomenóloga investigou e escreveu sobre o ato da fé na natureza humana, o seu caro objeto de pesquisa científica e filosófica. Stein investigava, então, toda a gênese das transformações comportamentais do humano, que a conduziam a novas elaborações; essas a levavam a considerar a abertura do humano para a dimensão sobrenatural. Trata-se do nível da segunda maturidade de Edith Stein, que aconteceu no tempo do resgate e do amadurecimento da sua própria fé: a conexão decisiva das suas dimensões, antes desconexas, fragilizadas e enrijecidas. Ela realizou, em si, o percurso desde o suspeito e o inadmissível, constantes em sua vida pessoal e nas investigações da razão de sua filosofia, para a permissão de acesso ao novo, ao mistério, permitindo-se mergulhar na dimensão da fé e da religião.

A partir de acontecimentos pontuais, junto de amigos que davam testemunho de uma vida de fé e adesão religiosa, somados ao ápice da experiência da leitura realizada da vida da Santa Doutora da Igreja³²⁴, aconteceu, em Edith Stein, uma ruptura que desproporcionou toda a verticalidade constitutiva de sua condição natural humana; ela

³²⁴ Cf. Cap. 2

expandiu a sua consciência diante da novidade dessas extraordinárias vivências; tudo parecia lampear em seu entendimento e interioridade. Impulsionada pelas vivências que dilatavam a sua compreensão sobre a pessoa humana e que a lançavam para o âmbito religioso da transcendência e da fé, Stein se propôs a analisar uma ontologia da natureza, desde o sentido husserliano e, para além deste, compreender o todo unitário que se forma na unidade das coisas dependentes umas das outras, conectadas por acontecimentos causais, que mudam e se movem segundo uma rígida tipicidade da revelação de um ser duradouro e permanente.³²⁵

A fé, segundo Stein, é um ato do entendimento, um ascenso a juízos que enunciam algo acerca de Deus — verdades reveladas que podem ou não serem depuradas no *status vitae* do ser. É um caminho para a possível união com Deus. Em suas investigações, ela compreendeu o alargar da sua antropologia numa antropologia teológica; do humano que é capaz da construção e da escalada de um edifício sobrenatural, o qual ela mesma, Edith Stein, esteve disposta a compreender e escalar.

A fenomenóloga, em sua febril busca pela verdade, questionava-se sobre como um juízo é juízo sobre um objeto que existe fora do juízo.³²⁶ Era o passo natural em Stein, da afirmação de que o humano é capaz de uma relação pessoal com Deus excluída do reino animal e vegetal, porque a pessoa é um ser relacional espiritual capaz de amar e de amar a Deus. E esse Deus se alcança pela via da fé e da graça.

Desse modo, Stein, na esteira da teoria da fé em São Tomás de Aquino do *credere Dio* (dar crédito a Deus), afirma que a fé é uma virtude e uma certeza; contudo, uma certeza distinta da certeza natural. A certeza de Deus somente se constata mediante uma fé firme em desdobramento e adesão — *credere Deo* — e pressupõe um *credere Deum*, ou seja, que se acredite em algo revelado, e um *credere in Deum*, das consequências e responsabilidades para com essa fé. Destarte, a autorrevelação de Deus no humano é a primeira revelação; por isso, Deus mesmo é entendido como o objeto específico da fé. Ela é um presente da graça que, quando exercitada, torna-se virtude, isto é, um hábito sobrenatural da alma.

A partir daí, a fenomenóloga se apropriou de todo referencial possível da Tradição cristã, da fé Católica, porque já vimos que o seu entorno estava permeado de influências e vivências muito peculiares dessa Tradição. Em seu febril empenho pela

³²⁵ ALES BELLO, Angela. *Edith Stein, a paixão pela Verdade*. 2014. p. 98.

³²⁶ STEIN, E. *Obras Completas: Escritos antropológicos y pedagógicos*. Vol. IV Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2003. p. 799.

verdade, Edith se viu diante de um largo e profundo conteúdo da revelação. Ela identificou que, assim como ao ato cognoscitivo, o ato da fé consiste em um livre acesso da faculdade intelectual humana, que é habilitada pela graça em vista da Verdade revelada. O dado Deus, investigado por Stein, revelou-se um conhecimento *a priori* no humano, que o conduz a uma intelecção de princípios afirmados mediante dedução lógica do juízo; no caso da fé, o consentimento ocorre via proposições da própria fé, por meio da vontade e em ordem de uma meta da vontade. Stein exemplifica com o caso da fé religiosa e a promessa da recompensa eterna.³²⁷

A fé, em Stein, que bebe nas fontes da Patrística, é um conhecimento; porém, não no sentido do saber, ou seja, de um conhecimento conceitual. E isso somente pode ser compreendido numa ulterior análise da fé, complementada com uma análise da vontade. Na fé, Stein detecta uma estrutura essencial única, diversa do ato cognitivo dependente unicamente do humano; nela, é Deus quem dá o primeiro impulso. A consciência de Deus, por meio da fé, parte de Deus mesmo. É Ele quem propicia no humano um caminho que somos incapazes de proporcionar a nós mesmos: o caminho para o abraço divino.

Em Edith Stein, acompanhamos esse progresso da fé, um conhecimento que sobressai às suas forças naturais, a porta de entrada ao mistério da vida eterna, desvelada mediante comunicações transmitidas de Deus, revelações aceitas como divinas e verdadeiras, revelações que a fenomenóloga permitiu em sua vontade regerem os seus dias. Ela abriu a porta da alma à luz da graça, permitindo acesso ao diálogo com a fé e experienciou a busca e o amor infinito de Deus no íntimo de seu ser. Somente por meio do ato da fé se adquire essa consciência de Deus, de seu amor eterno e de sua infinita bondade. Stein constata que Deus é o grande Desconhecido, e o ato da fé se dá como um salto no escuro. A fé não é cega, mas é o começo de uma visão para a qual somos preparados.

Edith Stein abriu os olhos do seu entendimento e o seu coração para aquilo que ela descreve ser a *lumen supranaturale*, a luz da graça; uma realidade que torna possível o conhecimento, intensificação ôntica do entendimento que passa a apontar para além de

³²⁷ STEIN, E. Obras Completas: *Escritos antropológicos y pedagógicos*. Vol. IV Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2003. p. 800.

si mesmo. Deus, que Se revela na fé, pode permanecer velado porque somente a luz superior da Glória O desvelará ao nosso olho espiritual.³²⁸ Aqui, a filósofa distingue que a graça está em relação com o crer, enquanto a Glória, para o contemplar. Essa é a definição da fé como começo da vida espiritual que Edith Stein abraça e em que se abandona. Se a fé é o começo da vida eterna, ela é também uma prévia do contemplar no que consiste o conhecimento de Deus. Aquele ser a quem Deus Se mostra se torna partícipe com Ele em Sua própria vida divina.

O caminho steiniano da fé se alarga e se aprofunda, na medida em que a fenomenóloga adere para além do entendimento natural adquirido; ela compreende as imperfeições do movimento da fé no humano e as aceita em si, desejosa de ser conduzida pela luz do alto até a Verdade, realidade última a que irá, definitivamente, se entregar. Decorre que a fé experienciada por Stein resulta em comunhão. A fé é um conviver com a vida divinal, uma comunhão, um abraço entre Deus e o humano. A nossa autora assim nos esclarece:

Pertence a fé que não tenhamos apenas um saber acerca da existência de uma Causa Primeira e concretamente de um Criador pessoal, baseando-nos em um conhecimento natural de Deus, senão também que nos situemos ante este Deus pessoal como se situa um “eu” ante um “tu”, a quem se pode falar e de quem se escutam palavras. Claro que essa Pessoa divina está como quem oculta por um véu, não possui um corpo como uma pessoa humana. E quando nos fala por meio dos homens, por meio de uma palavra humana ou por meio da impressão particular que o ser total do homem adquire pela habitação da Divindade, então vislumbramos, seguramente, por meio desse falar algo que é ‘totalmente outro’, pero esse vislumbrar não é um testemunho livre de dúvidas (...) é necessário a confiança para entregar-se a esse obscuro vislumbrar.³²⁹

A fé é superior à razão, mesmo que não se deva separar uma da outra, pois elas prestam ajuda mutuamente. E isso porque ela traz em si Deus como objeto de seu conhecimento. Somente na dimensão da fé a pessoa sabe que existe um ser Uno que tudo envolve e compenetra. Quando o ser alcança essa consciência, todo conhecimento torna-se parcial. De fato, Stein vislumbra em sua busca existencial pela verdade que mediante a fé há possibilidade de uma aproximação da verdade Absoluta. A filósofa encontra, na fé católica, o fundamento objetivo da verdade: a Palavra de Deus. Essa vida de fé,

³²⁸ STEIN, E. Obras Completas: *Escritos antropológicos y pedagógicos*. Vol. IV Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2003.p. 803.

³²⁹ Idem, p. 809.

mediada pela Palavra, constitui comunidade. Por isso, o consentimento da fé diz respeito à prática do que Deus nos interpela.³³⁰

O ato de fé significa, para Stein, segundo a Doutrina³³¹ a que se dedicou para melhor compreender o fenômeno religioso no humano, realizar, encarnar a Verdade revelada; sem fé é impossível agradar a Deus (Hb 11, 6). E esse intento somente se realiza no fulcro comunitário, na Igreja; templo de pedras vivas, comunhão dos santos em que Cristo é o Eterno Sumo Sacerdote. Disso resulta que a fé se desvela, é aprofundada, experienciada e testemunhada no núcleo de uma vida comunitária, na pregação da Palavra e na celebração litúrgica.³³² A comunidade que proclama e celebra o mistério da salvação é uma porta que conduz a pessoa ao conhecimento de Deus e de seu fundamento. A pessoa então em sua jornada existencial e de fé vai gerar, espiritualmente, os frutos correspondentes do que cultivava em sua vida pessoal e comunitária (Gl 5, 22).

Mediante a fé, constatamos que somos, por meio da graça de Deus, com o qual somos chamados a cooperar, recriados internamente. Esse Deus interpela nossos corações para que estejamos dispostos a mudar de coração (Sl 94, 8; Ez 18,31; 36,26) e a servir em Sua causa. Ou seja, essa virtude que vem do alto nos interpela, afinal, Deus está em nós e, agitados por Ele, incendiamos.³³³ Nessa etapa maturada de Stein, prenúncios da Verdade última no ser, a filósofa experiencia, em si, o abraço de Deus, reluta filosoficamente, vasculha conceitos e razões, fundamenta atitudes que percebe estarem permeadas de sentido e então se decide.

³³⁰ HEIMPEL, Joseph. *Il rapporto tra la persona e la comunità nella visione cristiana de Edith Stein*. Edizione OCD: Roma, 2004. p. 206.

³³¹ Edith Stein em Göttingen, se aproxima das religiões protestantes e católica. Ela se envolve mais com colegas da Tradição católica e, após realizar a leitura da obra de Santa Teresa D'Ávila, a fenomenóloga, se identifica e se decide por essa Tradição que responde aos seus anseios existenciais e filosóficos. Disso resulta que quando escreve sobre fé em seus estudos antropológicos, Stein consulta e desenvolve conteúdos abordados na Constituição Dogmática dos capítulos sobre a fé e a razão do Concílio Vaticano I (1869-1870) no período do Papa Pio IX.

³³² A fé cultivada, aprofundada e celebrada pela comunidade Igreja, conduz a vida do ser para que esse se configure ao mistério salvífico. Edith Stein descreve sobre a união da vontade humana e divina e dos meios para que isso aconteça. Ela realiza em seus escritos o convite para um fundir-se no mistério e, isso, corresponde a uma entrada plena no mistério do Cristo. É Ele quem, assim como em Sua relação com a Igreja, chama todo ser a experiência a habitação de Deus em si e de consentir que seja habitado pela vida trinitária, espaço primordial da comunicação de Deus. Em seus escritos espirituais, a fenomenóloga trata dessa relação de fé e comunitária, ela descreve sobre a Oração da Igreja como Liturgia e Eucaristia. Cf. STEIN, E. Obras Completas: *Escritos espirituales*. Vol. V. Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2004. p. 109.

³³³ A filósofa cita Ovídio, Fausto VI. 5. Cf. STEIN, E. Obras Completas: *Escritos antropológicos y pedagógicos*. Vol. IV Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2003. p. 965.

Ainda não se trata de um evento místico, mas da adesão daquele/daquela que crê na Revelação. Edith Stein acolhe o abraço do Cristo anunciado pela Igreja e descrito em sua Doutrina da fé. Ante esse consentimento, a fenomenóloga se lança numa jornada, especialmente, interior, movida e iluminada pela graça de Deus. Ela escreve:

O mundo que percebemos pelos sentidos e desde o ponto de vista natural, o solo firme que nos sustenta não mais nos basta (...) Nos vemos assentados sobre um caminho mais seguro, mesmo que ainda obscuro, envolto numa noite: o caminho da fé. É um caminho que conduz a meta da união. Porém, é um caminho noturno (...) nos dá a conhecer algo, porém ainda não vemos o todo. (...) A fé é sobretudo aquele entender, gostar, sentir e imaginar.³³⁴

Edith Stein entende, aceita a Verdade da fé revelada e se dispõe a acolher, gradativamente, a graça de Deus em todo o seu existir, mediante o programa que a Igreja propõe. Ela realizará, em seu progresso de fé, a aliança de uma “nova Ester” (Livro de Ester), disposta a contribuir junto ao crucificado pela redenção da humanidade. Um sentimento de solidariedade que se intensifica na medida em que se aproxima da proposta do Reino em YESHUA/Jesus. Esse Jesus, o Cristo, mediador de Deus e do homem (1Tm 2, 15), tornou-se para Edith Stein a razão última da sua esperança; n’Ele, Stein encontrou uma pessoa e se rendeu numa relação de intimidade de seu ser com o Filho de Deus. Cristo seria o centro de sua vida, a sua vocação específica desde então. Em uma de suas cartas, Stein assim partilha:

Existe uma vocação ao sofrimento do Cristo e através desta, colaborar em sua obra redentora. Se estamos unidos ao Senhor, somos membros do Corpo Místico de Cristo; Cristo continua vivendo em seus membros e sofre com eles. E o sofrimento suportado em união com o Senhor, enxertado na grande obra da Redenção é por isso frutífero. Este é um pensamento fundamental de toda a vida religiosa.³³⁵

Portanto, Stein constata que a vocação pessoal e comunitária se dá mediante a fé, que, dinamizada mediante a graça de Deus, aproxima-nos do Cristo e de Sua obra redentora, uma aproximação que compromete. A contemplação do Cristo é hábito da fé, caráter cristoforme que determina a existência pessoal e comunitária. Disso resulta que vocação comunitária é vocação à caridade. E essa se concretiza na multiplicidade do ser

³³⁴ STEIN, E. Obras Completas: *Escritos espirituales*. Vol. V Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/ Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2004. p. 250.

³³⁵ Carta a Anneliese Lichtenberger, 26 de dezembro de 1932. Cf. STEIN, E. Obras Completas. *Escritos autobiográficos y cartas*. Vol. I Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2002. p. 998.

em suas decisões e ações; afinal, se nós O amamos, observamos os Seus mandamentos (Jo 14, 15).

A vida de fé em Stein desabrochou numa vida de testemunho da presença do Cristo em seu ser pessoa humana que seria serviço em nome da humanidade. Isso compreende um desenvolvimento recíproco, pessoal e em comum, que se assemelha à relação da vida trinitária. Edith Stein se revelaria, em todas as suas obras, um ser que permitira, na potência de sua vida, deixar-se e tornar-se uma vida habitada por Deus. Esse caminho de fé, proximidade, intimidade, entrega e serviço foi um caminho para a filósofa entrar em si e avançar gradualmente até Deus.

Ela fez de sua vida pessoal a casa própria da alma. A via espiritual se tornou uma via de libertação em que a interioridade, cada vez mais profunda, irradiava a essência; a certeza de ter encontrado a Verdade a levou a experienciar o Eterno nas entranhas de sua natureza, e a fenomenóloga fez de seu ser um Templo de Deus (1Cor 3, 16-17). O Templo Edith Stein se abriu, reconheceu a incapacidade de penetrar totalmente na Verdade e buscou desvendar, à luz da fé, o entendimento dessa Verdade dotada de todo um significado novo e místico, Verdade essa que somente uma alma unida, verdadeiramente, a Deus compreenderá. Quando escreve “Ser finito e Ser Eterno” (1936), sua obra última, a filósofa assim partilha:

As verdades fundamentais da fé, a criação, a queda, a redenção e a plenitude mostram que há em todo ente uma luz, segundo a qual, parece impossível que a filosofia pura, uma filosofia adquirida pela simples razão natural, pode chegar a perfeição de si mesma, quer dizer, determinar um ‘*perfectum opus rationis*’. Essa necessita de complemento desde a fé sempre sem que chegue a ser teologia.³³⁶

A fé, vividamente testemunhada por seus amigos, irradiou o ser de Edith, que também se tornou um ser todo de Deus. A fé despertou nela todo um novo modo de viver. Afinal, a fé é uma nova maneira de existir do humano desde Deus. A filósofa assumiu o discipulado do Cristo, avançou nessa via, porque Cristo é a personificação da perfeição humana, livre de limitações terrenais. A fenomenóloga, então, iria se dedicar, plenamente, a cumprir a vocação humana de se tornar imagem de Deus na humanidade. Ela encontrou a Verdade, o ápice e o âmago dessa experiência traduzida em Amor, que a chamava a amar. Foi o salto para a terceira maturidade, que iria acontecer na realidade mais

³³⁶ STEIN, E. Obras Completas: *Escritos filosóficos*. Etapa do pensamiento cristiano. Vol. III Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2007. p. 633.

aprofundada e transformante de seu ser, o ápice do vínculo indissolúvel de amor que se concretizava: a mística.

4.3 A terceira maturidade: da edificação à Verdade Eterna (*Misticus*)

Edith Stein realizou um entrelaçamento entre filosofia e mística, considerando essas duas vias primordiais para o conhecimento da verdade. Ela encontrou, mediante a fé, o caminho até o Cristo e a Igreja; a fé a fez sentir a proximidade de Deus, antes nunca experimentada; contudo, somente a fé não foi suficiente para que a filósofa compreendesse esse encontro a fundo. Ela buscou na teologia as respostas, e essa lhe ofereceu firmes pistas para o caminho em que se colocava; porém, não esgotou o seu alto desejo de conhecimento e não esclareceu, suficientemente, as verdades eternas. Foi o passo para a mística que a filósofa realizou.

Stein deduziu que a razão natural consegue chegar ao Primeiro ente, a fé e a teologia oferecem informações, às quais a razão sozinha não chegaria; a seguir, Stein considerou em suas investigações a análise da mística como uma prefiguração da visão beatífica concedida ao ser, excepcionalmente, depois de um percurso difícil e atormentado da alma.³³⁷ Em sua obra “*Ser finito e ser Eterno*” (1936), Stein esclarece:

A fé que de Deus mais que verdades particulares, ela quer Deus mesmo, que é a Verdade, o Deus inteiro; lhe capta sem ver ‘sendo que é noite’, é essa profunda obscuridade da fé frente a claridade eterna a qual nos dirigimos (...) um sair do conhecimento particular obtido por conceitos para entrar na simples apreensão da verdade única. Por isso, a fé está mais próxima da sabedoria divina que toda ciência filosófica ou teológica.³³⁸

Em Edith Stein, aconteceu todo um giro experiencial filosófico existencial que resultou em uma experiência profundamente empática, espiritual e mística. Iniciada numa pulsão individual da busca pela Verdade, no sentir da Presença de Deus em sua interioridade, até o processo ascendente, intrínseco à vida e comprometido com a humanidade. Por isso, Edith Stein, Santa Teresa Benedita da Cruz, foi uma mulher

³³⁷ ALES BELLO, A. *Edith Stein, a paixão pela Verdade*. 2014. p. 109.

³³⁸ A visão beatífica trata da mais alta realização que um espírito criado pode alcançar. Cf. STEIN, E. *Obras Completas: Escritos filosóficos*. Etapa do pensamento cristiano. Vol. III Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2007. p. 638.

expressiva do século XIX em sua produção intelectual e em sua jornada mística. Em 11 de outubro de 1988, o Papa João Paulo II, na homilia de sua canonização, escreveu:

O amor de Cristo foi o fogo que ardeu a vida de Teresa Benedita da Cruz. Antes ainda de se dar conta, ela foi completamente arrebatada por ele. No início, o seu ideal foi a liberdade. Durante muito tempo, Edith Stein viveu a experiência da busca. A sua mente não se cansou de investigar e o seu coração de esperar. Percorreu o árduo caminho da filosofia com ardor apaixonado e no fim foi premiada: conquistou a verdade; antes, foi por ela conquistada. De facto, descobriu que a verdade tinha um nome: Jesus Cristo, e a partir daquele momento o Verbo encarnado foi tudo para ela. Olhando como Carmelita para este período da sua vida, escreveu a uma Beneditina: ‘Quem procura a verdade, consciente ou inconscientemente, procura a Deus’.³³⁹

Em sua discreta epifania pessoal, Stein ascendeu em direção ao entendimento sobre Deus, acolheu Cristo em seu viver e se revelou numa mística que corresponde àquilo que o atual Papa Francisco sinaliza como santidade para os nossos dias.³⁴⁰ A mística não é algo que consiste, fundamentalmente, em fenômenos extraordinários e para poucas pessoas, mas se trata de uma evolução interior, de uma tomada de consciência da Presença de Deus em nossa natureza ingênua, a certeza de que estamos habitados por algo que nos escapa, mas que pulsa em nosso ser. Dessa forma, é emergente auscultarmos, com toda a atenção possível e profundidade, a mensagem dos santos do cotidiano da história, homens e mulheres que encontraram o sentido de sua destinação existencial, como pistas para a nossa jornada pessoal de santidade.

A mística é uma *via ad intus*; uma viagem na dimensão interior da alma. Trata de uma dimensão experiencial do fenômeno religioso na vida do humano. Ela se manifesta na vida das pessoas de modo extraordinário e das formas mais complexas e variadas. Um fenômeno atribuído, de forma generalizada, ao mundo espiritual, que pode ocorrer tanto na ordem corporal quanto psíquica. De fato, o fenômeno místico continua desafiando a racionalidade e a ciência em nossos dias, no âmbito religioso atual ela vem sendo redimensionada a experiência integral da pessoa humana, de abertura à realidade e comprometimento. A mística, em muitas circunstâncias, é uma experiência de pico, de acontecimentos limítrofes que transformam a vida em definitivo.

Embora, comumente, registrada no âmbito da religiosidade e da fé, encontramos manifestações no mundo profano. Na comunidade científica, muitas vezes, ela é lançada

³³⁹ JOÃO PAULO II, Papa. Homilia da cerimônia da canonização de Santa Edith Stein - Teresa Benedita da Cruz, nº 5. <http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1998/documents/hf_jp-ii_hom_11101998_stein.html>.

³⁴⁰ FRANCISCO, Papa. Exortação apostólica *Gaudete et Exsultate*. São Paulo: Paulus, 2018. nº 9.

para a esfera dos mistérios ou para o interesse de uma área específica; em muitos casos, não há um consenso acerca do fenômeno religioso da mística. O investigar sobre a mística desafia a uma nova composição de opostos, da relação entre matéria e espírito, corpo e alma, razão e sentimento, lógos e mito, luz e sombra etc. Tudo isso, reconhecido e em harmonia. Sabe-se que a mística também passa em nossa contemporaneidade por um desgaste semântico que solicita profundidade e ajustes. Disso, não iremos tratar aqui.

Edith Stein, em seu século, foi uma filósofa que seguiu orientações husserlianas³⁴¹ e que em um dado momento de sua vida investigativa se deparou com o problema Deus. Inicialmente, ela se moveu no patamar das hipóteses, mas ela avançou em originárias investigações sobre a relação entre a fenomenologia e a mística.³⁴² A fenomenologia realiza análises do sentir na experiência dos místicos, isso porque esses mencionam seus sentidos espirituais e suas experiências sensoriais. A investigação do fenômeno antropomístico se desdobra em um processo de autodescoberta, devoção pessoal e encontro com o Outro.

De fato, o aceno à relação ser humano e Deus em seus estudos onto-antropológicos nos leva a constatar em Edith Stein uma abertura à problematização de Deus na vida da pessoa humana. No edifício físico, psíquico e espiritual denominado homem, há um centro, núcleo pulsante chamado alma. Edith se deu conta, em meio todo campo investigativo, que aquilo que buscava mediante hipóteses, nela habitava.

Desde a sua dissertação sobre *empatia* e, depois, em *Psicologias e ciências do Espírito*, Stein extrai linhas de funda da constituição da pessoa que não pode ser reduzir a um eu puro apoiado no perfil cognitivo, mas em um eu cuja profundidade se descobre por ser formado de vários níveis que devem ser distinguidos (...) Do fluxo da consciência que não é a nossa alma, mas, em nossas vivências revela-se algo que jaz no fundo como um verdadeiro 'portador' — um 'núcleo' que representa nossa alma substancial.³⁴³340

Edith Stein percorreu as páginas da Vida de Santa Teresa D'Ávila, mergulhou em seus escritos, bem como em outros espirituais da Tradição católica. Ela queria descobrir nos grandes espirituais o caminho para uma mística cotidiana, do extraordinário para o ordinário humano e vice-versa. Eles, Dionísio, Santo Agostinho, Santa Teresa

³⁴¹ Uma nota de 1908 Husserl estabelece uma comparação entre empatia como possibilidade de comunicação com a consciência dos outros, e Deus, como consciência de tudo. O ser de Deus compreende em si todos os outros seres. Cf. ALES BELLO, Angela. *Edith Stein, a paixão pela Verdade*. 2014. p. 63.

³⁴² A filósofa segue o método de Husserl guiada por pontos em sua investigação antropológica que encontra conexão extraordinária com elementos na teologia espiritual mística dos mestres da interioridade: Santa Tereza D'Ávila e São João da Cruz.

³⁴³ ALES BELLO, Angela. *Edith Stein, a paixão pela Verdade*. 2014. p. 65.

D'Ávila, São João da Cruz, são para Stein, mestres do conhecimento interior, mestres da oração e da intimidade com Deus. Guias que nos convidam a experimentar a presença de Deus em si, para melhor entender o viver do ser finito, totalmente, transformado *capax Dei*, mesmo em sua dimensão efêmera e limítrofe.

Nessa instância, há de se compreender que a filósofa experientia, em si, o processo do desvelamento de um eu pessoal (identidade) para a alteridade (tu) e para a interioridade (eu mesmo). A mística se dá em acolher, nessa interioridade do eu mesmo, a presença de um outro que não esse eu mesmo.

Nesse sentido, compreende-se o interesse, a análise e a admiração da fenomenóloga na obra *Castelo Interior*³⁴⁴, de Teresa D'Ávila, bem como da confluência para a *Subida do Monte Carmelo*, de São João da Cruz, quando, já consagrada monja carmelita, em torno do desenvolvimento de uma consistente antropologia, aprofundou o sentido da interioridade, descobriu o caminho ascético da alma e retomou as etapas percorridas da alma que os mestres espirituais apontavam. Edith, inspirada em sua mestra, Santa Teresa, escreveu um ensaio em sua obra *Ser finito e ser Eterno*, intitulado *O Castelo interior* (1936)³⁴⁵, apresentando a evidência de que a experiência mística revela uma estrutura pessoal humana possível para todos seres humanos e não somente para quem vivenciou um tipo de experiência religiosa.

A interioridade é um espaço a ser dilatado, onde toda intelectualidade que pode ser presunçosa é colocada à parte, e, desse modo, a alma pode, pacificamente, abrir caminho para o incompreensível — Deus. Nessa jornada, a alma com a força e pureza do Espírito amplia a compreensão do eu e da liberdade que acolhe as três virtudes teológicas por intermédio de uma eliminação do intelecto, da memória e da vontade; desse modo, esses expandem o caminho da fé, da esperança e da caridade.

A pessoa é chamada a viver a sua interioridade, tomar o controle de si e realizar, se possível, as suas ações a partir desse núcleo encontrado e habitado. Somente assim, um

³⁴⁴ A obra de Teresa propõe acompanhar a sua própria jornada mística numa obra prima da teologia mística, Edith Stein, apresenta junto desta, a estrutura da alma humana numa perspectiva fenomenológica, a partir da análise dos fenômenos internos da própria alma, a filósofa quer melhor apreender sobre esse adentramento no Castelo de Teresa e das suas moradas, bem como, das possibilidades do ser pessoa encontrar Deus. Edith potencializa a obra na fusão com a sua realidade humana cultural. N.d.A.

³⁴⁵ Um apêndice na obra *Ser finito e ser eterno* onde, Edith Stein, fenomenologicamente, ou seja, de uma investigação na constituição graduada do ente e de suas características específicas, analisa a obra teresiana do séc. XVI que descreve o percurso da experiência mística. Cf. STEIN, E. Obras Completas: *Escritos filosóficos*. Etapa do pensamento cristiano. Vol. III Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2007. p. 1113-1136.

justo confronto com o mundo pode acontecer, e a pessoa encontrará o lugar e tarefa a ela destinados. Edith Stein, Irmã Teresa Benedita da Cruz, permitiu que transparecesse, em si, a expressão mais sublime do perfeito envolvimento da vocação humana, do homem e da mulher que experienciam o amor e que decidem, deliberadamente, abraçar o mistério Pascal; esse mistério reafirma no humano a sua destinação última e plenitude possível. Para ela, a certeza de que os maiores profetas e os santos surgem na noite escura, sucedeu, justamente, do horizonte contemplado da própria vida.

De certo modo, foi a filósofa quem transcendeu, ela deixou de ser o centro de si mesma, descentralizou-se e fez de Deus o centro de sua realidade vital. Deus foi conduzindo Edith Stein pela mão em seu caminho investigativo, Ele a coroou com a ação da graça e da santidade. Deus, em *YESHUA*/Jesus, o Cristo, seria então Aquele a quem a filósofa daria a orientação de sua vida. Edith Stein buscou em Santa Teresa sustentar e justificar a sétima morada habitada por Deus, a parte mais íntima da alma, espaço em que toda atividade do ser cessa e o que lhe resta é estar disponível e receptivo. É o nível em que o ser em um abandono voluntário e recíproco se configura numa união mística do humano e de Deus. A mística é o habitar último de Deus na alma humana pela ação da graça. Uma união que se tornará perfeita, somente realizada pelo perfeito amor.

Na originalidade do abandono, no caminho místico em Stein, que está na decisão pelo Cristo, Verdade e Vida, Ele é o seu Deus conosco, Emanuel. O Uno é dotado de personalidade, é Verbo e Carne. A Encarnação do Filho de Deus posiciona Edith Stein ante o dilema da vida, ela não quer ser uma com Deus, o *YHWH*, a Sua imagem, ela quer ser humana com a humanidade e, para isso, é preciso acolher o propósito da cruz da Pessoa de Cristo. A Verdade encontrada exige autenticidade e comprometimento, daí a mística como responsabilidade pessoal e resposta à Presença de Deus na vida do ser. De fato, experienciar Deus é o núcleo da experiência mística; todavia, é uma experiência que se desvela na empatia e na prática do amor. Ao místico cabe estender, expressar este amor aos outros.

Vimos, no breve percurso acerca das maturidades que aconteceram em Edith Stein, uma silenciosa e profunda ascendente transformação; trata-se de um avançar progressivo espiritual que a introduziu no mistério da dor e que a instigou a se configurar, definitivamente, ao Cristo na cruz. A fenomenóloga se entregou ao Cristo e fez d'Ele a sua meta; luz e trevas, não mais apenas mencionados em seus escritos, mas experimentados no chão cotidiano da tomada das suas decisões. A natureza do ser que

Edith Stein ousou perscrutar revelou-se em suas investigações: a presença do Eterno que habita no finito e que conta com esse para ser revelado à luz das relações. Encontrar Deus é uma escalada, subida, descida árduas, que exigem fazer-se semelhante a Ele em Sua humanidade.

Edith Stein passou das hipóteses para a concretude de vivências do fenômeno religioso em si, dobrou os joelhos da razão, despojou-se de tudo o que não era empático, tudo o que não era Amor, inclusive de seu próprio ser para que o Eterno a conduzisse nessa ascensão natural. Ela é uma mística para o nosso tempo, pois não quis gozar desse encontro sozinha; ela não ostentou essa relação tão íntima; por isso, com a sua mão, ela nos conduz, fenomenologicamente, em sua obra, rumo a um avançar seguro na via da experiência de Deus.

4.4 Silêncio e Presença (*Secretum meum mihi*)

Não há vida espiritual sem silêncio; o silêncio é vital no progresso místico. Há no silêncio o movimento da causa e do efeito, de tal modo que o silêncio é matriz para palavras autênticas. Ao perder o silêncio, o ser humano perde uma das capacidades mais essenciais, a sua capacidade de autoconhecimento, identidade e relação com os demais. Por isso, a vida de Teresa Benedita da Cruz foi permeada de silêncios experienciados no campo da exterioridade e da interioridade; precisamente, há um silenciar sobre uma experiência mística direta em Stein e, não obstante, ela se revela nas entrelinhas da vivência profunda. Silêncios conduziram a sua busca da verdade e, conseqüentemente, o seu encontro com a Verdade; o silêncio filosófico que acompanha o pensar da honestidade intelectual para a experiência do silêncio contemplativo, de uma Presença que habita e dialoga no mais íntimo do ser.

Em sua vida familiar, ela acompanhou a dor do silêncio da perda do pai, da esperança de alguns familiares e da tragédia da guerra.³⁴⁶ Ela mesma silenciou em sua juventude, diante do fator religioso e de Deus, quando questionava as instâncias de sua interioridade e não encontrava respostas; daí por diante, no universo acadêmico,

³⁴⁶ É partilhado em seus escritos autobiográficos e, em cartas, o silêncio nas situações de perda familiar, do desanimo em relação a tradição hebraica dos irmãos, a morte de amigos, decepções em seu intento profissional na educação etc. Cf. STEIN, E. Obras Completas: *Escritos autobiográficos y Cartas*. Vol. I Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2002.

desenvolveu o seu silêncio no processo de atenção no exercício do pensar. Em sua evolução pessoal, ela soube descobrir e viver os valores mais profundos que implicam a realidade do silêncio.³⁴⁷

Foi na medida em que avançou em seus estudos que Stein foi surpreendida por circunstâncias em que o seu próprio silêncio parecia “ocultar” algo. Foi o tempo em que a filósofa experienciou as insinuações divinas no seu existir e relações. Por exemplo, quando percorria as ruas da cidade universitária de Breslau, ela se intrigava com o silêncio que emanava das igrejas que encontrava em seus caminhos:

Nas horas livres gostava de sentar-me na sala vazia (...) contemplar através das janelas amplas o rio e o poente da Universidade, me sentia uma dama em um castelo (...) Ao lado estava a Igreja Sand, uma construção maciça do gótico primitivo. Era uma paróquia da Catedral que tinha por detrás uma ponte que conduzia a Igreja da Cruz na ilha da Catedral. Todo um mundo silencioso e fechado em si mesmo (...) Escolhia com gosto o caminho pela ilha, ali me sentia como em um mundo de silêncio e paz, como eu recolhida em séculos passados.³⁴⁸

São momentos em que se constata a hora do encontro no silêncio dos dois interlocutores que fazem parte do universo investigativo de Stein: o ser finito e o Ser Eterno. O silêncio é a divinal tática de Deus Se fazer ser ouvido. Logo, o silêncio steiniano se configura em um campo aberto a ser interpretado, é um estar em relação com a ausência e a presença, o silêncio e a Palavra, a escrita e a oração, o abandono e a partida.³⁴⁹ Com o passar dos anos, desde a sua infância e questionadora adolescência, ela adquiriu maior capacidade reflexiva, sobre si e sobre Deus. Stein se deu conta de que, em seu existir, não se sustentavam as suas decisões pessoais, senão que essas, de maneira misteriosa, respondiam a um projeto que a superava, um projeto maior, coerente e repleto de sentido.

No construto de sua onto-antro-teologia, a filósofa constata o valor do silêncio em todo o dinamismo dos processos de tomada de consciência da pessoa humana. O silêncio facilita a entrada no mundo do espírito. Ele é preâmbulo da lucidez, tomada de consciência para acolher um real desconhecido. Stein se interessa por essa ideia, comumente associada a um sentimento de transcendência, dimensão metafísica, espiritual e sagrada. A ideia de silêncio em toda a sua histórica especulação foi plantada e exposta

³⁴⁷ SANCHO FERMÍN, Francisco Javier. *Edith Stein, modelo y maestra de espiritualidad*. Burgos: Monte Carmelo, 2005. p. 207.

³⁴⁸ STEIN, E. *Obras Completas. Escritos autobiográficos y cartas*. Vol. I Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2002. p. 315.

³⁴⁹ Há um belíssimo artigo sobre o silêncio steiniano, nesse são mencionadas as muitas circunstâncias da vida pessoal de Edith Stein em sua jornada rumo silêncio último. Cf. MAHFOUD, M. *Silêncio e interioridade pessoal em Edith Stein*. Rev. Filos., Aurora, Curitiba, v. 29, n. 48, p. 840-864, set./dez. 2017.

pela Filosofia e a Teologia, nas quais o silêncio se compreende como um dinamismo, disposição de conhecimento, cultivo pessoal e relação com o desconhecido, inexplicável.

Disso resulta que, em seu ensaio, *O Castelo Interior*, há elementos para o acesso à interioridade pessoal que dizem respeito ao silêncio. O silêncio é um valor profundamente humano e de uma importância antropológica, de tal modo que não é possível ao ser prescindir dele. Em seus estudos sobre a estrutura da pessoa humana³⁵⁰, a filósofa trata dos diversos graus de profundidade e dos caminhos possíveis para a interioridade das vivências próprias³⁵¹, a fim de entender o sentido de estar consigo mesma em um peregrinar rumo à interioridade que pode atingir a dimensão da mística.

De fato, em suas investigações antropológicas, a experiência mística é considerada válida a todos os seres humanos; todavia, antes da experiência mística, é preciso encontrar o caminho para a interioridade. Para a filósofa, o nosso ser, corpo integral, é habitado por um estranho que deseja ser conhecido. Por isso, em Stein, na esfera das experiências vividas, estamos ligados ao mundo que solicita a nossa presença e atenção. Trata-se da relação entre a vivência de si e do mundo na exterioridade que nos circunda. Ainda na esteira do simbólico teresiano do Castelo, para Stein, giramos em torno das muralhas do Castelo, sem adentrarmos nele; vivemos na exterioridade do mundo, habituados com coisas que nos distanciam dessa beleza interior, sem experienciar o profundo de nós mesmos, em nossa subjetividade. Daí, a importância do silêncio para a filósofa monja; ele é vivido a partir do ambiente, porque, ao favorecer a experiência de aquietar-se, por exemplo, ou como adesão ao silêncio vivido por outros, somos invadidos pela certeza de que somos também habitados.

Na obra teresiana, em que Stein se debruçou, a porta de entrada do Castelo é a oração, e o silêncio é uma ponte de acesso para o exercício espiritual do ser orante. Um silêncio que a autora mencionou e analisou, mas que também saboreou amplamente em seu viver; o mistério do silêncio é um dos muitos atributos da sua alma feminina. É uma disposição que leva a filósofa, cada vez mais, à tomada de consciência de que há um espaço em si que pede quietude e que não tem limites. Um espaço de valor mistagógico.

³⁵⁰ STEIN, E. Obras Completas: *Escritos antropológicos y pedagógicos*. Vol. IV Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2003. p. 555-576.

³⁵¹ Numa primeira instância, a filósofa trata do silêncio em *O Castelo interior*, na percepção da consciência do *eu* voltado para a exterioridade. Do silêncio vivido a partir do ambiente e circunstâncias. Após, o silêncio é a resposta aos apelos experienciados do mundo da vida. E, por fim, o silêncio é busca de profundidade, interioridade pessoal, atitude que se desdobra em lucidez e em um silêncio definitivo, consequência da mística. Cf. MAHFOUD, M. *Silêncio e interioridade pessoal em Edith Stein*, 2017.

Por isso, vale a ressalva: em suas investigações antropológicas, a experiência mística é considerada válida a todos os seres humanos; sem embargo, é preciso que, antes disso, encontremos o caminho para a interioridade.

Teresa Benedita da Cruz adverte que essa interioridade não se adquire com entendimento, procurando pensar Deus dentro de si ou via imaginação; faz-se necessário um caminho, uma abertura e um acolhimento ao mistério. É Deus quem dinamiza e ajuda a alma em sua eficácia, é Ele quem a estimula e aperfeiçoa.³⁵² Ela estava habituada ao silêncio de Deus em sua vida, até que o silêncio se rompeu diante do testemunho de pessoas que O sentiam muito próximo. Dependia somente de Deus dinamizar na potência da alma esse estado de quietude que procedia dos silêncios percorridos para um encontro.

Isso remeteu à ação de YHWH, que elegeu profetas, profetizas, reis, rainhas, mensageiros colaboradores em Sua ação salvífica. A filósofa relaciona isso a *YESHUA*, o Cristo, constata a continuidade da ação da graça que conta com discípulos, discípulas, apóstolos, anunciadores e testemunhos do Evangelho. O outro é o rosto visível de Deus, que quebra o silêncio e sinaliza onde a realidade carece, vazia de Deus. São testemunhos pessoais que entraram na vida de Stein como vozes que romperam com esse silêncio e a fizeram abrir os olhos e ouvidos à realidade de um outro chamado: seguir a Cristo e fazer da Igreja de Cristo a sua pátria.³⁵³

Desse modo, é visto que, quando decidida pelo catolicismo, adentrou-se com afinco a esse campo do fenômeno religioso e ao exercício da oração e da contemplação, pois reconheceu, nesses, eficazes meios para o silêncio. Para Stein, o silêncio é melhor do que as palavras e nos aproxima da essência; a oração se torna, mediante o silêncio, comunicação amorosa com Deus. Teresa Benedita da Cruz descrevia o silêncio no seu cotidiano de mulher religiosa, essa relação com o silêncio que a acompanhava e se intensificava com a soma do elemento da oração, desenvolvido nela mediante o estilo de vida contemplativa do Carmelo.

A oração, quando mencionada na fonte steiniana, é sempre definida a partir de uma leitura teresiana em que a relação de amizade com Deus conduz à contemplação do rosto do Eterno. E isso somente é alcançado quando o espírito se encontra vigilante em

³⁵² STEIN, E. Obras Completas: *Escritos espirituales*. Vol. V Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/ Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2004. p. 240.

³⁵³ Carta a Roman Ingarden, 13 de dezembro de 1925. Cf. STEIN, E. Obras Completas. *Escritos autobiográficos y cartas*. Vol. I Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2002. p. 761.

seu âmbito mais profundo, desapegado de todos negócios e gostos terrenos que o distraem.³⁵⁴ No intento de entrar, cada vez mais no Castelo em que Santa Teresa a introduziu, ela quis fazer morada junto ao altar de Deus, numa experiência que sentia, especialmente, quando participava de Eucaristia:

Aqui não se trata de mim ou de minhas coisas mesquinhas, mas, de um grande sacrifício de reconciliação. (...) Um silencioso colóquio em que entro em meu dia de trabalho num silêncio tranquilo e a alma se esvazia daquilo que me queria inquietar e oprimir, cheia de santa alegria, coragem e energia. Grande e generosa se encontra a alma, porque saiu de si e ingressou na vida divina.³⁵⁵

Teresa Benedita da Cruz segue os passos da orientação dos mestres espirituais para superar os ruídos e os distanciamentos que impedem o ser de penetrar em sua interioridade e de conhecer a Presença desconhecida que nela habita, ansiosa de relação. Ela aplica a sua fenomenologia nesse dinamismo, perscruta e vincula a consciência do *eu*, de si a elementos exteriores que mantêm a pessoa humana na exterioridade do Castelo. Ou seja, do ser capaz de dizer *eu*, poder viver disperso ou recolhido quando em vista de alguma coisa que “não é deste mundo”.

Portanto, os meios adequados para estabelecer, manter e revitalizar essa conexão com a Presença acontecem via meditação, leitura espiritual, participação na Liturgia, na piedade popular etc.³⁵⁶ Todavia, mesmo com os meios adequados, somente em silêncio, as pessoas chegam a perceber, mesmo que vagamente, pois depende das nuances de cada ser, a realidade de Deus e de estabelecer um relacionamento com Ele. Em sua Ciência da Cruz, ela afirma que os sentidos são janelas por onde penetra a luz do conhecimento no cárcere escuro de nossa vida ligada ao corpo. Disso resulta que temos de aprender a ver e a ouvir (Is 64,4; 1Cor 2,9) como se antes não víssemos nem ouvíssemos.³⁵⁷

Quando desfeita em sua autoconsciência, devido às manifestações do mistério de Deus em sua vida, a filósofa confessa ao seu mais íntimo amigo, Ingarden, que precisa, para melhor compreender o que se passa, buscar recolhimento e tranquilidade.³⁵⁸ Refeita,

³⁵⁴ STEIN, E. Obras Completas: *Escritos espirituales*. Vol. V Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/ Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2004. p. 560.

³⁵⁵ STEIN, E. Obras Completas: *Escritos antropológicos y pedagógicos*. Vol. IV Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2003. p. 211.

³⁵⁶ Idem, p. 213.

³⁵⁷ STEIN, E. Obras Completas: *Escritos espirituales*. Vol. V Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/ Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2004. 2004. p. 241.

³⁵⁸ Edith escreve uma carta para Roman Ingarden em 24 de dezembro de 1917, partilhando a dor da perda do amigo Reinach e da surpreendente força testemunhada pela viúva. Cf. STEIN, E. Obras Completas. *Escritos autobiográficos y cartas*. Vol. I Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2002. p. 598.

descobre que o silêncio é o melhor meio para que se experiencie conscientemente o mistério. O caminho da interioridade acontece e se desenvolve mediante o recolhimento do *eu* e do silêncio que Edith Stein abraçou quando entrou para o convento Carmelita. Ela assim professa:

Os serviços do amor devem agora efetuarem-se através de um caminho silencioso. Creio, inclusive que dessa maneira posso ajudar mais do que com palavras. (...) A cada dia sinto esta paz como um presente da graça que não pode ser dado somente para uma; e se alguém se aproxima de nós agoniado e ferido e pode tirar daqui alguma paz e consolo, então me sinto muito feliz.³⁵⁹

Em Edith Stein, o silêncio, antes profundamente sentido como ausência, transformou-se em oração que celebrava e em busca de mais intimidade com uma Presença, a Pessoa do Cristo. Descendente espiritual de Santa Teresa D'Ávila, Edith Stein decidiu desenvolver, em si, o silêncio contemplativo. Ela queria estar, permanentemente, ante Deus em nome de todos e todas. Passava horas em oração ao lado do Tabernáculo da capela do convento, absorvida em Deus. Queria servir em liberdade ao Amor. Deus Amor passou a ser a sua última palavra. Palavra pronunciada em eterno silêncio.

Trata-se de um silêncio ativo, desperto, ciente da vida do mundo e de algo mais que nesse se manifesta. Por isso, muitas vezes, quando questionada de sua decisão radical pelo Cristo, Edith respondia: creio que o silêncio interior é o melhor que posso lhe desejar.³⁶⁰ Seriam nove anos de silêncio no claustro, uma profunda preparação para os instantes finais de sua travessia existencial. Edith Stein, Teresa Benedita da Cruz, encontrou a Verdade, o Eterno, o fundamental na vida do claustro carmelita, descobriu o que Deus dela esperava e respondeu à altura:

A autêntica carmelita não tem dúvida do que deve fazer nas solitárias horas de diálogo com Deus: estas são o ponto central de sua vida; desde aqui se fundamenta tudo para ela; aqui ela encontra o descanso, claridade e paz. Aqui se solucionam todas as perguntas e dúvidas; aqui se conhece ela a si mesma e conhece aquilo que Deus quer dela; aqui ela pode apresentar as suas intenções e receber os tesouros da graça, do que de boa vontade poderá fazer partícipes os demais.³⁶¹

³⁵⁹ Carta a Aldegundis Jaegerschmid, Colônia 11 de janeiro de 1934. Cf. STEIN, E. Obras Completas. *Escritos autobiográficos y cartas*. Vol. I Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2002. p. 1069.

³⁶⁰ Carta a Calista Kopf, 11 de outubro de 1932. Cf. STEIN, E. Obras Completas. *Escritos autobiográficos y cartas*. Vol. I Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2002.p. 979.

³⁶¹ STEIN, E. Obras Completas: *Escritos espirituales*. Vol. V Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/ Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2004.p. 70.

O estilo de vida do Carmelo, o mundo relacionado ao grande e ardoroso coração com que Santa Teresa D'Ávila sonhou, esse espaço fez de Teresa Benedita da Cruz mais uma flor dentre tantas que no jardim da santidade floresceram. Uma flor arrancada, junto com a sua irmã Rosa, e, ambas, conduzidas ao extermínio em 02 de agosto de 1942. Uma semana depois de retiradas do Convento Carmelita de Echt (Diocese da Holanda) as duas foram conduzidas para o trem a Auschwitz-Birkenau, o campo construído para eliminação de judeus e outros indivíduos, e mortas no dia 09 de agosto de 1942 na câmara de gás. Em seu testamento, Edith Stein está ciente das consequências da sua decisão em seguir *YESHUA* até a cruz. Ela escreve:

Desde agora, aceito com alegria e com perfeita submissão a sua santa vontade, a morte que Deus me reservou. Peço ao Senhor que se digne aceitar minha vida e minha morte para a sua honra e glória; por todas as intenções dos Sagrados Corações de Jesus e Maria e pela Santa Igreja (...) para que ninguém se perca.³⁶²

Nas secretas profundidades da alma de Edith Stein, Deus a enlaçou, e quebraram ambos o silêncio do Amor. Em seus passos para a morte, o silêncio de Deus repousou sobre Stein como quando sobre o Filho no Getsêmani e na cruz (Sl 21). O silêncio é o âmbito privilegiado para a ação salvífica de Deus no humano. Em Edith Stein, constata-se que Deus não está ausente na vida do ser; todavia, é preciso que esse afine os seus finitos sentidos para perceber a Presença silenciosa do Eterno. E, assim, possa reduzir o volume dos ruídos externos, dos outros ecos gerados pelas nossas autossuficiências e orgulhos e avance, confiantemente, num abandono sem limites, na certeza de que estamos nas mãos d'Ele. Esse foi o eco da fé assumida na pia batismal, em janeiro de 1922, por Stein; a entrega plena do tesouro, guardado em silêncio em cada momento de intimidade entre a monja e o seu Cristo.

À vista disso, a resposta dada sempre quando inquirida sobre as razões de sua conversão: *Secretum meum mihi*, meu segredo é só meu.³⁶³ Silêncio é caminho de intimidade com o Eterno em *YESHUA* para Irmã Benedita da Cruz. Em silêncio, a filósofa avançou o Castelo e se abandonou em Cristo, ela se entregou, completamente, ao obscuro mistério de Sua Presença. Tratava-se de um novo território, mais aberto e mais livre do que jamais imaginara, o território do Eterno. Esse abandono é desafio e condição

³⁶² STEIN, E. Obras Completas. *Escritos autobiográficos y cartas*. Vol. I Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2002. p. 515.

³⁶³ MIRIBEL de Elizabeth. *Edith Stein, como ouro purificado pelo fogo*. Aparecida, SP: Ed. Santuário, 2001. p. 66.

necessária para todo ser evoluir humanamente e confrontar a percepção das próprias futilidades. Mediante o silêncio, Deus a conduziu para dentro, espaço onde a condição profunda de que a vida, em toda a sua singular particularidade, tem sentido.

De fato, há um vínculo entre a experiência da Presença de Deus e o silêncio. E Santa Teresa Benedita da Cruz o experienciou em si. Ela realizou, intensamente, a via do silêncio em sua profunda experiência com o Eterno. Ela silenciava, porque O vivia desde dentro em uma relação comprometida com a exterioridade. Silêncio e presença, uma relação descrita em suas obras, que revela, em si, Santa Teresa Benedita da Cruz, uma mística para o nosso tempo.

Em nossos dias, há muito mais ruídos do que silêncios em torno do fator Deus na vida humana. O problema não é o silêncio de Deus, mas, muitas vezes, a incapacidade humana de silenciar e de experienciar a Sua Presença nas circunstâncias desde a Sua ausência. O Verbo, a Palavra e o silêncio têm de brotar de todo ser pessoa, desde o seu núcleo mesmo, a alma, que reside no tão mencionado e, para muitos, desconhecido Castelo Interior. O futuro das palavras adequadas e dos profundos silêncios em Deus para assim experimentar a Sua Presença está nas mãos e no coração dos que se deixam afetar, com paixão e sem limites, especialmente, pela dor dos outros, a Empatia; nisso resulta o testemunho daqueles que não se distanciam da ação resultante desta relação de silêncio, diálogo, entrega e comprometimento.

O silêncio, em Teresa Benedita da Cruz, não é mudez; desse, emerge a escuta atenta do *eu* em sua interioridade, que o remete à escuta do mundo e de seus dilemas. Um silêncio que inunda a sua interioridade e que em movimentos de profundidades sucessivas se abre na medida em que o *eu* se entrega, cresce e se revela em toda vivência exterior. Em silêncio se gera a palavra e a ação em relação ao mundo, porque anseia encarnação e eternidade, ou seja, trata-se da mística do comprometimento, conversão do humano que deseja dizer algo ao mundo.

A palavra é o êxtase do silêncio; por isso, Santa Teresa Benedita da Cruz escreve e compartilha seus saberes, vivências e silêncio. Afinal, somente a palavra que resulta do silêncio é autêntica e capaz de transformação. A palavra é uma atividade espiritual alheia encarnada na palavra entendida e, por tanto, aporta vida nova.³⁶⁴ Conhecer *YESHUA* e se

³⁶⁴ STEIN, E. Obras Completas: *Escritos filosóficos*. Etapa do pensamiento cristiano. Vol. III Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2007. p. 152.

decidir pelo Cristo fazem com que Santa Teresa Benedita da Cruz reafirme o que Inácio da Antioquia escrevera: “*Jesus é a Palavra que procede do silêncio*”.³⁶⁵ Desse modo, a palavra nela é a revelação do silêncio que grita o seu amor ao amado. O Amor que a faz desposar *YESHUA* e deixar como testemunho a sua obra e o seu pensamento enquanto tradução dessa experiência.

³⁶⁵ IGNÁCIO DE ANTIOQUIA. *Carta a los magnesios*. Padres Apostólicos. Madrid: BAC, 1985. p. 463.

5 A RELEVÂNCIA ATUAL DA MÍSTICA STEINIANA

Em nossos dias se constata que o que nos definia como humanos sofreu fraturas. Na sociedade do fazer e do ter compulsivos, pulsa a latente questão do que torna o ser humano. Há, na humanidade, um núcleo pessoal que a capacita e sustenta quando diante de dilemas, assombros, riscos e a finitude do existir; todavia, esse núcleo vital sofre a carência de um ser distraído que transita pelo mundo com ânsias de dominação, mas que, contudo, ignora a sua própria profundidade. À vista disso, a vasta investigação steiniana é fonte para um encontro sutil da mente, do corpo e do espírito. Ela nos aponta para a necessidade de o *eu* trilhar o caminho do espiritual. Um espiritual realista em que Stein nos abastece, com fundantes elementos reflexivos, de relevância atual sobre o ser pessoa, a espiritualidade e a mística.

Nela encontramos a possibilidade de acompanharmos as modulações da ação da graça no ser humano e de nos alimentarmos da certeza de que Deus habita em nosso existir e, ainda, de que Ele deseja que O conheçamos. Por isso, para a filósofa, a pessoa humana está sempre empenhada numa busca pela verdade e é capaz, a partir de sua constituição singular, de estabelecer relações espirituais que transcendem o tempo e o espaço, evidenciando a sua natureza espiritual. Nisso consiste a constância da afirmação de que o humano é um ser espiritual.

Quando nos aproximamos de Edith Stein e a acompanhamos em seu progresso espiritual pessoal, é possível compreender, profundamente, a experiência que culmina em Santa Teresa Benedita da Cruz no diálogo do filósofo e do místico, que acontece nela mesma e é tão bem descrito por Emerson (1803-1882).

Um poeta persa escreve dirigindo-se a uma alma dessa maneira: *‘avança ousadamente, e festeja o banquete do ser. És tu que é chamado, o resto é admitido contigo’*. O privilégio dessa classe é de ter acesso aos segredos e à estrutura da natureza, por qualquer método superior a experiência. Os árabes contam que Abul Khain, o místico e Abu Ali Seena, o filósofo conferenciavam juntos; e que, separando-se, disse o filósofo: *‘tudo o que ele vê, eu conhecia’*, e o místico respondeu: *‘tudo o que ele conhecia, eu vejo.’*³⁶⁶

No percurso das investigações em busca da verdade, acontece em Santa Teresa Benedita da Cruz a fusão entre a judia, a filósofa e a mística. Ela, em si, é a revelação do

³⁶⁶ EMERSON, Waldo Ralph. *Homens representativos*. São Paulo: Brasil Editora S.A, 1960. p. 67.

banquete do ser. Todo conhecimento é uma forma de vivência que a atravessa e a penetra como que num mergulho de sentido e confirmação. Somente em vista dessa busca o ser humano poderá experimentar direta e inebriantemente a autocomunicação de Deus em si, e atingir o conhecimento secreto, impossível de ser descrito por categorias humanas. Disso resulta uma espiritualidade como movimento, impulso vital humano que envolve o *eu* pessoal por inteiro; na relação consigo mesmo, com o outro e com o transcendente.

Nossa autora viveu uma mudança radical de vida, ela passou por uma conversão filosófica religiosa. Em uma de suas cartas, encontramos uma partilha do paradoxo que experimentou em sua vida, desde que se abriu ao fenômeno religioso que a cercava.

Hoje, não quero lhe atrair ao meu campo filosófico; além disso, sobre o meu próprio filosofar penso de maneira muito cética. Quer dizer, me dedico a isso até uma nova ordem e em qualquer momento estaria disposta a deixá-lo. Porém, à medida em que todas as luzes afirmam ser essa a vontade de Deus, me conformo cheia de alegria ao paradoxo de minha existência atual e agradeço de todo coração a sua oração que me sustenta.³⁶⁷

A filósofa passou por uma extraordinária, profunda invasão e buscou compreender o acontecido nos limites de seu campo investigativo. Ela tentou realizar uma fenomenologia do Divino, que apontou, em pequenos sinais, epifanias da vida de pessoas que por ela passaram: circunstâncias ordinárias da vida do ser, que, todavia, a conduziram para bem mais longe do alcance de sua capacidade intelectual. Em toda a sua dedicação em compreender o humano, a verdade, Deus foi o horizonte necessário para a sua compreensão total.

Para melhor captar o lado subjetivo e objetivo do particular tipo de vivência que foi iniciada, ela foi instigada a investigar escritos, testemunhos de místicos. Nesses, ela encontrou uma teoria que se fundamentava e que se desvelava na práxis da vida cotidiana, mesmo que em outras épocas. Em seus estudos sobre a interioridade, ela constatou que não se tratava de uma projeção por parte do humano, mas de uma extraordinária invasão em seu território pessoal por parte de uma Potência que o superava e o lançava em direção ao outro. Trata-se de uma mística, nada abstrata, mas dotada de realismo, corporeidade, relação, sentido e plenitude.

É o desdobramento da análise do ser do humano até a sua unidade em Deus e a humanidade. Ou seja, de que na natureza humana somos também dotados de sobrenatural.

³⁶⁷ Carta a Aldegundis Jaegerschmid, abril de 1929, nº 185. Cf. STEIN, E. Obras Completas. *Escritos autobiográficos y cartas*. Vol. I Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2002.p. 821.

À vista disso, a filósofa espiritual foi, em si, uma figura profética que anunciou o caminho para quem buscava a verdade e a descobria em Deus. Toda a sua obra é um convite para que a pessoa hodierna considere entrar em relação com o Infinito, dando, assim, sentido e horizonte à condição finita de nossa natureza ingênua, efêmera e aprendente. A obra steiniana é relevante porque possibilita um resgate do humano contemporâneo, cada vez mais distante de si mesmo, cuja razão foi posta em um altar e o que venera tão somente as coisas palpáveis e o imediato.

Em suas pesquisas, Stein experiencia as inquietudes, o drama e o limite da pessoa humana em relação ao conhecimento do propósito da vida e da morte. Na fusão de seus estudos antropológicos e pedagógicos, ela percorre um caminho intelectual peculiar, interdisciplinar e de abertura, que passa pelo pensamento moderno da psicologia, da fenomenologia e que adentra o pensamento teológico.

A plenitude da realidade interior foi, intensamente, saboreada pela mulher de antes, a filósofa que perseguia a verdade na exterioridade limitada de uma relação com as ciências à realidade exterior das verdades efêmeras. Ela concluiu que a confiança apenas na razão humana, facilmente, conduz o ser a um distanciar-se das forças sobrenaturais da fé, o que, na esteira do Aquinate, é vital para o começo da vida eterna em todos nós. De fato, a fé é dom que ilumina, liberta e compromete. Ela não se submete a nada; é dom gratuito e abundante.

De fato, o progresso de seu existir transborda de convicção de que a comunhão e o sacrifício convertem as almas em pedras vivas da cidade divina de Deus, porque cada alma é, em si, um templo de Deus.³⁶⁸ É a descoberta e a possibilidade de realizar, em si, aquilo que a fenomenóloga chama de *unum necessarium*: Deus chama o ser em sua singularidade para uma vocação específica e missão. Um dos conselhos essenciais para trilhar a via mística steiniana é a de estar atento e disposto à união com Deus, entrar no dinamismo evolutivo espiritual de desapegar o coração de todas as coisas e buscar somente a Ele.³⁶⁹ A dimensão mística do ser humano na obra steiniana é a resposta do humano como um diferencial no mundo sedento de humanismo e de transcendência.

³⁶⁸ STEIN, E. Obras Completas: *Escritos espirituales*. Vol. V Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/ Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2004.p. 113.

³⁶⁹ Carta nº 561 a Calista Kopf, 20 de outubro de 1938. Cf. STEIN, E. Obras Completas: *Escritos espirituales*. Vol. V Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/ Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2004. p. 1278.

A mística em Edith Stein é dotada de uma peculiaridade, ela enfatiza a autenticidade e a prática, instiga a humanidade a ser, cada vez mais, realista, humana, dialógica, formativa e comunitária. Ou seja, a autora mergulha no testemunho e escritos de místicos que tiveram experiências sobrenaturais, extraordinárias, repletas de um simbólico colaborador no entendimento de seus encontros íntimos com Deus. Todavia, ela sinaliza que a experiência sim é possível no ordinário da vida. Na aridez do deserto de sentido em que estamos, Deus está presente, desejoso de sanar nossas sedes e alentar os nossos corações.

Stein, em toda a sua obra, convida a nossa individualidade, sinal da riqueza infinita de Deus e dom comunitário, para que saia da superfície do existir e escute a graça que nos chama para dentro, a interioridade, o movimento relacional com a dimensão mais profunda que há em todos nós e que qualifica toda a nossa vida de exterioridade.

Em Edith Stein, a união mística de Santa Teresa Benedita da Cruz se realiza mediante uma sabedoria que atinge o ápice de seu caminho teórico e que a leva à transfiguração de sua alma e entrega por Amor. Ela experiencia o mistério do conhecimento de Deus em um encontro com o Cristo que a deifica por participação e torna a sua vida nova e fecunda pelo Espírito Santo. É consequência de um real encontro de Deus e do homem Jesus Cristo, que se desvela em um conhecimento traduzido na práxis da Empatia, do Amor a Deus e ao próximo. A mística da experiência steiniana se revela no progresso do ser que toma consciência de Deus e que acolhe essa verdade e que, não obstante, quer servi-la e se lançar no caminho vasto do amor que Cristo deixa como legado.

Santa Teresa Benedita da Cruz nos ensina que compreender Deus, como Verdade, significa reconhecer e acolher o Amor; mais ainda, é seguir esse Amor e estar disposto a morrer por Ele e com Ele, em vista da salvação dos outros. Uma atitude que revela um ato de extrema liberdade de todo aquele, aquela que se descobre filho, filha de Deus. Dessa maneira, o seu testemunho martirial traduz toda a sua relação de amor e obediência à Verdade no Cristo.³⁷⁰ Assim, quanto mais profundamente a alma estiver em união com Deus, mais se desprenderá de si e caminhará em direção ao outro para comunicar-lhe a vida divina.³⁷¹

³⁷⁰ DEL GAUDIO, Daniela. *Dalla Fenomenologia alla mistica*. Originalità e metodo in Edith Stein. RdT. 46 (2005) p. 234.

³⁷¹ STEIN, E. Obras Completas. *Escritos autobiográficos y cartas*. Vol. I Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2002. p. 809.

Para ela, crer e ser redimido significa uma coisa só. Com a fé, nos tornamos justos e somos justos, na justa medida em que vivemos a fé.³⁷² Desse modo, sob o *pathos* da conversão da cruz, ela deseja realizar o voto mais perfeito³⁷³ em nome do amor autêntico que se manifesta em um assumir, reciprocamente, responsabilidades e, conseqüentemente, partilhar da vida do Amado. Empatia, profundidade, autenticidade, comprometimento, fidelidade e abertura são algumas das características do desdobramento do seguimento de Teresa Benedita da Cruz ao Cristo em seu progresso espiritual e místico.

Quando experienciou o Eterno, vivenciou a presença desse Deus que está sempre em direção ao humano, amou-o e o interpelou a amar os demais. Ela assumiu essa nova Aliança de unidade, verdade e autenticidade. Pois, quando não se vive de acordo com o propósito do Amor, vive-se fora do ser. Fora do real e do mistério. Nessa experiência amorosa, quando partilhada, vivemos aquilo que fomos chamados a ser, a nossa verdade profunda, a nossa destinação.

A filósofa espiritual reconheceu que o saber humano é fragmentado e incapaz de nos oferecer informações sobre o único necessário. Não mais demasiadamente orgulhosa do patrimônio intelectual adquirido, decidiu renunciar a ciência do mundo e alcançar o vislumbre da sabedoria celestial, numa renúncia traduzida em serviço. Ao seguir a vontade de Deus, a fenomenóloga iria utilizar seus dons e conhecimentos no campo da investigação natural, mas também no campo investigativo espiritual para a glória de Deus e o despertar do humano. Convertida, constatou que o mundo exige outra coisa.

Logo, a sua vida e pensamento, silenciados no campo de extermínio de Auschwitz após a sua morte, iriam irradiar o testemunho de uma profunda e real vivência da fortaleza cristã, fiel ao Evangelho e enraizada na esperança da vitória de Cristo sobre o mal. O Magistério da Igreja considera Santa Teresa Benedita da Cruz uma figura exemplar da cultura e sociedade moderna. Para São João Paulo II, nela encontramos um templo vivo, testemunho de conversão que se dilata e transborda em uma fonte de respeito, tolerância e acolhimento ao homem e à mulher em sua diversidade étnica,

³⁷² STEIN, E. Obras Completas: *Escritos filosóficos*. Etapa do pensamiento cristiano. Vol. III Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2007. p.128.

³⁷³ STEIN, E. Obras Completas. *Escritos autobiográficos y cartas*. Vol. I Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2002. p. 519.

cultural e religiosa. Ela é reflexo de uma Igreja humana, em saída e que anseia uma sociedade empática, fraterna e justa.³⁷⁴

Acompanhar o progresso da vida espiritual e mística steiniana é um desafio para a soberba humana que assola os nossos dias. A sua relevância repousa no reconhecer que, por si mesmo, o ser humano nada é e nada realiza que seja, suficientemente pleno. Ela nos ajuda a visualizarmos um horizonte mais amplo, profundo e alto. O pensamento e obra steinianos se desenvolvem via uma apologia. A pessoa humana com o intento de superar reducionismos tem levado a humanidade ao padecimento:

(...) quando uma dura enfermidade arranca de repente o homem transbordante de saúde e energia de seu círculo de influências e o condena à inatividade, quando um homem puritano que acreditava ter superado toda tentação cai de improviso (...) em todos os casos o conhecimento da própria debilidade pode levá-lo ao desespero. Porém, quem se atreve a enxergar com os próprios olhos o nada de sua própria existência, verá surgir mediante pena elevada, o Ser Infinito e eterno. A mão poderosa que o precipitou de sua suposta altura é suficientemente forte para enaltecê-lo de novo, suficientemente rica para devolver mil vezes o que lhe foi tirado.³⁷⁵

Nem o ser, por si somente, nem a ciência dotada de verdades tidas como absolutas, mas Deus, experienciado não pela práxis de uma fé ingênua ou fracionária, mas uma fé resultante da razão iluminada, é capaz de dobrar os joelhos do saber para se formar na arte humana de ser, crer e evoluir. A sua Antropologia torna-se uma Antropologia Teológica necessária para os nossos dias, em que um dos problemas do humano é o desequilíbrio e a desorientação entre a vida pessoal e a vida comunitária na sociedade. É o regresso do ser a si mesmo, ao outro que padece, para o tecer de relações fraternas de proximidade, solidariedade, justiça e comprometimento.

É uma Antropologia Teológica dotada de corpo e eternidade — epifania, chamado, profecia e martírio. É o propósito do Reino propagado pelo Filho em nome do Pai e atualizado pelo Espírito. Por isso, quando tocados, somos conscientes de que, habitados pela graça, não há como nos distanciarmos ou ignorarmos o apelo de YESHUA, o Homem das dores, o Cristo Salvador. Ele é o Evangelho que, amorosamente, adverte a todos nós a não dizer somente “Senhor, Senhor”, para entrar no Reino dos céus, mas, coerentemente, fazer a vontade do Pai (Mt 7, 21). E, para saber o que isso significa, é preciso conhecer o Filho, como nos instiga Santa Teresa Benedita da Cruz:

³⁷⁴ JOANNES PAULUS II, “*Motu proprio*” per La proclamazione di santa Brigida da Svezia, S. Catarina de Sena e S. Teresa Benedetta della Croce Compatrone d’Europa, Roma 1-10-1999, n. 9.

³⁷⁵ STEIN, E Obras Completas: *Escritos espirituales*. Vol. V Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2004. p. 617.

Diante de ti, suspenso está o Salvador na cruz, porque se fez Filho obediente até a morte, Ele veio ao mundo não para realizar a sua vontade, mas a do Pai. Se queres fazer parte deste Corpo Místico terás de renunciar as tuas próprias vontades e não ter outro desejo senão o de cumprir a vontade de Deus. Reflete bem.³⁷⁶

Por isso, a relevância de sua mística nos conduz a uma autenticidade daquilo que afirmamos crer e do que rezamos, dizemos e fazemos: uma fenomenologia da vida, que testemunha o nosso coerente seguimento do Cristo, especialmente, em nossas experiências de padecimentos, noites escuras existenciais. É uma experiência que não nos permite encapsular, mas transcender em ações concretas, especialmente, diante do apelo profético social contemporâneo. A experiência da via mística steiniana é resultado do punho de um feminino que produz texto e atitude, um feminino ainda não satisfeito, mas que se sente integrado junto à Igreja dos homens. Ela não aguarda grandes mudanças, age. Ela quebra o silêncio do claustro, avança os seus muros, escreve advertências ao Papa, questiona a coerência dos que professam a religião e os votos ao Cristo, especialmente quando diante do madeiro da cruz de seu tempo.

A sua obra é autoridade para afirmar a relevância dela mesma para a nossa contemporaneidade numa sociedade secular e secularizada; período em que muito pouco se produz, qualitativamente, e menos ainda se reflete em profundidade. Desde o Deus denominado pela sua tradição, YHWH, ela encontrou a Verdade em *YESHUA*, no Messias que seu povo esperava e ainda espera. Encontrar o Messias no Cristo crucificado fez de Edith Stein, Santa Teresa Benedita da Cruz, partícipe no fio de ouro de uma teologia mística feminina que inspira e provoca mulheres e homens de hoje para um encontro com o Cristo Verdadeiro. Uma jornada progressiva, evolutiva de descoberta do potencial libertador que nos convoca a assumir algo em nome do Reino e não mais em vista de nossos impulsos egoicos.

É a experiência desse encontro com Deus em Cristo que sinaliza a possibilidade de novos paradigmas teológicos, de uma espiritualidade e mística cada vez menos desencarnada. É uma proximidade que integra todas as dimensões da pessoa e da realidade, transcendendo moldes, formas, práticas e linguagens de uma teologia que não seja viva, empática, pacificadora e libertária. O mundo de nossos dias está, superabundantemente, permeado

³⁷⁶ STEIN, E. Obras Completas: *Escritos espirituales*. Vol. V Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/ Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2004. p. 632.

de preocupações que solicitam um repensar a fé e redescobrir a novidade do Evangelho que cremos e anunciamos. Nisso repousa o desafio de sermos autênticos cristãos. Santa Teresa Benedita da Cruz, em sua experiência de fé e seus escritos, é um modelo referencial para o nosso tempo. Nela encontramos um impulso esperançoso e o desafio para o adentramento pessoal, para não termos medo de nos lançarmos em busca de nós mesmos, da Verdade e de dar a vida por ela.

A via mística que a experiência steiniana apresenta é oportunidade para que o ser humano recupere o sentido do caminho da interioridade, resgate a si mesmo em sua totalidade e encontre Deus nesse caminho, a meta, a força e a esperança última para seguir adiante mesmo quando nas sombras. Esse caminho de experiência de Deus, de desenvolvimento interior e espiritualidade realista é, também, luz para a Igreja, que é a expressão máxima da espiritualidade comunitária, mas que, todavia, sem vida interior, é morta. As Encíclicas do Pontífice estão sintonizadas com a obra steiniana em seu intento antropológico ascendente. Há uma estreita conexão reflexiva entre elas, que podem contribuir para o progredir pleno do humano espiritual.

Disso resulta que Santa Teresa Benedita da Cruz nos ajuda a compreender e acolher a graça de que todos somos chamados à missão de colaborar na obra salvífica, de ser santos, como nos desafia o Papa Francisco. Nossa autora é um exemplo nesse quesito. A sua obra é um sinal de esperança para a humanidade que busca a verdade do ser humano em sua total significância e sentido. A sua vocação intelectual e espiritual é atual e construtiva, porque supera o pensar cético e abstrato, reducionista e unilateral da contemporaneidade.

Em uma estreita comunhão de vida com *YESHUA*, a filósofa³⁷⁷ espiritual respondeu muito bem ao chamado de continuação de sua vida na obra de Cristo. Para Santa Benedita da Cruz, quem deseja colaborar com Cristo tem de seguir pelo Seu mesmo caminho, ou seja, em Seu mistério de Amor e Comunhão, numa jornada que implica coragem e autenticidade, porque é assumida no chão áspero das renúncias e do propósito para com os mais fragilizados e injustiçados da terra.

³⁷⁷ A filosofia sabe que a vida é um caminhar para o fim, por isso, ela articula e enfrenta as angústias, o que é considerado declínio e cessar, quando envolvido pela fé torna-se ascensão e eternidade em Stein. Disso resulta na presente pesquisa mencionar a autora como filósofa espiritual. N.d.A.

5.1 YESHUA: único caminho para a mística encarnada

Para Edith Stein, Santa Teresa Benedita da Cruz, o Cristo foi Se desvelando e seduzindo-a em sua jornada existencial de busca pela verdade. Ela experiencia todo um sentimento empático por *YESHUA*, um relacionamento gradual com os sentimentos de Cristo, levados à profundidade máxima, assim como na disposição paulina de ser crucificado ou reconhecer-se como aquele em quem Cristo vive (Gl 2, 19-20). Em sua obra espiritual, que dilata a sua Antropologia para o campo da essência³⁷⁸, ela desenvolve a reflexão de que a dimensão mais profunda do ser humano ou sua realidade total só é verdadeiramente iluminada em seu relacionamento com Cristo. Somente n'Ele o ser humano realiza a jornada que o conduzirá para Deus e à perfeição humana.

Ele é a Verdade que ela encontrou quando o Deus de sua tradição hebraica, YHWH, não foi suficiente para a sua compreensão e adesão de fé. Vimos que, de acordo com a fé judaica, YHWH não tem imagem visível, não pode ser pintado nem esculpido. Ele tem voz e força mediante a Sua Palavra que cria o universo e salva o Seu povo. A princípio, Stein O encontra na família, nas orações e zelo de sua mãe; depois, Ele vai se revelando mais intensamente em sua realidade natural e racional. A força motriz de um povo, o Mistério Inefável, Inatingível e Infinito, vai se desdobrando e descendo à concretude de sua existência, manifestado pelo testemunho de muitos que O experienciaram em suas vidas.

Edith Stein, Santa Teresa Benedita da Cruz, encontra-O, aproxima-se d'Ele e O acolhe mediante a revelação sobrenatural d'Aquele a quem o próprio Deus escolheu para dizer sobre Si mesmo: *YESHUA*. Ele é a face do Ser em que o seu ser recebe toda graça.

Agora podemos captar a Palavra de Deus feita carne no profeta da Galileia chamado Jesus. De fato, Ele veio ao mundo e o mundo não o reconheceu; nem sequer os seus o receberam. Mas em Jesus Cristo nos está sendo oferecida a graça e a verdade. Ninguém pode nos falar como Ele. Deus assumiu carne em Jesus. Em suas palavras, em seus gestos e em sua vida inteira estamos nos encontrando com Deus. Deus é assim como diz Jesus; olha as pessoas como

³⁷⁸ Nos escritos de Edith Stein sobre espiritualidade humana encontraremos o elemento crucial da compreensão da personalidade ou da pessoalidade, do caráter individual de cada pessoa ou, simplesmente, a individualidade. Por essa razão, em sua obra maior, ela retoma a definição dada por Boécio, introduzindo nela uma pequena mudança; se Boécio definia pessoa como a “substância individual de natureza racional”, Edith a definirá como a “essência individual de natureza racional” (*Einzelwesen von vernünftiger Natur*). Cf. STEIN, E. Obras Completas: *Escritos filosóficos*. Etapa do pensamiento cristiano. Vol. III Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2007. p. 706.

Jesus as olha, acolhe, defende, ama, perdoa como Jesus o faz.(...) Jesus é Deus falando-nos a partir da vida frágil e vulnerável deste ser humano.³⁷⁹

Desse modo, encontrar Deus e optar pelo Seu Projeto é tomar como fundamento o Verbo Divino encarnado, *YESHUA*, revelação visível do *Logos*.³⁸⁰ Em Stein, o discurso e o caminho mais eficazes para se conhecer YHWH é simplesmente o vivido e o contemplado. Disso resulta o calar, o silêncio de quem se coloca diante do Eterno Indizível, mas que se sente tocado, em sua natureza finita por Ele. De fato, a Teologia em Stein se alarga na compreensão daquilo que Ele representará em seu existir. Todo o Seu mistério ilumina a sua vida para a plenitude. Ele tem uma incidência direta no progresso do campo vivencial experiencial de transformação na fenomenológica.

Muito da Teologia presente na obra e pensamento steiniano em relação a *YESHUA*, o Cristo, é reflexo da literatura paulina.³⁸¹ Para Edith Stein, o apóstolo São Paulo é uma fonte inesgotável que a ajuda a aprofundar e dar respostas à sua Antropologia. Em Paulo, o dado da corporeidade é considerado e transcendido para além do conceito referente a uma parte do ser humano (*basar*) contraposta ao espírito (*nefesh*). A salvação não diz respeito apenas à alma ou à interioridade, mas também ao corpo³⁸², como o sinônimo do *eu* e eixo de salvação no Corpo Místico do qual Cristo é a cabeça.

Ele veio para ser conosco um Corpo Místico: Ele como a nossa cabeça e nós como seus membros. Ponhamos nossas mãos nas mãos do menino divino, digamos nosso sim ao seu segue-me, então seremos seus e o caminho estará livre para que a Sua vida divina seja partilhada conosco. Este é o princípio da vida eterna em nós. (...) E se Deus é Amor e vive em cada um de nós, não pode ser de outra maneira a não ser que nos amemos uns aos outros. Por isso, é o próximo a medida de nosso amor.³⁸³

Deus, mediante a sua materialidade, cria condições de possibilidade para glorificação dos corpos pela abundância do amor. Em *YESHUA* se vislumbra a nossa

³⁷⁹ PAGOLA, J. Antônio. Jesus, aproximação histórica. Petrópolis: Ed. Vozes, 2011, p. 556.

³⁸⁰ STEIN, E. Obras Completas: *Escritos filosóficos*. Etapa do pensamento cristão. Vol. III Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2007. p.728.

³⁸¹ No início do ano 58, Paulo de Tarso escreve da Grécia uma carta à comunidade cristã de Roma. Também ele vê Jesus como o Homem no qual se manifestou o verdadeiramente humano. Cf. PAGOLA, J. Antônio. Jesus, aproximação histórica. Petrópolis: Ed. Vozes, 2011, p.550.

³⁸² Jesus não é Deus com aparência humana, mas, Deus feito homem. Ele é o Verbo feito carne, cuja antropologia paulina esclarece o sentido da carne para com o espírito, o que difere das concepções dualistas dos primeiros séculos. A Sua encarnação revela a aceitação de viver radicalmente a condição de ser homem diante de Deus. Cf. CORREIA JUNIOR, João Luiz. *A espiritualidade de Jesus*. São Paulo: Paulinas, 2016. p. 26.

³⁸³ STEIN, E. Obras Completas: *Escritos antropológicos y pedagógicos*. Vol. IV Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2003. p.236ss.

condição criatural de vida aberta à comunhão no espírito. Ele é amor (1Jo 4, 16), e o amor precisa de corporeidade para se revelar e experienciar. É no Corpo de Cristo que se encerram todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento (Col 2, 3). E, se o amor de Cristo pulsa no ser humano, então faz sentido ao ser viver como Ele viveu. De fato, a aproximação de Deus em sua filosofia espiritual se intensifica na *Kénosis* encarnatória. Daí a sua devoção à Eucaristia. O Corpo de Cristo é Corpo de Deus mesmo. Corpo entregue cujo sangue é doado até a morte, do Filho que toma e não teme o caminho do cessar humano.

O sacrifício eucarístico acentua em nossa alma o mistério central de nossa fé que é o eixo da história universal: o Mistério da Encarnação e de nossa salvação. Quem poderá participar do sacrifício eucarístico com um espírito e coração abertos, sem ser invadido pelo sentido profundo desse sacrifício e sem se sentir penetrado pelas ânsias de que do mesmo e pela pequenez de sua pessoa integrados à grandeza da obra do Redentor?³⁸⁴

O Deus que Santa Teresa Benedita da Cruz acolheu e a quem se entregou é um Deus compreendido desde a Sua humanidade. Consequentemente é um Deus dotado de história e de corpo. Logo, a Sua realidade Humana é imprescindível no caminho místico. Para ela, são elementos que colaboram e fundamentam a totalidade de sua abordagem sobre a estrutura humana. Afinal, o amor natural quer apoderar-se da pessoa amada para possuí-la, na medida do possível, inteiramente.³⁸⁵

Um Deus que lhe é apresentado por *YESHUA* sem epítetos³⁸⁶, do Filho que o chama *Abba* (Mc 14, 36) como que numa amorosa intimidade.³⁸⁷ Trata-se da primazia do Cristo na vida de Edith Stein, cuja realidade humana não desaparece no horizonte da experiência mística. Tal experiência pode também ter se intensificado, porque Edith Stein estava mergulhada em um contexto do século XIX. Nesse século, na Igreja Católica, havia todo um movimento de retorno a Jesus, da imitação possível, sendo que Ele não é somente Deus, mas homem: *Laudate Hominem*. Diante do mistério contemplado pela Teologia, que está *sempre além*, e a linguagem, *aquém* do que pode ser descrito, a fenomenóloga

³⁸⁴ STEIN, E. Obras Completas: *Escritos espirituales*. Vol. V Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/ Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2004. p. 489.

³⁸⁵ Idem, p. 485.

³⁸⁶ Palavras que qualificam ou dão atributos a Deus, por exemplo: Altíssimo, Senhor, Onipotente, conforme costume no Judaísmo.

³⁸⁷ Vocábulo que significa na língua semítica: papaizinho. É visto que Jesus em muitos textos bíblicos menciona Deus como Pai (Mt 6, 9ss; Jo 5, 18; 10, 30; Jo 14, 6). Trata-se de uma possibilidade de se estabelecer com Deus uma relação de amor filial.

contempla a apreensão do objeto conhecido. Há uma relação com ele, e é isso que surpreende e encanta Edith Stein.

É isso que a impulsiona em suas investigações onto-antropológicas. Ela quer entender, conhecer esse *aquém* que busca relação com o humano. Ela reconhece que, para compreender Deus, há de se conhecer o Filho; daí a sua imersão em autoridades da Teologia na tradição cristã, a qual ela irá investigar, desde o discurso natural de Deus, ao Deus Trino e a Paixão de Seu Filho na cruz. Em suas investigações e meditações, a filósofa monja demonstra que somente por meio da cruz encontramos o privilégio de poder predicar algo sobre Deus.

Para a teóloga Virginia Azcuy, Teresa Benedita da Cruz se revela uma mulher intelectual madura que carrega em si uma concentração soteriológica que evidencia a importância de uma *theologia crucis*. Ela assim escreve:

Quando falamos da *ciência da cruz*, ela não deve ser entendida no sentido usual da ciência: não é uma teoria simples, isto é, não é mera conexão de afirmações verdadeiras — reais ou da razão. Não é uma construção idealmente desenvolvida de passos lógicos de pensamento. Ela é a verdade reconhecida — uma teologia da cruz. Mas é uma verdade viva, real e eficaz: ela afunda na alma como uma semente, enraíza e cresce, dá à alma um selo especial e a determina em seu fazer e deixar, de tal maneira que ela possa irradiar e ser reconhecida por este fazer e deixar. Nesse sentido se fala de uma ciência dos santos e nós falamos da ciência da cruz.³⁸⁸

A cruz é o trânsito adentro na experiência espiritual steiniana, e o seu saber salvífico, a realização que a fenomenóloga consente e abraça, o caminho que Santa Teresa Benedita da Cruz realiza desvelado desde a interioridade da pessoa humana e que decide viver mediante a fé da paixão redentora, enxertada no Cristo. Nela, visualizamos uma exata correspondência com o mistério da encarnação, uma inversão bíblica que acontece: do ser sondado por Deus, no Judaísmo e do primado cristão, da transfiguração do esforço ativo e passivo.

Em sua opção pela Vida Consagrada, a filósofa não quer mais permanecer numa passiva aceitação do que seja a revelação pela estrita imanência ou formas limitativas de transcendência. Ela anseia viver a união do ser com Deus em uma transfigurada inteligência que abraça a fé no Deus Homem: *YESHUA*.

O dia da renovação dos votos tem de ser, sempre, o dia de um sério exame pessoal. Temos sido coerentes com o que uma vez professamos com fervor? Temos vivido como convém a uma esposa do crucificado, do cordeiro

³⁸⁸ AZCUY, Virginia Raquel. *Una teología epifánica, eficaz y discreta*. Diálogo entre Edith Stein y la teología contemporánea. *Teresianum*, Buenos Aires, n. 50, p.61-85, jan/fev.1999, p. 71.

imolado? (...) Nosso desejo de paz nasce de um coração, totalmente purificado? Temos rezado, verdadeiramente, em Nome de Jesus, não só com o Nome de Jesus na boca, senão no espírito e no sentir?³⁸⁹

Ela quer, no cruzamento do Eterno e do tempo, experimentar o *Kairós* da existência crística em si e colaborar para com a humanidade criada. Em um movimento, desde dentro, a fenomenóloga faz o voto de perfeição no seguimento que assume. Ela anseia transfigurar-se na intimidade divina, consumir-se a si mesma em um compromisso de obediência que traduzirá o seu caminho espiritual no realismo de uma fé participada. Em São Paulo, que apresenta uma Teologia da cruz, a filósofa se identifica e aprofunda: “*Espero e aguardo não intimidar com coisa alguma; ao contrário, com minha valentia, agora como sempre, Cristo será engrandecido com minha vida corporal ou com minha morte*”. (Fl 1, 20).

Edith Stein, Tereza Benedita da Cruz, entra na esteira de todos e todas que deixaram tudo, tomaram a cruz e seguiram o Cristo (Mt 16, 24; Mc 8, 34; Lc 9, 23). Nela nos deparamos com uma ciência da cruz repleta de simbologia e poesia, reflexo dos pais espirituais que admira. Mas, essa ciência se desdobra e resulta numa dinâmica de identificação sponsal e seguimento, porque a sua força desafia, enlaça e está para todas as frentes e lugares do padecer humano.

Para os místicos pais fundadores, o centro nuclear da experiência mística é *YESHUA*, que Se desvela em cada um destes, de modo diferenciado, mas com o mesmo sentido. Em Santa Teresa D’Ávila, é o amado, Cristo Ressuscitado; para São João da Cruz, o Verbo; para Edith Stein, o Messias crucificado. Assim, para a fenomenóloga, não há caminho de espiritualidade que anseie por uma mística encarnada que não passe pelo Caminho de *YESHUA*, no qual o peregrinar terreno culmina na cruz. Ela experiencia um Cristo humano, próximo, sofredor, mas também de esperança que apazigua a imagem do Deus de sua infância, impessoal e abstrato, configurado aos atributos clássicos da Divindade.

O Deus Humano *YESHUA*, o Cristo, modelo e origem de todo ser humano, como ser dotado de espiritualidade, silencia Edith Stein em todas as suas indagações. Daí por diante, a sua vida será conduzida pelas duas realidades que, unidas, irão nutrir seu pensamento e suas decisões: a realidade antropocêntrica e a cristocêntrica. Será a partir do diálogo entre o Deus Humano em Cristo que os demais temas de suas investigações

³⁸⁹ STEIN, E. Obras Completas: *Escritos espirituales*. Vol. V Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/ Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2004. p. 653.

vão se desenvolver. Por isso, Ele é o único caminho³⁹⁰ para uma mística encarnada que irá se desenvolver na práxis humana da vida em oração, na Eucaristia e no abandono nas mãos de Deus.

YESHUA é o rosto da Verdade para Santa Teresa Benedita da Cruz. Um rosto que se compadece, que sente junto com os que sofrem. Um rosto que ainda toca a experiência concreta de todo humano em um intercâmbio salvífico. É o rosto da Presença definitiva que veio ficar junto de nós — Emanuel. O mistério da encarnação é visto e sentido pela filósofa espiritual como a inserção da humanidade numa realidade ímpar em que é possível contemplar a ação de Deus na pessoa humana. É a encarnação que gera a graça da pertença ao Corpo Místico de Cristo e a potencialidade de nos tornarmos plenamente humanos realizando em nosso ser a fusão da existência e da essência nesse encontro, que é também comunhão. A natureza divina plenifica a nossa humanidade, um mistério da iniciativa de Deus que conta com a colaboração humana.

Disso resulta que o nosso modo de viver e agir modifica-se em Cristo. Somos pessoas inseridas no caminho, e isso significa conversão e comunhão, exige vontade e radical adesão ao Projeto de *YESHUA*. Edith Stein, após o seu encontro com Cristo, quis percorrer o Caminho da Vida e da Verdade. Depois da experiência do encontro, somente havia motivação e impulso do coração para modelar-se a Ele, pois quem se relaciona se identifica e é provocado, levado a se assemelhar cada vez mais. Em Stein, o interior e o exterior se permutaram de forma iluminativa e imediata com o Cristo. Ela, então, completou *em* e *com* o Cristo todo o seu processo de individuação, como a passagem de uma essência que se atualiza no contínuo ato existencial da vida no mundo.

Trata-se da culminância dos quatro mistérios que polarizaram a sua vida, do Verbo Criador, arquétipo do humano, de Seu mistério Pascal, Encarnação e Presença. A Presença de Cristo seria, para Santa Benedita da Cruz, no decorrer de toda a sua jornada existencial, uma verdade teológica fundamental. Essa Presença, a filósofa espiritual, monja carmelita iria experienciar e escrever em seus dois modos objetivos de A encontrar visivelmente: na Eucaristia e na Igreja. Desse modo, ela sublinha o caráter encarnacional da realização de acesso ao Reino, na conscientização da lição da porta estreita em Mateus

³⁹⁰ Uma curiosidade em relação ao termo: “Caminho” foi aplicado ao movimento de Jesus na Igreja Primitiva (At 9,2; 24, 14-15). Ele, Caminho, Verdade e Vida (Jo 14,6). Adesão ao contexto do Êxodo onde o Senhor indicava o caminho mediante símbolos e, ou guias, *YESHUA* não é guia, mas Ele em si é o caminho verdadeiro.

(Mt 7,14). O caminho que ela assume trilhar é o Caminho da Verdade, cujo sofrimento é a conformação com o Cristo.

Isso foi vivenciado em sua própria experiência pessoal, tornando-se um exemplo de ser que transcende a verdade do ser e do sentido cujo simbolismo que a enlaça é a cruz. Edith Stein, Santa Teresa Benedita da Cruz, realizou o seu estágio místico na entrega expiatória em que se transfigurou, a partir da comunhão que vivenciara em suas moradas interiores. Nessas, ela fora capturada pela experiência de um Deus marcado, não por atributos clássicos do divino ou pela Lei, mas pela experiência do sofrimento resultante de um amor empático e responsável. Esse amor somente poderia ser elucidado mediante a Revelação da cruz.

A cruz que abraçou foi sinal causal de toda uma dinâmica que a filósofa sofreu da conjugação de fases de purificação da fé, como no dilatar de sua inteligência fenomenológica, que a conduziu ao Cristo, Caminho absoluto. Ela viveu, em si, graus do aprofundamento místico e chegou ao ápice dessa experiência no acontecimento crístico que persegue e se deixa martirizar; um ato de amor livre, dom de si que se constitui no maior ato de liberdade. Para tanto, é preciso acolher o Cristo em Sua vulnerabilidade salvífica, que acompanha as nossas cruzes cotidianas as quais somos chamados a acolher.

Para Santa Teresa Benedita da Cruz, *YESHUA* é o único caminho para uma mística encarnada; a Sua cruz, nas cruces de nosso dia a dia, é experiência de cristificação. N'Ele, somos todos chamados para uma associação ao mistério da Redenção porque essa é a revelação última, testemunhal, de tudo o que dá sentido à missão apostólica na vida daquele, daquela que crê. Ele é o caminho para Deus, cujo ponto de partida é o ser humano. O seguimento steiniano de *YESHUA* remete para o Cristo que caminha junto conosco e que afirma, em Si, a Via Única de uma mística encarnada, comprometida, solidária, de esperança e de paz: a Cruz.

Disso resulta que a cruz é essencial na missão da vida cristã. Para a filósofa espiritual, contemplar o Cristo crucificado em Seu extremo abandono foi o fator decisivo no assumir das exigências que estão, vitalmente, presentes em Seu seguimento. Assim, seguir *YESHUA* é trilhar um caminho para um fim, não para o fim. É o caminho do Amor de Cristo que nos incita a penetrar na noite mais profunda, a fim de experienciar nela a celebração da luz incandescente da graça que nos anima e sustenta.

5.2 De pé, diante das cruzes do nosso existir

A cruz é a experiência que traz, em si, o máximo conteúdo e o sentido último da vocação de Santa Teresa Benedita da Cruz. Ela é, para a nossa autora, a fonte inesgotável de vida e esperança. Desse modo, não há acesso ao significado transcendente do Cristo, senão passando pelo humano em *YESHUA*; e isso acontecerá mediante um avançar em sua vida de fé e na humanidade de sua Igreja. De fato, Santa Teresa Benedita da Cruz compreende que todo cristão está constituído na antiga e sempre nova tarefa de viver o Cristo em seu contexto e especificidade. Ela sabe que não há outra via para o homem velho, para chegar à união que anseia a não ser pela cruz.³⁹¹

Santa Teresa Benedita da Cruz conhece, finalmente, o Deus invisível (Col 1, 15), e, logo, uma relação com o Perfeito Humano acontece. Ele, segundo a Tradição cristã restituiu à imagem deformada pela queda dos filhos de Adão à semelhança Divina e seduziu a fenomenóloga, antes agnóstica. Ele a inspirou a amar e desejar servir o coração humano, a humanidade. Ela compreendeu que se trata de um mistério, bem mais do que um sacrifício centralizado em pecado e culpa, perdão e penitência. N'Ele compreende-se o sentido último da resignação ante o sofrimento e a injustiça; isso não significa silêncio alienante ou vitimismo sacrificial, mas resiliente coerência diante da opção que se assume com autenticidade e comprometimento.

É o sacrifício resultante da tomada de consciência da natureza habitada por um Deus Amor que Ama e Se preocupa com os Seus. *YESHUA* é Aquele que oferece Sua própria vida em favor da salvação da humanidade.

A força do testemunho que anuncia está na cruz, na morte de Cristo na cruz e n'Ele mesmo crucificado. Cristo é força e sabedoria de Deus, não só como enviado de Deus, Filho de Deus e Deus mesmo, senão como crucificado. A morte na cruz é o meio de redenção revelada pela sabedoria insondável de Deus. E para mostrar a força e a sabedoria do homem são incapazes de realizar a redenção.³⁹²

N'Ele se dilata a compreensão da Antropologia Teológica steiniana: Cristo é a cabeça da humanidade redimida, e a vida da graça se derrama sobre todos os redimidos;

³⁹¹ STEIN, E. Obras Completas: *Escritos espirituales*. Vol. V Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/ Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2004. p. 394.

³⁹² Idem, p. 215.

toda a humanidade é humanidade junto d'Ele.³⁹³ Tornar-se cristão é tornar-se um intérprete do Cristo, assim como Jesus foi intérprete do Pai. A filósofa espiritual compreende a Igreja e a sua Tradição como um acervo riquíssimo de interpretação desse Mistério. Se almejamos saber sobre *YESHUA*, o Cristo, é preciso estabelecer uma circularidade hermenêutica entre a fé no Cristo, que se abandona no propósito que visa à justiça e à misericórdia, e o Cristo que padece por nós na cruz onde se permite ser pregado, por radical fidelidade, até as últimas consequências, à vontade do Pai.

Ao se aliar a esse propósito, ela identifica o seu padecer ao do seu povo (Jo 11, 50), e a cruz se torna consequência direta dessa pretensão. De fato, *estreita é a porta e apertado o caminho que levam à vida, e poucos são os que a encontram* (Mt 7, 14). Seguir Cristo é negar-se a si mesmo para buscar a si mesmo em Deus. Buscar Deus em si é inclinar-se e acolher Cristo, é morrer para tudo que é vontade temporal, natural e espiritual. Na cruz, há suavidade e alívio; o próprio *YESHUA* disse ser o Seu jugo fácil de carregar, e o seu fardo, leve (Mt 11,30). Quem quiser tomar parte em seu plano salvífico deve, assim como Ele, caminhar resignado para a morte e morte de cruz. Crucificar junto d'Ele a nossa própria natureza finita e transcender, desde a imanente jornada ingênua e finita, numa relação contínua e verdadeira com o Eterno; um desafio que deve instigar o propósito do seguimento de todo cristão batizado.

A cruz apresenta dimensões diferentes na vida. Ela não é um momento da vida, mas demanda uma continuidade em unidade com tudo que diz respeito ao viver humano, ou seja, a sua realidade, momento histórico, limitações e perdas. Para tanto, é preciso que se assuma tudo numa perspectiva de fé. A fé é uma via segura, mas também obscura, porque nela experienciamos a noite das experiências com o Eterno que, aparentemente, está oculto para nós na terra. Não há vida sem obstáculos, exigências e cruces. Para a travessia da noite em nossa condição finita e, para que seja possível saborear o Eterno, há de se confrontar e lutar contra a própria natureza, tomar a própria cruz e entregar-se à crucifixão cotidiana.

A cruz é o símbolo de tudo o que é mais difícil e pesado, e que é tão oposta à natureza do homem que, quando tomamos esta carga sobre nós, temos a sensação de caminhar para a morte. E esta é a carga que tem de levá-la consigo, diariamente, o discípulo de Jesus.³⁹⁴

³⁹³ STEIN, E. Obras Completas: *Escritos filosóficos*. Etapa do pensamiento cristiano. Vol. III Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2007. p. 1108.

³⁹⁴ STEIN, E. Obras Completas: *Escritos espirituales*. Vol. V. Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/ Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2004. p. 212.

Esse “peso”, progressivamente, contribuirá no desprendimento de si mesmo para dar lugar ao Cristo. Somente assim será possível experienciar o bálsamo da paz e da alegria que Deus nos provoca, mesmo quando em nossos padecimentos terrenos. Ele é a força que nos sustenta em cada passo. Ele está conosco no dinamismo de quem avança, retrocede, treme e espera. É preciso, iluminados pela fé que se professa, olhar de frente para o mistério e, assim, passar, progressivamente, a níveis mais elevados de compreensão do seu sentido e da celebração dessa adesão.

O que aqui se exige não é simplesmente um pouco de recolhimento e uma certa melhora neste ou noutro aspecto; uma pequena prolongação da oração ou um pouco de mortificação tendo nisso o gosto pelas consolações e sentimentos espirituais. Os que com Ele querem se conformar ‘fogem disso como da morte’, (...) renunciar por amor de Cristo, beber do cálice do Senhor (Mt 20, 21) significa morrer para a natureza tanto sensitiva quanto espiritual. Somente assim pode acender pelo caminho estreito.³⁹⁵

Na jornada pascal de nossa singularidade, não há melhor ponte do que a cruz para a outra margem, lugar onde a esperança brilha bem mais do que o sol e aquece o nosso ser infinitamente. Logo, a fenomenóloga assumiu a cruz que condizia a sua vocação específica; ela compreendeu o peso de sentido da cruz que o Cristo carregou e foi elevado em vista da corrupção da natureza humana e de todas as suas consequências, que acarretaram uma humanidade abatida. Aconteceu, em Stein, uma imersão na originalidade teológica da morte do Cristo via uma ciência da cruz, a qual investigou e aprofundou, a partir dos pais espirituais carmelitas. Uma ciência que atravessou o seu transfundo humano e que a conduziu a uma entrega radical resultante do seguimento desse Cristo: “*ali me deu seu peito, ali me ensinou ciência muito saborosa e eu lhe dei de fato, a mim mesma, sem deixar coisas, ali lhe prometi ser sua esposa*”.³⁹⁶

Uma compreensão e uma experiência que somente são atingidas por aqueles e aquelas que acreditam no Caminho e no movimento de *YESHUA*, o Cristo, em si e na relação com os demais no mundo. Somente aspira à cruz quem tem abertos os olhos do espírito ao sentido sobrenatural dos acontecimentos do mundo. Disso resulta uma mística imanente e transcendente que se desvela nas entrelinhas da obra steiniana, uma mística

³⁹⁵ STEIN, E. Obras Completas: *Escritos espirituales*. Vol. V. Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/ Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2004. p. 254.

³⁹⁶ A autora analisa a totalidade dos poemas do místico São João da Cruz no cárcere que foi sujeitado e descreve a profundidade das mudanças da alma que experiência o Eterno. Cf. STEIN, E. Obras Completas: *Escritos espirituales*. Vol. V. Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/ Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2004. p. 401.

realista, atenta, comprometida, da razão iluminada que abarca toda consciência e a lança rumo a um relacionar-se empático com tudo e todos.

A visão do mundo em que vivemos, a necessidade, a miséria e o abismo da maldade humana servem para atenuar sempre de novo a vitória da luz. A humanidade luta, todavia, na lama e pequeno é o rebanho que conseguiu pôr-se a salvo nos mais altos cumes dos montes. A luta entre o Cristo e o anticristo não tem diminuído. Nessa batalha, os seguidores de Cristo tem seu posto e a sua arma principal é a cruz.³⁹⁷

Um Amor que implica sofrimento, risco, doação, mas também gozo e salvação. A *via crucis* é essa reparação, e todos aqueles que em seu tempo aceitam esse duro destino em memória do Salvador e assumem livremente a expiação estão colaborando na cruz que Ele carregou. A força dos portadores da cruz chega como sustento antes, durante e após a queda; os amantes da cruz que Ele suscita na história da Igreja são considerados os seus aliados, na expiação voluntária e consciente de todo humano que transcende em sua condição natural e abre os olhos do espírito para o sobrenatural nos acontecimentos do mundo.

Em Cristo, somos membros de Seu corpo místico; n'Ele, encontramos vida, força, sentido e verdadeira direção. A interioridade cristã não é nunca pura interioridade; quanto mais profunda, mais supõe um movimento intencional que conduz o ser para além de si mesmo, em direção à fonte que não cessa de fluir e de preencher os vazios. Essa é a experiência de participação na realidade do Cristo. Ele é a nossa felicidade na terra e a resposta ao amor à cruz, caminho da gozosa filiação divina, que não representa contradição, mas nos proporciona uma alegria intensa e pura dos autênticos filhos e filhas, construtores do Reino.

Sofrer e ser felizes no sofrimento, estar na terra, passar pelos ásperos caminhos desta terra e, contudo, reinar com Cristo à direita do Pai, com os filhos deste mundo, rir e chorar e com o coro dos anjos cantar, ininterruptamente, as bem-aventuranças do Senhor: esta é a vida dos cristãos até o dia em que rompa o amanhecer da eternidade.³⁹⁸

Portanto, no sofrimento humano, em nossos padeceres terrenos, quando unidos à cabeça divina, recebemos d'Ele a força expiatória suficiente para seguirmos em frente e superarmos os gólgotas cotidianos da humanidade. Santa Teresa Benedita da Cruz tinha os olhos do espírito bem abertos para o que teria de enfrentar. Não recuou diante de seu

³⁹⁷ STEIN, E. Obras Completas: *Escritos espirituales*. Vol. V. Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/ Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2004. p. 623.

³⁹⁸ Idem, p. 625.

desígnio. Ela deixa o seu testemunho para quem a dor esmaga, para os que sofrem e correm risco de cair no desespero. Ela provoca para que ergam os olhos para o mistério de amor de Deus — crucificado, em vista da salvação do mundo. Esse Deus que não nos abandona, mas caminha junto, aparentemente, em silêncio, porque padece junto conosco, intensamente, de nosso padecer. Nela, a experiência de uma via mística acontece no chão da humanidade e de seus dilemas. Trata-se de uma mística encarnada.

É no caminho da cruz que acontece a reparação, e YESHUA sabe para que veio: *Eu vim para servir e dar a vida para a redenção de muitos* (Mt 20, 28). Santa Teresa Benedita da Cruz convida seus leitores para que contemplem o Cristo na cruz, a partir da visão do mundo em que se vive, das necessidades, miséria e abismo da maldade humana. A luta de Cristo e do anticristo não terminou, e devido a isso Ele conta com seguidores, continuadores do Caminho, dotados da principal arma que poderá vencer o mal: a cruz.³⁹⁹ O ânimo de Deus no fluir da história se revitaliza naqueles que junto d'Ele carregam a cruz certos de que não termina nela o peregrinar.

Para a filósofa espiritual, monja mística em marcha ao martírio, ajudar Cristo a levar a cruz em sua cruz pessoal proporciona uma alegria forte e pura para os colaboradores do Reino. Somente os filhos e filhas da graça podem ser portadores da cruz de Cristo. Nela, o sofrimento humano recebe força expiatória⁴⁰⁰, consolo e esperança. Por isso, o poder da cruz pode estar em todas as frentes, em todos os lugares de aflição, porque em todas as partes sinalizará o amor misericordioso do coração divino, que, sobre toda humanidade, derrama Seu preciosíssimo sangue, que alivia, santifica e salva.⁴⁰¹

Na unidade de seu ser, a filósofa entrou na esteira do realismo exemplar dos santos via graça da compreensão e sensibilidade ao sofrimento. Ela se abandonou no Cristo, e, pela Sua força, enfrentou o tempo das densas trevas causadas nos alvares da Segunda Guerra Mundial e do Terceiro Reich. Essa mulher, sedenta da verdade, educadora cristã que realizou inúmeras conferências sobre a importância da educação, experimentaria em sua vida uma iniciação da pedagogia espiritual junto ao Homem das

³⁹⁹ STEIN, E. Obras Completas: *Escritos espirituales*. Vol. V Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/ Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2004. p. 623.

⁴⁰⁰ Edith, em meio aos conflitos de seu tempo, na devoção de uma vida escondida em Cristo, escreve ser importante que se reze para que não seja necessário sofrer experiências de dor e sofrimento, contudo, se elas vierem, que não se faça a nossa vontade, mas a do Senhor (Mt 26,39). Cf. STEIN, E. Obras Completas: *Escritos espirituales*. Vol. V Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/ Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2004. p. 661.

⁴⁰¹ STEIN, E. Obras Completas: *Escritos espirituales*. Vol. V Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/ Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2004. p. 634.

dores. Por isso, não deixa de citar em sua obra o fundamento já expresso por São Paulo: *pois Cristo não me enviou para batizar, mas para anunciar o Evangelho e sem recorrer à sabedoria do discurso para não reduzir a nada a cruz de Cristo* (1Cor 1, 17).

Em Edith Stein, acompanhamos a via da assunção de sua individuação, do acolhimento da sua cruz pessoal, a qual, a partir de sua biografia, pode ser descrito em três níveis oportunos para o nosso refletir: primeiro, na aceitação da fé e na sua decisão consciente de entrada para o Carmelo; segundo, no clima da Segunda Guerra e na perseguição aos judeus, quando a filósofa, agora monja, recusou-se a fugir para uma missão na América do Sul para não abandonar o destino de seu povo; e o terceiro, na tragédia do destino desse mesmo povo, a quem ela ofereceu a sua oração e sua vida. Ela, que sentiu sobre si, os olhos do crucificado e entregou a sua existência aos Seus cuidados.

O sofrer e o abraçar a cruz, em Edith Stein, são condição inextirpável e fecunda da vida quando compreendidos e acolhidos na primeira pessoa. É preciso, mesmo que na contramão de nossa cultura, conjugá-los com o sentido da existência. Disso resulta que, certa da vocação que abraçava, Stein demonstrou estar disposta a seguir o destino de seus irmãos e irmãs subjugados pelo Nazismo. Seguir o Salvador significava deixar cravar-se com Ele na cruz com os pregos dos três votos que a religiosa realizara e pelos quais se unira, intimamente, a Ele. A perfeição do ser, em todo caminho, passa pela cruz, e a predicação da cruz é vã se não for expressão de uma vida em união com o crucificado.

Quando do Carmelo é arrancada pelas forças do Terceiro Reich e enviada para o campo de concentração junto de Rosa, sua irmã, convicta, conforta e fortalece a irmã dizendo: *Vem, vamos sacrificar-nos pelo nosso povo.*⁴⁰² O Holocausto não silenciou o seu testemunho, antes fez brilhar a intensidade de sua força e esperança para os nossos dias. A sua vida se soma à vida de muitos outros testemunhos, vítimas do regime cruel nazista. Foram homens e mulheres⁴⁰³ que descobriram o sentido do sofrimento, da cruz, como exigência humana fundamental da vida em si. Pessoas impulsionadas pelo mistério inefável da vida que descobriram e deixaram, em seus escritos, o quanto o significado da

⁴⁰² HERBSTTRITH. *Edith Stein: vita e testimonianze*. 5.ed. Roma: Città Nuova. 2000. p. 285.

⁴⁰³ A contemporaneidade tem mencionado como fonte inspiracional de resiliência e de profunda espiritualidade frente ao sofrimento e a morte mulheres atravessadas pelas questões que a vida coloca e que perderam a sua vida nos campos de concentração, assim como Edith Stein, algumas delas, são mencionadas em nossos dias quando tratamos do extermínio do feminino profético, dentre muitas que silenciaram no anonimato, hoje são citadas: Etty Hyllesum (1914-1943), Olga Benário (1908-1942), Anne Frank (1929-1945).

vida pode se revelar de modo abundante e profundo em circunstâncias limites da fragilidade humana.

Eles estão, mesmo que atravessados pela dor, firmes ao pé da cruz de Cristo, porque sabem que Ele, mediante o Seu próprio sofrimento salvífico, encontra-Se dentro de cada sofrer da humanidade que ama. Cristo, diante de nosso sofrer e perdas, não silencia e não nos responde de modo abstrato. Ele acolhe a nossa fragilidade e finitude, respondendo-nos através da Sua cruz. Trata-se do valor místico, sobrenatural, do sofrimento que Stein experiencia, desde a sua infância e juventude, quando ainda não totalmente desperta, mas que se expande ao longo de sua vida, velado no seu empenho pela verdade.

Santa Teresa Benedita da Cruz não fugiu ou se entorpeceu diante da cruz que a aguardava; antes, inspirada por essa, buscou meios de contribuir, fecundamente, mediante a aceitação de si mesma, de sua humanidade, dignidade e missão. Viver não é ter apenas êxito, sucesso para, supostamente, afirmarmos que temos sentido. É carregar, em si, o valor único e irrepetível que implica potencialidade frente ao sofrer e à cruz de cada dia. É o caminho de uma real e experienciável positividade em todas as circunstâncias e obstáculos com que a vida há de nos brindar. Em Santa Teresa Benedita da Cruz, encontramos uma Teologia da cruz que se desdobra numa Teologia feminina que se desnuda e se abandona no Amor. Diante da cruz, não há ciência alguma capaz de explicar o sentido da vida de modo tão humano, finito, contudo, eterno.

Não era preciso que o Cristo sofresse para entrar na Glória? Assim, se transforma tua dor em agradecimento por Ele '*consummatum est*' (Jo 19,30) e em silêncio segue na confiada esperança da manhã pascal que no terceiro dia ressuscitará (...). Eu tenho de levar a sua cruz e me empenhar para que toda alma receba a verdadeira paz pascal.⁴⁰⁴

A espiritualidade paulina (2Cor 4, 8 — 11,14) nutre o sentimento da Santa de que, enquanto vivermos, estaremos expostos ao sofrer; porém, se Cristo elevou o sofrimento humano ao nível de redenção, em tudo poderemos ser atribulados, mas jamais oprimidos, perplexos, mas não desesperados, perseguidos, mas não abandonados, abatidos, mas não perdidos. Porque, em toda a parte, levamos no corpo os sofrimentos de *YESHUA*, para que também a Sua vida em nós possa manifestar-se. Essa é a eloquência

⁴⁰⁴ STEIN, E. Obras Completas: *Escritos espirituales*. Vol. V Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/ Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2004. p. 862-863.

da cruz que se completa na eloquência da Ressurreição. Em seu caderno de notas pessoais, Stein escreveu:

Certamente, Cristo escolheu a morte na cruz, porque a cruz é o símbolo mais eloquente. Elevado na cruz o Salvador está muito visível e ao mesmo tempo olha a humanidade inteira, os braços estendidos chamam: venham a mim todos (Mt 11,28) ... A cabeça inclinada, obediente diante do Pai, o sangue que brota, nada tem maior amor (Jo 15, 13).⁴⁰⁵

Em Santa Teresa Benedita da Cruz, pulsava o chamado à retomada da profunda missão de todo cristão: correr o risco de crer que Deus segue junto conosco em meio aos males do mundo. Quanto mais alto é o grau de amor e de união com o Cristo, mais profunda e duradoura é a purificação. As alegrias se alternam com as dolorosas aflições; todavia, são as tempestades provadas e fortalecidas que conduzem as almas a amadurecer para a sabedoria.⁴⁰⁶ Para tanto, é preciso que acolhamos o tempo presente, com todas as sombras e adversidades, como propósito de extravasamos a fé que professamos; compartilhar a esperança que habita em nosso mais íntimo, afinal, é isso que nos move e nos sustenta.

É verdade que muitos são os que não conseguem avançar por esse caminho estreito e abrupto, real, libertador e salvífico. Poucos são os que chegam à meta. As almas não compreendem o progresso do Caminho; poucas encontram alguém que as conduza e, assim, a causa de Deus tropeça em muitos obstáculos.⁴⁰⁷ Os motivos são caracterizados como: perigos do mundo, do inimigo do mal e da própria natureza humana quando em falta de um guia que a possa conduzir no Caminho. Não há dúvidas para Santa Teresa Benedita da Cruz de que é preciso formar, cada vez mais, para a vida interior do humano.

Estar de pé diante da cruz do cotidiano é estar, desde a interioridade, em perfeita união com Deus na vida. É um mistério insondável, incompreensível em sua totalidade, mas que se desvela em um arco de circunstâncias que envolve todo o nosso existir e as relações. À vista disso, a cruz de cada dia é o ponto central e inspiração do caminhar cotidiano na espiritualidade cristã (2Tm 11-13). A cruz não simboliza morte, mas o único e eficaz Caminho, Verdade e Vida (Jo 14, 6) na jornada do humano em configuração com o Cristo.

⁴⁰⁵ O símbolo da cruz, Caderno de Notas pessoais (1935). Cf. STEIN, E. Obras Completas: *Escritos espirituales*. Vol. V Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/ Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2004. p. 837.

⁴⁰⁶ STEIN, E. Obras Completas: *Escritos espirituales*. Vol. V Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/ Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2004. p. 248.

⁴⁰⁷ Idem, p. 232.

Há de se permitir sempre uma atitude discipular, do ser aprendiz da Ciência da Cruz, escutar, atentamente, nas cenas cotidianas de nosso existir e do mundo, Cristo que nos interpela a termos coragem: *Começou a ensinar-lhes que era necessário que o Filho do homem padecesse muito, fosse rejeitado pelos sumos sacerdotes e pelos escribas, fosse morto, mas ressuscitasse depois de três dias. E falava-lhes abertamente dessas coisas* (Mc 8, 31-32). Somente assim, compreenderemos as palavras de Paulo: *A linguagem da Cruz é loucura para os que se perdem, mas, para os que se salvam, é uma força divina (...). Os judeus pedem milagres, os gregos reclamam a sabedoria; mas nós pregamos Cristo crucificado, escândalo para os judeus e loucura para os pagãos; mas para os eleitos — quer judeus, quer gregos —, é força de Deus e sabedoria de Deus* (1 Cor 1, 18.22-25).

Edith Stein conheceu o Messias que Seu povo espera ainda. Ele é *YESHUA*, plenamente humano e plenamente divino (Col 2, 9-10). Nela, aconteceu a fusão da vida mesma na vida espiritual e esse movimento conduziu a fenomenóloga a compreender melhor e viver intensamente a realidade e carregar a sua cruz no contexto dessa realidade. Ela deixava ressoar em seu coração e vida a inspiração dos poemas de sua mentora, Santa Teresa D'Ávila, e, junto dela, queria fazer da cruz um saboroso descanso na vida.

Oh, bandeira em cujo amparo o mais fraco será forte! Oh vida de nossa morte, que bem a ressuscitaste. (...) Vamos para o céu monjas do Carmelo. Abracemos bem a cruz e sigamos a Jesus, que é nosso caminho e luz, cheio de todo consolo!⁴⁰⁸

Nelas, a oração e a poesia se entrelaçam, a dor e a consolação inundam o ser que celebra e que faz de tudo isso gesto concreto. A cruz é o maior sinal do avanço da alma nas coisas de Deus. Uma experiência que não se limita ao que é turvo e desagradável na vida; quando assumida, com resignação ao pé da cruz cotidiana, retorna como alegria, paz, felicidade. A Teologia na experiência mística steiniana está em aberto como o mistério, trata da cruz como ponte única para uma experiência mística transformadora. Disso resulta, a capacidade de compreender e de estar de pé diante das nossas cruces de cada dia em um apostolado de redenção em que essa cruz nos liberta do pecado e nos conduz ao estado original de filhos e filhas de Deus. Uma jornada ascendente somente possível graças à certeza da fé na Vitória já realizada em Cristo.

⁴⁰⁸ TERESA DE JESUS, Santa. *Poemas de Santa Teresa de Jesus*. (Ed. Bilingue). Tradução de Pe. Agostinho dos Reis Leal. O.C.D. Lisboa: Alethêia Editores, 2015. p. 57.

5.3 Do amparo ao abandono

Sancho Fermín afirma que contemplar o Crucificado em Seu abandono extremo nos ajuda a compreender as profundas exigências que estão entranhadas no seguimento da cruz.⁴⁰⁹ A cruz, símbolo da fé, encerra em si o mistério da entrega de *YESHUA* à vontade do Pai/*Abba*. Esse abandono é sinal visível de unidade com Deus. Imbuída da espiritualidade carmelita, Santa Teresa Benedita da Cruz compreendeu, profundamente, o sentido do abandonar-se nas mãos de Deus. Uma atitude que somente é possível, quando o ser humano progride no processo de conhecimento de si mesmo, porque a tomada de consciência de si é base para um processo de confiança e entrega.

Ao retomarmos o processo das maturidades de Stein⁴¹⁰, aqui nos deparamos com a etapa final que nos enriquece com elementos testemunhais no silêncio da filósofa espiritual. Sempre desejosa de encontrar a verdade, ela encontrou-a no fenômeno religioso que se desvela mediante o testemunho de pessoas de fé. Stein constatou que a Verdade é uma Pessoa: *YESHUA*, o Cristo. Daí por diante, todo o movimento de investigações, busca existencial, aparentemente, perdem a importância. Santa Teresa Benedita da Cruz descobre o seu nada diante da fronteira limite do que se pode imaginar; o Absoluto da vida, o Eterno.

Meu ser, tal como eu o encontro e, tal como eu me encontro nele, é um ser vazio. Eu não existo por mim mesma e por mim mesma nada sou, me encontro a cada instante diante do nada e tenho de receber o dom de ser cada momento. Contudo, este ser vazio e nulo é ser e por isso toco a cada instante a plenitude do ser.⁴¹¹

Logo, ao constatar que a vida lhe é dada, continuamente, e de que algo que lhe escapa, contudo, lhe assegura a permanência, Santa Teresa Benedita da Cruz entende que o caminho a seguir é o de participação e colaboração nesse dinamismo da graça e da liberdade humana, do ser ou do não ser. Disso resulta a tomada de consciência da Presença de Deus em sua vida e a abertura progressiva que se dá mediante a fé e a relação com Ele. Uma relação que se intensifica na medida em que descobre e vivencia

⁴⁰⁹ SANCHO FERMÍN, Francisco Javier. *Una espiritualidad para hoy según Edith Stein*. Burgos: Monte Carmelo, 2005. p. 294.

⁴¹⁰ Cf. Capítulo 4 da presente tese.

⁴¹¹ STEIN, E. *Obras Completas: Escritos filosóficos*. Etapa do pensamiento cristiano. Vol. III Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2007. p. 664.

que Deus é Amor. Nisso, a sua alma não se contenta mais em servir a Deus, a não ser, ao máximo. Daí a medida do amor a Deus, que nunca impõe, sempre convida.

Aqui desponta uma das fortes características da via mística steiniana, da jornada da dignidade do humano que, ciente da Presença de Deus, é grato, segue-O e se abandona. Uma experiência de encontro com Deus, desde a interioridade da pessoa, mas que a lança para uma missão de acordo com a sua singularidade própria e para conduzir os demais até a plenitude: o testemunho. A mística de um amor total, acalentado pela certeza da Presença e do abandono, entregue por amor até o martírio. Edith Stein, consolada pelo amor, trilha um itinerário que, a partir de 1933, leva-a a alcançar o mais alto grau de identificação com *YESHUA*, o Cristo que amou e seguiu: o martírio por amor. Junto dela é possível rezarmos assim como Paulo:

Bendito seja Deus, pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, Pai compassivo e Deus de todo consolo, que nos consola em qualquer tribulação, para que nós, por força do consolo que recebemos de Deus, possamos consolar os que os que sofrem qualquer tribulação. Pois, como abundantes são os nossos sofrimentos, por Cristo, assim por Cristo é abundante o nosso consolo. Pois, se sofreremos tribulações, é para vosso consolo e salvação, se recebemos consolos, é para vosso consolo que vos dá forças para suportar o que nós passamos. Nossa esperança em relação a vós é firme, pois sabemos que da mesma forma que partilhais nossos sofrimentos, também partilhareis nosso consolo.⁴¹²

Em nossos dias, palavras como tribulação, sofrer, abandono, entrega, confiança e testemunho soam, demasiadamente, difíceis e desafiadoras para quem não compreende o Caminho da cruz. Logo, Santa Teresa Benedita da Cruz é também uma relevante mística para o nosso tempo; em suas peripécias humana, intelectual e espiritual ela nos faz retomar o caminho para a nossa interioridade, retornar ao Cristo como força vital para os que na história passam por situações limites. Ela convida a aceitar o momento histórico numa leitura e perspectiva da história da salvação.

Disso resultam respostas que não se compreendem de fora do mistério da fé. Somente assim é possível afirmar que seguimos seguros, pois confiamos estar nas mãos de Deus, mesmo que a história tente dizer o contrário.⁴¹³ Desse modo, Edith Stein, Santa Teresa Benedita da Cruz, é um luzeiro da esperança que brilha, mesmo nas noites mais escuras de nosso existir contemporâneo. Ela sinaliza, a partir de sua própria vida e obra,

⁴¹² 1Cor 3-7.

⁴¹³ STEIN, E. Obras Completas. *Escritos autobiográficos y cartas*. Vol. I Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2002. p. 67.

que não estamos sós; há uma Presença que segue conosco e, mesmo que não a sintamos, é por Ela que, muitas vezes, somos sustentados.

YESHUA vive, diariamente, em todos nós e nos oferece parte em tudo do que é Seu.⁴¹⁴ A Sua entrega na cruz é a nossa força e consolação. A Verdade e a Misericórdia se fundem na redenção. N'Ele, somos todos salvos mediante o Amor que se traduz em Seu testemunho e nas Suas feridas que, mais profundas que as nossas deficiências, amenizam-nas e as curam.

Quando no Carmelo, em oração, Edith Stein, Irmã Teresa Benedita da Cruz, anotou a experiência das pequenas epifanias de Deus em seu ser, ela se regozijou com o Amor sem limites que transborda do Eterno em Seu Filho *YESHUA*.

Incompreensível verdade e misericórdia é que o Deus Todo Poderoso se abaixa para erguer até Ele uma pobre criatura em união esponsal. Tu me diz e eu creio, que essa união é a mais excelsa que pode acontecer a uma criatura na terra, somente superado pela glória. Se tomamos a sério os votos e por meio deles nos libertamos para Ti, e verdadeiramente cremos na força da Tua graça e misericórdia, então esta eterna aliança não será superada pelo enlace místico.⁴¹⁵

Deus, o Amor sempre toma a iniciativa, desce, faz-Se Presença, provoca encontros, ampara e impulsiona a seguir em frente. Ao acolhermos essa Presença, a vida flui em potencialidade inovadora. Em Cristo, encontramos união, amparo e consolo. N'Ele, a vida toma a dimensão sobrenatural extraordinária do milagre ordinário em que o sofrer e a morte são prenúncios de algo novo; o destino da Ressurreição. A impotência diante das contingências de nossa finitude é transcendida pela Presença de *YESHUA* que chama pelo nome e provoca a vivermos como já ressuscitados.

Doravante, nossa autora se sente chamada a prolongar o proceder amoroso de Deus no serviço à humanidade. Ela quer, auxiliada pelo Espírito Paráclito (Jo 14, 15-21), na condição de sua vulnerabilidade de mulher, judia perseguida pelo nazismo, dar testemunho da consolação e esperança possível em Cristo. Santa Teresa Benedita da Cruz, a filósofa monja, antecipa o que, em nossos dias, o Papa Francisco solicita aos religiosos e religiosas: levar o abraço de Deus.

Num mundo que vive de desconfiança, de desânimo e depressão, numa cultura em que os homens e mulheres se deixam levar por fragilidades e fraquezas, por individualismos e interesses pessoais, é nospedido que introduzamos a confiança na possibilidade de uma felicidade verdadeira, de uma esperança possível, que não se apoie unicamente nos talentos, nas qualidades, no saber,

⁴¹⁴ STEIN, E. Obras Completas: *Escritos espirituales*. Vol. V Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/ Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2004. p. 860.

⁴¹⁵ Idem, p. 866.

mas em Deus. Todos podem encontrá-lo; basta procurá-lo de coração sincero. Os homens e mulheres do nosso tempo esperam palavras de consolação, proximidade, perdão, alegria verdadeira. Somos chamados a levar a todos o abraço de Deus, que se inclina sobre nós com ternura de mãe: consagrados, sinal de humanidade plena, facilitadores e não controladores da graça, marcados pelo sinal da consolação.⁴¹⁶

Ela nos deixa o testemunho feminino da esperança cristã; sem reservas se confiou toda a *YESHUA*, consciente de que quem crê é capaz de esperar e de se abandonar. N'Ele, ela excluiu toda desolação e alicerçou a sua vida de fé. Na antessala de Auschwitz, no campo de concentração de Westerbork, prisioneira, não se deixou abater pelo entorno e buscou a Deus na oração.⁴¹⁷ Fortaleceu a sua vulnerabilidade em Cristo, que pendeu vulnerável por todos e se abandonou mais uma vez no Amor. Ela não se deteve em seu sofrimento, mas, a partir dele, consolou e escutou os lamentos dos que junto dela eram conduzidos para a travessia cruel da *Shoah*, genocídio que afetou o coração da Europa e alterou de modo radical a própria ideia de humanidade.

A confiança da filósofa espiritual nos conduz a admitir que a vida tem sentido ainda que o entendimento humano seja incapaz de decifrá-lo. E isso é uma introdução à sabedoria divina, ao poder espiritual que nenhuma experiência externa pode, suficientemente, ensinar. Santa Teresa Benedita da Cruz expressa a sua solicitude compassiva em seu contato com todos os que sofrem e que encontra, em seu caminho de busca pela verdade, um dinamismo empático profundo que é continuidade da atitude radical do Cristo Presença de Amor compassivo (Mt 9, 35-38). Cristo ampara e consola a nossa humana jornada porque é movido, em Sua dimensão humana e divina, pela compaixão (Mt 14, 14; 15-32) e espera que também possamos agir como Ele. Em nossos desamparos e aflições existenciais, Cristo Se envolve ativamente, Ele é real, mesmo no silêncio de Sua Presença. Disso resulta que vida e cuidado são os passos do divino quando junto à humanidade. Em Santa Teresa Benedita da Cruz, a compaixão e a empatia se fundem numa atualidade emergente de ir em direção ao outro, que segue distraído e que também padece. É um caminhar ativo, progressivo, de todo aquele e aquela que carregam, voluntariamente, a sua cruz pessoal, levando-a com perseverança e, ainda sim, dispostos

⁴¹⁶ FRANCISCO, Papa. *Alegrai-vos*. Carta circular aos consagrados e às consagradas. São Paulo: Paulinas, 2014. n° 8.

⁴¹⁷ Carta n° 678, dirigida para Antônia Engelmann, 6 de abril de 1942. Edith escreve um bilhete para a sua mãe da prisão solicitando trapos para se lavar, uma vela e um Breviário. Cf. STEIN, E. *Obras Completas. Escritos autobiográficos y cartas*. Vol. I Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2002. p. 1412.

a ajudar aos que caem pelo caminho. Pois, quanto mais se une a Deus tanto maior é a obra que realiza.⁴¹⁸

A Presença de Cristo nos leva a reconhecer e a nos perguntarmos como seguir o Seu exemplo com fidelidade autêntica e coesa. Ele, que durante a vida não tinha onde reclinar a cabeça (Mt 8,20), no ponto alto de sua *Kénosis*, teve menos ainda; sem consolo e alívio algum, sentiu que o Pai O deixara como que numa secura íntima que O levou a gritar dizendo: *Deus meu! Deus meu! Por que me desamparaste? Por que me abandonaste?* (Mt 27, 46). É na plenitude dessa *Kénosis*, no grito de abandono que o ser amoroso e trino de Deus é comunicado. Esse foi o momento de maior desamparo que *YESHUA* sentiu em Sua humanidade. Contudo, a experiência resultou também na maior obra que já havia realizado: reconciliar e unir o gênero humano pela graça a Deus. E isso, nossa autora considera, é para que se entenda o sentido do espiritual, do mistério como porta e caminho para nos unirmos ao Pai. É consolo para que quem venha a cair não resulte em um não aprendizado, senão na suma humildade que nos conduzirá ao mais alto estado que a vida pode alcançar, a ascensão existencial interior rumo ao Eterno.

Toda a Paixão de Cristo é um acontecimento entre *YESHUA* e Deus Pai, *Abba*, entre Deus e Deus. Uma comunhão infinda, relação filial em que o Pai ampara o Filho porque sofre o Seu sofrimento e, no sofrimento d'Ele, contempla o sofrimento de toda a humanidade. *YESHUA* é o anunciador do Pai e assim revela em Si a dimensão da vida íntima do próprio Deus. Ao assumir o seu desígnio, integralmente humano, *YESHUA* sofre o medo e a dor na vulnerabilidade de seu ser, mas, ainda assim, abandona-se. É o temor por Si e pelo Projeto do Pai, d'Aquele tão próximo unigênito, que no Getsêmani (Mc 14, 32-36) experienciava a noite escura da alma, levando-o a sentir o abandono, o silêncio de Deus. O silêncio de Deus não é ausência, mas uma *Kénosis* do Pai junto do Filho, gratuidade plena de amor, solidariedade na dor, condolência que não pode ser confundida com indiferença ou impotência.

Portanto, o Deus de *YESHUA*, *Abba*, preenche o coração da filósofa espiritual em todos os seus recônditos. Ele é Presença que a fortalece e ampara em cada passo dado no horror do campo de concentração de Auschwitz. Foram, justamente, as situações de silêncio e aparente ausência de Deus, na violência de seu tempo, que a levaram a se empapar de questionamentos pelo viver. Sempre interpelada, no mais íntimo de sua

⁴¹⁸ STEIN, E. Obras Completas: *Escritos espirituales*. Vol. V Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/ Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2004 p. 255.

interioridade, pela necessidade de buscar respostas e de escrever sobre elas. Estava convencida de que teria algo a dizer ao mundo, a fim de contribuir com a regeneração dele. Na distopia de seu tempo e na calamidade de seus dias, não fugiu dos perseguidores, enfrentou as duras críticas diante de sua conversão, esteve sempre firme em seus argumentos, certa de ser sustentada pelo crucificado e conduzida pela graça.

Rodeada pela dor humana de uma raça e cultura perseguida, Santa Teresa Benedita da Cruz se identificava com a Rainha Ester (cf. Livro de Ester). Ela se apresentou ao Rei e pediu, incessantemente, pelo seu povo, mas também, assim como o Cristo, ela experienciou o silêncio do Pai. Sem desanimar, abandonou-se e passou a transmitir a confiança e a esperança frutos de uma relação esponsal com o divino e de seu propósito expiatório de valor apostólico redentor. Edith transmitiu, irradiou, justamente, o que a impressionara e a cativara de início ao adentrar-se na vida da fé, o testemunho de Anne Reinach: a consolação, total abandono pela fé de uma mulher que perdera o marido para a guerra, mas que se sentia amparada pela esperança do Eterno.⁴¹⁹

A experiência do amparo e do abandono steinianos não resulta de uma experiência de segurança humana, mas da profunda experiência amorosa de Deus. Nela, é possível contemplarmos o sentido da coerente fusão e relação entre o ente no *Logos*, o humano no divino, Teresa Benedita da Cruz em *YESHUA*. Salto para o Amor, dom recebido do próprio Deus a quem ela acolheu e, numa atitude de humildade, entregou-se porque se descobriu amada, tocada e conduzida por Ele. Esse abandono é uma característica que marca, intensamente, a vida dos místicos, a atitude de um deixar-se nas mãos de Deus numa relação de equilíbrio qualitativo do caminho do humano e ao divino. Diante da imensidão do Eterno, Santa Teresa Benedita da Cruz se entregou a Ele em sua finitude sempre aprendente.

5.4 O sentido da vida na finitude

A morte e a vida não são contrárias, elas são irmãs, já cantava Francisco, o Santo de Assis⁴²⁰, o primeiro santo cristão a chamar a morte de irmã. É visto que a finitude

⁴¹⁹ STEIN, E. Obras Completas. *Escritos autobiográficos y cartas*. Vol. I Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2002. p. 367.

⁴²⁰ “Louvado sejas, meu Senhor, por nossa Irmã a Morte corporal, da qual homem algum pode escapar. Ai dos que morrerem em pecado mortal, felizes o que ela achar conformes à Tua Santíssima vontade, porque

humana é uma reflexão, que, desde a antiguidade, diz respeito a todos nós. O destino inexorável do humano faz parte de uma metamorfose da totalidade do ser que não podemos compreender e, muito menos, conter. Tudo o que nos chega é mediante a experiência do outro; o fator morte se mostra no morrer, findar do outro. Não temos acesso e não sabemos o que anunciar quando queremos falar sobre o fim, assim como sobre o que ocorre com o humano após o seu cessar natural.

À vista disso, cada época nos dá oportunidades para, de um modo particular, colocarmos-nos diante do fim. Em nossos dias, verifica-se uma mudança drástica de como as pessoas se relacionam com o findar, com a morte. Na contemporaneidade, em seu novo modo em relação ao humano, a morte é um assunto, um pensamento a ser evitado, não é relevante para o bem viver, muito menos quando refletida à luz da fé, em alguma tradição religiosa. Afinal, morrer é uma facticidade natural que experimentamos todos; uma realidade que jamais compreenderemos. Em um distanciamento, cada vez maior, da familiaridade do ser humano com a morte, há uma busca em oferecer respostas. Entretanto, algumas destas apenas permitem um viver desumanizado em relação ao fim.

No panorama cultural de nosso tempo, constata-se um dinamismo de manutenção da assepsia da dor, do confronto diante da morte; há interpretações e meios que antecipam e, ou reduzem o morrer a um cessar apenas, numa aceitação fria da mera condição de transformação de um ser vivo, do findar como um tornar-se cadáver. A partir dessa perspectiva, toda questão e possibilidade de uma vida *post mortem* é evitada ou refutada.⁴²¹ De fato, no mistério da jornada do existir, o humano pós-moderno acredita ter elucidado todas as questões; todavia, a finitude é um tópico que toca ainda a nós todos. Os dilemas com que hoje nos deparamos continuam a nos colocar diante da vida e da morte como em um diálogo de sentido. A reverência à vida exige cada vez mais que sejamos sábios diante da morte quando ela chegar.

Segundo o professor judeu Mitch Albom, conhecido mediante a biografia escrita por um de seus alunos, que acompanhou os seus últimos dias de vida, a maioria das

a morte segunda não lhe fará mal". Cf. ESCRITOS DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS (1181/2-1226). Petrópolis: Vozes, 1982. p. 70.

⁴²¹ Em um de seus livros, o filósofo Dennet (1942 -) busca compreender a natureza da religião e o que ela significa para as pessoas. O autor afirma que um dos objetivos, uma das *raison d'être* da religião é confortar-nos nos nossos sofrimentos e acalmar o nosso medo da morte. Disso resulta o convite para quebrar tabus e a piada quando, imitando o modo evangelizador, o filósofo chama seus leitores contemporâneos: "Larguem! Larguem! Vocês mal vão notar a queda. Quanto mais cedo começarmos a estudar a religião do ponto de vista científico, mais cedo serão acalmados seus mais profundos temores." Cf. DENNET, C. Daniel. *Quebrando o encanto*. A religião como fenômeno natural. São Paulo: Ed. Globo, 2006. p. 31.

peças não experimenta a vida em sua plenitude; Elas vivem como em círculos, sonâmbulas. Uma lástima, porque, somente quando se aprende a morrer, aprende-se a viver.⁴²² Viktor Frankl afirmava que a sabedoria da vida emana quando o ser humano, diante da certeza do fim, pergunta-se do propósito de ser e de estar, e da importância vital dessas questões quando a pessoa experimenta algo limítrofe que a leva a buscar o que a sustenta. A morte pode ser uma grande educadora no desenvolvimento autocompreensivo ontológico, pré-reflexivo da espécie humana. O sentido infinito sempre escapa à compreensão do ente finito e, quando a ciência desiste, a sabedoria toma a palavra:

Somente uma análise fenomenológica, metodicamente correta da forma como a pessoa simples, o homem comum, se entende a si mesmo, nos ensinaria que ser humano significa estar constantemente confrontado com situações, cada uma das quais, é ao mesmo tempo, dádiva e incumbência.⁴²³

Trata-se do destino inalterado, inevitável que aguarda a todos, mas que pode ser confrontado mediante postura e testemunho que somente o humano é capaz de tomar e transformar: do sofrimento em mérito. É incumbência da morte dilatar o sentido da vida do ser finito, colocá-lo em processo rumo ao profundo, mediante o sentimento de que os limites do corpo, da pele não contêm os limites de uma realidade ainda não abarcada pelo nosso conhecimento. As nossas finitudes são parte de um mistério infinito, eterno.⁴²⁴

De fato, a compreensão do fim, do morrer, em nossos dias, passa por incontáveis metamorfoses em sua problematização, aceitação, elaboração etc., a experiência da via mística de Santa Teresa Benedita da Cru nos chega carregada de sentido e de esperança; a filósofa espiritual considera o ato de morrer uma realidade que se abre a horizontes que avançam para além da morte mesma. E isso realiza o progresso espiritual no ser humano, a capacidade de transcender e de considerar a morte um portal no dinamismo da continuidade do ser. Para a nossa autora, a morte é uma dimensão vital de autenticidade e preocupação do ser humano.⁴²⁵

⁴²² ALBOM, Mitch. *A última grande lição*. O sentido da vida. Rio de Janeiro: Sextante, 1998. p. 44.

⁴²³ FRANKL, V. *A presença ignorada de Deus*. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 89.

⁴²⁴ Nossa contemporaneidade, imersa em uma realidade pandêmica demonstra que o filósofo cético Dennett se equivocou, porque muitos que largaram o propósito humano da religião sofreram e sofrem em demasia com as suas quedas ego existenciais e o sentido do findar.

⁴²⁵ A autora realiza uma investigação acerca do tema morte, a partir de questões que ela mesma pontua na filosofia existencial de Martin Heidegger que, por sua vez, utiliza a expressão *ser aí* — o ser do homem, o ente, *algo que é*. É a análise deste ser aí, caminho para preparar a pergunta do sentido do ser. A problematização do morrer surge no tocante a consciência, a temporalidade e a historicidade deste ser aí. Cf. STEIN, E. *Obras Completas: Escritos filosóficos*. Etapa do pensamento cristiano. Vol. III Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2007. p. 1146-1178.

Para ela, o terminar que reside no fim, na morte, não é um desaparecer como uma chuva que cessa; a palavra final é de vida, horizonte que dá sentido a tudo e que preside o processo do existir. Disso resulta a não possibilidade de compreendê-la, desde nenhum lugar que não seja o ser mesmo; é uma interpretação existencial que precede toda biologia e ontologia da vida. Santa Teresa Benedita da Cruz não considera que o ser é um ser para a morte heideggeriana. Em suas investigações e vida, ela afirma que a análise ontológica do ser para o fim não toma qualquer posição quanto à possibilidade de um para *além da morte*.

O final do *ser aí* diz respeito ao fim do ser no mundo, deixando, assim, que permaneça o constatar do morrer no campo do aqui, agora. Não há nenhuma decisão ôntica sobre o depois; a morte parece não ser concebida, suficientemente, em sua essência ontológica plena. Para Stein, o *ser aí* é um ser em fuga, cuja angústia encoberta resulta da constatação de que o que nos espera é o não mais existir, o desligamento de todas as nossas referências, uma espera que acontece mediante um dinamismo de algo que não sai ao encontro desde fora, de um além de, senão de um poder próprio que é desligado.

A morte é considerada uma certeza, de um modo intelectual, meramente empírica, da *nihilidade* de nosso ser, que se depara com a facticidade do não ser, e isso, impede de considerar a morte, também como uma certeza autêntica da totalidade do *ser aí*. Nisso, a consciência aponta como uma chamada que remete o ser a si mesmo, para um interior que não se encerra no exterior. Desenvolvendo um ser autêntico para a morte, em que a realidade de não ser é também uma possibilidade que se adianta de poder vir a ser, algo mais, pleno. Numa perspectiva natural, de sensação vital, a morte está sempre por chegar. Morrer significa experimentar a morte na própria carne. Face à morte, há a postura e a preocupação avaliativa de todas as coisas do mundo, com as quais se estava preocupado.

Logo, em sua trajetória fenomenológica, Edith Stein realizou esse confronto reflexivo sobre o findar humano e o sentido de ser. Na perspectiva da fé, da vida cristã que Santa Teresa Benedita da Cruz abraçou, pensar a eternidade, o Ser de Deus é vital para o ser humano, tão escasso de ser em plenitude; ela indaga:

A morte é o final da vida corporal e de tudo que está relacionado à vida corporal. A morte é uma grande porta obscura: temos de atravessá-la, porém, o que há por detrás dela? É esse, 'o que há por detrás dela', a autêntica pergunta

da morte que se experimenta ao morrer. Há uma resposta a essa pergunta antes que se tenha atravessado a porta?⁴²⁶

Diante dessas questões, no progresso espiritual em que é conduzida e o qual experiencia e investiga, para a autora, não há mais dúvidas de que o ser humano, a pessoa, é um ser espiritual. Um ser que pode sair e fluir de si mesmo como conexão com o Ser de Deus — Espírito Puro em permanente fluir. Faz-se preciso considerar que o ser humano corre o risco de perder-se, enquanto o Ser de Deus jamais perde a si mesmo; o humano tem de atualizar sempre as suas potencialidades. Logo, ela se utiliza da noção de força (*Kraft*) para esclarecer a unidade da natureza humana. Uma unidade dotada da unidade substancial que ela denomina: alma. A alma sempre implica um corpo, pois pensar a separação da alma em relação ao corpo é tratar da morte.

A alma transpassa o corpo por inteiro; daí que a força desempenha um valor central. A vida da alma é uma vida espiritual de conhecimento, sentimento e vontade.⁴²⁷ Nela, o espírito e o material se interpenetram de modo específico e se renovam via um fluxo de forças (*Kraftzuström*). Logo, a alma experiencia esse fluxo de forças e se renova mediante uma força interna profunda, um princípio formador: a graça divina. Assim, a alma é o centro da existência. Desse modo, somos levados a acolher o dado interior e profundo de que a força espiritual é algo a ser conservado, desenvolvido e lapidado. Essa força se desenvolve desde baixo, em nossa natureza, cuidado e fragilidades e, desde cima, do reino dos valores positivos, da beleza etc.

Para nossa autora, é plausível pensar que a alma espiritual exista depois da morte, não como um dualismo que se perpetua, mas como um movimento de forças que se desprendem, embora sigam juntas rumo a uma nova dimensão da compreensão humana ainda não abarcada. A alma forma unidade natural com o corpo, mas isso não a impede da desvinculação em relação a este. A morte, como um fim da vida corporal, corpórea não implica um aniquilamento completo, mas é um desenraizamento do natural para prosseguir numa abertura ao novo horizonte do sobrenatural. Ou seja, é o ponto em que o conhecimento natural encontra os seus limites e realiza um salto transcendente desde o compreensível ao incompreensível.

⁴²⁶ STEIN, E. Obras Completas: *Escritos filosóficos*. Etapa do pensamiento cristiano. Vol. III Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2007. p. 1171.

⁴²⁷ STEIN, E. Obras Completas: *Escritos antropológicos y pedagógicos*. Vol. IV Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2003. p. 706.

Destarte, morrer é passar para um novo modo de existência, puramente espiritual. A vida ascende, impulsionada por uma força que lhe permite existir depois da morte. Não há na fenomenóloga um dualismo antropológico, pois a autora considera a relevância ontológica da corporeidade na constituição do humano. Em seu pensamento, encontramos um diálogo com a Filosofia e a experiência religiosa, mais especificamente, com a experiência religiosa da fé cristã. Ela supera visões dualistas e busca estender a compreensão de um corpo anímico espiritual. O corpo não é mera roupagem da alma.

Inspirada pela ascese teresiana, Santa Teresa Benedita da Cruz reafirma que quem não aceita a morte não se reveste da verdadeira humanidade, e, para tanto, há de se aceitar neste tempo e espaço a vida em todas as suas limitações e riscos; “a morte é exigência do apego de si mesmo”, dizia Santa Teresa D’Ávila.⁴²⁸ Trata-se da alma encarnada que na vida terrenal do ser o impulsiona a um mais além do que o aqui e o agora. Em uma de suas poesias espirituais, a fenomenóloga assim descreve a sua experiência de transverberação:

Desde as alturas do céu caiu um raio, entrou no mais profundo de meu coração, e a alma caiu ferida pelo Amor Eterno que como fogo transpassou todos meus membros. Tudo em mim desde então ficou transformado. Eu não sou a mesma de antes? Com aquela luz todo escuro se fez claro: sou como um louco curado. Abaixo de mim há uma distância imaterial. Eu vejo as ondas turvas da vida terrena, meu ouvido já não escuta os seus brados. Estrelas eternas iluminam claramente sobre mim, o arco da paz irradia maravilhosamente, bendito sinal da benevolência e fidelidade de Deus.⁴²⁹

De fato, no que concerne ao sentido da vida e da morte no pensamento steiniano, há de se considerar que é Deus quem dá à alma humana forças para vivenciar a morte não como um fim total, mas como um passo para uma nova existência na qual a vida do espírito é central. A morte, assim, não é vista como um destino inexorável do findar de um organismo vivo. Não será experienciada como algo mecânico e desumano; será como a continuidade, busca última de uma união plena. Nesse sentido, em um movimento de aceitação, entrega, abandono confiante, a morte poderá vir e ser abraçada com serenidade e paz.

Quando compreendida essa força anímica que atravessa o ser e o eterniza, entende-se que as pessoas são capazes de experienciar grandiosas alegrias sem serem

⁴²⁸ TERESA DE JESUS, Santa. C 10 e 32; 2M 8.

⁴²⁹ STEIN, E. *Obras Completas: Escritos espirituales*. Vol. V Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/ Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2004. p. 815.

sacudidas no mais íntimo de sua personalidade, bem como de se sacrificarem e suportarem enormes sofrimentos.

Santa Teresa Benedita da Cruz nos conduz em sua reflexão desde o âmbito onto-antropológico para o antropoteológico, do estado da natureza para o pensar da vida gloriosa dos ressuscitados. Em seu pensar filosófico, ela concorda com Heidegger quanto ao morrer e a morte dos outros como fundamentais para o nosso saber em relação a essas coisas e para desenvolver a nossa compreensão de nós mesmos e do ser do homem em geral. A experiência da morte traz consigo a pergunta pelo destino da alma, uma pergunta antes desconhecida por Stein; todavia, ao longo de seu itinerário biográfico, uma constante, considerada e acolhida por Santa Teresa Benedita da Cruz. Ela diz respeito ao universo do fenômeno religioso, do dado da fé que a atinge e desperta:

É violenta a ruptura da unidade natural. E quando termina a agonia da pessoa que experimenta, a luta que se desenvolve, ela já não existe. O que fica dela não é ela mesma. Onde está agora esta pessoa? Onde está o que fazia dela uma pessoa viva? Se não podemos dar resposta a esta pergunta, não estará aberto para nós o sentido pleno da morte. A fé conhece uma resposta. E, há algo no campo de nossa experiência que confirma essa resposta.⁴³⁰

À vista disso, nossa autora, em palavras de profundo sentido, descreve a vida superior que ela compreendeu como a melhor resposta à questão do morrer, do sentido da morte como a passagem da vida distinta de ser deste mundo e deste corpo para um outro modo de ser, que se revela, um outro modo distinto de ser. Em sua infância e juventude, a morte vinha acompanhada de uma obscuridade que não trazia consolo, esperança, entendimento da finitude. Adulta, em sua jornada existencial, a vida foi se desdobrando de sentido, a partir da perspectiva da fé em que a morte é uma grande educadora do viver e um portal para a eternidade.

Quando testemunhou a luta diante da morte e a profunda paz de quem perdeu familiares, amigos para esta, a filósofa foi tomada de uma surpreendente mudança em relação a Deus e à religião. Ela assim descreve:

Há um morrer que sucede no ser outra coisa mais; nele antes que se produza a morte corporal desaparecem todas as pegadas de luta e sofrimento, no moribundo, de forma visível aos que o rodeiam. Percebe-se e se transfigura com uma nova vida, em seus olhos; contemplam uma luz inacessível para nós e que deixa o resplendor no corpo sem vida. Quem nunca ouviu nada de uma

⁴³⁰ STEIN, E. *Obras Completas: Escritos filosóficos*. Etapa do pensamiento cristiano. Vol. III Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2007. p.1173.

vida superior, o tenha encontrado fora de si a fé nela, deveria dar-se conta diante de um espetáculo como esse, tem de haver algo assim.⁴³¹

Na esteira fenomenológica, ela desenvolve a reflexão do sentido do ser para a morte, desde o ser autêntico que a experiencia em três modos ou níveis, vida natural, vida da graça e vida da glória. Viver, autenticamente, segundo o pensamento steiniano, significa realizar as possibilidades mais próprias e cumprir as exigências do instante, das condições de vida dadas em toda singular pessoa numa vinculação do *ser aí* a um ser que não é o seu ser, mas que é fundamentalmente o objetivo para ser. Uma aliança em que se experiencia a promessa realizada que corresponde à essência mais profunda do humano; disso resulta em um repouso confiante em Deus⁴³², condição única de possibilidade para a plenitude.

Assim, a finitude do humano não se deve determinar como temporalidade, mas transcendência do mundo. É um irromper desde a finitude, na vida em si de suas raízes, para um ser espiritual pessoal que se funde com raízes próprias ao Infinito. A filósofa espiritual, na mais íntima consciência de si mesma, abandonou-se, permitindo que fosse formada, em sua interioridade, a fim de seguir, fielmente, os passos dos mestres espirituais que a acompanhavam. Ela, na esteira de Santa Teresa D'Ávila e São João da Cruz, conheceu, na interioridade mais profunda de sua alma, a morada de Deus e n'Ele, como dito, abandonou-se. Acolheu, em sua personalidade, o Espírito de Deus e se lançou a viver intensamente uma vocação para a vida eterna até as últimas consequências, bem como o fez o Crucificado. O *eu* de Edith Stein encontrou o *Eu Sou* (Ex 3, 14) de *YHWH* no ser de *YESHUA*, que afirma: *Meu Pai e Eu somos UM* (Jo 10, 30).

Nesse encontro de configuração pessoal, a vida toda é tomada de sentido, e a morte não pode mais ser considerada um fim. A alma transborda em sua força anímica de capacidade de sacrifício mediante o testemunho de Cristo. A força de Cristo flui em todas as almas como manancial de vida. A partir de Cristo, em Sua Paixão e morte voluntária, ela compreende que sacrificar significa entregar algo muito querido, valioso em si

⁴³¹ STEIN, E. Obras Completas: *Escritos filosóficos*. Etapa dopensamiento cristiano. Vol. III Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2007. p. 1174.

⁴³² Aqui encontramos toda refutação de Stein para Heidegger em sua afirmação de que o ser aí está fadado a ir do nada ao nada. Trata da questão do argumento temporal em que a filósofa avança numa perspectiva teológica. Cf. STEIN, E. Obras Completas: *Escritos filosóficos*. Etapa do pensamiento cristiano. Vol. III Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2007. p. 1176.

mesmo, algo que foi recebido desde o interior e, a partir daí, compromete-se em um abrir-se a Deus numa entrega sem reservas.

Em sua vida de oração e esponsalidade, à luz dos pais espirituais, realizava-se um progressivo crescimento de amor a Deus e às almas, algo que somente compreende quem sabe o que é ser cativo de quem se ama.⁴³³ Em Teresa D'Ávila, Teresa Benedita da Cruz segue o caminho de cristificação, caminho em que o cristão, conseqüentemente, no fluir da energia do Espírito, lança-se à meta. Ambas seguiram o mesmo itinerário da perfeição do ser no Ser de Cristo, relação resultante do encontro interpessoal, transformador e dinâmico da vida em que, movidas pela paixão, a morte é a melhor ponte para o reencontro.

Santa Teresa D'Ávila descobriu o sentido da vida e do morrer. Ela escrevia e declamava versos sobre o morrer, sedenta do encontro com o Cristo, não que desejasse a morte, já que isso seria suicídio; era o desejo de entrar na realização do desejo, mergulhar no Amor, abandonar-se a Ele. Morrer de Amor revela que a morte não é nada diante da vida que se expande no eterno. Logo se compreendem os ímpetus da alma do desejo da morte para alcançar a vida verdadeira que a carmelita cantava.⁴³⁴

Por certo, aqui se trata de uma experiência de Amor profundo em que a vida e o morrer transbordam de sentido, dando cabo ao medo do fim, porque o fim é um novo começo. Por isso, as duas carmelitas, em suas respectivas épocas, convidam-nos a não temer a morte e as inúmeras mortes que vivenciamos e que precisamos vivenciar no caminho de conversão a Deus. Elas nos convidam a contemplarmos essas mortes cotidianas que, apesar de desconcertantes, são como perspectivas da vida nova, do dom

⁴³³ TERESA DE JESUS, Santa. *Livro da Vida*. São Paulo: Paulus, 1983. C. 14, 2.

⁴³⁴ “*Vivo sin vivir en mí, y de tal manera espero, que muero porque no muero. Vivo ya fuera de mí, después que muero de amor, porque vivo en el Señor, que me quiso para sí: cuando el corazón le dipuso en mí este lebrero: Que muero porque no muero. Esta divina prisión, del amor con que yo vivo, ha hecho a Dios mi cautivo y libre mi corazón; y causa en mí tal pasión ver a mi Dios prisionero, que muero porque no muero. ¡Ay, qué larga es esta vida! ¡Qué duros estos destierros! Esta cárcel y estos hierros en que el alma está metida! Sólo esperar la salida me causa un dolor tan fiero, que muero porque no muero. ¡Ay, qué vida tan amarga donde no se goza el Señor! Porque si es dulce el amor, no lo es la esperanza larga: quítete Dios esta carga, más pesada que el acero, que muero porque no muero. Sólo con la confianza vivo de que he de morir, porque muriendo el vivir me asegura mi esperanza; muerte do el vivir se alcanza, no te tardes, que te espero, que muero porque no muero. Mira que el amor es fuerte; vida, no me seas molesta, mira que sólo me resta para ganarte o perderte. Venga ya la dulce muerte, el morir venga ligero que muero porque no muero. Aquella vida de arriba, que es la vida verdadera, hasta que esta vida muera, no se goza estando viva: muerte, no me seas esquiva; viva muriendo primero, que muero porque no muero. Vida, ¿qué puedo yo darte a mi Dios, que vive en mí, si no es el perderte a ti para merecer ganarte? Quiero muriendo alcanzarte, pues tanto a mi Amado quiero, que muero porque no muero”*. Cf. TERESA DE JESUS, Santa. *Que muero porque no muero*. Seleção de José Luís Dias Granados. Bogotá, Colômbia: Universidade Externado de Colômbia, 2015. p. 9-11.

de Deus que sobrepassa nossos esforços pessoais. Nelas, em contraste, os dois temas são ressignificados, ambos são a realidade da alma em ascensão.

A mística carmelita de um período medievo envolta em um plano poético e sentimental, todavia, enraizado nas questões de seu tempo, busca expressar, o melhor possível, a experiência dessas duas mulheres no encontro com o Amor, porque foram abraçadas por Ele. A história avançou, e o Amor toca, ainda, o coração da humanidade disposta a acolher a mensagem salvífica do Cristo. No Amor do Crucificado, elas encontraram o próprio Deus. É Ele quem dá sentido ao morrer na vida do ser em ascensão e faz reafirmar, no cotidiano de nossas contingências, que o sentido da vida, sim, pode ser descoberto na finitude. Deus, encarnado em nossa finitude, que sofre com os que sofrem e morre com os que morrem porque em Si Ele sinaliza a Vida.

Em nossa contemporaneidade, o ser fraturado de sentido quer encontrar fundamentos para o seu viver e morrer; todavia, segue cego, tateando desorientado o cotidiano em que expulsou Deus de sua inteireza e de suas relações. Santa Teresa Benedita da Cruz, sustentada em todo pensamento e obra, insiste para que não esqueçamos o espiritual, essa dimensão vital que nos ajuda a acolhermos a vida com maturidade, e a morte, não como um fim, mas como esperança na sede de vida que pulsa no transfundo de nossa humanidade.

CONCLUSÃO

A presente tese refletiu sobre a experiência da via mística steiniana, o caminho realizado por Edith Stein, Santa Teresa Benedita da Cruz, trilhado de YHWH a *YESHUA*. Nessa temática, pudemos ser levados pela fenomenóloga a refletir sobre nossa própria existência, mesmo que o fazendo décadas após sua morte. A obra steiniana é sempre atual em sua relevância onto-antropo-teológica. Fomos guiados nesse trajeto pelo objetivo de sublinhar reflexivamente elementos steinianos que podem contribuir na busca perene do humano por sentido, profundidade e plenitude, e, mais especificamente, por duas questões norteadoras: a) É possível em nossos dias, na realidade instável globalizante do pós-humano, uma experiência de interioridade, de encontro com Deus?; e b) Em que a mística steiniana se destaca e permite trazer respostas para o desafiador cenário contemporâneo?

O conclusivo, tece comentários sobre como os cinco capítulos que o antecederam foram, em nossa visão, capazes de trazer elementos como resposta a essas questões e como alcance ao objetivo apresentado, tanto quanto como meio de corroborar a hipótese por nós suscitada ao nos propormos abordar no contexto contemporâneo a obra de Edith Stein. Como dissemos, desde o início, criamos que, no cenário desolador de nossa contemporaneidade, o itinerário da mística steiniana pode aclarar a obscuridade do vazio do sentido do humano e contribuir na recondução do mesmo para a realidade profunda, fulcral que faz parte de todo o seu ser pessoal: o mistério de si e o Mistério de Deus.

Nesse sentido, com o intento de acompanharmos o itinerário místico de Santa Teresa Benedita da Cruz, em seu progresso transfundo teológico cristão, realizamos, nos primeiros capítulos, um sobrevoo em sua vida e obra. Assim, ao largo de seu itinerário biográfico, descobrimos que a noção de *eu*, e especialmente, um *eu* pessoal, perpassa o seu pensamento, desde a sua postura egoica filosófica que é atravessada pela experiência e adesão da fé em um caminho espiritual que a conduz para a mística, um relacionamento íntimo de abandono em Deus. Experiências que nos dirigem para a jornada da vida do *eu* numa integração dialógica entre corpo, alma e espírito que não é linear, mas que progride, avança e amadurece mediante acontecimentos, vivências, diálogos, concessões e processos. Trata-se de uma integração plena do todo que conduz o ser, desde a sua condição natural finita, ao abandono e entrega radical da vida ciente de sobrenatural.

A resignificação do espiritual, tão relevante para os nossos dias, tem início em Stein, quando, em suas investigações da estrutura da pessoa humana, ela constata haver uma ação do mecanismo psíquico que lhe escapa. Há na espécie humana, uma capacidade receptiva para algo mais, uma generosidade única dirigida a todo humano. Na singularidade do ser, na essência da personalidade do mesmo, se encontra um núcleo, centro da vida em sua totalidade: a dimensão espiritual. E, é a partir dessas constatações que a filósofa é levada a problematizar e, a acolher uma forma de vida interior de onde emergem novas energias, um nível mais profundo do qual ela ainda não havia perscrutado.

Uma mulher que toma consciência de que a razão não está só, mas se desenvolve e é aperfeiçoada pela graça. O Ser Eterno, representado pelo Espírito de Deus, não aniquila o *eu* finito, representado pelo *eu* pessoal, único, individual autônomo, do sujeito entendido como uma totalidade de sentido pleno. O ser finito em seu *eu* pode alcançar a transcendência de seu ser, assim que o Ser o alcança e o eleva àquele ponto de transcendência, àquela elevação acima da matéria, no cume do Espírito. Trata-se de um movimento interno, dado vital espiritual que se converte em um impulso motivacional, vitalidade para acolher e vivenciar qualquer circunstância da vida do ser pessoa humana. A experiência mística steiniana reforça a certeza de que Deus, continuamente, dirige-Se ao nosso encontro; Ele está na vitalidade que pulsa mesmo em nossas debilidades.

É visto que a humanidade está imersa em um mal-estar religioso-cultural, de ruptura entre modernidade e religião, dos mais diversos sintomas e indiferenças que o lançam para um caos de sentido. Nesse ponto, refletimos no quinto capítulo, como o pensamento steiniano encontra eco em outras vozes que também nos permitem compreender como podemos viver nossa experiência de interioridade empática e transcendente. Segundo Velasco⁴³⁵, é o tempo da intranscendência, do divertimento, do consumo, do pluralismo, do relativismo, do individualismo hedonista e narcisista. No tocante à vida cristã, corre-se o sério risco de experienciar-se uma vida de fé não significativa, antropologicamente. Assim, para encontrar Deus, no cenário desolador de nosso tempo, realidade preocupante, mas também oportuna, é preciso confrontar as dificuldades e o modo como cultivamos, aprofundamos e celebramos a nossa fé, autêntica e coerentemente.

⁴³⁵ VELASCO, Martín Juan. *Ser Cristiano en una cultura posmoderna*, Madrid: PPC, 2005. p. 39-65.

Constatamos que a pandemia vivida no início dos anos 2020 veio para confirmar que o mundo plural tecnológico avança, desmedidamente, facilitando comunicações, informações, mas, de modo algum, o desenvolvimento da profundidade, do conhecimento de si, do outro e o exercício do discernimento e da empatia. A resposta que emerge em Santa Teresa Benedita da Cruz, é a de que, nela, encontramos o testemunho de uma experiência de encontro e plenitude, possível a todo humano. Ela nos oferece fontes concretas e eficazes para que reencontremos e retomemos o nosso caminho para dentro, na maturidade de nossa espiritualidade e compromisso com a vida. O seu itinerário ilumina e contribui como resposta ao apelo que o Papa Francisco faz aos cristãos de nossos dias, da necessidade de uma mística que abra os nossos olhos para o mistério no cotidiano, no progresso transverso de nossas vidas e no comprometimento coeso para com o mundo.

E como pudemos refletir sobre a contemporaneidade de sua obra, apesar dos reflexos patriarcais e tradicionais em seu pensamento? A mulher, filósofa, educadora Edith Stein experienciou e descobriu o fenômeno da religião inserida no mais complexo contexto sócio político e religioso. Ciente dos dramas de seu tempo ela recuperou a admiração frente ao Mistério e se deixou conduzir por um movimento interior que foi tomando, cada vez mais força em seu existir e ações. Nela, a contribuição da fenomenologia acontece, não no romper com a razão, mas com o seu endeusamento. Para a nossa autora, as suas inquietudes intelectuais e existenciais não estão a serviço do saber pelo saber, mas impulsionam todo o seu ser enquanto instrumentos ideais na busca apaixonada pela verdade. Uma verdade que se desvela na carne e no cotidiano do ser, portanto, uma verdade que não basta ser afirmada, mas vivida. À vista disso, ela se serve das ciências humanas para desenvolver a problematização sobre o feminino, experienciou em si mesma, a exigência vital de estabelecer princípios característicos do ser feminino para, a partir desses, tomar consciência de sua diversidade e valor.

Edith Stein, Santa Teresa Benedita da Cruz, conhece o Messias, *YESHUA*. O encontro com Deus que difere do YHWH apresentado em sua vida familiar, infância e juventude. Esse Deus, YHWH, conhecido, Se revela, fenomenologicamente, para Stein de outro modo, via testemunho e experiência, na vivência do encontro com uma Presença que a surpreende, encanta e enlaça. Talvez esse seja o ponto do pensamento steiniano que mais permita corroborar nossa hipótese ao nos dedicarmos a mergulhar em sua Teologia,

tendo como premissa a possibilidade (e a necessidade) de aclarar a obscuridade do vazio do sentido do humano e contribuir na recondução do mistério de si e do mistério de Deus.

Na busca pela verdade, a experiência de Deus em *YESHUA* é parte essencial. Ela experiencia a Verdade e o Mistério de Amor que é Deus em Jesus Cristo. Assim, o núcleo cristológico, manifestado de modo gradual em cada instante de sua vida e pensamento será o propósito último de seu caminho místico. Em *YESHUA*, Santa Teresa Benedita da Cruz, numa íntima esfera pessoal, livre do apego ao próprio *eu*, transcende e dá início a um caminho sem volta no seguimento do Divino Humano que renova a Aliança, o Verbo Encarnado, o Cristo crucificado.

Uma experiência de pessoa a Pessoa, na distinção entre o finito e o Infinito. Por isso, o Amor divinal é uma Pessoa que se revela para nós com um Ser em Pessoa, mais ainda, como Ser nas três Pessoas, do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Disso resulta a mística enquanto reconhecimento desse mistério e o desejo de unidade n'Ele. Deus, na experiência mística steiniana, se revela como o Ser, a Essência, a Matéria e a Forma, Deus Uno na Trindade. Uma relação do Ser de Deus que existe desde toda eternidade, imutável, n'Ele encontramos o espírito em sua relação mais pura e perfeita. Por isso, a experiência de Deus em Stein se assemelha à experiência de amor da pessoa humana em relação umas às outras, ela assim escreve:

O amor, com o qual abraço uma pessoa, pode ser capaz de preencher essa pessoa com uma nova energia vital, quando ela falhar. Além disso, o simples contato com pessoas de intensa vitalidade é capaz de exercer uma influência encorajadora sobre a pessoa cansada ou exausta, influência que não pressupõe nenhuma atividade de sua parte.⁴³⁶

O Amor nos capacita e desafia, a partir de nossa interioridade e ação da graça, para que acolhamos o propósito humanizante de nossos dias, levarmos convictos a nossa cruz cotidiana e estarmos atentos aos apelos de nosso mundo e dos irmãos. A vida de Santa Teresa Benedita da Cruz é como um portal em que a pessoa se desvela a partir de muitas leituras. Todavia, ela toma posse de si mesma, desce em direção às suas mais profundas convicções e oferta o seu melhor, em um processo resultante de um encontro decisivo com o Deus em *YESHUA*. Deus Amoroso, em que o Amor é um ato livre, dom de si, de um *eu* para um *tu* numa unidade existencial dos dois em um nós. Por isso, a

⁴³⁶ STEIN, E. Obras Completas: *Escritos filosóficos*. Vol. II Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2005. p. 298.

filósofa espiritual em seu epistolário repete muitas vezes que todo cristão é chamado ao essencial, ou seja, a união com Deus.

Para ela, a comunicação trinitária do Amor, tão cara, é em si, auto entrega. A medida de nossa santidade é a nossa entrega amorosa de nossa vontade pessoal à vontade de Deus, uma entrega, união que somente poderá desenvolver-se quando em total coerência com o Evangelho. Assim, todos somos chamados a nos convertermos em vasos vazios para que sejamos preenchidos pela graça divina em nosso existir. Confessar *YESHUA* como o Cristo, exige muito mais do que firmeza e, ou convicção, exige testemunho e o abraçar cotidiano da cruz.

Desse modo, Santa Teresa Benedita da Cruz deixa um testemunho radical para as reais implicações do Cristo em quem O acolhe na sua coexistência. Ele conta conosco para que também estejamos atentos às necessidades e os sofrimentos dos outros que conosco habitam o mundo. A sua procura pela verdade, o seu feminino engajado e a sua profundidade empática e investigativa nos revelam uma mulher única, uma mística cristã que pode nos ajudar a encontrarmos também, em nossa débil natureza, o caminho para o sobrenatural, para o encontro definitivo com Cristo, para a mística. Na esteira dos místicos carmelitas, ela confirma a presença do Deus que habita em nossas vidas, em cada âmbito de nosso ser, do mundo e desde sempre. Entretanto, é preciso que sintamos, amorosamente, mesmo na travessia das noites escuras de nosso viver, que estamos em suas mãos, numa conexão profunda que atravessa todo o nosso ser, espaço vital e universo, em que habitamos junto aos demais na ventura da existência micro e macrocósmica.

Somos partícipes do Corpo Místico que nos revelou o Amor misericordioso de *Abbá* e, que congrega em si toda a humanidade sedenta de sentido e salvação. Edith Stein descobriu em *YESHUA* um novo modo de se relacionar com YHWH. A via da experiência mística steiniana é realista e transcendente, convoca uma interioridade que não se opõe à exterioridade, mas, à superficialidade que impera em nossos dias. Disso resulta que a “paixão de agosto”, que Santa Teresa Benedita da Cruz, a sua irmã Rosa e milhares de pessoas sofreram, hoje é experienciada, de outro modo, mediante a pandemia que aflige toda a humanidade, fazendo em suas principais vítimas, os mais desfavorecidos e, aqueles que se colocaram à frente, aqueles e aquelas que assumiram os riscos em nome de uma missão, profissão.

Nisso consiste a liberdade da pessoa, capaz de singularidade; abrir-se a partir de seu *eu* para uma relação com o outro e, Deus em seu existir, dinamismo da vida terrena e espiritual desde o núcleo. Quando o homem e a mulher conseguem permanecer nessa liberdade, que o verdadeiro e autêntico Espírito lhes dá, eles são capazes de se conduzir no mundo, adequadamente, sem serem influenciados ou manipulados pelas circunstâncias. Senhores de si mesmos, se movem no mundo, a partir de o lugar que lhes corresponde, entrando em diálogo com as criaturas que os rodeiam e, mesmo com os seres espirituais que, desde a mística, acompanham numa comunicação e fluxo contínuo de pensamentos e do coração.

Assim, na ventura do viver enquanto ato cooperativo divino humano, nos reconhecemos seres espirituais, confiados a Deus e, também aos outros, porque se não estamos atentos às necessidades e sofrimentos dos demais, não estamos cientes, ainda, do sentido último de ser cristão. À vista disso, acaba-se o medo da morte, porque o sentido da vida está em servir sem limites e morrer é apenas um passo a mais para existir e permanecer no Eterno. Na esfera da ética de todo aquele/aquela que experiencia uma íntima relação com Deus, vida e morte se entrecruzam numa dinâmica pascal. É o confrontar-se, cotidianamente com a vida que Deus oferece por Cristo, com Cristo e em Cristo.

Edith Stein fez a travessia e viveu a experiência de Deus descrita em sua obra. Valorizou essa experiência na pessoa enquanto constituição de si mesma, na ruptura e no resgate do outro numa proximidade com o Eterno ainda que sem a plenitude da experiência mística. Desde jovem, ela viveu na interioridade, mesmo que numa perspectiva filosófica. Ela viveu uma união mística com a verdade, e conseqüentemente, com Deus em *YESHUA*. A fenomenóloga, devido a sua total coerência de vida e para com o Evangelho, em uma audiência do Papa João Paulo II é reconhecida como mística.

O modo tipicamente cristão de considerar Deus passa sempre através de Cristo. É Ele o Caminho e ninguém vai ao Pai senão por meio d'Ele (cf. *Jo* 14, 6). Ao apóstolo Filipe que lhe implora: "Mostra-nos o Pai e isso nos basta", Jesus declara: "Quem Me vê, vê o Pai" (*Jo* 14, 8-9). Cristo, o Filho predileto (cf. *Mt* 3, 17; 17, 5), é por excelência o revelador do Pai. O verdadeiro rosto de Deus é-nos revelado só por Aquele que "está no seio do Pai". A expressão original grega do Evangelho de João (cf. 1, 18) indica uma relação íntima e dinâmica de essência, de amor, de vida do Filho com o Pai. Esta relação do Verbo eterno envolve a natureza humana que Ele assumiu na encarnação. Por isto, na óptica cristã a experiência de Deus jamais se pode reduzir a um genérico "sentido do divino", nem se pode considerar superável a mediação da humanidade de Cristo, como bem demonstraram os maiores místicos, tais como São Bernardo, São Francisco de Assis, Santa Catarina de Sena, Santa

Teresa de Ávila, e tantos enamorados de Cristo do nosso tempo, de Carlos de Foucault a Santa Teresa Benedita da Cruz (Edith Stein).⁴³⁷

Aderir a Cristo, não é possível sem ao mesmo tempo O seguir, experimentar o abandono. Estar unidos a Ele é exercitarmos, cotidianamente, o *faça-se a Tua Vontade* e, aceitarmos os planos divinos nas insignificantes aflições de nossas vidas. Por isso, em Santa Teresa Benedita da Cruz, a espiritualidade emerge da própria pessoa, desde o mais profundo da alma, neste espaço interior, reside Deus, fonte de luz radiante. Assim, pouco a pouco, mediante um esforço da liberdade e da graça, o nosso *eu* descobre e realiza o caminho para este centro em que Deus faz morada. Portanto, não se trata de um caminho privilegiado, mas, de uma possibilidade a todo ser humano.

É a missão de quem mais contempla a Deus e professa a fé em *YESHUA*, o Cristo, sair ao mundo e comunicá-Lo como Amor que se expande no coração da humanidade. Edith assim o fez, livre e autenticamente, como descreve Papa Bento XVI:

Edith Stein, no dia 6 de Agosto do ano seguinte, três dias antes da morte dramática, aproximando-se de algumas religiosas do mosteiro de Echt, na Holanda, disse-lhes: "Estou pronta para tudo. Jesus está também aqui no meio de nós. Até agora pude rezar muito bem, dizendo de todo o coração: *"Ave, Crux, spes unica"*. Testemunhas que conseguiram fugir deste horrível massacre narraram que Teresa Benedita da Cruz, ao vestir o hábito carmelita, caminhava conscientemente rumo à morte, distinguindo-se pelo seu comportamento repleto de paz e pela sua atitude tranquila e pelo seu comportamento calmo e atento às necessidades de todos. A oração foi o segredo desta Santa, co-Padroeira da Europa, que "mesmo depois de ter alcançado a verdade na paz da vida contemplativa, teve que viver até ao fim o mistério da Cruz."⁴³⁸

Beatificada no dia 1º de maio de 1987, canonizada em 11 de outubro de 1998, declarada Patrona da Europa pelo Papa João Paulo II, ela é ainda uma mulher a ser conhecida em sua grandiosidade, generosidade e vida interior. Ela avançou pelas moradas do Castelo carmelita e, realizou em seu tempo, a mais profunda escavação rumo o núcleo vital do humano, foi nesse espaço do ser que Santa Teresa Benedita da Cruz encontrou o Amor e o abraçou eternamente. Assim sendo, conclui-se sem ter esgotado a percepção do tema, que se renova sempre, a mística é o processo de dar à luz, desde a interioridade, o humano que há em todos nós. O místico é um ser encarnado - está para além da aparência

⁴³⁷ Cf. JOÃO PAULO II, audiência, 20 de setembro de 2000. nº 2. In. < http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/audiences/2000/documents/hf_jp-ii_aud_20000920.html>.

⁴³⁸ Cf. PAPA BENTO XVI, audiência geral, 13 de agosto de 2008. In. < http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2008/documents/hf_ben-xvi_aud_20080813.html>.

do mundo, se adentra e se abre para poder contemplar melhor o todo que o envolve e se comprometer sem reservas.

O percurso de YHWH a *YESHUA* na via da experiência mística de Santa Teresa Bendita da Cruz, foi um caminho de aprendizado e do descobrir-se amado, foi o dilatar do verdadeiro potencial interior do ser capaz de Deus. Tendo trilhado esse trajeto percebemos que o mesmo está sublinhando elementos com vistas a contribuir na busca perene do humano por sentido, profundidade e plenitude, seja em meio a uma grande guerra de homem contra homem, seja em meio às batalhas subjetivas do homem contra ele mesmo, ou ainda no fronte contra inimigos externos invisíveis. Assim, a autora desafia ao risco da aventura da relação com o silêncio, a solidão, o abandono, o risco de adentrarmos em nossa interioridade. Consideramos a palavra risco, porque, é nessa dimensão que se encontra a chave da realização pessoal, da liberdade plena e do encontro com o Eterno e, infelizmente, nem sempre estamos dispostos e, ou preparados a assumirmos os riscos da existência.

Desse modo, cabe-nos reconhecer, nesses últimos parágrafos, a pequenez de nossa contribuição, frente às tantas possibilidades conceituais e direcionamentos das teorias e das práticas de nossas humanidades e da obra steiniana que é vasta, exigente e profunda. Percebemos como limites de nosso trabalho, a relevância em si da problematização da mística, essa abordagem sempre em aberto, que flui e se amplia quando nela adentramos. Não há fronteiras conceituais na experiência do movimento místico no humano, todavia, há limites em traduzi-la sem que perca o seu realismo e envolvimento humanitário.

Também, é necessário que avancemos na reflexão sobre a pessoa humana, não conseguimos chegar a uma reflexão final sobre o modo de como a antropologia teológica steiniana pode avançar no diálogo com as “novas antropologias”, sendo que essas, sem fundamentos precisos, também são acompanhadas da aversão ao fenômeno religioso, e, conseqüentemente, de ideias negativas em relação à Igreja. O pensamento de Stein se desdobra numa densa compreensão de eclesiologia que contempla o propósito da Igreja enquanto Corpo de Cristo e, que salienta a missão vocacional do indivíduo na dimensão constitutiva do ser. Todavia, há de se depurar, inclusive, dentro da própria Igreja essa concepção de individualidade e de pessoa humana. À vista disso, a relevância da experiência mística de Santa Teresa Bendita da Cruz está entrelaçada aos apelos do Papa

Francisco no desafio de recuperar no humano e dentro da Igreja, a experiência do mistério e da interioridade. Disso resulta o protagonismo profético do ser no mundo e da Igreja.

Nesse sentido, é nossa intenção fomentar a continuidade da reflexão ao mesmo tempo antropológica e transcendente aqui levada a cabo, visando suprir essas e outras limitações que possam ter sido identificadas, por meio de novos trabalhos científicos que o intentem, dada a relevância da temática para além das linhas acadêmicas. Isso, porque, na experiência da via mística steiniana, de YHWH a *YESHUA*, ou no de quem quer que possa e queira trilhá-lo, é possível encontrar a verdadeira humanização graciosa de que tanto temos necessidade.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- AGOSTINHO. *Confissões*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1984.
- ALBOM, Mitch. *A última grande lição*. O sentido da vida. Rio de Janeiro: Sextante, 1998.
- ALES BELLO, Angela. *Edith Stein, a paixão pela Verdade*. Curitiba: Juruá, 2014.
- _____. *A fenomenologia do ser humano*. Bauru: EDUSC, 2000.
- _____. ALFIERI, Francesco e SHAHID, Mobeen (org). *Edith Stein Hedwig Conrad-Martius: Fenomenologia, Metafísica, Scienze*. Bari: Edizioni Giuseppe Laterza, 2010.
- ARENDT, H. *A condição humana*. Introdução de Celso Lafer. São Paulo, Rio de Janeiro: Forense-Universitária, Salamandra Consultório Editorial, Editora da Universidade de São Paulo, 1981.
- _____. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- _____. *Homens em tempos sombrios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- _____. *Origens do totalitarismo, anti-Semitismo, imperialismo, totalitarismo*. Tradução de Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- _____. *The Jew as Pariah*. Edited and with an Introduction of Ron H. Feldman. New York: Grove Press, 1978.
- _____. *Entre o passado e o futuro*. 6. ed. Tradução: Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- ARIÈS, Philippe. *Morir en Occidente: desde la Edad Media hasta nuestros días*, trad. de Víctor Goldstein. Buenos Aires: Adriana Hidalgo Editora, 2007.
- ARMSTRONG, Karen. *Em nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo*. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- AZCUY, Virginia Raquel. *Una teología epifánica, eficaz y discreta*. Diálogo entre Edith Stein y la teología contemporánea. *Teresianum*, Buenos Aires, n.50, p.61-85, jan/fev.1999.
- BALDINI, Massimo. *Le parole del silenzio*. Torino: San Paolo, 1986.
- BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo sexo*, V. I, II. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BENJAMIN, Walter. *Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem humana*. In: Sobre arte, técnica, linguagem e política. Lisboa: Ed. Relógio D'Água, 1992.

_____. *Experiência e pobreza*. In: Obras escolhidas. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BERKMAN, J.A. (Ed.) *Contemplating Edith Stein*. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 2006.

BETTENCOURT, Tavares. E. *Vida monástica*. São Paulo: Ed. LUXVITA, Mosteiro de São Bento, 1954.

BORDEN, Sarah R. *Edith Stein*. New York/London: Continuum, 2003.

BINGEMER, M.C; PINHEIRO, R.M. *Narrativas místicas*. Antologia de textos místicos da história do Cristianismo. São Paulo: Paulus, 2016.

_____. *Santidade: chamado à humanidade*. Reflexões sobre a Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate*. São Paulo: Paulinas, 2019.

BÍBLIA. Português. *A Bíblia de Jerusalém*. Nova Ed. rev., e ampl. São Paulo: Paulus, 2002.

BUBER, M. *Eu e Tu*. Centauro, São Paulo, 2006.

_____. *Eclipse de Deus*. Considerações sobre a relação entre Religião e Filosofia. Campinas, SP: Ed. Verus, 2007.

CASTILLO, M.J. *Espiritualidade para insatisfeitos*. São Paulo: Paulus, 2011.

CAROLL, James. *The saint and the Holocaust*. New York: The New Yorker, June 7, 1999.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, 1962-1965, Cidade do Vaticano. Constituição Dogmática *Dei Verbum*: sobre a revelação divina. In: COSTA, Lourenço (Org. Geral). *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)*. 4. ed. Trad. Tipografia Poliglota Vaticana. São Paulo: Paulus, 2007.

CORREIA JUNIOR, João Luiz. *A espiritualidade de Jesus*. São Paulo: Paulinas, 2016.

DENNET, Daniel. *Quebrando o encanto*. A religião como fenômeno natural. São Paulo: Ed. Globo, 2006.

ELIADE, M. *O Sagrado e o profano*. A essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

EMERSON, Waldo Ralph. *Homens representativos*. São Paulo: Brasil Editora S.A, 1960.

- FELDMANN, C. *Edith Stein, judia, atéia e monja*. Bauru, Edusc, 2001.
- FERRER, Urbano (ed). *Para compreender Edith Stein*. Madrid, Espanha: Ed. Palabra, 2008.
- FRANCISCO DE ASSIS. *Escritos (1181/2-1226)*. Petrópolis: Vozes, 1982.
- FRANCISCO, Papa. Carta Encíclica *Laudato Si'*: sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulus; Loyola, 2015.
- _____. Exortação apostólica *Gaudete et Exsultate*: sobre o chamado à santidade no mundo atual. São Paulo: Paulus; Loyola, 2018.
- _____. Carta Encíclica *Fratelli Tutti*: sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Paulus, 2020.
- GAARDER, J. *O Livro das Religiões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- GASSET Y ORTEGA, J. *El tema de nuestro tiempo*. Madrid: Tecnos, 2002.
- GARCIA, Jacinta; SCIADINI, Patrício. *Edith Stein: Holocausto para seu povo*. São Paulo: Edições Loyola, 1980.
- GRANDE SINAL. *Edith Stein: filósofa judia e mestra espiritual*. Petrópolis: Vozes, 1987, v. 41, n. 2.
- HADOT, Pierre. *O que é a filosofia antiga?* São Paulo: Loyola, 2004.
- HÄRING, Bernard. *Free and Faithful in Christ*. Slough: St Paul Publications, 1978.
- HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1996.
- HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. Trad. Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2002.
- HERBSTRITH, Waltraud e RICHARD, Marie-Dominique. *Edith Stein: A loucura da cruz*. Tradução de Manuel Ordóñez Villarroel. Editions du Signe: Higienópolis, São Paulo, 1998.
- _____. *Demorar-se com Deus: orar com João da Cruz, Teresa de Ávila, Teresa de Lisieux, Edith Stein*. São Paulo: Loyola, 1987.
- HILLESUM, Eddy. *El corazón pensante de los barracones*. Cartas, trad. De Natalia Fernandez Díaz. Barcelona: Anthropos, 2001.
- HUSSERL, Edmund. *Meditações cartesianas a Conferências de Paris*. Rio de Janeiro: Forense, 2013.
- _____. *A ideia da fenomenologia*. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2008.

_____. *Ideias para uma Fenomenologia pura e para uma Filosofia fenomenológica*. São Paulo: Ideias & Letras, 2006.

JAMES, William. *As variedades da experiência religiosa*. Um estudo sobre a natureza humana. São Paulo: Cultrix, 2017.

JAPIASSÙ, H. e MARCONDES, D. *Dicionário básico de Filosofia*. 5. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

JESUS, Teresa de. *Livro da Vida*. São Paulo: Paulus, 1983.

_____. *Poemas de Santa Teresa de Jesus*. (Ed. Bilingue). Tradução de Pe. Agostinho dos Reis Leal. O.C.D. Lisboa: Alethêia Editores, 2015.

JOÃO PAULO II. *Fides et Ratio*. Carta Encíclica aos Bispos da Igreja sobre as relações entre fé e razão. São Paulo: Paulinas, 1998.

_____. *Homilia de Beatificação de Santa Teresa Benedita da Cruz*. Colônia, 1º de maio de 1987. Disponível em: www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/homilies/1987/documents/hf_jpii_hom_19870501_messa-stadio-koln_it.html. Acessado em 10 de maio de 2011.>

JUNG, G. Carl. *Espiritualidade e transcendência*. Petrópolis: Vozes, 2015.

_____. *O homem e seus símbolos*. Petrópolis, RJ: Ed. Nova Fronteira, 1964.

_____. *Psicologia e religione*. Em C.G. Jung. *Opere complete*. vol. XI. (B. Veneziani, Trad.). Torino: Bollati Boringhieri, 1966. (Publicação original de 1940).

JUNIOR, Ribeiro. J. *O que é o Nazismo?* São Paulo: Brasiliense, 2005.

SANCHO FERMÍN, Francisco Javier. *Edith Stein, modelo de mulher cristã*. Fortaleza: Edições Shalom, 2004.

_____. *Una espiritualidad para hoy según Edith Stein*. 20 temas de estudio y reflexión. Burgos: Monte Carmelo, 2005.

_____. *Edith Stein*. Modelo y maestra de espiritualidad. Burgos: Monte Carmelo, 2005.

_____. *Una espiritualidad para hoy según Edith Stein: 20 temas de estudio e reflexión*. Burgos: Monte Carmelo, 1998.

_____. *Líneas generales de la espiritualidad de Edith Stein*. Centro Internacional (Ávila): Revista de Espiritualidad, 1999.

SAVIAN FILHO, J. *Experiência mística e filosofia em Edith Stein*. Kairós. Revista Acadêmica da Prainha Ano VIII/2, Jul/Dez 2011.

KUSANO, Mariana Bar. *A antropologia de Edith Stein: entre Deus e a filosofia*. São Paulo: Ideias & Letras, 2014.

LARROSA, Jorge. *Esperando não se sabe o quê*. Sobre o ofício do professor. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

_____. *Notas sobre a experiência e o saber da experiência*. Revista Brasileira de Educação. Nº 19. Jan-Abr 2002. Disponível em: <[http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE19/RBDE19_04_JORGE_LARROSA_BONDIA .pdf](http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE19/RBDE19_04_JORGE_LARROSA_BONDIA.pdf). Acesso em 20/05/2008.>

_____. *Tremores*. Escritos sobre a experiência. Rio de Janeiro: Ed. Autêntica, 2018.

LEVINAS, Emanuel. *Totalidad e infinito*. Ensayo sobre la exterioridad. Sígueme. Salamanca, 1977.

LIBANIO, J.B.; MURAD, A. *Introdução à Teologia*. Perfil, enfoques, tarefas. São Paulo: Ed. Loyola, 2001.

LIMA VAZ, Henrique C. *Experiência mística e Filosofia na tradição ocidental*. São Paulo: Loyola, 2000.

KÜBLER-ROSS, E. *Sobre la muerte y los moribundos*. Debolsillo: Santiago, 2014.

KOEPPEL, J. *Edith Stein, Philosopher and Mystic*. Collegeville, MN, Liturgical Pr., 1990.

MACINTYRE, A. C. *Edith Stein: a philosophical prologue, 1913–1922*. Lanham: Rowan & Littlefield, 2006.

MAGDALENA, Enrique Mirel. *¿Dónde está Dios? — la religión en el siglo XXI*. Madrid: ESPASA, 2004.

MAHFOUD, M.; FILHO, SAVIAN, Juvenal. (Org.). *Diálogos com Edith Stein: Filosofia, Psicologia, Educação*. São Paulo: Paulus, 2017.

MANGANARO, P. *Filosofia della mistica*. Per una pratica non-egologica della ragione. Città del Vaticano: Latteran University Press, 2008.

MIRIBEL DE, E. *Edith Stein*. Como ouro purificado pelo fogo. Aparecida, SP: Ed. Santuário, 2001.

MURARO, Luisa. *El Dios de las mujeres*. Traducción de Ma. Milagros Rivera Carretas. Madrid: horas y HORAS Ed. 2006.

NOUWEN, Henri. *O curador ferido*. Prior Velho: Paulinas, 2010.

NEMAZEE, R. “*Ave crux, spes unica*”: The theology of the cross in the life and Works of Edith Stein. Canadá: National Library of Canadá, 2000.

NOVINSKY, W. I. *Edith Stein - Em busca da verdade em tempos sombrios*. São Paulo: Ed. Humanitas, Fapesp, 2014.

PAGOLA, José Antonio. *Jesus, aproximação histórica*. Petrópolis, RS: Ed. Vozes, 2011.

PAULO II, João. *FIDES ET RATIO*. Carta Encíclica aos Bispos da Igreja sobre as relações entre fé e razão. São Paulo: Paulinas, 1998.

PARISE, Maria Cecília. *As colorações da alma na análise da pessoa humana segundo Edith Stein*. 2014. 233 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) — Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2014.

PECORARO, Rossano. *Cioran, a filosofia em chamas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

PSEUDO-DIONISIO, Aeropagita. *Teologia mística*. Medievalia 10. Textos e estudos. Gab.de filosofia medieval da Faculdade de Letras do Porto e da Faculdade de Teologia Católica do Porto, 1996.

PEZZELLA, A. M. *Edith Stein fenomenologa*. Roma: Pontificia Universidade Lateranense, 1995. (Theses ad Doctoratum in Philosophia).

PEZZELLA, A. M. *L'Antropologia filosofica di Edith Stein*. Indagine fenomenologica della persona humana. Roma: Città Nuova Editrice, 2003. Prefazione di Angela Ales Bello.

RAHNER, K. *Curso fundamental da fé*. Paulinas, São Paulo, 1989.

RICOUER, Paul. *Na escola da Fenomenologia*. Petrópolis: Vozes, 2009.

RODEHEFFER, J. K. *On spiritual maternity: Edith Stein, Aristotle and the Nature of Woman*. American Catholic Philosophical Quarterly 72 (suppl.), pp. 285-303, 1998.

ROMANO, C. *La verità é qui*. Messaggio de Edith Edith Stein. Roma: Edizioni OCD, 2008.

RUS, Eric de. *A visão educativa de Edith Stein*. Aproximação a um gesto antropológico integral. Belo Horizonte: Ed. Artesã, 2015.

SANTANA, Luiz. *Edith Stein, a construção do ser pessoa humana*. São Paulo: Ideias e letras, 2016.

SAVIAN FILHO, Juvenal. *Experiência mística e filosofia em Edith Stein*. Kairós, Fortaleza, V. VIII/2, Jul/Dez 2011.

SBERGA, Adair Aparecida. *A formação da pessoa em Edith Stein*. São Paulo: Paulus, 2014.

SCIADINI, Patrício (Org.). *Edith Stein, na força da cruz: seleção de textos de Waltraud*. Vargem Grande Paulista: Cidade Nova, 2010.

_____. *Uma excelsa filha de Sião: beata Edith Stein, carmelita descalça*. Grande Sinal, Petrópolis, Vozes, 1989, v. 43, n. 3.

_____. *Vida e novena — Santa Teresa Benedita da Cruz*. Edições Carmelitanas, São Roque, s/d.

SCHELER, Max. *El puesto del hombre en el cosmos*. Buenos Aires: Losada, 1938.

_____. *Nature et formes de la sympathie*. Paris: Payot, 2003.

SHOLEM, G. *The messianic idea in judaism*. And other essays on jewish spirituality. New York: Schocken Books, 1995.

SMITH, M. *O memorial de Deus*. História, memória e a experiência do divino no Antigo Israel. 2006.

SPINELLI, A. *A Sétima Morada: Santa Edith Stein*. Ficha crítica. São Paulo 1996.

STEIN, Edith. *Obras Completas. Escritos autobiográficos y cartas*. Vol. I Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2002.

_____. *Obras Completas: Escritos filosóficos*. Vol. II Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2005.

_____. *Obras Completas: Escritos filosóficos*. Etapa do pensamento cristiano. Vol. III Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2007.

_____. *Obras Completas: Escritos antropológicos y pedagógicos*. Vol. IV Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2003.

_____. *Obras Completas: Escritos espirituales*. Vol. V Madrid/Burgos/Vitoria: Ediciones El Carmen/ Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2004.

_____. *Ser finito y ser eterno*. Ensayo de una ascensión al sentido del ser. México: FSE, 1994.

_____. *A mulher sua missão segundo a natureza e a graça*. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

_____. *Carta ao Papa Pio XI sobre a perseguição aos judeus*. Münster, 12 de abril de 1933. Disponível em: <<http://www.ifen.com.br/monografia/cynthialeite.pdf>>. Acessado em 15 de julho de 2011.

_____. *Natura persona mística: per una ricerca cristiana della verità*. Ed. Angela Ales Bello. 3.ed. Roma: Città Nuova, 2002.

TUGENDHAT, Ernst. *Egocentricidade e Mística*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

TERESA DE JESUS, Santa. *Castelo interior ou moradas*. 14. ed. Trad. Carmelitas Descalças do Convento de Santa Teresa do Rio de Janeiro. São Paulo: Paulus, 2008.

_____. *O Livro da Vida*. São Paulo: Paulus, 2018.

WALTER, G. *Fenomenologia della mística*. A cura di Angelo Radaelli. Milano: Edizioni Glossa Srl, 2008.

WALTRAUD, H. *Edith Stein: A Biography*. Ignatius Press, 1992.

WEBER, Alison. Teresa de Ávila. *La mística feminina*. Cf. MORAND, Isabel (Dir.). *História de las mujeres em España y América Latina II*. El mundo moderno. Madrid: Cátedra, 2005.

WEIL, Simone. *O enraizamento*. Tradução de Maria Leonor Loureiro. Bauru: EDUSC, 2001.

WESTHELLE, V. *O Deus escandaloso*. O uso e abuso da cruz. São Leopoldo: Ed. Sinodal, 2008.

WOODWARD, Kenneth, L. *Making saints*. How the Catholic Church determines who becomes a Saint, who doesn't and why? New York: Thouschstone, 1996.

WORMS, Frédéric. *Bergson ou os dois sentidos da vida*. Trad. Aristóteles Angheben Predebon. São Paulo: editora Unifesp, 2010.

VELASCO, Martín Juan. *El fenómeno místico*. Madrid: Ed. Trotta, 2003.

_____. *Ser Cristiano en una cultura pós-moderna*. Madrid: PPC, 2005.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br